

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ÉRICA FERNANDES ALVES

DIÁSPORA: RESISTÊNCIA E REVIDE EM *SMALL ISLAND* (2004), DE ANDREA LEVY

MARINGÁ - PR  
2010

ÉRICA FERNANDES ALVES

DIÁSPORA: RESISTÊNCIA E REVIDE EM *SMALL ISLAND* (2004), DE ANDREA LEVY

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá-PR, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Bonnici

MARINGÁ-PR  
2010

À minha família.  
Especialmente para Reginaldo e Rafaela

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá, em especial ao (PLE Programa de Pós-Graduação em Letras), que me proporcionou a conclusão dessa dissertação;  
Ao meu orientador, Professor Thomas Bonnici, por sua orientação sempre atenta e precisa;  
A todos os amigos e familiares que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desse trabalho.  
A meu marido, pela confiança e dedicação.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>8</b>
<b>OS ROMANCES DE ANDREA LEVY NO CONTEXTO LITERÁRIO PÓS-COLONIAL</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1 Introdução</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2 Literatura negra britânica</b> .....	<b>11</b>
<b>1.3 Andrea Levy: vida, obra e crítica</b> .....	<b>22</b>
<b>1.4 A fábula de <i>Small Island</i> e sua fortuna internacional</b> .....	<b>26</b>
<b>1.5 A crítica literária sobre Andrea Levy no Brasil</b> .....	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>33</b>
<b>TEORIA DA DIÁSPORA E DA RESISTÊNCIA</b> .....	<b>33</b>
<b>2.1 A diáspora clássica</b> .....	<b>33</b>
<b>2.2 A diáspora moderna: a expansão europeia através do colonialismo</b> .....	<b>37</b>
<b>2.3 A diáspora contemporânea: Safran e sua contribuição</b> .....	<b>41</b>
<b>2.4 Diásporas: força, escolhas e agência</b> .....	<b>44</b>
<b>2.5 Globalização e diáspora</b> .....	<b>47</b>
<b>2.6 Diáspora e descolonização</b> .....	<b>53</b>
<b>2.7 As mulheres e a diáspora</b> .....	<b>55</b>
<b>2.8 A ideologia de pertencimento: as identidades diaspóricas</b> .....	<b>58</b>
<b>2.9 O multiculturalismo: o caso caribenho</b> .....	<b>66</b>
<b>2.10 A resistência no contexto diaspórico</b> .....	<b>73</b>

<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>77</b>
<b>ANÁLISE DE <i>SMALL ISLAND</i> (2004), DE ANDREA LEVY</b> .....	<b>77</b>
<b>3.1 Introdução</b> .....	<b>77</b>
<b>3.2 Identidade e resistência de Hortense</b> .....	<b>79</b>
<b>3.3 Identidade e resistência de Gilbert</b> .....	<b>105</b>
<b>3.4 Identidade e racismo de Queenie</b> .....	<b>135</b>
<b>3.5 Identidade e racismo de Bernard</b> .....	<b>161</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>186</b>
<b>RESULTADOS E CONCLUSÃO</b> .....	<b>186</b>
<b>4.1 Perspectivas históricas e conceituais</b> .....	<b>186</b>
<b>4.2 Resultados</b> .....	<b>188</b>
<b>4.3 Perspectivas</b> .....	<b>193</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>195</b>

## RESUMO

Após a Segunda Guerra Mundial houve uma considerável expansão das diásporas ao redor do mundo movida pela independência de muitas colônias e também pela tentativa de muitos ex-colonizados em se instalarem nas metrópoles em busca de uma vida melhor. Em 1948 um grupo de civis caribenhos vai para o Reino Unido para se estabelecerem como cidadãos na metrópole, fato que é analisado no romance *Small Island* (2004), da escritora britânica e filha de pais diaspóricos caribenhos, Andrea Levy, à luz da teoria pós-colonial, com enfoque nas teorias da diáspora e da resistência. O objetivo dessa pesquisa é mostrar através da teoria da diáspora que motivações levam um grupo de caribenhos a transpor fronteiras em direção ao Reino Unido, que se tornará seu novo lar e também, verificar quais estratégias os imigrantes empregam para se esquivarem da opressão e discriminação que sofrem nesse país. A metodologia dessa pesquisa se fundamenta nos estudos de Van Hear (1998), Cohen (1998), Brah (2002), Hall (2006), entre outros. Conclui-se que o binarismo branco/negro imposto pelo branco rege as relações de racismo e exclusão na sociedade em que o imigrante se instala. Nota-se também que o imigrante resiste à opressão gerada por esse binarismo e, como forma de revide, se mostra aberto a mudanças e procura negociar com o branco para que juntos possam conviver pacificamente.

**Palavras-chave:** diáspora, imigrante, Andrea Levy, resistência, literatura negra britânica

## ABSTRACT

After the Second World War there was a considerable expansion of the diaspora around the world triggered by the independence of many colonies and by many former colonized populations to settle in the metropolis in search of a better life. In 1948 a group of Caribbeans set out for the United Kingdom to establish themselves as citizens in the metropolis, fact which is analyzed in the novel *Small Island* (2004), by British writer Andrea Levy, herself a descendent of Caribbean diasporic people, through the post-colonial theory, focusing on theories of diaspora and resistance. From the point of view of the theory of diaspora current research shows the motivations which lead a group of people to cross borders toward the United Kingdom that shall become their new home. It also investigates which strategies the immigrants make use of to avoid the oppression and discrimination in this country. The methodology of this research is based on studies by Van Hear (1998), Cohen (1998), Brah (2002), Hall (2006) and others. Results show that the binary scheme black/white imposed by white people rules the relationships of racism and exclusion in the society where the immigrant is established. Moreover, the immigrant resists the oppression generated by this binary scheme by being open to change and willing to negotiate with the white people so that conviviality among population may be a fact.

**Keywords:** diaspora, immigrant, Andrea Levy, resistance, Black British literature

## CAPÍTULO I

### OS ROMANCES DE ANDREA LEVY NO CONTEXTO LITERÁRIO PÓS-COLONIAL

#### 1.1 Introdução

Atualmente muito se tem discutido a respeito da posição ocupada pelos povos das colônias e ex-colônias na sociedade. Tais discussões não se atêm apenas ao espaço físico, mas também no que concerne ao papel que esses povos desenvolveram e ainda desenvolvem no meio social. Sabe-se que a colonização foi um empreendimento grandioso, embora de efeitos trágicos, que influenciou as comunidades de várias maneiras. As colônias passaram por transformações que mudaram seu caráter drasticamente, mas as metrópoles também foram afetadas por essas mudanças. A teoria pós-colonial expôs estas transformações para o mundo e possibilitou que várias críticas fossem desenvolvidas no sentido de esclarecer muitos acontecimentos ligados ao colonialismo. Ao falarmos de teoria pós-colonial é preciso lembrar que ela se desenvolveu nos anos 70, focada em contextos variados como a arte, sociedade, cultura e até mesmo na política, tentando compreender os efeitos provocados pelo colonialismo e imperialismo nas colônias espalhadas ao redor do mundo.

‘Literatura pós-colonial’ é um termo utilizado atualmente para nomear toda a literatura produzida desde os primórdios da colonização até os dias atuais. A teoria pós-colonial é amplamente empregada para analisar quaisquer manifestações literárias e culturais dos povos colonizados que surgiram desde o período anterior à independência desses países, observando de que modo a colonização influenciou sua vida. Várias situações conflitantes podem ser levantadas a partir do encontro entre europeu e os povos das colônias, tais como, a violência infligida aos povos colonizados, tidos como inferiores, selvagens e degenerados, a imposição de cultura, costumes e regras europeias aos povos das colônias que, muitas, vezes, já eram uma sociedade constituída, sem mencionar o racismo e a exclusão. Durante muito tempo, esses povos tiveram que suportar diversos tipos de agressões, devido exclusivamente a sua condição de colonizados. Grande parte deles passou por um processo decorrente, de certa



forma, do colonialismo, chamado diáspora, que descreve o “movimento voluntário ou forçado de povos de sua terra para novas regiões” [the voluntary or forcible movement of peoples from their homelands into new regions] (ASHCROFT, et al., 2007, p. 68). Os efeitos dessas migrações podem ser constatados ao redor do mundo até os dias de hoje e suscitam muitos questionamentos que merecem nossa atenção. De que maneira esses sujeitos diaspóricos são recebidos nessas novas regiões? Quais as condições de vida encontradas por eles? De que forma são tratados pelos membros dessa sociedade a qual desejam adentrar? De que forma reagem a esse tratamento?

Os Estudos Culturais e Literários têm-se preocupado em expor a situações dos imigrantes, bem como responder essas e outras questões. A literatura pós-colonial vem de encontro a esses propósitos e funciona como fonte geradora de discussões a respeito da problemática ao redor do sujeito diaspórico. O romance *Small Island* (2004) pode ser identificado como literatura pós-colonial porque enfoca o período quando os primeiros imigrantes caribenhos foram para o Reino Unido em 1948 à procura de novas oportunidades. A obra expõe muitos problemas enfrentados por esses povos logo ao desembarcarem nos portos britânicos. O romance constitui-se de cinquenta e nove capítulos e o prólogo e divide-se em dois momentos, o ano de 1948, quando a vida das personagens se entrecruza no Reino Unido e os anos anteriores a 1948, tanto na Jamaica quanto no Reino Unido.

Esta pesquisa discute o problema do racismo sofrido pelos primeiros imigrantes caribenhos que se mudaram para a ‘pátria-mãe’, o Reino Unido, com o intuito de angariar bons empregos e qualidade de vida melhores. Nessa busca, o que eles encontram são condições de moradia precárias e subempregos. Apesar de receberem educação britânica em seu país de origem, cantar o hino nacional britânico nas escolas, aprender os costumes e cultura britânicos e, sobretudo, lutar na guerra ao lado dos seus colonizadores, o caribenho não se sente parte da identidade britânica ao mudar-se para a ‘pátria-mãe’. O fator dérmico é o arcabouço principal para que o branco o discrimine e o marginalize. Em um mundo completamente adverso ao que estão habituados, os imigrantes passam por dificuldades financeiras e aviltamentos morais. A saída encontrada é enfrentar o racismo e exclusão impostos pelo branco para que seus objetivos sejam alcançados. A tensão que configura as relações entre o britânico e o caribenho hoje no Reino Unido reflete muito a forma como tais imigrantes foram recebidos nos primeiros anos de migração.

Problema similar encontrado aqui no Brasil pela população oriunda do norte e nordeste do país que pode ser chamada de diaspórica quando se muda para a região sul e sudeste do Brasil para encontrar melhores condições de vida e acaba encontrando trabalhos mal remunerados e condições precárias de moradia, saúde e educação, inclusive o preconceito em relação a sua cultura e seus costumes.

O objetivo principal dessa pesquisa é analisar à luz da teoria pós-colonial a representação das relações de dominação, resistência e revide existentes entre britânicos e os primeiros imigrantes caribenhos vindos da Jamaica para o Reino Unido em *Small Island* (2004), de Andrea Levy. Outros objetivos destacados são: 1) observar a inserção da escritora referida no cenário literário mundial e nacional; 2) investigar os discursos dos britânicos no tratamento ao imigrante negro-colonizado e desconstruir o discurso dele em relação ao negro como ser inferior e não-civilizado devido ao fator dérmico; 3) verificar quais estratégias o negro utiliza para resistir e revidar a marginalização por parte do branco e, 4) analisar a negociação da convivência entre ambos.

Dentre os autores pós-coloniais, Andrea Levy destaca-se por relatar as consequências dos efeitos do colonialismo infligidos pelos colonizadores aos povos diaspóricos. *Small Island* é o quarto romance da escritora e nele verificamos que a crítica à dominação branca e ao preconceito racial é visível.

Esta pesquisa justifica-se porque procura esclarecer aspectos que compõem o cenário pós-colonial, na procura da compreensão das manifestações literárias que demonstram e criticam as condições dos povos sob o jugo e consequências da colonização. Além disso, a literatura exerce papel fundamental no que diz respeito à exposição das mazelas sociais vividas em todos os âmbitos. A literatura negra britânica, assim como os estudos culturais vêm desempenhando esse papel de denúncia e exclusão do negro durante várias décadas, de forma declarada, o que não se pode dizer da literatura brasileira, que não apresenta um grande número de publicações acerca do tema do racismo e da diáspora. Embora muitos trabalhos sobre a posição do negro na sociedade são desenvolvidos em nosso país, poucos são no campo literário. A maioria são trabalhos sociais ou antropológicos.

Outro ponto em favor dessa pesquisa diz respeito ao fato do romance ter sido traduzido para a língua portuguesa recentemente, tornando a obra de uma escritora britânica em destaque na academia brasileira.

A abrangência da teoria pós-colonial é tamanha que ela nos permite verificar as estratégias utilizadas pelos colonizadores para dominar os povos das colônias, bem como a maneira como eles criaram o binarismo branco/negro onde o negro ocupa a posição marginal em todas as perspectivas. A obra em questão favorece-nos a observação desses aspectos, bem como a maneira encontrada pelo colonizado para resistir e revidar a marginalização. Nesse romance, a teoria pós-colonial é válida porque é capaz de elucidar as estratégias de outremização utilizada pelos britânicos contra os povos diaspóricos. Questões como alteridade e identidade, hibridismo e multiculturalismo, resistência e revide são também observados.

Diáspora, hibridismo, multiculturalismo e resistência são os alicerces teóricos desse trabalho que se divide em quatro capítulos. O primeiro diz respeito ao cenário literário do Reino Unido, tendo em vista a produção literária negra e, neste cenário, a escritora britânica, filha de imigrantes jamaicanos, Andrea Levy e algumas considerações críticas acerca de sua obra no âmbito internacional e nacional, principalmente no que diz respeito a *Small Island*. O capítulo dois versa sobre a teoria aplicável ao estudo da obra: a diáspora. Buscaremos elucidar as questões que levam a sua origem e consequências através dos estudos de Van Hear (1998), Cohen (1998), Brah (2002), Hall (2006), entre outros.

No terceiro capítulo, aplicamos a teoria da diáspora no romance, observando as ações e reações que advêm do encontro entre o sujeito diaspórico colonizado e o britânico, em um país onde a ideologia de supremacia e hegemonia está inscrita na sociedade. Diante de uma ideologia hermeticamente fechada aos valores de outros povos, o imigrante tenta ganhar espaço para que possa viver com dignidade. Analisamos de que modo o sujeito diaspórico revida a outremização por parte do britânico, mostrando que possui cultura e capacidade para desenvolver quaisquer papéis na nova sociedade em que está inserido. No último capítulo, ponderamos sobre as conclusões e dos resultados obtidos com essa pesquisa.

O romance *Small Island* possui tradução em língua portuguesa, a qual será utilizada por nós em citações. Quando outros textos teóricos não apresentarem traduções, a autora dessa dissertação será responsável por elas.

## **1.2 A literatura negra britânica**

A literatura negra britânica, ou a literatura em inglês escrita por caribenhos, asiáticos e africanos, e outros povos das ex-colônias britânicas tem uma origem relativamente antiga,

talvez tão antiga quanto o próprio império. Tais escritores têm mostrado as relações culturais, econômicas, sociais e mesmo políticas existentes no império através de sua tessitura. Porém, como ficará claro adiante, não se pode pensar em literatura negra britânica verdadeira, sem pensar na chegada dos supostos primeiros imigrantes a bordo do navio *SS Empire Windrush* em 1948, quando a cultura trazida por esses imigrantes mistura-se com a cultura britânica dando nascimento ao que hoje chamamos de multiculturalismo, entretanto, antes disso, alguns autores já eram conhecidos por escrever sobre a relação do império e as colônias.

Ukawsaw Gronniosaw, também conhecido como James Albert (1705 – 1775) nasceu em Bornu, hoje nordeste da Nigéria, foi um escravo e um autobiográfico. Sua autobiografia é considerada a primeira publicação de um africano no Reino Unido. Escrita nos anos 1760 e publicada na década seguinte na cidade de Kidderminster, *A Narrative of the Most remarkable Particulars in the Life of James Albert Ukawsaw Gronniosaw, an African Prince, As related by himself* (1772) é um relato vívido da vida de Gronniosaw, desde a sua captura na África, sua escravização, sua vida pobre em Colchester até Kidderminster.

Ignatius Sancho (1729 – 1780) foi compositor, ator e escritor, nascido em um navio negreiro. Foi levado ao Reino Unido e lá conheceu o Duque de Montagu, que se interessou por sua educação. Conhecido por ser o primeiro afro-britânico a votar em uma eleição britânica, Sancho conquistou fama como o ‘Negro Extraordinário’ e, para os abolicionistas do século dezoito, ele se tornou um símbolo da humanidade dos africanos e da imoralidade do mercado de escravos. *The letter of the late Ignatius Sancho* (1782), publicada dois anos após a sua morte, faz parte dos primeiros relatos da escravidão africana em inglês que foi escrito por um ex-escravo.

Olaudah Equiano (1745 – 1797), também conhecido como Gustavus Vassa, foi um dos africanos mais relevantes que esteve envolvido em discussões a respeito da abolição da escravidão no Reino Unido. Apesar de ter sido escravizado ainda muito jovem, ele negociou sua libertação e posteriormente trabalhou como marinheiro, mercador e explorador na América do Sul, no Caribe, no Ártico, nas colônias americanas e no Reino Unido. Após longos anos de viagens, Equiano foi para Londres e se envolveu em movimentos abolicionistas. Provando ser um grande orador popular, Equiano foi introduzido a pessoas influentes que o encorajaram a escrever e publicar sua história de vida, com ajuda financeira de benfeitores filantrópicos que eram simpatizantes da causa abolicionista, dentre os quais figura a condessa de Huntingdon, Selina Hastings. Através de sua autobiografia intitulada *The*

*Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African* (1789) foi possível ter uma ideia dos horrores gerados pela escravidão e também influenciar os legisladores britânicos a abolirem o tráfico de escravos em 1807 através do *Slave Trade Act*. Sua narrativa surpreendeu devido à riqueza de imagens e descrições além do estilo literário apurado.

O africano Ottobah Cugoano (1757 - ? ) também figura entre os primeiros negros a escrever sobre os horrores da escravidão. Aos treze anos foi vendido no mercado de escravos e enviado a Granada. Algum tempo depois foi comprado por um mercador inglês e, em 1772, foi batizado e recebeu o nome de John Stuart. Em 1787, com a ajuda de Olaudah Equiano, publica a história de sua vida como escravo intitulada *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery and Commerce of the Human Species*. A narrativa clama pela abolição completa da escravidão e a emancipação imediata dos escravos, além de disseminar a ideia de que o dever de todo escravo era fugir da escravidão e que a força deveria ser usada para prevenir outra escravidão.

De acordo com Wambu (2008), a importância desses autores é incontestável, pois a partir deles, a literatura negra britânica foi-se desenvolvendo e ganhando espaço relatando os problemas advindos da escravidão, “seus livros, assim como campanhas contra a escravidão, também procuraram declarar, através da insistência em primeira pessoa, sua própria humanidade, contra os abusos do Império”. [Their books, as well as being campaign tracts against slavery, also sought to declare through a first person insistence, their own humanity, against the abuses of Empire] (WAMBU, online, 2008).

Durante anos, a preocupação maior da literatura negra britânica tem sido essa procura por identidade e liberdade, tratando não só da situação daqueles que vieram das colônias e seus descendentes, mas também da sociedade encontrada e moldada por eles, além das sociedades que foram deixadas para trás, no momento em que se mudaram para a chamada ‘pátria-mãe’. Pode-se afirmar uma das funções dessa literatura descreve de que forma os sujeitos sofrem as influências do mundo ao seu redor, ou seja, “Uma grande seção da literatura negra britânica descreve e vincula a formação do sujeito sob a influência política, social, educacional, familiar e outras forças”. [A large section of black British literature describes and entails subject formation under the influence of political, social, educational, familiar and other forces] (STEIN, 2004, p. xiii).

Embora esse trabalho se limite à literatura escrita por caribenhos e seus descendentes,

deve-se lembrar que indianos, iraquianos, paquistaneses, nigerianos e uma gama variada de escritores oriundos de várias outras colônias britânicas espalhadas ao redor do mundo também procuraram narrar os efeitos provocados pelo empreendimento colonial.

Durante a década de 1940, o Império Britânico passou por diversas mudanças e a chegada do navio *SS Empire Windrush* em 1948 propiciou estas transformações. O Reino Unido recuperava-se de uma guerra que destruiu parte dele. Para que a guerra pudesse ser vencida, foi preciso pedir ajuda às colônias. Muitos dos soldados que lutaram ao lado dos britânicos vinham da Ásia e do Caribe. Já em 1947 a Índia e o Paquistão tinham conseguido a independência e os pioneiros do *Windrush* estavam indo para um país, considerado como o lar deles, sem perceber que esse país não os via como filhos legítimos. Stein (2004) afirma que o Reino Unido recrutou os serviços dos soldados das colônias e, após a guerra, parte desses soldados e outros civis migraram para o novo país, “mas esses migrantes se tornaram cada vez menos bem-vindos – apesar de seus passaportes britânicos, e apesar de terem lutado pela Grã-Bretanha” [These migrants became less and less welcome – despite their British passports, and despite their record of fighting for Britain] (STEIN, 2004, p. 5).

Grandes modificações tomavam conta do Reino Unido desde a década de 1940, tais como imigração em alta escala, decadência do Império e a emergência do multiculturalismo como política pública. Tudo isso se acentuou a partir da segunda metade do século vinte. Desde então, quando o Reino Unido recrutou trabalhadores das ilhas caribenhas e lhes garantiu cidadania britânica, a estrutura da sociedade britânica mudou consideravelmente. Segundo Wambu (2008) os pioneiros:

Tornaram-se precursores importantes da profunda transformação no Reino Unido pós-imperial. E os escritores que se juntaram às sucessivas ondas de imigrantes seriam os vanguardistas a escrever sobre a mudança maciça das atitudes e paisagens.

[They were to become the important harbingers of profound transformation in post-empire Britain. And the writers who joined the successive waves of arriving migrants were going to be at the forefront of writing about this massive change in attitudes and landscape] (WAMBU, online, 2008).

Nessa época, quando inúmeros emigrantes chegavam ao país, a produção literária nacional se mantinha nos padrões canônicos, tanto na questão estética quanto temática. Apesar de muitos desses imigrantes terem se mudado para o novo país para estudar, arrumar novos empregos e usufruir das novas perspectivas de vida, muitos deles descobriram o prazer

pela literatura. O poeta jamaicano James Berry (n. 1924) que chega a Londres em 1948 vê na cidade a possibilidade de crescer não apenas econômica, mas culturalmente: “Eu sabia que eu era apropriado para Londres e Londres era para mim. Londres tinha livros e livrarias acessíveis” [I knew I was right for London and London was right for me. London had books and accessible libraries] (WAMBU, online, 2008). Porém, o que a maioria dos imigrantes encontrou foram situações totalmente diversas daquilo que primeiramente haviam imaginado. Embora os negros e asiáticos das ex-colônias fossem responsáveis por transformar a Reino Unido numa sociedade multicultural, eles também são os primeiros a passar por altos níveis de pobreza e discriminação. Em Londres, por exemplo, o espaço geográfico foi praticamente dividido em seções onde africanos, asiáticos e caribenhos viviam. Como argumenta McLeod (2004),

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a geografia urbana e humana de Londres foi alterada irreversivelmente como consequência dos padrões de migração de países com uma história de colonialismo: atualmente, um número de bairros londrinos é conhecido primeiramente pelas populações ‘estrangeiras’ que eles criam.

[Since the end of the Second World War, the urban and human geography of London has been irreversibly altered as a consequence of patterns of migration from countries with a history of colonialism, so that today a number of London’s neighbourhoods are known primarily in terms of the ‘overseas’ populations they have nurtured] (McLEOD, 2004, p. 4).

Outros escritores vieram se juntar a James Berry, como os barbadianos George Lamming (n. 1927) e Edward Kamau Brathwaite (n. 1930), os trinidadianos Samuel Selvon (1923 – 1994), C.L.R. James (1901 - 1989) e V.S. Naipaul (1932), os jamaicanos Andrew Salkey (1928 - 1995) e Stuart Hall (n. 1932) e também os guianenses Wilson Harris (n. 1921) e Edgar Mittleholzer (1909 – 1965). A maioria deles chegou a Londres para estudar ou porque a cidade era o centro literário inglês e eles queriam fugir do cenário local das colônias, publicar seus trabalhos e conquistar o respeito dos seus colegas escritores. Assim como outros imigrantes, eles estavam indo para a ‘pátria-mãe’ como se fossem seus filhos, pois já se encontravam familiarizados com a cultura, as maneiras e cenários ingleses que foram impostos pelos colonizadores em sua sociedade. Todos eles conheciam os famosos escritores britânicos tão aclamados pelo cânone literário mundial, mas também estavam familiarizados com algo bem mais concreto que isso, o programa de rádio da BBC chamado *Caribbean Voices*. O programa que era exibido semanalmente desde 1946 durante vinte minutos a

princípio e, depois de algum tempo, durante vinte e nove minutos, foi muito importante por disseminar a literatura e dramaturgia caribenha. George Lamming e Wilson Harris tiveram sua carreira alavancada devido ao sucesso e importância do programa.

Na década de 1930, C.L.R. James escreve o romance *Minty Alley* (1936) e o livro *The Black Jacobins* (1938) que demonstraram o caráter dos caribenhos como um povo heróico e donos de seu próprio destino. Os romances contribuíram para que o mundo pudesse notar o movimento que acontecia naquele momento no Caribe: o grito por independência e governo próprio. *Minty Alley* foi publicado em Londres e narra a vida de um jovem que cresce em uma colônia, confrontando história e a evolução do trabalho organizado e forças radicais que se opunham a antiga ordem colonial nos anos 30 e 40.

Algum tempo depois, George Lamming lança o romance *In the Castle of my Skin* (1953), seguindo o sucesso de *Minty Alley*. Samuel Selvon publica em 1952 *A Brighter Sun* que narra a vida de um garoto indiano em Trindade durante os anos da guerra. Mais tarde surgem os romances *Miguel Street* (1959) e *A House for Mr Biswas* (1961) ambos de V.S. Naipaul, onde os desejos por liberdade e independência fazem parte do sonho dos protagonistas.

Os romances *Of Age and Innocence* (1958) e *Season of Adventure* (1960), de George Lamming, desenvolveram temas sobre a independência também. Outros como *A Quality of Violence* (1959) de Andrew Salkey e *The Palace of the Peacock* (1960) de Wilson Harris, procuraram mostrar que as influências ameríndias e africanas eram uma fonte de ideias para determinar a identidade desses novos países. Astuciosamente, C.L.R. James publica em 1963 o livro *Beyond a Boundary*, onde o esporte críquete foi utilizado como metáfora para examinar a luta entre a herança identitária britânica e a necessidade de se admitir novas identidades pós-coloniais. Enquanto esses autores lançavam seus olhos para seus países de origens, também se mostravam preocupados com os desafios relacionados à sua vida no Reino Unido a partir da década de 1950. Logo eles começam a endereçar os assuntos de seus livros à falta de moradia, discriminação racial e a procura de trabalhos dignos bem como a hostilidade dos seus anfitriões.

George Lamming foi um dos primeiros a falar sobre essa polêmica no romance *The Emigrants* (1954), que versa sobre a história de imigrantes que chegam a Londres e se decepcionam com o que encontram no novo país. Relacionado a isso, um dos romances que captura perfeitamente a vida dos primeiros imigrantes é *Lonely Londoners* (1957) de Samuel



Selvon, onde a personagem central, Moses, ao chegar a Londres vê a cidade como um lugar onde tudo seria fácil, mas acaba percebendo que ele é um solitário.

Talvez um dos marcos mais conhecido para os estudos pós-coloniais seja o romance *Things Fall Apart* (1958), do nigeriano Chinua Achebe (n. 1930). O romance é visto como um arquétipo do romance moderno africano escrito em inglês e um dos primeiros romances africanos a receber aclamações críticas mundiais. O romance mostra a vida de Okonkwo, líder de uma tribo chamada Umuofia na Nigéria, suas três esposas e seus filhos que sofrem as influências do colonialismo britânico e os missionários cristãos.

Com o início dos anos 60 e a chegada de novos imigrantes do Paquistão e do Caribe, muitos escritores decidem estabelecer-se permanentemente no Reino Unido, ao mesmo tempo em que produziam novas obras sobre a ligação entre as colônias e ex-colônias com a metrópole. V.S. Naipaul escreve muitos romances nessa época, como *The Middle Passage* (1962), *An Area of Darkness* (1964), *The Loss of El Dorado* (1969) e o ganhador do prêmio *Booker McConnell Prize* em 1971, *A Free State*. O prêmio o levou a ser conhecido como um dos grandes escritores da época, preocupados com a situação atual dos sujeitos diaspóricos.

O Movimento dos Direitos Humanos Americano e os movimentos estudantis também estadunidenses influenciaram a literatura britânica. Além disso, O Movimento Artístico Caribenho em 1966, desenvolvido por Kamau Braithwaite, Andrew Salkey e John La Rose (1927 – 2006) refletiu o temperamento da época, trazendo inspiração para outros escritores revolucionários ao redor do mundo como Amiri Baraka (n. 1934) e os ativistas do *Black Panther Party*. O movimento caribenho, além de lutar pelos assuntos ligados a identidade artística e política do povo caribenho, estava preocupado em consolidar uma aliança entre os povos do chamado ‘terceiro mundo’ estando eles nas áreas periféricas ou morando nas metrópoles.

Também nessa época, Jean Rhys (1890 – 1979), escritora dominicana já conhecida, mas vivendo na obscuridade desde o seu último trabalho, publica o aclamado romance *Wide Sargasso Sea* (1966) que “surpreende o público literário por seu tema, além de abrir questões a respeito da reescrita, do colonialismo e da literatura sobre o gênero” (BONNICI, 2000, p. 177). Sendo uma releitura do romance canônico *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë, *Wide Sargasso Sea* narra a história de Antoinette Cosway, que é trancafiada no sótão de sua mansão na Inglaterra como louca, enquanto seu marido escravagista desfruta dos benefícios das terras dela. O romance procura expor a objetificação da mulher e sua tentativa em buscar seu

próprio ser.

Na década de 1970, várias editoras espalham-se pelo mundo, interessadas em publicar os livros dos novos escritores que emergiram com suas obras a respeito de temas relacionados ao colonialismo e preconceito. As editoras *Race Today* e *Bogle L'Ouverture* foram responsáveis por lançar os livros de poesias *Voices of the Living and the Dead* (1974) e *Dread Beat and Blood* (1975) de Linton Kwesi Johnson (n. 1952), que misturava reggae e a linguagem caribenha de forma forte, mostrando a voz da nova geração de pessoas que haviam nascido e se criado no Reino Unido, mas que não iriam se comportar da mesma maneira educada e calma que seus pais diante dos desafios no país. Wambu (2008) afirma que “essa geração de escritores expressava as suas frustrações por terem nascido e sido criados, mas não aceitos no Reino Unido”. [This generation of writers expressed their frustrations about being born and brought up, but not accepted in Britain] (WAMBU, online, 2008).

Nesta época, outras vozes começaram a ser ouvidas também, especialmente a das mulheres negras. A nigeriana Buchi Emecheta (n. 1944) escreve uma autobiografia chamada *On the Ditch* (1972) demonstrando seu talento como escritora. Em seguida, escreve o romance *Second Class Citizen* (1976), descrevendo a vida de uma mulher chamada Adah, a qual descobre seu talento como escritora enquanto luta contra um marido cruel e cria seus filhos. No mesmo ano, a guianesa Beryl Gilroy (n. 1924) publica *Black Teacher* cuja história data da época em que ela era professora no norte de Londres. Farrukh Dhondy (n. 1944), uma indiana, também inicia sua carreira como escritora de literatura infantil sobre a Inglaterra multirracial com os livros premiados *East End at your Feet* (1976) e *Come to Mecca* (1978). Enquanto isso, os escritores mais velhos como George Lamming, Sam Selvon e Andrew Salkey vão dando lugar a novos talentos que conseguiam lidar com o novo Reino Unido. O nigeriano Ben Okri (n. 1959), os poetas guianeses John Agard (n. 1949) e Grace Nichols (n. 1950), o jamaicano Jean Binta Breeze (n. 1956) começam a chegar e produzir sua literatura no Reino Unido.

A geração de escritores e artistas nascidos no Reino Unido escreve sobre a vida dos primeiros sujeitos diaspóricos e seus descendentes no país. Alguns dramaturgos como Mustapha Matura Edgar White (n. 1939) e Michael Abbensetts (n. 1938) se aventuram a mostrar o sofrimento dos jovens negros britânicos devido ao preconceito por qual passavam. Nesse mesmo âmbito, Caryl Phillips (n. 1958) escreve a peça *Strange Fruit* (1983) e Hanif Kureishi (n. 1954) escreve *Borderline* (1981) cujo tema central está intimamente ligado à

Inglaterra multirracial. Ambos foram premiados e aclamados pela crítica: “Phillips e Kureishi, ao fazer a transição no devido tempo em seus romances no meio dos anos 1980, foram os vanguardistas de uma onda nova de criatividade para se igualar aos pioneiros dos anos 1950.” [Phillips and Kureishi, as they made the transition eventually to novels in the mid 1980s, were the vanguard of a fresh new wave of creativity to rival the pioneers of the 1950s] (WAMBU, online, 2008).

Entretanto, foi com o livro *Midnight's Children* (1981) do indiano Salman Rushdie (n. 1947), que esse novo movimento literário teve o seu maior impacto. Ao receber o prêmio *Booker McConnell Award* no mesmo ano, ele anunciou uma literatura que procuraria olhar de volta para a sua fonte, mas que também seria muito mais autoconfiante em relação a sua própria posição no Reino Unido. Conforme Wambu, essa nova literatura

Não seria marginalizada como ‘Negra’, ‘Commonwealth’ ou qualquer outro tipo de literatura que é deixada as margens. Ela seria um membro completamente emplumado do vasto âmbito da literatura britânica. Esses jovens escritores eram críticos interiores e não estranhos, e haviam mudado a Grã-Bretanha pós-colonial para a multicultural.

[It wouldn't be marginalised as 'Black', 'Commonwealth' or any other kind of literature that put it at the edges. It would be a fully fledged member of the broad range of British writing. These young writers were critical insiders not outsiders, and had moved from post-colonialism to multicultural Britain] (WAMBU, online, 2008).

A partir de 1980, o Reino Unido começou a se abrir para os negros britânicos. O incidente decisivo para isso foi a revolta de Brixton em 1981 e a publicação de artigos investigando as causas dele. Lord Scarman (1911 – 2004), o juiz britânico que presidiu o julgamento acerca da revolta, escreve um artigo apontando que a polícia e a exclusão nas escolas eram as maiores causadoras da revolta. O governo passa então a investir mais nas comunidades negras e em sua arte. Houve uma explosão de poesias e o desenvolvimento de um formidável circuito literário. O exemplo dessa explosão foi a feira *Third World and Radical Book* em maio de 1982, que deu destaque a vários poetas, dentre eles os jamaicanos James Berry (n. 1924) e Linton Kwesi Johnson (n. 1952), o inglês filho de guianenses Fred D’Aguiar (n. 1960) e o guianense John Agard (n. 1949). Não só esses poetas se destacaram, mas como outros grupos de comunidades negras espalhados por todo o Reino Unido.

Em meados da década de 1980, outro grupo de editoras se estabelece e promove uma onda de novos escritores e poetas. Editoras radicais feministas como a *Women's House*, *Sheba*

e *Virago* também promoveram novos talentos negros. Nesse âmbito, as carreiras de escritores como a jamaicana Joan Riley (n. 1959), o inglês Benjamin Zephaniah (n. 1958) e Fred D'Aguiar foram lançadas. Já no final da década, a maioria dos autores que emergiu no início da década, já havia consolidado sua carreira. Salman Rushdie seguiu o sucesso de *Midnight's Children* com *Shame* (1983) e *Satanic Verses* (1988); Ben Okri produz duas surpreendentes coleções de contos: *Incidents at the Shrine* (1986) e *Stars of the New Curfews* (1988), enquanto Caryl Phillips escreve *The Final Passage* (1985) e Joan Riley escreve *The Unbelonging* (1985), ambos recontando a história da chegada de seus pais. Alguns dos escritores mais velhos como V.S. Naipaul começam finalmente a lidar com o Reino Unido. Seu romance *The Enigma of Arrival* (1987) explora a área rural britânica e sua relação com ela e com o país que dominou sua imaginação por tanto tempo. Além disso, surge no cenário literário mundial uma figura de suma importância para os estudos pós-coloniais, o sul-africano J. M. Coetzee (n. 1940) com o romance *Foe* (1986). *Foe*, a reescrita do romance *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe, é narrado pela perspectiva de Susan Barton, uma naufraga que chega a ilha habitada por Crusoe e Friday. O romance enfoca os temas da linguagem e poder dando voz a uma personagem feminina e busca, também, devolver a voz à personagem muda, Friday.

A década seguinte começa com a premiação do romance *The Famished Road* (1991) de Ben Okri. Com o recebimento do prêmio *Booker McConnell Prize*, o romance trouxe a promessa de novas perspectivas para os próximos anos. A literatura negra ganha prestígio mundial devido aos inúmeros prêmios recebidos, inclusive o mais importante: o Prêmio Nobel de Literatura dado aos escritores Nadine Gordimer (n. 1923) em 1991, seguida pelo caribenho Derek Walcott (n. 1930).

Embora as questões de identidade e liberdade ainda sejam bastante frequentes na literatura produzida por negros britânicos, a maioria dos escritores assegurou que os estilos, as formas e assuntos discutidos são muito mais abrangentes. Os anos 1990 também viram os contornos da identidade negra se tornar mais complicados. Gênero e diferentes noções de sexualidade fazem parte dessas discussões agora. Vários gêneros literários são explorados dando força à criatividade dos novos escritores: A nova geração de escritores está se movendo para longe das limitações da narrativa biográfica, utilizando diversos gêneros ficcionais para capturar essa nova complexidade. [The new generation of writers, are moving away from the limitations of the biographical narrative into many different varieties of genre fiction in order

to capture this new complexity] (WAMBU, online, 2008).

Nessa nova década abriu-se espaço para novos escritores que se aventuraram a escrever todo tipo de produção ficcional. O inglês S.I. Martin (?) escreve *Incomparable World* (1996) que revisita o século dezoito no Reino Unido, enquanto Diran Adebayo (n. 1968), também inglês, publica *Some Kind of Black* (1995) que examina as noções conflitantes de negritude, assim como a inglesa Bernardine Evaristo (n. 1959) no romance *Lara* (1997). A escritora britânica Andrea Levy (n. 1956) surge no meio literário com os romances semi-autobiográficos *Every Light in the House Burnin'* (1994), *Never Far from Nowhere* (1996) e *Fruit of the Lemon* (1999) que lidam com conflitos envolvendo racismo e transição.

O prenúncio do novo milênio e as novas perspectivas da literatura negra britânica são anunciados através da jovem escritora Zadie Smith, uma britânica nascida em 1975, filha de pai britânico e mãe jamaicana, que escreve o aclamado romance *White Teeth* (2000) e recebe grandes premiações, como o *Guardian First Book Award*, o *Orange Prize for Fiction*, o *Whitbread First Novel Award*, o *Commonwealth Writers Prize* além de ser indicado ao prêmio *Booker Prize*. *White Teeth* explora a cidade de Londres multicultural através da perspectiva de três famílias que possuem diferentes passados étnicos. Stein (2004) comenta que o romance não só levanta a questão do hibridismo como também acredita numa possibilidade de mudança porque “ele também possui uma qualidade utópica que sugere que o relógio multicultural não pode retroceder” [it also possesses a utopic quality that suggests the multicultural clock cannot be turned back] (STEIN, 2004, p. xii).

Caryl Phillips também se destaca no início do novo milênio com o romance *A Distant Shore* (2003) que recebeu o prêmio *Commonwealth Writers Prize* em 2004. O romance narra a vida de Solomon, um homem africano, e Dorothy, uma britânica, cujas vidas e mundos escondidos são revelados em suas frágeis e fatídicas conexões. J. M. Coetzee é premiado com o Nobel de Literatura em 2003 consolidando a literatura negra no mundo antes dominado pela literatura canônica apenas. Também, destaca-se no cenário literário atual, Andrea Levy, com seu quarto romance, *Small Island* (2004), que mostra a trajetória da vida de britânicos e dois jamaicanos, que se encontram em 1948. O romance, objeto de nossa análise, recebeu os prêmios *Orange Prize* (2004), *Whitbread - Novel Award* (2004), *Whitbread - Book of the Year* (2004), *Commonwealth Writers Prize - Overall Winner Best Book* (2005) e o *Orange of Oranges Prize* (2005).

### 1.3 Andrea Levy: vida, obra e crítica

Andrea Levy nasceu em Londres em 1956, filha de jamaicanos. Seus pais fazem parte dos primeiros pioneiros caribenhos que vieram para Londres a bordo do navio emblemático *SS Empire Windrush*, que transportava cerca de quinhentos caribenhos, dos quais muitos haviam servido na Segunda Guerra Mundial ao lado dos britânicos. Havia rumores de que os britânicos não os deixariam desembarcar, mas eles conseguiram e mudaram o curso da história britânica, se tornando os primeiros imigrantes do século vinte que começaram a transformar o Reino Unido em uma sociedade multicultural.

Após terminar o ensino médio, Levy foi para *Middlesex Polytechnic School*, onde estudou design têxtil e tecelagem. Quando saiu da faculdade, começou a trabalhar como designer têxtil e assistente de compras em muitas lojas e, mais tarde, trabalhou nos departamentos de guarda-roupas da BBC e *Royal Opera House*.

Apesar do enorme sucesso com a publicação de seus quatro romances, Andrea Levy não estava habituada a ler ficção até a idade de 23 anos, por pensar que nada poderia ser aprendido através dela. Assim, a autora optava por livros não-ficcionais e assistia a novelas na televisão. A partir do momento em que descobre o prazer pela leitura, começa a ler avidamente e, após participar de workshops sobre escrita no instituto *City Literary Institute*, Levy começa a escrever obras que ela, quando ainda jovem, desejava ler sempre. Sua carreira como escritora só começa quando ela já tinha mais de trinta anos, quando havia poucas coisas escritas sobre a experiência dos negros britânicos na Inglaterra.

Por ter nascido no Reino Unido, Levy soube desde cedo o que é ser negra em um país de brancos, por isso, ela teve uma perspectiva diferente a respeito de seu país de origem: “Nem se sentindo totalmente como parte da sociedade nem como um estrangeiro” [“Neither feeling totally part of the society nor a total outsider”] (LEVY, online, 2009). Andrea Levy é uma londrina. Ela não só mora e trabalha na cidade como também a utiliza como o cenário para todos os seus romances. Além de escritora, ela também já foi juíza de prêmios literários como o prêmio *Saga Prize*, em 1997, o *Orange Prize for Fiction* e em 2001 e o *Orange Prize Futures* também em 2001.

As obras da autora são: *Every Light in the House Burnin'* (1994), *Never Far From Nowhere* (1996), *Fruit of the Lemon* (1999) todos sem tradução na língua portuguesa, e *Small Island* (2004), no Brasil *A Pequena Ilha*, publicado pela editora Nova Fronteira em 2008. A

autora também escreveu os contos *The Diary* (1994) que foi lido na BBC e publicado na revista *Mail on Sunday* (1996), *Deborah* (1998) publicado na revista *New Writing 7*, *That Polite Way That English Have* (1998) publicado no *Sunday Express Newspaper* em 1999 e *Loose Chance* (2004) publicado no jornal *Independent on Sunday* no mesmo ano. Além de contos e romances, Andrea Levy escreveu um artigo-história intitulado *This Is My England* (2000), publicado no jornal *The Guardian*.

O primeiro romance da autora *Every Light in the House Burnin'* (1994) ficcionaliza a viagem feita pelos primeiros imigrantes caribenhos para o Reino Unido. A narrativa desse romance é feita por Angela Jacob, uma jovem negra nascida e criada em Londres. Os capítulos alternam-se entre as memórias do passado e a infância de Angela na cidade e o presente, quando seu pai está doente com câncer. O equilíbrio entre o cômico e o trágico criado por essa alternância, quando a narradora pondera sobre sua juventude ao lado da cama de seu pai, faz desse romance uma grande estréia. O mundo da família caribenha imigrante é aberto, mostrado como duas gerações viveram e se adaptaram a uma Londres que muda constantemente. O esboço refinado do retrato dos pais, sua dignidade e valores sólidos contrastam dolorosamente com os arredores insípidos em uma Londres que nem sempre é amigável. De acordo com a crítica do *Times Literary Supplement* a obra em questão é “um romance extremamente forte, uma surpreendente e promissora estréia [An extremely powerful novel, a striking and promising debut] (TLS, online, 2009).

No romance seguinte, *Never Far From Nowhere* (1996), Levy mantém o mesmo cenário, no entanto, este cenário é apenas o pano de fundo para a história de duas irmãs muito diferentes, Olive e Vivien. Assim como Angela Jacob, essas duas personagens têm pais jamaicanos, mas nasceram e foram criadas no Reino Unido. Assuntos relacionados à identidade local e à etnicidade emergem nesse romance. Olive identifica-se como autenticamente negra e deseja ‘voltar’ para a Jamaica enquanto Vivien, que possui a pele mais clara que a de Olive, se vê como branca. O romance foi indicado ao prêmio *Orange Prize* em 1996. A respeito desse romance, as críticas são favoráveis ao estilo e aos temas abordados:

A história é bem contada, não evita complexidade e soa verdadeira como um relato do medo e confusão sentidos pela primeira geração de ingleses negros há vinte anos. Acima de tudo Andrea Levy obteve êxito em mostrar como as pessoas reagem a uma identidade imposta a eles por outros.

[The story is well told, does not dodge complexity and rings true as an account of the fear and confusion felt by first generation black English

people twenty years ago. Above all Andrea Levy succeeds in showing how people respond to an identity imposed on them by others] (THE TIMES, online, 2009).

*Fruit of the Lemon* (1999) narra a história de Faith Jackson, cujo mundo vira de cabeça para baixo quando ela descobre que seus pais decidem retornar a Jamaica para se aposentarem. Em uma viagem ao Caribe, que Faith faz sozinha, ela se vê rodeada pelas narrativas contadas por sua tia Coral e outros parentes sobre a história de sua família. Através das memórias evocadas por sua tia, Faith entra em contato com vários ancestrais de lugares distantes como Panamá, Cuba, Harlem e Escócia. O romance focaliza Faith Jackson e sua busca por sua identidade e raízes, deixando para trás uma vida segura em Londres, família e trabalho. *Fruit of the Lemon* (1999) alcançou grande público e projetou a autora mundialmente, além de receber o prêmio *Arts Council Writers Award* em 1998 e várias críticas:

[O romance] Reforça a reputação de Levy como uma observadora astuta da vida moderna britânica. Em uma época em que a questão racial nunca esteve tão em pauta na ordem política, a representação competente de Levy sobre as vidas de sua geração assumem uma significância maior... essas refinadas mensagens ficcionais são uma valiosa contribuição para o que está acontecendo no debate nacional.

[[the novel] Reinforces Levy's reputation as an astute observer of modern British life. At a time when the question of race has never been higher on the political agenda, Levy's authoritative depiction of the lives of her generation assumes a wider significance...these fine fictional dispatches are a valuable contribution to the on-going national debate] (FINANCIAL TIMES, online, 2009).

O reconhecimento literário internacional surgiu com *Small Island* (2004), seu quarto romance, o qual é abordado nessa pesquisa. O romance trata da vida de quatro personagens que, em determinado momento de suas vidas, se cruzam e tentam se adaptar às situações que lhes rodeiam. O livro move-se entre o Reino Unido e a Jamaica, antes e depois da Segunda Guerra Mundial e é narrado pelos quatro personagens: o jamaicano Gilbert, sua esposa também jamaicana Hortense, uma britânica chamada Queenie e seu marido, também britânico, Bernard. Como essa estrutura nos sugere, *Small Island* funciona através do estabelecimento de uma série de paralelos: entre Londres e Kingston, entre maridos e esposas, entre presente e passado. Essa estrutura nos permite enxergar uma gama de divergências entre



ser britânico e ser jamaicano. Questões como hibridismo e diáspora são evidentes nessa obra. Muito elogiado pela crítica especializada, o romance recebeu os prêmios *Orange Prize* (2004), *Whitbread - Novel Award* (2004), *Whitbread - Book of the Year* (2004), *Commonwealth Writers Prize - Overall Winner Best Book* (2005) e o *Orange of Oranges Prize* (2005).

Andrea Levy consagrou-se como escritora no cenário literário mundial ao receber o *Whitbread Prize* e o *Orange Prize* em 2004 com o romance *Small Island*. Os outros prêmios só vieram a confirmar o seu nome como uma das mais importantes escritoras da contemporaneidade do Reino Unido. Seus romances enfocam temas relacionados aos problemas enfrentados pelos primeiros imigrantes caribenhos e seus descendentes em um país onde a ideologia dominante ainda é a dos homens brancos, tais como, diáspora, racismo e exclusão, hibridismo e multiculturalismo, todos dentro do contexto familiar:

Existem dois rios correndo na vida e no trabalho de Levy. Um é o tema da dualidade de se estar vivendo duas vidas ao mesmo tempo. O outro é a família, cujo funcionamento forma a base de seus romances. A família é, ao mesmo tempo, o tema e a metáfora – a história da família jamaicana em Londres, e a metáfora do Império, a Grande Família, que revela se um traidor e, em alguns casos, um destruidor.

[There are two rivers running through Levy's work and life. One is the theme of duality, of living two lives at the same time. The other is family, the workings of which form a bedrock in her novels. Family is both theme and metaphor - the story of the Jamaican family in London, and the metaphor of Empire, the Big Family, which turns out to be betrayer and, in some cases, destroyer] (GREER, online, 2009)

Andrea Levy não se vê como uma escritora predominantemente londrina, ou mesmo, parte de um grupo de escritores migrantes que vieram para Londres após o sucesso de escritores pós-*Windrush* como George Lamming, Sam Selvon ou Caryl Phillips. De acordo com uma entrevista dela ao jornal *Independent* (2004), ela não se sente parte de nenhum grupo especial: O que eu realmente sinto é que ainda estou aprendendo o meu trabalho. Eu espero ser uma escritora acessível, e, cada vez mais, estou começando a gostar de contar histórias. [What I do feel is that I'm still learning my craft. I just hope I'm an accessible literary writer, and, more and more, I'm beginning really to enjoy storytelling.] (HICKMAN, online, 2008).

Levy é uma escritora britânica que se mantém desafiadoramente fora dos limites da 'britanidade'. De acordo com ela, "quando digo que sou inglesa, isso não significa que eu

quero ser assimilada; assumir a cultura branca e excluir todas as outras... Eu não consigo viver sem arroz e ervilhas. Agora eu danço quando a Jamaica vence qualquer coisa...” [Saying that I’m English doesn’t mean I want to be assimilated; to take on the white culture to the exclusion of all others ... I cannot live without rice and peas. I now dance when Jamaica wins anything...] (PROCTER, online, 2008).

Assim como outros escritores que atingiram um público considerável, Andrea Levy vai, gradativamente, ganhando seu espaço no cenário literário mundial, preocupando-se em escrever uma literatura inquietada com a questão racial e étnica que ocupa cada vez mais espaço na mídia e nas rodas de discussões em geral. Internacionalmente, a autora começa a se destacar e a mostrar o valor de sua ficção.

#### **1.4 A fábula de *Small Island* e sua fortuna internacional**

*Small Island* é o quarto romance da escritora britânica Andrea Levy e trata das relações entre os sujeitos diaspóricos caribenhos e os britânicos no ano de 1948, quando o navio *SS Empire Windrush* traz vários civis caribenhos para o Reino Unido, assim como parte da vida dessas personagens antes de se encontrarem. O romance é narrado por quatro vozes diferentes: Hortense, uma professora jamaicana que procura emprego em Londres, Gilbert, marido de Hortense, que lutou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos britânicos, Queenie, uma inglesa que foi criada dentro de um regime racista e, seu marido Bernard, um inglês extremamente racista, que objetifica os negros basicamente por sua cor dérmica. O romance está dividido em cinquenta e nove capítulos que se referem ao ano de 1948 ou ao período anterior a isso, além do prólogo, sendo que cada uma das personagens narra, em primeira pessoa, os capítulos intitulados com seu nome.

Em *Small Island* vislumbramos a maneira como se relacionam negros e britânicos ao terem que dividir o espaço que antes era apenas habitado por brancos. Hortense cresce na Jamaica com seus tios, pois sua mãe não podia lhe dar a devida educação que ela julgava merecer. A jovem recebe educação em escolas administradas por britânicos e tenta cada vez mais se parecer com eles, imitando suas vestes, modos, pronúncia e costumes. Sua pele mais clara do que a maioria dos jamaicanos a faz pensar que ela é superior aos seus conterrâneos e, dessa forma, mais próxima dos britânicos. Ao se formar como professora, Hortense deseja ir para o Reino Unido para exercer sua profissão. Casa-se com Gilbert, um ex-oficial da RAF,

que após a guerra, retorna ao Reino Unido para construir sua vida. Após o casamento, Gilbert se muda para o novo país para poder encontrar emprego e moradia e assim, levar sua esposa consigo. Após alguns meses, Hortense muda-se para a ‘pátria-mãe’ também, a bordo do navio *SS Empire Windrush*, juntamente com vários outros civis. Os chegar ao porto de Londres, a jamaicana é marginalizada por uma senhora inglesa e também por um taxista que a leva ao seu destino. Sua surpresa é grande ao perceber que o marido mora em um quarto sujo e deprimente, cuja senhoria é Queenie Bligh.

Após a partida do seu marido para a guerra e sua ausência após a mesma, Queenie precisa alugar quartos de sua casa para poder se sustentar e seus inquilinos são, em sua maioria, negros. Queenie procura não se relacionar diretamente com os negros, mas acaba tendo um romance com um soldado jamaicano chamado Michael. O relacionamento amoroso com o jamaicano ocorre quando o marido está desaparecido após o fim da guerra. Desse romance decorre sua gravidez, a qual ela esconde até o nascimento do bebê.

Por sua vez, depois de se instalar em sua nova moradia, Hortense procura emprego em Londres como professora, porém é rechaçada por sua cor e sua origem, percebendo que o lugar destinado aos negros era sempre marginal.

Após alguns anos desaparecido, Bernard retorna da guerra, ao mesmo tempo em que Queenie entra em trabalho de parto. Com a ajuda de Hortense, ela dá à luz uma criança híbrida. Queenie decide não ficar com a criança, e pede a Gilbert e Hortense a adotarem.

Os jamaicanos partem para uma nova casa, com esperanças de conseguirem melhores condições de vida, levando em seus braços uma criança híbrida, rejeitada por sua própria mãe, exclusivamente por sua pele negra, mas que, provavelmente, também seria rechaçada por seu próprio país.

Além de ganhar diversos prêmios e ser clamado pela crítica, *Small Island* já vendeu milhares de cópias ao redor do mundo. Em 2007, cinquenta mil cópias do romance foram distribuídas por quatro grandes cidades do Reino Unido para a realização de um evento de leitura, o qual foi nomeado de *Small Island Read 2007*. O evento sobre leitura foi o maior que já ocorreu em todo o país, gerando cem outros eventos relacionados incluindo palestras em bibliotecas, grupos de discussões, competições e exposições, além de *workshops* em escolas. As quatro cidades envolvidas no projeto tiveram grandes ligações no passado com o tráfico negreiro: Glasgow, Hull, Bristol e Liverpool. Na verdade, *Small Island Read 2007* foi lançado em comemoração ao bicentenário da abolição da escravidão no Reino Unido. Os objetivos

desse evento foram desde a desenvolver padrões de literariedade através da leitura até estimular novas formas de criatividade, de usar a leitura como processo de investigação do passado até a união de comunidades diversificadas através do ato da leitura e, dessa forma, criar um senso de comunidade compartilhada. Procter (2009) afirma que enquanto alguns leitores negros britânicos mostraram ceticismo sobre o imenso sucesso da obra, outros aclamaram o romance como um clássico contemporâneo. Alguns resultados do trabalho desenvolvido nesse projeto mostraram que os leitores ligaram as discussões existentes em *Small Island* com assuntos que hoje são muito pertinentes no Reino Unido:

Os leitores também fizeram ligações entre a escravidão e o uso atual do trabalho infantil, bem como relacionando a discriminação vivida por Gilbert e Hortense à introdução de testes de cidadania. Eles também discutiram a representação dos novos imigrantes e requerentes de asilo nos tablóides como prova de que muitas atitudes não mudaram, e participam na discussão sobre a base econômica do império e da expansão colonial.

[Readers also made connections between slavery and the present-day use of child labour as well as relating the discrimination suffered by Gilbert and Hortense to the introduction of citizenship tests. They also discussed the representation of new immigrants and asylum seekers in tabloid newspapers as evidence that many attitudes have not shifted, and engaged in discussion of the economic basis of empire and colonial expansion] (FULLER; PROCTER, 2009, p. 34).

Verifica-se que a obra não só trata de temas relacionados ao passado, mas abre novas perspectivas para questões que hoje merecem atenção por parte de todos. Um dos assuntos abordados pela obra diz respeito ao racismo. Quando os primeiros negros vão para o Reino Unido e se instalam como cidadãos, disputando o campo de trabalho com os britânicos, indo às escolas que as crianças brancas freqüentavam, saindo às ruas e passeando pelos parques, etc. foram interpretados como uma espécie de afronta, ou seja, o negro começava a ganhar espaço na sociedade que antes era apenas do branco. Ahmed (2009) comenta a respeito desse racismo dizendo que “a maior conquista de Levy em *Small Island* é mostrar como o racismo inglês foi o mais angustiante para as vítimas coloniais porque envolvia o arrasamento de seus ideais”. [Levy's greatest achievement in *Small Island* is to convey how English racism was all the more heartbreaking for its colonial victims because it involved the crushing of their ideals] (AHMED, online, 2009).

Além da questão racial, *Small Island* destaca-se por abordar a questão da imigração caribenha no Reino Unido. A hegemonia racial britânica foi lentamente sendo desconstruída a

quando os imigrantes passam a chegar ao país. Atualmente, muito se discute a respeito do papel desenvolvido pelos imigrantes na construção da sociedade britânica como nós conhecemos hoje. Andrea Levy soube explorar as minúcias do período indicado como o início da imigração no Reino Unido. Phillips (2008) argumenta que a imersão da autora no período parece-se com uma ilustração de que em anos recentes, o ano de 1948 adquiriu uma nova significação no léxico da história social britânica. De acordo com ele, há alguns anos, a comemoração desse evento provocou “uma pequena explosão de interesse nas consequências da migração do meio do século vinte” [a small explosion of interest in the consequences of mid-20th century migration] (PHILLIPS, online, 2008). Depois desse evento, muitos artistas de origem diaspórica, especialmente afro-caribenhos, têm respondido a essa plataforma histórica revestidos de uma nova confiança e interesse em explorar suas raízes e as circunstâncias temporais. Phillips concorda que o resultado disso seja “um crescente diálogo sobre os efeitos da migração caribenha na identidade britânica” [a growing conversation about the effects of Caribbean migration on British identity] (PHILLIPS, online, 2008).

O romance não se resume apenas à questão temática. James (2008) realiza um trabalho a respeito da linguagem e da paródia no romance apontando que a linguagem exerce papel fundamental na obra. O encontro entre caribenhos e britânicos é dificultado pela forma diferente como ambos falam a mesma língua. Segundo ela, “a linguagem é um campo de batalha onde as culturas e identidades indo-orientais e britânicas se enfrentam e fazem acordos” [language is a battleground on which British and West Indian cultures and identities clash and make accommodations] (JAMES, online, 2008). A autora também pontua que a paródia é a forma com que tais acordos e enfrentamentos são expostos.

Sobre a questão da linguagem, Phillips (2008) observa que o apego de Levy à linguagem de cada uma das personagens é outra surpresa no romance. Phillips aponta que:

Há uma confusão quase que universal na Grã-Bretanha a respeito da origem dos dialetos caribenhos e os autores negros vindos de Londres ou Birmingham tendem a reproduzir a fala de todos os tipos de caribenhos, sem levar em conta a região ou a classe [...] Ao contrário, ela [Levy] cria um estilo que reproduz o ritmo e o conteúdo das falas de suas personagens. Ainda mais impressionante, ela faz o mesmo com suas personagens britânicas. Queenie soa como uma londrina educada no início do século passado. Bernard soa como um homem que serviu no oriente.

There is an almost universal confusion in Britain about the nature of Caribbean dialects, and black authors reared in London or Birmingham have

tended to reproduce the speech of every sort of Caribbean, regardless of region or class [...]. Instead, she creates a style which reproduces the rhythm and content of her characters' speech. Even more impressive, she does the same for her English characters. Queenie sounds like a Londoner brought up in the early part of the last century. Bernard sounds like a man who has served in the Far East (PHILLIPS, online, 2008).

Linton Kwesi Johnson foi um dos primeiros a comentar sobre o talento de Andrea Levy após o lançamento do romance *Small Island*, comparando-a a outros talentos já consagrados na literatura pós-colonial. De acordo com ele, o romance é:

Um trabalho de grande poder criativo que se posiciona ao lado de *The Lonely Londoners* de Sam Selvon, *The Emigrants* de George Lamming e de *The Final Passage* de Caryl Phillips, ao lidar com a experiência da migração.

[A work of great imaginative power which ranks alongside Sam Selvon's *The Lonely Londoners*, George Lamming's *The Emigrant*, and Caryl Phillips' *The Final Passage* in dealing with the experience of migration] (JOHNSON, online, 2009).

Apesar de mundialmente aclamado por deter o diálogo a respeito da diáspora, migração e racismo, o romance não é muito comentado no Brasil, o que nos surpreende.

### 1.5 A crítica literária sobre Andrea Levy no Brasil

A crítica brasileira sobre Andrea Levy é, ainda, escassa. Apesar do sucesso alcançado com o último romance, sendo este, inclusive, publicado no Brasil no ano de 2008, Andrea Levy não é muito conhecida no país. O nome da autora teve maior repercussão em 2004 e em 2005, quando recebeu os prêmios *Orange Prize* e o *Whitbread Prize*. Nessa época, alguns jornais *online* publicaram o fato e, desde então, Levy começou a chamar a atenção de leitores e críticos em nosso país. *Small Island* é, com certeza, o romance mais conhecido no âmbito literário nacional, por ser o único a ter sido traduzido para a língua portuguesa.

Quando do recebimento do prêmio *Whitbread Prize* alguns jornais publicaram notas *online*, declarando que a autora havia ganhado um dos prêmios máximos da literatura britânica. Porém, nenhum comentário mais entusiasmado em referência ao valor da obra literária foi veiculado. Alguns artigos também foram publicados enfocando alguns aspectos do romance. De acordo com Bonnici, Souza e Molinari (2006, p.177) o romance permite a

análise de como o negro é tratado pelos britânicos no início da imigração caribenha além de revelar que:

A presença de sujeitos coloniais, oriundos das ex-colônias britânicas, proporcionou o estabelecimento de uma literatura que subverte padrões culturais ingleses e denuncia parâmetros de revide que começam a ser comuns nas literaturas pós-coloniais.

Outro artigo nacional comenta sobre as personagens femininas criadas pela autora nos romances *Fruit of the Lemon* (1999) e *Small Island* (2004), argumentando que influências sociais e históricas estão presentes na ideologia da autora, “as quais vão além de sua individualidade e fatores estéticos” (BONNICI, 2006, p. 20).

No entanto, especificamente, muito pouco foi publicado sobre *Small Island* e, menos ainda, sobre qualquer outro romance da autora. Após a tradução do romance *Small Island* para a língua portuguesa em 2008, não houve muitos comentários a respeito da obra. O *Jornal do Brasil* é um dos poucos a publicar *online* um breve artigo sobre o lançamento do livro em língua portuguesa, reconhecendo seu estatuto estético: “Recém-lançado no Brasil, o livro se inspira livremente na epopéia de seus pais para tecer uma reflexão ao mesmo tempo cômica e dramática sobre os conflitos da imigração e os dilemas das minorias étnicas” (JBONLINE, online, 2009).

Em entrevista cedida ao *Jornal do Brasil* por telefone, Levy comenta que é difícil explicar por que a imigração é algo difícil para as pessoas. De acordo com ela, as dificuldades vêm para ambos os lados, “é uma negociação tanto para quem chega quanto para aqueles que recebem. As pessoas reagem a mudanças” (JBONLINE, online, 2009).

O que nos surpreende sobre a falta de comentários sobre a obra aqui no Brasil após a sua tradução é o fato de o romance focar problemas enfrentados ainda hoje pelos inúmeros brasileiros que estão em constante diáspora nacional, como é o caso dos povos nordestinos que frequentemente imigram para o sul e sudeste do Brasil a procura de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Da mesma forma, inúmeros brasileiros partem para o exterior tentando se integrar a outras sociedades como imigrantes. A arte *pop* brasileira demonstrou recentemente a luta desses brasileiros que se aventuram no exterior em busca da realização de seus sonhos com a novela *América* (2005) cuja protagonista entra ilegalmente nos Estados Unidos a procura de emprego, mas acaba percebendo que a cultura daquele país é avessa a imigrantes e, também, no filme biográfico *Jean Charles* (2008) que narra a história

da vida de um brasileiro que morava no Reino Unido e que foi confundido com um terrorista e é assassinado cruelmente pela polícia londrina. Pensamos que é tempo de tais fatos virem à tona.



## CAPÍTULO II

### TEORIA DA DIÁSPORA E DA RESISTÊNCIA

#### 2.1 A diáspora clássica

Após a exposição sobre a questão literária que envolve os escritores negros no Reino Unido e sua relevância para o desenvolvimento da herança cultural britânica, voltamos nossa atenção para outra questão intimamente ligada ao aumento considerável da variedade cultural presente no país. A diáspora propiciou a transformação profunda ocorrida no Reino Unido desde o início do século XX, mas principalmente nas últimas décadas. A inserção da cultura vinda das colônias, bem como sua mistura com a cultura do colonizado tem revelado que os indivíduos diaspóricos têm muito a contribuir em todos os setores da sociedade britânica.

O termo ‘diáspora’ e sua importância para os estudos culturais e sociais têm sido amplamente discutidos nos mais variados âmbitos nas últimas décadas. O vocábulo deriva do grego – *dia*, através e *speirein*, espalhar. De acordo com Cohen (1998) a expressão foi primeiramente utilizada pelos gregos para descrever a colonização da Ásia Menor e do Mediterrâneo no período de 800 a 600 a. C. Para os gregos a palavra tinha valor positivo, apesar de muitos deles terem passado por esse processo de dispersão por motivos de pobreza, superpopulação e guerras civis. Acima de tudo, a diáspora grega foi marcada por expansões através de conquistas militares, colonizações e migrações. Segundo Brah (2002), a noção de diáspora desperta automaticamente, a ideia de uma viagem, porém nem toda viagem pode ser considerada como uma diáspora. As viagens diaspóricas referem-se fundamentalmente à permanência do indivíduo em um lugar, à fixação de raízes. Brah ainda aponta que, para se compreender o conceito de diáspora é necessário se perguntar não só

[...] quem viaja, mas quando, como e sob que circunstâncias? Que condições socioeconômicas, políticas e culturais marcam as trajetórias dessas viagens? Que regimes de poder inscrevem a formação de uma diáspora específica?

[...] who travels but when, how, and what circumstances? What socio-economic, political and cultural conditions mark the trajectories of these

journeys? What regimes of power inscribe the formation of a specific diaspora? (BRAH, 2002, p. 182).

Ainda de acordo com a autora, é importante entender e analisar o que torna uma formação diaspórica diferente uma das outras. E para que isso ocorra, é imprescindível que “cada diáspora empírica deva ser analisada em sua especificidade histórica” [each empirical diaspora must be analysed in its historical specificity] (BRAH, 2002, p. 183). Em se tratando de diásporas como experiências históricas distintivas, elas englobam viagens para diferentes partes do mundo, cada uma com a sua história e suas particularidades.

Cohen (1998) aponta que para se compreender as noções que temos hoje da diáspora é necessário primeiro compreender a experiência vivida pelos judeus conhecida como diáspora judaica. Para ele, essa experiência bastante dramática pode ser chamada de ‘diáspora clássica’ e teve início por volta do ano 586 a. C. quando da destruição da cidade de Jerusalém. Esse evento foi crucial para a instauração da memória folclórica da negatividade da diáspora, principalmente porque dessa experiência derivaram-se a escravização, o exílio e o deslocamento dos povos que habitavam a cidade. Os judeus foram obrigados a abandonar a terra prometida a eles por Deus quando seu líder foi preso pelo rei de Babilônia por ter sancionado uma rebelião contra o império mesopotâmico. Babilônia se torna a palavra chave entre os judeus para simbolizar as aflições, isolamento e insegurança por viver em um local estranho, afastados de suas raízes, desorientados e sem um senso de identidade, além de serem oprimidos por leis que lhes eram estranhas. A partir desse acontecimento, a literatura, o folclore, a cultura e as artes judaicas têm recontado o trauma por qual os judeus tiveram que passar. Cohen afirma que,

O uso da palavra Babilônia era suficiente para invocar um sentimento de captura, exílio, alienação e isolamento. Coletivamente, os judeus eram vistos como cisco levado ao vento. Em um nível individual, judeus diaspóricos eram descritos como pessoas-fantasmas patológicas – destinados a nunca se encontrarem ou alcançar completude, tranquilidade ou felicidade enquanto vivessem no exílio.

[The use of the word Babylon alone was enough to evoke a sense of captivity, exile, alienation and isolation. Collectively, Jews were seen as helpless chaff in the wind. At an individual level, diasporic Jews were depicted as pathological half-persons – destined never to realize themselves or to attain completeness, tranquility or happiness so long as they were in exile] (COHEN, 1998, p. 3-4).

Embora a diáspora judaica seja o ponto de partida para muitos teóricos quando formulam conceitos do que é hoje a diáspora, alguns deles refutam a ideia de ela ser um arquétipo para os grupos diaspóricos. Em um artigo onde as diásporas clássica e contemporânea são colocadas em perspectiva, Reis (2004) argumenta que uma conceitualização mais ampla do termo ‘diáspora’ permite a inclusão de comunidades de imigrantes que por vezes ficam do lado de fora dessas discussões, e acrescenta que, enquanto trauma, exílio e identidade coletivas são características da diáspora judaica, as mesmas não podem ser aplicadas a todos os outros grupos diaspóricos, principalmente no que diz respeito à diáspora contemporânea. Segundo ela,

Uma das maiores falhas da teoria da diáspora é a tomada do caso judaico como uma ilustração *par excellence* de quem é diaspórico ou o que é diáspora, independente de tempo e espaço. Talvez a tarefa de definir a diáspora fosse muito menos problemática se a diáspora judaica deixasse de ser usada como a norma para se determinar que grupos são relegados a uma diáspora de minorias, transnacional, de comunidade ou outros agrupamentos.

[One of the major flaws of diaspora theory is the reliance on the Jewish case as the illustration *par excellence* of whom or what is a diaspora, regardless of time and space. Perhaps the task of defining diaspora would be far less problematic if the Jewish Diaspora ceased to be used as the norm for determining which groups are relegated to a minority, transnational community, diaspora, or other grouping] (REIS, 2004, p. 44).

Temos motivos para discordar em parte das proposições de Reis. Primeiramente, é possível, de certa forma, traçar uma linha, ainda que tênue, entre a diáspora judaica e a moderna e a contemporânea, porque a dispersão de diferentes povos para longe de suas terras favoreceu o crescimento da criatividade quando do encontro de cultura diversificadas em um mesmo contexto. Vejamos o caso judaico. Cohen (1998) afirma que apesar de ser vista como negativa e causadora de infortúnios na vida dos judeus, de um modo geral, a diáspora judaica também teve conotações positivas e o autor assegura que a Babilônia pode ser vista como “um lugar de criatividade”, onde os benefícios da integração com uma cultura rica e diversa puderam ser observados e experimentados pelos primeiros grupos de judeus e seus descendentes. Muitos deles adotaram nomes e costumes babilônios, além de se acostumarem ao seu calendário e à sua língua. As comunidades judaicas de Alexandria, Damasco, Ásia Menor e da Babilônia viram sua cultura florescer e se tornaram grandes centros de aprendizagem e cultura e, embora a palavra Babilônia significasse exílio e opressão para muitos dos judeus, a interação das culturas pré-existentes demonstraram “o desenvolvimento

de uma nova energia criativa em um contexto desafiador e pluralístico fora da terra natal”. [the development of a new creative energy in a challenging, pluralistic context outside the natal homeland] (COHEN, 1998, p. 5-6).

Em segundo lugar, acreditamos que o motivo que levou os judeus espalhados pelo mundo a se tornarem desconfiados e inquietos em relação aos outros povos é a mesma que permeia as sociedades diaspóricas atualmente. Após se instalarem em sociedade estrangeiras, os judeus passaram por diversos tipos de desafios e problemas devido ao fato de serem conhecidos como o povo que assassinou Jesus Cristo e, a despeito de sua conquista econômica e profissional, o judeu mantém certos desconforto em relação aos outros. Cohen afirma que:

[...] é difícil para muitos judeus não ‘manter a guarda’, sentir o peso de sua história e o medo frio e pegajoso que traz os demônios à noite para lembrá-los de seus ancestrais assassinados.

[...] it is difficult for many Jews in the diaspora not to “keep their guard up”, to feel the weight of their history and the cold clammy fear that brings the demons in the night to remind them of their murdered ancestors] (COHEN, 1998, p. 20).

Pode-se dizer que, atualmente, os povos diaspóricos, em sua minoria, enfrentam problemas parecidos, por serem estranhos em uma sociedade, que muitas vezes se auto-identifica como hegemônica e vê a chegada de imigrantes como um risco à identidade nacional. Dessa forma, o imigrante, por vezes, se fecha em seu mundo, procurando por membros de sua terra natal, tentando estabelecer ligações com povos que possam compreendê-lo e aceitá-lo.

Conclui-se que a diáspora judaica não pode ser vista como o arquétipo de qualquer diáspora, mas destacamos que ela merece um lugar nas discussões a respeito do assunto, porque representa uma das primeiras dispersões históricas de uma população ao redor do mundo, resultando diversas consequências que ainda hoje podem ser observadas nas sociedades contemporâneas que passaram pelo processo diaspórico, de natureza forçada ou voluntária. Porém, faz-se necessário repensá-la em seus detalhes e como afirma Cohen (1998), transcendê-la de modo que possamos compreender seu real significado.

Como já se comentou anteriormente, a diáspora judaica não foi apenas negativa como afirmam vários teóricos. A criatividade foi despertada nas comunidades judaicas que viviam em outras regiões que não sua terra natal. Acrescente-se o fato de que nem todos os judeus

foram forçados a abandonar suas terras e permanecer em outra. Muitos deles, quando tiveram a chance de voltar a sua terra natal, preferiram permanecer onde estavam. Em seu livro *Cartographies of Diaspora*, Brah (2002) concorda com a importância da diáspora clássica e aponta que para se falar sobre a diáspora do século vinte é necessário pensar na diáspora clássica como um ponto de partida mais do que necessariamente como um modelo. Parece que esses argumentos são suficientes para consolidar a transcendência do termo diáspora, porém, passemos agora à discussão da teoria da diáspora moderna que abrange um longo período da história da humanidade e nos possibilitará o conhecimento de como o termo se tornou mais abrangente.

## **2.2 A diáspora moderna: a expansão europeia através do colonialismo**

Durante a era moderna, quando as descobertas marítimas e industriais da Europa propiciaram um alargamento assombroso do poder europeu ao redor do mundo, resultados não tão positivos foram gerados para as nações não-europeias. De acordo com Reis (2004) a relação da diáspora com o período moderno pode ser entendido como um fato histórico central da escravidão e da colonização. Segundo ela, esse período pode ser dividido em três fases: a) a expansão europeia que começa em 1450 e vai até 1814; b) a Revolução Industrial que engloba os anos de 1815 até 1914 e c) o período de inter guerras de 1914 a 1945.

O continente europeu viu seu império crescer no final do século quinze e início do século dezesseis quando as descobertas marítimas surgiram. Lugares desconhecidos anteriormente tomam corpo e forma nos mapas e as perspectivas de crescimento econômico são iminentes. Com o surgimento dessas nações no imaginário europeu, tornam-se mais latentes o desejo de dominação e colonização neles. A importância desses acontecimentos para a discussão da questão da diáspora parece ser sem dúvida, indispensável.

No século quinze, os portugueses começaram a explorar a costa da África e esse fato marca o início do colonialismo europeu. Os navegadores portugueses descobriram as ilhas de Madeira, Açores e Cabo Verde, as quais foram prontamente povoadas. Em seguida os navegadores foram lentamente explorando a costa oeste da África, até que Bartolomeu Dias descobriu que era possível navegar ao redor do novo continente através do Cabo da Boa Esperança em 1488. Esse fato foi importante porque possibilitou que Vasco da Gama chegasse à Índia em 1498. O sucesso português foi seguido pelos espanhóis que financiaram a

descoberta da América em 1492 por Cristóvão Colombo. Durante anos Portugal e Espanha eram conhecidos pela liderança nas descobertas além mar. Na segunda metade do século dezesseis os britânicos expandiram o estado colonial através da Irlanda, apesar das várias tentativas frustradas anteriormente. Foi apenas no século dezessete que França, Reino Unido e a Holanda conseguiram estabelecer impérios no além mar, competindo diretamente com Espanha, Portugal e entre si. No século dezenove, o Império Britânico se torna o maior império já visto. É a partir do processo de colonização dos primeiros territórios descobertos pelos europeus que se inicia também a diáspora moderna.

A primeira dispersão de povos nesse período pode ser caracterizada pelos colonizadores que se aventuraram a habitar as terras recém descobertas. Observemos que essa dispersão era voluntária, pois os indivíduos envolvidos participavam espontaneamente dela em sua maioria. Van Hear (1998) afirma que quase todas as migrações envolvem escolhas, mas que alguns imigrantes encontram mais escolhas que outros. Quando mão-de-obra barata foi necessária para que a extração de matérias primas, minérios e outras riquezas fossem possíveis, tem início o tráfico de escravos. O envio de negros da África para trabalhos forçados em outros países começou por volta de 1455 quando o Papa Nicolau V autorizou a escravização de todos aqueles que fossem pagãos ou incrédulos ao catolicismo. Endossado pela Igreja Católica, o mercado de escravos só tendeu a crescer nos séculos seguintes. Apesar de o Papa Pio II ter declarado em 1462 que a escravidão era um crime, a escravidão era tida como um mal necessário. Consolidado, servia aos propósitos dos colonizadores europeus, os quais alegavam que a Europa necessitava da valiosa força de trabalho dos negros.

Com o passar do tempo a prática escravagista se tornou extensiva e os países da Europa passaram a utilizá-la com bastante frequência. De acordo com Cohen (1998), as descobertas marítimas abriram espaço para o aparecimento do imperialismo e, assim, as diásporas comerciais europeias se tornaram aos poucos diásporas imperiais; “A bandeira seguiu o comércio, com a consequência inevitável da conquista, ocupação e a subordinação dos indígenas”. [The flag followed trade, with the inevitable outcome of conquest, occupation and the subordination of the indigenous people] (COHEN, 1998, p. 183).

No início do século dezenove, com a proibição do mercado de escravos, surge a necessidade de se contratar mão-de-obra para que o trabalho nas colônias pudesse continuar. Surgem então os trabalhadores contratuais (*indentured workers*) que abandonavam seus

países de origem para trabalhar em países desconhecidos, em um regime de trabalho quase que escravo. Sobre esse tipo de trabalho, Ashcroft et al. (1998,p. 69) comentam que:

Após o tráfico de escravos, quando a escravidão foi proibida pelos poderes europeus nas primeiras décadas do século dezanove, a demanda por trabalho agrário barato nas economias agrárias coloniais foi de encontro ao desenvolvimento de um sistema de trabalho contratual. [...] A prática da escravidão e de contratos trabalhistas, portanto, resultou em diásporas coloniais mundiais.

[After the slave trade, and when slavery was outlawed by the European powers in the first decades of the nineteenth century, the demand for cheap agricultural labour in colonial plantation economies was met by the development of a system of indentured labour. [...] The practices of slavery and indenture thus resulted in world-wide colonial diasporas].

O caso do Caribe é emblemático no que diz respeito a esse tipo de imigrantes. Com o extermínio quase completo de todos os nativos das ilhas caribenhas, os negros foram trazidos da África para trabalhar e, mais tarde, trabalhadores vindos da Índia, principalmente, são contratados. Nota-se que os povos que hoje habitam o Caribe não são provenientes dessa terra, mas sim, de outros países. A formação identitária das ilhas caribenhas é bastante delicada e já originou muitos estudos e discursos. Hall (2006) comenta que a mistura de povos no Caribe transformou a cultura lá existente e a diáspora dos escravos e dos trabalhadores foi responsável por muitas mudanças. A identidade cultural do Caribe se tornou algo muito complexo e discutível. As questões de identidade, diferença e pertencimento se tornaram mais obscuras após essas diásporas:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão ‘mundano’, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência (HALL, 2006, p. 28).

A partir do século dezoito uma nova onda toma conta da Europa, quando o surgimento das máquinas se torna a mola propulsora da economia. A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século dezoito, expandiu-se pelo mundo a partir do século dezanove. Ao longo do processo, a era agrícola foi superada, a máquina foi suplantando o trabalho humano, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs, novas relações entre nações se estabeleceram. Essa transformação foi possível devido a uma combinação de fatores, como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma

série de invenções, tais como o motor a vapor. O capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente. A Grã-Bretanha foi pioneira no processo da Revolução Industrial. A burguesia inglesa tinha capital suficiente para financiar as fábricas, adquirir matérias-primas e máquinas e contratar empregados. Mais tarde, a industrialização daria início a então um novo tipo de diáspora, aquela onde os habitantes das colônias começavam a migrar para os países colonizadores.

No entanto, no período de 1914 a 1945 o mundo enfrenta duas guerras que deixaram a Europa em pedaços. A economia que andava em alta por causa da industrialização se retrai e as nações colonizadoras pedem socorro às nações colonizadas. Muitos soldados das colônias foram recrutados, principalmente na Segunda Guerra Mundial para que a vitória das nações aliadas pudesse se concretizar. O Reino Unido, por exemplo, recruta diversos soldados vindos do sudoeste asiático e do Caribe. Essa migração em massa se constitui em uma nova diáspora onde os povos do sul se mudam para a região norte do globo. Contudo, o contrário também ocorreu, fugindo das guerras e das consequências advindas delas, tais como fome, doenças, desabrigo e desemprego, muitos habitantes da Europa decidem mudar-se para países que as guerras não haviam afetado. Muitos italianos, alemães e japoneses se mudam para o Brasil, Estados Unidos e Argentina, formando colônias inteiras desses povos.

Várias diásporas se desenvolveram ao redor do mundo depois do advento da modernidade. Algumas delas podem ser ditas voluntárias, na qual o próprio imigrante decide mudar-se de uma região para outra, como é o caso dos colonizadores e os ajudantes imperiais. Outras diásporas podem ser ditas involuntárias porque estão fora do âmbito de escolha de seus componentes, como no caso dos africanos que se viram forçados a deixar sua terra natal para servirem de escravos em outros territórios. Há também, as diásporas que abrangem aqueles indivíduos que têm poucas escolhas, devido a um grande número de problemas em sua terra, que vão desde a falta de emprego até guerras. Esses povos decidem mudar-se para outros países à procura de novas oportunidades ou para fugir de situações desagradáveis em sua terra natal. Um exemplo disso são os trabalhadores contratuais e os refugiados. Com o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo se vê em face de novas perspectivas econômicas, sociais e culturais. Uma reconfiguração dos conceitos existentes sobre essas questões se faz necessária e, conseqüentemente, as diásporas ao redor do mundo também se reconfiguram. Vejamos de que forma essas diásporas se transformaram a partir da metade do século vinte em diante.



### 2.3 A diáspora contemporânea: Safran e sua contribuição

A Europa, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, experimenta um grande caos em termos de desordem política e colapso econômico, com problemas que se dilataram com os movimentos migratórios em larga escala. Reis (2004) afirma que a diáspora contemporânea compreende desde o período pós Segunda Guerra Mundial até os dias atuais e que os estudos convencionais desse tópico não conseguem abarcar a realidade contemporânea completa do fenômeno. De acordo com a autora, existem duas grandes categorias em que os teóricos do assunto se enquadram: aqueles que dependem fortemente da experiência judaica como um ponto de partida para examinar o fenômeno, tais como, Safran (1991), Clifford (1994), Said e Simmons (1996) e Cohen (1995, 1998) dentre outros. A segunda categoria consiste de teóricos que analisam o processo diaspórico contemporâneo ligado com questões de transnacionalismo e globalização, dentre eles estão Castles e Miller (1998), Van Hear (1998), Cornwell e Stoddard (2001) e outros. A importância de ambas as categorias é inegável para o desenvolvimento dos estudos atuais da diáspora, sendo que uma complementa a outra, no sentido de facilitar a compreensão dos movimentos migratórios existentes hoje em relação àqueles que os precederam.

O período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial até os anos de 1959 foi marcado pela independência de várias colônias e, dos anos 1960 até 1989, muitos dos países em desenvolvimento também conquistaram sua independência, o que levou grandes segmentos destes povos das ex-colônias a se mudarem para as metrópoles (REIS, 2004). Os motivos que geram as novas migrações diferem um tanto quanto daquelas ocorridas durante a Antiguidade e a Idade Média. Tal período é marcado pelo deslocamento e a fragmentação.

Um dos primeiros críticos a levantar a questão da diáspora contemporânea foi Safran (1991 apud COHEN, 1998). Partindo dos seus trabalhos, observamos que sua definição do fenômeno diáspora consiste de seis características predominantes:

- 1) Os sujeitos diaspóricos ou seus descendentes foram dispersos de sua terra natal em duas ou mais regiões estrangeiras;
- 2) Eles mantêm uma memória coletiva, uma visão ou um mito sobre sua terra natal, incluindo sua localidade, história e conquistas;
- 3) Eles acreditam que não são totalmente aceitos na nova terra que habitam e, por causa disso, mantêm-se parcialmente separados do resto da população;

4) Sua terra natal é idealizada e acreditam que, quando as condições forem favoráveis, um dia deverão retornar;

5) Acreditam que todos os membros diaspóricos deveriam se empenhar na manutenção ou restauração da terra natal e na segurança e prosperidade dela;

6) Continuam a se relacionar de várias maneiras com a terra natal e sua consciência étnica e solidariedade são definidas pela existência de tal relação.

Percebe-se que quase todas as definições que Safran formula sobre a diáspora relacionam o sujeito diaspórico à sua terra natal. Esse é um mito bastante crítico. Falamos que é um mito porque, na verdade, tal argumento não pode ser aplicado a todos os imigrantes. De acordo com Brah (2002) nem toda diáspora mantém uma ideologia de retorno. Apesar de se ligar o termo a discursos de origens fixas, diáspora evoca questões relacionadas a pertencimento, a um lar, mas nem sempre a uma terra natal. Muitos imigrantes cultivam o desejo de fixar origens no país que os recebe, ao invés de um dia retornar ao país de origem.

Desdobrando as características propostas por Safran, observamos que muitas diásporas não se derivam de um evento traumático, como aquele ocorrido com os judeus. Existem as diásporas resultantes da procura por trabalho, como por exemplo, os milhares de brasileiros que partem do Brasil à procura de novas oportunidades de emprego em Portugal e na Espanha, ou mesmo os mexicanos que cruzam ilegalmente as fronteiras dos Estados Unidos com a intenção de encontrar empregos com melhores remunerações. Além disso, as questões comerciais e coloniais movimentaram e ainda hoje movimentam multidões para outros países.

Outro fator que pode ser acrescentado às proposições de Safran diz respeito à memória coletiva da terra natal e à reserva do imigrante em relação aos habitantes da nova terra. Essa questão pode ser dividida em duas sub-questões completamente distintas. A primeira delas reafirma a manutenção da cultura nativa dos grupos diaspóricos quando tais grupos tentam a qualquer custo manter viva sua cultura a despeito da sua exposição a novas culturas. Um exemplo bastante conhecido dessa característica é o movimento chamado Rastafarianismo (*Rastafarianism*) que emergiu na Jamaica nos anos 1930 como uma ‘religião’ negra nacionalista. Ashcroft et al. (1998, p. 206) comentam que “inicialmente os rastafáris jamaicanos primaram por uma repatriação literal para as terras natais ancestrais africanas através da ação do imperador etíope (Haile Selassie)” [Jamaican Rastafarians initially looked forward to a literal repatriation to their African ancestral homelands through the agency of the Ethiopian Emperor]. Com o passar do tempo essa repatriação adquiriu um sentido figurado

que recuperava a busca da ancestralidade africana pelos jamaicanos, a qual havia sido degradada pela ideologia colonialista e pela escravidão. Pode-se, portanto, acrescentar que muitos grupos étnicos não só tentam recuperar e manter a sua terra natal como recriá-la, de modo que ela permaneça viva e atuante em um país diferente.

Opondo-se ao apego aos costumes e tradições da terra natal, alguns imigrantes tendem a se ‘misturar’ com os habitantes da nova terra e perder sua identidade. Cohen (1998) argumenta que além de alguns desses indivíduos diaspóricos perderem sua identidade, outros “acabam se casando com os habitantes locais e, aos poucos, desaparecem como um grupo étnico separável” [may intermarry with the locals and slowly disappear as a separable ethnic group] (COHEN, 1998, p. 24). Esse tipo de assimilação é, na maioria das vezes, voluntária, pois não encontra resistência por parte dos imigrantes.

Além desses fatores, pode-se acrescentar que o encontro de culturas em um mesmo local pode gerar conflitos, por isso muitos grupos étnicos minoritários mantêm-se reservados. Todavia, a interação entre as culturas pode ser positiva e abrir espaço para a descoberta de novas perspectivas culturais e artísticas. Cohen (1998, p. 24) explica que “a tensão entre uma identidade étnica, uma nacional e uma transnacional é geralmente criativa e enriquecedora” [The tension between an ethnic, a national and a transnational identity is often a creative, enriching one]. Como referência, podemos citar as transformações culturais e políticas ocorridas no Reino Unido a partir da década de 1950, quando há uma abertura para a inferência da cultura do ‘outro’ na cultura homogênea britânica. Gilroy (2001, p. 48) aponta que “o ingresso dos negros na vida nacional foi, em si mesmo, um fator poderoso que contribuiu para as circunstâncias nas quais se tornou possível a formação dos estudos culturais e da política da Nova Esquerda”. Brah (2002) explica que a palavra diáspora por si só, invoca uma série de traumas ligados à separação e ao deslocamento e tal característica é um aspecto muito importante no processo migratório, porém, as “diásporas são potencialmente, também, lugares de esperança e novos começos. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagregam e se reconfiguram”. [diasporas are also potentially the sites of hope and new beginnings. They are contested cultural and political terrains where individual and collective memories collide, reassemble and reconfigure] (BRAH, 2002, p. 193).

Verifica-se que, nas argumentações de Safran estão embutidos novos sentidos para a utilização do termo ‘diáspora’ e a relação do imigrante com sua terra natal e a nova terra. As

características atribuídas ao fenômeno podem ser estendidas, propiciando novos questionamentos. Como se viu anteriormente, o sentido do vocábulo foi ampliado e deixou de ter um aspecto apenas negativo. Além disso, constata-se também, que o homem pode exercer sua agência no processo imigratório, tendo que realizar escolhas para que tal ocorra. Vejamos, pois, de que forma essa agência pode colaborar para a transformação das diásporas ao redor do mundo.

## 2.4 Diásporas: força, escolhas e agência

As discussões recentes sobre a diáspora procuram estabelecer uma ligação entre os sujeitos diaspóricos e as motivações que os levam a iniciar migrações. Van Hear (1998) evidencia que atualmente é possível perceber que não só as questões políticas, comerciais e econômicas moldam as diásporas. De acordo com o autor, o motivo predominante ainda é o econômico, mas outros são levados em conta pelos imigrantes. Dentre eles estão as motivações sociais e culturais, preocupações com segurança, disparidades econômicas entre o país de origem e o país de destino, regimes de migração estabelecidos nos países de destino que facilitam a entrada e permanência do imigrante no país, além da motivação educacional:

O termo *migrante* abarca diversos tipos de pessoas transitórias – entre eles estão emigrantes e colonizadores, trabalhadores contratuais temporários, migrantes profissionais, de negócios ou comerciais, estudantes, refugiados e pessoas a procura de asilo político e trabalhadores de fronteiras.

[The term *migrant* encompasses diverse types of transient people – among them permanent emigrants and settlers, temporary, contract workers, professional, business or trader migrants, students, refugees and asylum-seekers, and cross border commuters] (VAN HEAR, 1998, p. 40-41).

Atualmente argumenta-se que o termo ‘diáspora’ engloba uma série de outros vocábulos que exprimem o teor das diásporas contemporâneas. Sobre essa pluralidade do termo, Brah (2002) afirma que palavras como migrante, imigrante, expatriado, refugiado, exilado, trabalhador contratual compõem o signo ‘diáspora’. Ainda segundo a autora, é imprescindível elaborar um conceito de diáspora referindo-se as dimensões econômicas, políticas e culturais dessas formas contemporâneas de diáspora.

Ao observar esses termos citados por Van Hear e Brah, é possível concluir que muitas pessoas desejam voluntariamente mudar-se para outros países e, outras, que não encontram muitas escolhas, acabam por optar por aquilo que pode vir a ser melhor no futuro. Van Hear

(1998) explica que a migração contemporânea revela uma confusa e variada gama de movimentos que desencadeiam cinco componentes:

- 1- Movimento externo, quando há a saída do país de origem ou residência para outro;
- 2- Movimento interno, caracterizado pelo fato de que pessoas que saíram de um lugar devem chegar a outro;
- 3- Movimento de retorno, que na verdade não é preciso e nem sempre ocorre, pois o sujeito diaspórico pode desejar ou não retornar ao seu país de origem;
- 4- Movimento progressivo, quando após chegar a um outro país, o imigrante deseja ir para outro, que não o de origem; tal movimento envolve o movimento interno, já que o indivíduo terá de chegar a um novo destino;
- 5- Ligado a todos esses movimentos está o último componente chamado de estabelecimento ou permanência, pois toda migração resulta no abandono de uma porção da população ou comunidade.

Van Hear (1998, p. 41) prossegue dizendo que “Cada um desses componentes envolve graus de escolhas e coerção e estão convencionalmente representados como movimentos voluntários ou involuntários” [Each of these components involves degrees of choice and coercion, and are conventionally portrayed as voluntary or involuntary movements]. Todavia, ele acrescenta que a divisão voluntário e involuntário é demasiado pequena para abarcar o nível de escolhas que os migrantes possuem. Migrantes que procuram melhorar economicamente podem fazer escolhas, porém, tais escolhas são feitas com restrições, pois muitos deles ponderam sobre o futuro de seus filhos que, se permanecerem no país de origem, podem não ter condições dignas de vida. Migrantes forçados, como refugiados, por exemplo, têm a chance de fazer suas escolhas dentro de uma gama limitada de possibilidades obviamente; porém, mesmo na pior das circunstâncias, essa escolha existe: morrer de fome ou vítima da violência e permanecer em seu país ou partir para outro local.

Com o passar do tempo, muitos imigrantes acabam trocando de categoria migratória para poderem permanecer por mais tempo ou indefinidamente no país que os recebeu. A exemplo disso pode-se mencionar os estudantes, turistas e visitantes, que entram legal ou ilegalmente em um país e permanecem por mais tempo do que o permitido, pedindo ao governo asilo ou residência permanente, se tornando mais tarde cidadãos naturalizados.

Para evitar a bipolaridade migração voluntária e migração involuntária, que suscita uma série de questões e contradições, Richmond (apud VAN HEAR, 1998), sugere que o

problema da escolha seja dividido em dois eixos: migração proativa e migração reativa. De acordo com ele, a migração proativa seria aquela em que os sujeitos envolvidos se defrontam com escolhas do tipo: migrar ou não, quando ir, ir para longe ou perto, ir para outro país ou não. Já a migração reativa é conduzida por eventos, como guerras, fome, violência dentre outros e, por isso, os sujeitos envolvidos têm mínimas escolhas ou planejamento. Porém, Richmond afirma que a linha que separa esses dois eixos é muito tênue porque existe

Um grande número de pessoas, as quais, cruzando fronteiras nacionais combinam várias características, reagindo a pressões econômicas, sociais e políticas sobre as quais elas têm muito pouco controle, mas exercitando um grau limitado de escolha na seleção dos destinos e da época que de seus movimentos.

[A large proportion of people crossing state boundaries who combine characteristics, responding to economic, social and political pressures over which they have little control, but exercising a limited degree of choice of the selection of destinations and the timing of their movements] (RICHMOND apud VAN HEAR, 1998, p. 43).

Verifica-se então que força, escolha e agência são três movimentos constitutivos da vida do migrante. A migração é um processo agenciado pelo próprio migrante, que devido a motivações próprias ou mesmo por motivos que fogem da sua decisão ingressa no processo diaspórico. A partir daí, suas escolhas podem ser determinadas exclusivamente pelo seu desejo; porém, essas escolhas podem ser ditadas também por uma série de eventos que fogem de seu alcance. Depois da década de 1980, o mundo viu as migrações crescerem aceleradamente. Atualmente, lugares que eram considerados zonas de saída, passaram a ser pontos de chegada, gerando uma considerável alteração na formação das diásporas que constituem o cenário internacional (BRAH, 2002). Essas alterações se devem a diversos fatores e, talvez, o mais forte deles seja a globalização.

## **2.5 Globalização e diáspora**

O crescimento e a transformação das diásporas no mundo contemporâneo têm sido provocados por uma gama variada de novas circunstâncias. Dentre os novos migrantes que surgiram no final do século vinte e início do século vinte e um, podem-se citar trabalhadores, especialistas altamente qualificados, empresários, estudantes, refugiados e pessoas à procura de asilo econômico ou político. O que impressiona a respeito disso é que o número de

migrantes tem aumentado a cada ano, assim como o número de migrantes em situação irregular. De acordo com a Organização Internacional de Migração, em 2008 existiam aproximadamente 200 milhões de migrantes internacionais espalhados pelo planeta, sendo que de 15 a 20 por cento desses estavam em situação irregular (IOM, online, 2009).

Brah (2002) aponta que a proliferação das diásporas no fim do século vinte é bastante diversa daquelas que ocorreram há dezenas de anos atrás. Ela aponta que a era das novas tecnologias e comunicações rápidas divergem muito da época em que se levavam meses para viajar ou manter contato através do oceano ou de grandes distâncias. Além disso, a crescente mídia eletrônica ligada às oportunidades de viagens rápidas bem como as transmissões via satélite de um país para outro criam a ideia de que um evento está acontecendo em um lugar particular, mas que pessoas em diferentes lugares do globo podem assisti-lo simultaneamente. Dessa forma, o migrante não mais sente tanto as dificuldades de se estar distante do país de origem e da família, porque tais dificuldades são, parcialmente, suplantadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte que o auxiliam nesses momentos.

Van Hear (1998) menciona que essas mudanças tecnológicas aliadas às mudanças na política econômica nos últimos anos são responsáveis por transformações nas migrações atuais. Acrescenta, ainda, que para muitos, essas mudanças são vistas como consequência da incorporação das sociedades periféricas no capitalismo global, na penetração do mercado econômico mundial, na estrutura das sociedades industriais e na globalização crescente. Além disso, o desenvolvimento tecnológico foi responsável pela difusão dos padrões consumistas no ocidente e em particular nos Estados Unidos. Transformações políticas e ideológicas também ocorreram acompanhando as mudanças econômicas e tecnológicas. Tudo isso viabilizou as viagens transnacionais e a criação de grupos diaspóricos espalhados pelo mundo. Kotkin (1992, apud VAN HEAR, 1998, p. 253) celebra a formação de vários grupos dispersos globalmente e acrescenta que:

Como as barreiras convencionais de estados-nações e regiões se tornam menos significativas sob o peso das forças econômicas globais, é provável que os povos dispersos – e seus negócios mundiais e cadeias culturais – irão gradualmente moldar o destino econômico da humanidade.

[As the conventional barriers of nation-states and regions become less meaningful under the weight of global economic forces, it is likely such dispersed peoples – and their worldwide business and cultural networks – will increasingly shape the economic destiny of mankind]

Van Hear concorda que o movimento de pessoas cresceu vertiginosamente em volume e extensão, mas argumenta que ele foi ultrapassado pela marcha furiosa da circulação de capital, produtos e serviços gerados pela globalização.

A globalização exerce um papel extremamente importante nas decisões que hoje são tomadas por indivíduos que resolvem mudar-se para outros países. O termo abarca a configuração das mudanças econômicas, tecnológicas, geopolíticas, culturais e ideológicas nos últimos anos. A integração acelerada e a interdependência da economia mundial vista mais precisamente na mobilidade do capital, mas também na liberação do comércio mundial em produtos e serviços, é central para a compreensão da noção de globalização.

Cohen (1998) aponta que a despeito das argumentações e tentativas de se elaborar um conceito fechado para a globalização, é importante pensar que o termo ainda está em desenvolvimento e ainda é demasiado prematuro pensar em um sentido exato. Segundo ele, existem cinco problemas relevantes na conceitualização do termo:

1) Alguns escritores deslizam entre a descrição e a previsão do termo, sendo que muitos dos trabalhos desenvolvidos são tendenciosos e pouco significativos;

2) Existem muitos desacordos entre os conceitos desenvolvidos pelos teóricos globais, como por exemplo, a divergência entre as versões culturais e pós-modernistas da globalização e a versão ‘rígida’ que enfatiza a dominância do capitalismo e de uma economia mundial;

3) Há duas teses bastantes divergentes sobre o futuro dos estados-nações. A mais radical afirma que os estados-nações estão em processo de dissolução, devido às pressões globais; a mais conservadora argumenta que ao mudar suas funções, eles estão se adaptando às novas pressões;

4) Muitos dos teóricos da globalização são notoriamente apolíticos ao descrever como a globalização ocorre e,

5) Existem várias contra tendências à globalização que podem ser claramente observadas. Um exemplo é o crescimento dos movimentos nacionalistas bem como os movimentos étnicos, religiosos, racistas, sexistas e outras formas de exclusão social.

Diante disso, Cohen (1998) afirma que há, no entanto, características visíveis e previsíveis que cernem as discussões sobre a globalização e que são vitais para os estudos das diásporas. Esses aspectos são responsáveis pelo aparecimento de novas diásporas, assim como sua sobrevivência e desenvolvimento.



A primeira característica é o surgimento de uma economia mundial, com transações mais densas entre seus sub-setores devido ao crescimento dos meios de comunicações, transportes mais acessíveis, novas divisões internacionais do trabalho e os efeitos das políticas de mercado e de capital liberais. Cohen acrescenta que “o conseqüente fluxo de matérias primas, componentes e produtos acabados, especialidades tecnológicas e organizacionais, assim como pessoal qualificado, constituem os alicerces da economia global”. [The resulting flows of raw materials, components and finished products, technological and organizational expertise, as well as skilled personnel, constitute the basic building blocks of the global economy] (COHEN, 1998, p. 158-159).

Outro fator importante é a migração internacional. Como já mencionado anteriormente, as mudanças na tecnologia, transporte e comunicações foram responsáveis pela descoberta de novos destinos migratórios. Atualmente, não só a Europa Ocidental, a América do Norte e a Austrália são os destinos dos imigrantes, mas sim, países que tiveram significativo crescimento econômico nas últimas duas décadas, como os países ricos do Oriente Médio com grande concentração de petróleo, e o leste asiático. Com a globalização e o conseqüente surgimento de novas áreas geográficas que atraem a migração, a evolução da diáspora adquiriu mais base. Cohen explica que, com as mudanças políticas ocorridas depois do ano de 1989, quando a bipolaridade entre EUA e URSS deixou de existir, o perfil das migrações internacionais foi alterado. A quebra da balança do poder internacional familiar foi instaurada, os regimes comunistas soviéticos foram implodidos e os investimentos e produtos ocidentais fluíram, o que conseqüentemente “tornou impossível manter as velhas restrições das viagens ou emigração por trabalho e povoamento” [it became impossible to maintain the old restrictions on travel or emigration for work and settlement] (COHEN, 1998, p. 162).

Após a era de 1989, conflitos regionais assumiram novas características também e os fluxos migratórios de refugiados estiveram no centro de muitas das manifestações desses conflitos. A crise do Golfo, por exemplo, foi responsável pela repatriação involuntária de dois milhões de trabalhadores e residentes árabes e asiáticos. A crise nos Bálcãs efetivou semelhante resultado. No Caribe ocorreu situação similar, pois após a queda da URSS a importação de açúcar vinda de Cuba entrou em colapso e subseqüentemente, a economia cubana também. A solução encontrada por muitos cubanos foi imigrar para os EUA.

Apesar do movimento livre de capital, na era da globalização, as migrações em massa não são tão bem-vindas pelos países (COHEN, 1998). Alguns países tentam oficialmente

prevenir a entrada de pessoas não qualificadas, idosos e migrantes dependentes em seu território. Devido às restrições de entrada e permanência nos países, ressurgiu uma prática muito antiga de migração, conhecida como *sojourning*, que consiste no processo cíclico de emigrar e retornar. Extraoficialmente, porém, pessoas com as características supracitadas e reunificações familiares são aceitas. Há um desenvolvimento substancial da ‘indústria migratória’, composta por advogados particulares, agentes de viagens, organizadores e intermediários que sustentam a ligação entre os países de origem e de destino entre outros, incentivando ainda mais as migrações (COHEN, 1998).

Atualmente, muitos dos migrantes são pessoas abastadas e qualificadas, diferentes, portanto, dos migrantes despreparados e desqualificados do século dezanove e dos refugiados das guerras mundiais e civis. As redes estabelecidas na era colonial foram suprimidas pela emergência de oportunidades seletivas de migração em países altamente desenvolvidos, como Austrália, Estados Unidos e Canadá. Viajantes temporários (*sojourners*) são auxiliados pela comunicação global e as revoluções nos transportes, devido ao fato de que muitos desses países necessitam atrair novos investidores para suprimir a, ainda existente, desqualificação profissional.

A terceira característica apontada por Cohen diz respeito às cidades globais. De acordo com ele, “cidades globais são centros do transporte global e [...] todas as cidades globais estão estritamente conectadas a outras cidades globais por via aérea”. [global cities are centres of global transport and [...] all global cities are closely connected by air to other global cities] (COHEN, 1998, p. 166). Além disso, as cidades globais também são centros de comunicações avançadas e, sendo elas eixos onde a comunicação flui, elas são centros de informações, notícias, produtos culturais e de entretenimento, assim como televisões, gravadoras e editoras culturais e jornalísticas. Nesse âmbito, a migração internacional se desenvolve de forma bastante particular. Quem vai em direção a essas cidades, não está exclusivamente interessado em fixar residência, pois geralmente são profissionais, gerentes e empresários de outros países, patrocinados por corporações transnacionais. Além disso, em um nível de qualificação inferior, garçons, empregadas domésticas, choferes e até mesmo prostitutas são requeridos para que o padrão de vida dessas pessoas seja mantido.

Cohen explica que as conexões entre as cidades globais e as novas noções de espaço beneficiam as diásporas. Segundo ele, os membros diaspóricos são mais móveis que as pessoas que estão enraizadas em espaços nacionais e, seguramente estão mais inclinados à

mobilidade internacional e às mudanças de residência e de trabalho mais frequentemente. “Na era da globalização, suas habilidades lingüísticas, familiaridade com outras culturas e contatos em outros países fazem com que os membros das diásporas sejam altamente competitivos no trabalho internacional, serviços e mercados de capital” [In the age of globalization, their language skills, familiarity with other cultures and contacts in other countries make many members of diasporas highly competitive in the international labour, service and capital markets] (COHEN, 1998, p. 169).

Outro dado de valor significativo sobre a globalização e que tem importância relevante nos estudos das diásporas contemporâneas é a existência de ‘localismos’ e ‘cosmopolitanismos’ nos dias atuais. A ideia de globalização associa-se logicamente com os ‘cosmopolitanismos’, porém os ‘localismos’ que perduram ainda hoje destoam completamente, configurando assim, uma contra tendência a globalização. Van Hear (1998, p. 253) aponta que alguns teóricos argumentam que os “migrantes e os transnacionais são cosmopolitanos enquanto que, aqueles que ficam para trás são provincianos” [migrants and transnational are cosmopolitans, while those who stay behind are parochials]. Ele explica que essa perspectiva é gerada porque muitos dos teóricos que afirmam tal verdade acreditam que “uma heterogeneidade estimulante é considerada ser produzida pela migração e pela mistura. Transnacionalismo é símbolo de multiplicidade, pluralismo e hibridismo fértil” [A stimulating heterogeneity is held to be produced by migration and mixing. Transnationalism is redolent of multiplicity, pluralism and fertile hybridity] (VAN HEAR, 1998, p. 253).

Cohen alega que uma característica um tanto quanto perversa da globalização no nível cultural é a fragmentação, a multiplicação das identidades e a volta às origens. Ele explica que isso se deve, de certa forma, à necessidade de confrontar, opor os elementos antônimos, racionais, progressistas e universais da globalização através do retorno àquilo que é local e familiar. Uma das funções da diáspora é manter uma ponte entre o particular e o universal; conseqüentemente, muitos dos membros diaspóricos falam várias línguas e estão “aptos a discernir o que o seu próprio grupo compartilha com outros grupos e quando suas regras culturais e práticas sociais ameaçam grupos majoritários” [able to discern what their own group shares with other groups and when its cultural norms and social practices threaten majority groups] (COHEN, 1998, p. 170).

Apesar dos sujeitos diaspóricos serem tratados como cosmopolitas por essa e outras características, é interessante ressaltar que é nas comunidades de imigrantes que os

particularismos mais emergem. A confluência de culturas, línguas, etnias e tradições fazem com que haja uma multiplicidade de novas perspectivas, que questiona e reformula a ideologia dominante. Cohen finaliza seu argumento observando que “as diásporas ganham ao serem capazes de interrogar o universal com o particular e ao usar seu cosmopolitanismo para pressionar os limites dos localismos” [Diasporas score by being able to interrogate the universal with the particular and by being able to use their cosmopolitanism to press the limits of the local] (COHEN, 1998, p. 173).

A última característica ressaltada por Cohen, que alimenta as discussões acerca da globalização e sua ligação com a diáspora, aborda a questão identitária alega que, da globalização decorre a desterritorialização das identidades sociais. De acordo com um estudo de Perlmutter (1991, apud COHEN, 1998) o mundo está organizado de forma vertical e horizontal. No bloco vertical estão os estados-nações e regiões, e no horizontal encontram-se as comunidades ligadas não por espaço, mas por interesses em comum. Diferentemente daqueles que acreditam que uma cultura global homogênea está sendo formada, Perlmutter sugere que as diferentes culturas estão sendo sincretizadas de forma bastante complexa. Os elementos de cada cultura podem ser retirados, de uma ordem global, mas eles irão se misturar e se ligar diferentemente em cada cenário, por isso, as diásporas são formas de organizações sociais horizontais muito importantes.

Como foi dito anteriormente, os movimentos migratórios podem ser ou não voluntários e quanto maior o grau de coação envolvido, menor será a chance de socialização e adaptação desses indivíduos no novo ambiente e, conseqüentemente, comunidades fechadas a outras culturas serão criadas. Cohen comenta que outro fator importante sobre isso diz respeito às culturas anfitriãs. Muitas delas podem estar mais, outras menos abertas à chegada de imigrantes e isso influi duramente em suas vidas.

Atualmente não mais existe uma estabilidade nos pontos de origem e finalidade nos pontos de destino dos emigrantes, também já não mais existem coincidências necessárias entre as identidades sociais e as nacionais:

O que os nacionalistas do século dezenove queriam era um “espaço” para cada “raça, um territorialização de cada identidade social. O que eles têm, em vez disso, é uma cadeia de cidades cosmopolitas e uma crescente proliferação de identidades subnacionais e transnacionais que não podem ser facilmente contidas pelo sistema dos estados-nações.

[What nineteenth-century nationalists wanted was a “space” for each “race”, a territorializing of each social identity. What they have got instead is a

chain of cosmopolitan cities and an increasing proliferation of subnational and transnational identities that cannot easily be contained in the nation-state system] (COHEN, 1998, p. 175.).

Concluimos que estabelecer uma ligação ‘exata’ entre a diáspora e a globalização não é tarefa fácil, mas os dois fenômenos têm grandes afinidades. As diásporas se beneficiam amplamente das mudanças na tecnologia, comunicação, meios de transportes, organizações econômicas, meios de produções, culturas e ideologias, explorando-as para sua própria vantagem. A globalização elevou os papéis práticos, econômicos e efetivos das diásporas, mostrando que eles são formas de organizações sociais particularmente adaptáveis. A contemporaneidade abriu espaço para a formação de novas diásporas, mas também a decomposição de outras, nesse processo a organização das sociedades foi alterada e novas configurações estabelecidas.

## **2.6 Diáspora e descolonização**

Descolonização é o processo de desmontagem e desconstrução do poder colonialista em todas as suas formas. Isso inclui o desmantelamento dos aspectos das instituições e forças culturais escondidas que têm mantido o poder colonialista e que permanece mesmo após a independência política (ASHCROFT et. al., 1998). A descolonização exerceu um papel fundamental no desagrupamento de algumas diásporas, mas principalmente, na formação de novas. Com o final da Segunda Guerra Mundial, muitas nações colonizadas conquistaram independência política. Índia e Paquistão garantem sua independência em 1947, vários países da África conquistam sua liberdade nos anos 1960 e 1970, enquanto que alguns países do Caribe só conseguem sua independência mais tarde, nos anos 1980.

Com a independência, muitos grupos nacionalistas tomaram o poder e lideraram movimentos contra a hegemonia cultural deixada pelos colonialistas. No entanto, em muitos casos, percebe-se que a cultura europeia havia se tornado uma espécie de herança e que a elite colonial era meramente um produto do sistema colonial. Ashcroft et al. (1998) afirmam que a independência política não significou que as nações colonizadas obtiveram uma liberdade total dos valores coloniais, na verdade, em termos políticos, econômicos e culturais, a ideologia colonialista ainda vigorou por muito tempo mesmo após a independência.

Os reagrupamentos pós-coloniais ocorreram logo após a independência de muitos países e, dentro desta categoria, podemos citar que colonialistas britânicos, franceses, holandeses e portugueses foram compelidos a deixar as terras onde habitavam. Van Hear (1998) argumenta que o grau de coação envolvido nesses reagrupamentos varia de nação para nação. Em muitos países, a população foi induzida a abandonar o país ou mesmo expulsa com o prosseguimento da descolonização. Os portugueses, por exemplo, foram obrigados a deixar os territórios na África, os franceses tiveram que sair da Algéria, Tunísia e da Indo-China e os holandeses do sudoeste da Ásia. A Europa recebeu aproximadamente de 5,7 a 8,5 milhões de repatriados associados à descolonização sendo que desses, até 6 milhões tinham origem europeia, dos quais 2 milhões seriam franceses e 1,2 milhões seriam portugueses. Cerca de 2,5 milhões de pessoas eram não-europeus, mas estavam ligadas às diásporas imperiais, como os chamados ‘auxiliares imperiais’, que representavam parte do corpo administrativo ou militar da colonização. Com um legado imperialista, também estavam os trabalhadores contratuais e outros tipos de trabalhadores importados pelo poder colonialista para desempenhar funções na construção das linhas férreas, plantações e minas, como os indianos e chineses. Van Hear (1998, p. 52) aponta que “ambas as populações – e seus descendentes com essas raízes coloniais – experimentaram a crise migratória” [both of these types of population – and their descendents with these colonial roots – have experienced migration crisis]. Também no Caribe, com o fim do trabalho contratual, cerca de um quarto de trabalhadores indo-caribenhos retornaram para a Índia.

Um grande problema ao se pensar nas diásporas pós-coloniais está associado à ideologia de que elas mantêm uma relação antagonista com a nação o que prejudica o entendimento das implicações políticas da emergência da teoria diaspórica em uma era global. Chariandy (2006) comenta que as diásporas coloniais deveriam ser entendidas como figuras que podem nos ajudar a compreender as culturas políticas de coletividades, que são, por vezes, racializadas no mundo ocidental ainda hoje. Também, não se podem conceituar as diásporas pós-coloniais em uma simples oposição à nação, porque a influência do eurocentrismo é difícil de ser suprimida. De acordo com Ashcroft et al. (1998), a influência contínua dos modelos culturais eurocentristas privilegiavam os estrangeirismos em detrimento aos valores nativos: a linguagem colonial ao invés da linguagem indígena, culturas escritas e não orais etc. Em algumas sociedades pós-coloniais, a alternativa encontrada para a libertação total do imperialismo e suas consequências foram os movimentos nacionalistas, com a

tentativa de restaurar a cultura pré-colonial, o que resultou em diversos problemas e a simples inversão de papéis, onde a nação recém independente se tornou o algoz de sua própria população, devido à má política desempenhada pelos novos líderes.

Atualmente, as discussões sobre a diáspora têm ocupado um lugar central entre os estudiosos e teóricos pós-coloniais. Os estudos diaspóricos abrem espaço para que certas hipóteses calcificadas sobre raça, etnia e pertencimento sejam desafiadas. As fronteiras entre os países de origem e de destino constituem um dos maiores problemas para os imigrantes e abrem espaço para discussões que abarcam as condições da chegada e aceitação do sujeito diaspórico até sua marginalização. A mulher, sendo considerada como um sujeito duplamente colonizado, padece da marginalização conferida pelas consequências das diásporas ao redor do mundo.

## **2.7 As mulheres e a diáspora**

Dentro do contexto colonial, a mulher talvez tenha sido o sujeito que mais sofreu com a discriminação, bem como a exclusão social. A sociedade europeia era regida por uma ideologia patriarcal, baseada na superioridade do sexo masculino e na submissão do feminino, além de focar os interesses nas mãos dos brancos e cristãos. Assim, bem como na Europa, os colonizadores empreendem o domínio patriarcal nas sociedades colonizadas, ignorando que tais sociedades já possuíam uma cultura complexa, além de religião, hierarquia social e legislação já definidas. De acordo com Bonnici (2007, p. 43),

O colonialismo europeu provocou profunda desestruturação na vida das mulheres, especialmente no regime de trabalho, na escravidão, na mancebia, na agressão sexual, no estereótipo de elas serem sexualmente obceadas e precoces, na pecha de serem passivas e acomodadas, na prostituição, no abuso sexual de crianças, no aumento do número de estupros e em outras doenças desconhecidas.

Em muitas sociedades pré-coloniais, o papel da mulher era tido como subalterno em relação ao homem, assim, a chegada dos primeiros colonizadores e a instauração forçada da cultura do europeu foram fundamentais para a dupla colonização da mulher. Bonnici (2007, p. 67) argumenta que a dupla colonização é a “subjugação da mulher nas colônias, objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica” Contudo, com o fim do colonialismo e a independência dos países colonizados, a condição da mulher não deixou de ser subalterna, tendo elas próprias de lutar por seus direitos e igualdade.

Assim como os homens, milhares de mulheres enfrentaram problemas relacionados à falta de emprego, educação e saúde em seus países de origem e, por isso, migraram para outros países, na tentativa de estabelecer uma nova vida. De acordo com o IOM (International Organization for Migration) atualmente as mulheres constituem 49.6% do número global de migrantes, o que representa quase metade de todos os migrantes do planeta. Entretanto, é imprescindível lembrar que sua situação, por vezes, ainda é inferior à posição do imigrante do sexo masculino nas sociedades que os recebe.

Spivak (1996) argumenta que ultimamente, as novas diásporas são determinadas pelo crescimento do insucesso das sociedades civis em nações em desenvolvimento, ou seja, o enfraquecimento das estruturas civis das sociedades é agora um fenômeno global. Podem-se contrastar duas situações: na região norte do globo, as estruturas de bem-estar estão sendo desmanteladas e as classes baixas diaspóricas são as maiores vítimas dessa situação; no sul do planeta, as estruturas de bem-estar não podem emergir como um resultado das prioridades das agências transnacionais, sendo os pobres da área rural e o subproletariado da área urbana as maiores vítimas. Todavia, Spivak (1996, p. 249) ressalta que “nesses dois setores, as mulheres são as superdominadas, as superexploradas”. [In both these sectors, women are the super-dominated, the super-exploited]

A questão de ser vista como um sujeito perante a sociedade é algo que não se aplica às mulheres, as quais, aos poucos, foram adentrando o mundo ocidental. No início das migrações pós Segunda Guerra Mundial, enquanto ao homem diaspórico cabia a posição de sujeito assalariado, que desempenhava os piores trabalhos possíveis na metrópole, a mulher ocupava o papel de dona de casa, sem direito a uma remuneração. Spivak (1996, p. 249) indica que “a mulher, juntamente com outros grupos destituídos de direitos, nunca foram sujeitos completos ou agentes na sociedade civil: em outras palavras, cidadãos de primeira classe de um estado”. [Women, with other disenfranchised groups, have never been full subjects of and agents in civil society: in other words, first-class citizens of a state].

Os maiores problemas enfrentados pelas mulheres diaspóricas estavam relacionados com questões raciais e de gênero. Igualmente aos homens, o fator dérmico foi referência para a exclusão da mulher negra na sociedade europeia. No entanto, o fator gênero também foi motivo para que a mulher negra fosse estereotipada como pessoa degenerada e sexualmente precoce. Portanto, além, de enfrentar o patriarcalismo imposto pelos membros masculinos de sua própria sociedade, a mulher foi sujeitada ao patriarcalismo europeu, tanto por parte dos



homens quanto das mulheres. Se pensarmos então em uma pirâmide social, o homem branco ocupará o topo dela, a mulher negra ocupará, portanto, o último degrau. Loomba acrescenta que as mulheres negras e colonizadas sofrem das formas de opressão racial e de gênero simultaneamente. [Black and colonized women suffer from both racial and gendered forms of oppression simultaneously] (LOOMBA, 2005, p. 138). A necessidade de mão-de-obra barata na Europa na década de 1970 foi responsável pela ‘aceitação’ da mulher negra no mercado de trabalho, porém, desempenhando as atividades mais ínfimas e menos remuneradas. Assim, surgem os movimentos feministas que rapidamente se espalham ao redor do planeta questionando a superioridade masculina e a ideologia patriarcal. Brah (2002, p. 13, grifos da autora) comenta que:

O Feminismo Negro na Grã-Bretanha surgiu em conversa com um número de tendências políticas. Foi parcialmente formado em torno da política do ‘negro’, parcialmente, dentro do nexa da classe política global, ao mesmo tempo em que articulava um momento constitutivo dentro das políticas feministas, dos gays e lésbicas britânicas. Interrogavam-se estas formações políticas, mesmo quando era um produto da relacionalidade entre eles.

[Black Feminism in Britain emerged in conversation with a number of political tendencies. It was partly formed around the politics of ‘black’, partly within the nexus of global class politics, while simultaneously articulating a constitutive moment within British feminism, and gay and lesbian politics. It interrogated these political formations even as it was a product of the relationality between them].

A luta iniciada pelos movimentos feministas aproximou-se, em certo ponto, com a luta dos movimentos anticolonialistas. Loomba (2005) afirma que ambos os movimentos lutaram para que a cultura fosse enfatizada como um ‘local’ de conflito entre os opressores e os oprimidos. Os discursos imperiais teorizados pelos europeus, onde o homem branco era centralizado, foram aos poucos sendo suprimidos pelas teorias anticoloniais e feministas. Porém, as conquistas alcançadas pelo movimento feminista ainda são insignificantes perante o modo como as mulheres (principalmente as mulheres negras colonizadas que moram nas metrópoles) são tratadas em meio à sociedade dominante. Os problemas gerados pela exclusão do sujeito colonizado são visíveis ainda hoje em todo o planeta. O binarismo imposto pelo branco denota que a formação desses indivíduos como sujeitos ativos ainda é uma batalha a ser vencida.

## **2.8 A ideologia de pertencimento: as identidades diaspóricas**

Além dos problemas econômicos, políticos e culturais, as diásporas são compostas por outro aspecto fundamental, que é a construção do conceito ‘nós’, em detrimento ao conceito ‘eles’. Brah (2002) argumenta que “geralmente presume-se que existe apenas um Outro dominante cuja onipresença astuciosa circunscreve construções do ‘nós’ [ it is generally assumed that there is a single dominant Other whose overarching onipresence circumscribes constructions of the ‘we’] (BRAH, 2002, p. 184).

Análogo a essa diferenciação entre o ‘nós’ e ‘eles’, há o conceito ‘Outro/outro’, que deriva da filosofia existencialista de Sartre da formação do sujeito desenvolvida por Freud e Lacan. Sartre define o ‘ser’ e o ‘outro’ como uma relação dialógica e não hierárquica. No entanto, ao aplicarmos a teoria de Lacan ao Pós-colonialismo compreendemos que o ‘Outro’ refere-se ao centro e representa o discurso imperial. Em oposição, o ‘outro’ diz respeito aos colonizados, que são marginalizados pelo discurso imperial, identificados pela sua diferença em relação ao centro. (ASHCROFT et al., 1998). Em relação aos sujeitos diaspóricos, essa situação se complica pelo fato de eles se encontrarem em uma terra que não lhes pertence por origem e sua aceitação se torna difícil na maioria das vezes. Por isso, conceitos como lar, pertencimento, fronteira, identidade diaspórica, minoria e cultura diaspórica devem ser desmistificados ou pelo menos, levados em conta quando se pensa na relação entre os países de origem e os de destino. Para isso é importante, primeiro termos em mente o que Said (2009) nos mostra a respeito da relação existente entre o Oriente e o Ocidente. Segundo ele esses dois conceitos foram articulados pelos europeus para estabelecer o imperialismo nas colônias:

Uma noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus contra todos ‘aqueles’ não-europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura europeia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não-europeus. Além disso, há a hegemonia das ideias europeias sobre o Oriente, elas próprias reiterando a superioridade europeia sobre o atraso oriental, anulando em geral a possibilidade de que um pensador mais independente, ou mais cético, pudesse ter visões sobre a questão (SAID, 2007, p. 34).

Dito isto, fica mais fácil observarmos os problemas decorrentes da inserção do imigrante nos países europeus. O primeiro deles surge da questão bipolar ‘nós/eles’ e que resulta na ideologia de minoria que Brah comenta existir no Reino Unido:

Na Grã-Bretanha tem havido uma tendência para discutir diáspora principalmente ao longo do eixo ‘maioria/minoria’. Esta dicotomia apareceu, no pós-guerra britânico, como um elemento subjacente aos processos de racialização. A expressão ‘minorias’ foi aplicada principalmente para os cidadãos britânicos, de descendência africana, caribenha e asiática - um código pós-colonial que funcionava como um substituto educado para ‘pessoas de cor’. A elaboração do discurso de ‘minorias’ marca as histórias tensas, hoje amplamente documentadas, de controle da imigração, policiamento, violência racial, discriminação e inferiorização que se tornaram a marca do cotidiano desses grupos.

[In Britain there has been a tendency to discuss diaspora primarily along a ‘majority/minority’ axis. This dichotomy surfaced in post-war Britain as an element underpinning the processes of racialization. The term ‘minority’ was applied primarily to Britain citizens of African, Caribbean and Asian descent – a postcolonial code that operated as a polite substitute for ‘coloured people’. The elaboration of the discourse of ‘minorities’ marks the fraught histories, now widely documented, of immigration control, policing, racial violence, inferiorization and discrimination that has become the hallmark of daily life of these groups] (BRAH, 2002, p. 186-187).

Torna-se bastante complicado rotular grupos diaspóricos como minorias, até porque em níveis numéricos, as classes dominantes são minoritárias e os grupos étnicos e diaspóricos são maioria. Portanto, onde há o encontro de várias diásporas, como por exemplo, no Reino Unido, é importante examinar de que forma esses grupos são construídos em comparação entre si. Essa relação pode mostrar de que forma eles estão estruturados com referência ao grupo dominante. De acordo com Van Hear (1998), o termo ‘comunidade anfitriã’ é bastante problemático, porque sugere um acolhimento que nem sempre está presente.

O encontro entre os ditos grupos minoritários com os grupos majoritários é analisado pelo psicólogo social John Berry (1992, apud VAN HEAR, 2002), que pontua quatro resultados advindos desse encontro:

- a) Aculturação: determinada, de um lado, pelas relações de uma minoria com outros grupos e a manutenção da identidade cultural, por outro;
- b) Assimilação: imersão na cultura da sociedade dominante;
- c) Separação ou segregação: quando há a manutenção da identidade, mas com mínimas relações com os outros grupos;
- d) Marginalização: quando um grupo perde sua identidade, mas não se torna parte de uma sociedade maior.

Berry, porém, argumenta que há um outro aspecto que diz respeito à integração, em outras palavras, quando o imigrante participa da sociedade maior ao mesmo tempo em que

mantém sua própria identidade. Ligada a essa questão está a posição das comunidades que recebem os imigrantes sem serem consultadas previamente. Van Hear (1998) explica que a aceitação do emigrante é complexa para a sociedade majoritária, porque muitas dessas comunidades que acomodam refugiados, pessoas desalojadas e outros tipos de migrantes têm pequenas escolhas em relação a acomodar ou não esses povos. Eles não são, por vezes, consultados na decisão de admitir os recém-chegados, mas de qualquer maneira, são obrigados a acomodar as consequências – os fardos ou os benefícios – que os imigrantes possam trazer. Por isso, não são apenas os imigrantes que são obrigados a se adaptar.

Analisa-se, pois, as consequências advindas das diásporas, seja para os imigrantes, seja para a sociedade que os recebem. O problema das fronteiras é de ordem fundamental nesse aspecto. Brah (2002) argumenta que a noção de fronteira está embutida no conceito de diáspora e é impossível falar de diáspora sem antes considerar sua relação com a ideia de fronteiras. Glosando a teoria de Anzaldúa (1987, apud BRAH, 2002), os significados do termo ‘fronteira’ podem ser bastante diversos: uma linha que é simultaneamente social, cultural ou psíquica, territórios que devem ser patrulhados contra aqueles que são vistos como invasores e outros, formas de demarcação onde cada ato de proibição inscreve transgressão; e zonas onde o medo do Outro é o medo de si mesmo. Com essas definições podemos inferir que as fronteiras são construções arbitrárias, metáforas aliadas ao poder político que estão sob o comando do discurso de poder. Juntos, os conceitos de diáspora e fronteira recorrem às políticas de demarcação e deslocamento. Cabe aqui perguntar o que ocorre quando essas fronteiras são cruzadas e o imigrante se encontra no país de destino, o que decorre do encontro entre duas culturas diferente num mesmo local, onde a cultura dominante é a cultura da sociedade anfitriã. Começamos então analisando a ideologia de lar para os povos diaspóricos.

“Quando um lugar de residência se torna ‘lar’?” [when does a place of residence become ‘home’?] (BRAH, 2002, p. 1). Essa questão colocada por Brah na introdução de seu livro *Cartographies of Diaspora*, desencadeia uma série de inquietações para qualquer pessoa que já imigrou alguma vez em sua vida, além de trazer à tona a questão identitária do imigrante. Afinal, qual é a identidade do imigrante? Para muitos, essa questão é impossível de ser respondida, para outros a resposta é muito simples: o imigrante possui várias identidades em uma só, ou seja, ele pode ter nascido na África, mas morou por anos no Brasil e depois se mudou para a Inglaterra, portanto ele possui uma identidade híbrida, que abrange a cultura de

vários países. Brah afirma que, por um lado, o termo ‘lar’ é um lugar mítico do desejo que está na imaginação diaspórica, ou seja, um lugar sem retorno, mesmo sendo isto possível; por outro lado, lar é também a experiência viva da localidade, onde as situações são mediadas pelas relações sociais historicamente especificadas no dia-a-dia. A questão do lar, do pertencimento, está ligada com a forma como os processos de inclusão e exclusão operam e são subjetivamente experimentados em dadas circunstâncias. O conceito de diáspora coloca o discurso de ‘lar’ e ‘dispersão’ em uma tensão criativa, inscrevendo um desejo de retorno ao mesmo tempo criticando discursos de origens fixas.

Identificar-se com um lugar e chamá-lo de lar, pode variar de pessoa para pessoa. Brah (2002) afirma que um jamaicano que mora no Reino Unido, por exemplo, pode se sentir mais à vontade chamando Londres de ‘lar’, mas ele pode insistir em se definir como um jamaicano como forma de afirmar uma identidade que ele percebe estar sendo degradada ou aniquilada quando o racismo representa os negros como pessoas não-britânicas. Ao contrário, outro jamaicano pode simplesmente repudiar o mesmo processo de exclusão declarando sua identidade negra britânica. Dessa forma, a identidade de cada um desses jamaicanos é construída de acordo com diferentes práticas políticas e elas ocupam posições subjetivas diferentes. Cada um desses jamaicanos articula posições políticas diferentes na questão do ‘lar’. O tema relacionado à identidade diaspórica e a questão do pertencimento é por vezes abordado e discutido em encontros sobre as diásporas e está longe de obter uma resposta adequada para tal dúvida. A discussão gira, por vezes, em torno da aparência. Brah (2002, p. 3) afirma que:

As aparências importavam muito no âmbito do regime colonial do poder. As aparências importavam devido à história da racialização das ‘aparências’; elas importavam porque os discursos sobre o corpo eram cruciais para a constituição dos racismos. E poder racializado configura em hierarquias, não apenas entre as categorias de dominantes e subordinados, mas também entre eles.

[Looks mattered a great deal within the colonial regimes of power. Looks mattered because of the history of the racialisation of ‘looks’; they mattered because discourses about the body were crucial to the constitutions of racisms. And racialised power configures into hierarchies, not simply between the dominant and subordinate categories of people, but also among them]

É imperativo lembrar que as relações tensas que hoje existem entre os imigrantes e as populações brancas, principalmente ocidentais, são provocadas pelo racismo empregado

durante muito tempo pelos povos colonizadores como um instrumento de dominação e marginalização do nativo. Através do racismo, o colonizador outremiza e inferioriza o sujeito colonizado por meio da objetificação decorrente de estereótipos de ‘raça’, fato que se estendeu à maioria dos imigrantes também. Racismo e outremização são duas palavras ligadas intrinsecamente, pois, podemos dizer que o racismo é uma estratégia de outremização utilizada frequentemente pelo colonizador para degradar o sujeito colonizado negro. Tal estratégia refere-se “às várias formas com que o discurso colonial produz seus sujeitos” (ASHCROFT et al., 1998, p. 171), formando a relação binária ‘Outro/outro’. Spivak (1987) nomeia três exemplos de como se realiza a outremização: 1) quando há a exploração física do território não europeu, onde o ‘Outro’ molda o ‘outro’, 2) a degradação do nativo, chamado de depravado, selvagem, mentiroso etc., 3) o hiato entre o europeu (Outro) e o não-europeu (outro). Uma das diferenças primárias observada entre o europeu e o colonizado e utilizada em favor dos colonizadores diz respeito à cor epidérmica, gerando o racismo.

### *Raça*

O termo ‘racismo’ originou-se do termo ‘raça’ que foi introduzido na língua portuguesa no século quinze, dando origem à ideologia de que existiam heranças físicas, biológicas e genéticas diferentes em meio aos grupos humanos. A partir daí, inicia-se o discurso racial onde as diferenças, principalmente no que dizia respeito à cor dérmica, mostravam que certos grupos humanos eram superiores a outros. “O termo ‘raça’ se desenvolveu num construto que distingue raças puras e híbridas, tipos humanos imutáveis, comportamentos, habilidades e hierarquias inatas e diferentes” (BONNICI, 2005, p. 47). No fim do século dezessete, os grupos humanos sofreram uma categorização, ou seja, uma hierarquização dos povos superiores, representados pelos brancos e, povos inferiores, representados pelos negros e aborígenes. Assim, em uma escala de classe, o africano e os indígenas ocupavam sempre o último lugar. Nessa mesma época, uma grande expansão colonial acontecia na Europa e, conseqüentemente, os colonizadores se apropriaram dessa teoria racial para subjugar as raças não europeias.

O surgimento da palavra ‘raça’ como um termo hierarquizante favoreceu a disseminação de ideias racistas entre a população em geral, que sentia a pressão política e social das classes dominantes, salientando ainda mais o desrespeito às diferenças. Ser negro é carregar o peso de todo um preconceito calcado na cor da pele, nas diferenças biológicas. “O

racismo tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza” (HALL, 2006, p. 66).

Bhabha (1991, p.184), comenta que o discurso colonial se “concentra em construir o colonizado como população do tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais”. Assim, quando o colonizador se recusa em reconhecer a alteridade do colonizado, ele o outremiza a fim de satisfazer seus intuitos. O teórico ainda reconhece que “a pele no discurso colonial é o significante-chave da diferença cultural e racial do estereótipo e é o fetiche mais visível [...] Este significante atua publicamente no drama racial cotidiano das sociedades coloniais”. Utilizando-se assim da diferença existente entre si próprio e o negro, o colonizador empregou em seu discurso dominante uma série de estratégias excludentes que levavam o negro a sentir-se “dilacerado e psicologicamente desestruturado” (FIGUEIREDO, 1998, p. 64), muitas vezes, sem condições de esboçar reações de resistência e conseqüentemente, sem subterfúgios para lutar contra a ação dominante e usurpadora do colonizador.

Gilroy, um dos teóricos mais proeminentes sobre a temática da diáspora pós-colonial, afirma em seu livro *O Atlântico Negro* (2001), que a questão racial ocupa grande espaço nas discussões sobre a relação intrincada entre o imigrante negro e o europeu ainda hoje. De acordo com ele, “esforçar-se para ser ao mesmo tempo europeu e negro requer algumas formas específicas de dupla consciência” (2001, p. 33). Isto porque, segundo Gilroy, as relações políticas ocidentais ainda são orquestradas por discursos racistas, nacionalista ou etnicamente absolutistas, ou seja, o maniqueísmo – branco e preto, que “sustenta uma retórica especial que passou a ser associada a um jargão de nacionalidade e filiação nacional, bem como os jargões de ‘raça’ e identidade étnica” (2001, p. 34,). Reafirmando essa polêmica em seu livro *Cartographies of Diaspora* (2002), Brah revela que atualmente, os discursos racializados sobre a ideologia de nação e nacionalidade são responsáveis por conceber os descendentes africanos e asiáticos, e outros grupos diaspóricos, como se eles estivessem fora da nação britânica. Segundo ela, o questionamento feito por diversos migrantes quando chegam ao Reino Unido é de que maneira eles devem se posicionar lá, mas na verdade, essa resposta já foi muito antes respondida pela maneira como a história imperial britânica os havia situado. A história pessoal de Brah revela como ela foi marginalizada por sua origem não-europeia:

[Eu fui constituída dentro do discurso do ‘Paki’ como um habitante/intruso racializado, um sujeito pós-colonial construído e marcado por práticas

cotidianas no coração da metrópole. O discurso da ‘Paki’<sup>1</sup> reflete encontros coloniais. [...] Mas eu tinha sido ultrajada, mortificada e, mais importante, temporariamente *silenciada* por este ataque racista] (2002, p. 9).

[I was now constituted within the discourse of ‘Paki’ as a racialised insider/outsider, a post-colonial subject constructed and marked by everyday practices at the heart of the metropolis. The discourse of ‘Paki’ echoed colonial encounters. [...] Yet I had been outraged, mortified and, most importantly, temporarily *silenced* by this racist onslaught] (2002, p. 9, grifos da autora).

A exclusão e o aviltamento dos imigrantes caribenhos foram expostos e analisados por Stuart Hall (2006), que vê o conceito de diáspora intrinsecamente apoiado sobre a concepção binária da diferença. Hall (2006, p. 33) alega que esse conceito “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma posição rígida entre o dentro e o fora [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura”.

Algo que nos chama a atenção a respeito dos binarismos criados pelo discurso dominante para marginalizar os sujeitos não-europeus diz respeito ao conceito de ‘nativo’. Durante as conquistas imperiais, o termo ‘nativo’ estava peremptoriamente associado a conotações negativas e pejorativas. A palavra ‘nativo’ se tornou uma espécie de código para subordinação. Nas colônias britânicas, por exemplo, a população era diferenciada por categorias de classe, gênero e etnicidade. O termo ‘britânico’ assumiu uma posição de superioridade em relação ao termo ‘nativo’, ou seja, o nativo se torna o ‘outro’, o qual era excluído da ‘britanicidade’, sendo objetificados. Sobre isso, Brah aponta que, atualmente, no Reino Unido, o termo ganhou uma nova conotação, aliás, conotação positiva, não para os povos colonizados, mas para os próprios britânicos:

Segundo a imaginação racializada, os outrora Nativos coloniais e seus descendentes fixados no Reino Unido não são precisamente britânicos porque não são vistos como sendo nativos do Reino Unido: eles podem estar ‘no’ Reino Unido, mas não são ‘do’ Reino Unido. O termo ‘nativo’ está agora invertido. Enquanto que, nas colônias o ‘Nativo colonial’ foi inferiorizado, no Reino Unido, o ‘Nativo metropolitano’ é construído como superior. Isto é, o discurso nativista é utilizado em ambos os casos, mas com construções opostas do grupo construído como o ‘nativo’.

[According to racialised imagination, the former colonial Natives and their descendents settled in Britain are not British precisely because they are not seen as being native to Britain: they can be ‘in’ Britain but not ‘of’ Britain.

---

<sup>1</sup> Palavra ofensiva criada pelos britânicos contra paquistaneses e indianos.



The term ‘native’ is now turned on its head. Whereas in the colonial the ‘colonial Native’ was inferiorised, in Britain the ‘metropolitan Native’ is constructed as superior. That is, nativist discourse is mobilized in both cases, but with the opposite evaluation of the group constructed as the ‘native’] (BRAH, 2002, p. 191).

Dessa forma, quando o europeu estabelece a distinção ‘nós/eles’, ele também institui o binarismo entre si próprio e o sujeito diaspórico. A preocupação com o termo ‘binarismo’ foi primeiramente estabelecida pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, que postulou que os signos têm um significado não pela simples referencia aos objetos reais, mas pela sua oposição a outros signos. De acordo com Saussure, cada signo é a função binária entre o significante e o significado, além disso, argumenta o linguista, “apesar de a conexão entre o significante e o significado ser arbitrária, uma vez que a ligação é estabelecida, ela se torna fixa para todos os falantes de uma determinada língua” (ASHCROFT et al., 1998, p.23). A partir da noção de Saussure de que o significado se constrói através da diferença, Lévi-Strauss desenvolveu, no conceito do estruturalismo antropológico, a operação mental básica de ‘oposições’ ou ‘binarismos’, a qual foi importante para o pós-estruturalismo dos anos 70. No que se refere à literatura, a desconstrução de Derrida traz à tona a tensão entre o termo privilegiado (o centro) e o termo não privilegiado (a periferia). Nessa hierarquia, os termos *bom, verdade, masculinidade, branco* formam o centro, enquanto *mau, falsidade, feminilidade, preto* constituem a periferia.

Ashcroft et al. (1998) afirmam que os signos adquirem significado pela diferença entre si e a oposição binária é a forma de diferenciação mais extrema possível. Tais oposições representam um sistema binário, as quais são muito comuns na construção cultural da realidade. O imperialismo europeu desenvolveu nas colônias e também nas metrópoles uma tendência ocidental que vê o mundo em termos de oposições binárias que estabelecem a relação de dominação. Distinções entre centro/margem, colonizador/colonizado, civilizado/primitivo, branco/negro representam de forma eficiente a violenta hierarquia na qual o imperialismo está baseado e se perpetua. Percebendo que através do binarismo é possível realizar a marginalização do ‘outro’, o colonizador emprega-o a fim de excluir o colonizado das esferas sociais e culturais, demarcando a maneira como o sujeito colonizado deveria se comportar em sua própria sociedade. Sobre isso, Brah aponta que, “a maneira como a ‘diferença’ é construída é central para os discursos de nacionalismo, racismo e etnicidade” (BRAH, 2002, p. 15). A teórica argumenta contra as posições que conceituam o racismo através de simples bipolaridades de negatividade e positividade, superioridade e inferioridade

ou inclusão e exclusão. Para ela, “o racismo habita simultaneamente espaços de profunda ambivalência, admiração, inveja e desejo” (BRAH, 2002, p. 15).

### *Culturas*

Um grande problema que hoje ainda domina as relações entre imigrantes e as nações colonizadoras reside na idéia trágica de que existem culturas íntegras e puras. Gilroy (2001) afirma que essa ideologia diz respeito à relação entre nacionalidade e etnia. O racismo britânico presente, por exemplo, ainda traz marcas do passado, pois “as noções redutoras da cultura que formam a substância da política racial hoje estão claramente associadas a um discurso antigo de diferença racial e étnica” (GILROY, 2001, p. 43). Assim, ao imigrante resta muito pouco, senão retirar-se às margens da sociedade. Atualmente, as diferenças entre imigrantes e britânicos no Reino Unido são visíveis, não apenas em termos dérmicos:

Os imigrantes e seus descendentes constituem 7% da população britânica. [...] eles passaram por todos os processos de exclusão social, sofreram a desvantagem que o racismo lhes impunha [*rationalized disadvantage*], o racismo informal e institucionalizado, tão comuns hoje na Europa Ocidental [...] Em termos gerais, a maioria se concentra na extremidade inferior do espectro social da privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional (HALL, 2006, p. 61-62).

A chegada dos imigrantes que procuram se estabelecer nas metrópoles abre espaço para discussões sobre as questões identitária, racial, étnica e também cultural. A mistura que se formou da aproximação de sujeitos diaspóricos e europeus, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, colocou em pauta a questão multicultural, que rejeita a noção de uma identidade pura britânica.

### **2.9 O multiculturalismo: o caso caribenho**

Falar sobre a diáspora caribenha é genuinamente difícil porque primeiramente, é preciso lembrar que as pessoas que habitam o Caribe não são nativas daquela região, ou seja, vieram de diferentes lugares, como da África (como escravos), da Europa (como colonizadores, agricultores, administradores) e das Índias (trabalhadores contratuais). Além disso, na verdade, a população do Caribe deve ser vista como membros de outras diásporas, como a diáspora advinda do tráfico de escravos, a diáspora de trabalho da Índia e as diásporas imperiais européias. Hall afirma que a identidade do povo caribenho,

É irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não só de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. [...] O que denominamos Caribe renasceu de dentro da violência e através dela. A via para nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial (HALL, 2006, p. 30).

A cultura caribenha é então o resultado do entrelaçamento de várias culturas advindas da sociedade colonial europeia, da África e dos asiáticos e das poucas tradições e costumes que sobraram dos nativos dizimados pela conquista. Há então um resultado híbrido de tudo isso, que faz emergir uma riqueza cultural muito grande. O conceito de ‘zona de contato’, criado por Pratt (1999) para estabelecer as relações contínuas associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada entre colonizadores e colonizados, ilustra com clareza a situação do Caribe colonial. O termo ‘contato’ sugere, no entanto, uma espécie de interação entre europeus e nativos, fugindo do aspecto de segregação e separação. Dessa mistura surge uma gama variada de novas manifestações culturais que se alargaram com o passar dos anos.

O ano de 1948 marca o início da migração caribenha para o Reino Unido, ou seja, essa migração “simboliza o nascimento da diáspora negra afro-caribenha no pós-guerra” (HALL, 2006, p. 26). No entanto, essa migração provocou uma série de problemas que afetaram drasticamente, tanto o europeu quanto o imigrante. Embora o Reino Unido seja formado por diversos povos, oriundos dos mais diversos lugares, não é isso o que consta em sua história oficial. A identidade britânica foi construída através de um mito de raça e cultura intrinsecamente homogêneas, que vieram a ser corrompidas por diversas migrações de outros povos. O que não se insere nessa história é o fato da formação identitária e cultural do Reino Unido ter sido constituída do resultado de invasões, conquistas e colonizações. Por ter regido uma grande variedade de culturas durante muito tempo, a identidade nacional britânica e seus ideais de grandeza foram moldados por essa perspectiva e, dessa forma, definiu seu lugar no mundo. “Essa relação mais ou menos contínua com a ‘diferença’, situada no âmago da colonização, projetou o ‘outro’ como elemento constitutivo da identidade britânica” (HALL, 2006, p. 63). Sabe-se que o negro está presente ali desde o século dezesseis e o asiático desde o século dezoito e que, portanto, ambos fazem parte da identidade nacional britânica (HALL, 2006). No entanto, o modo como esses indivíduos foram tratado nessa nação mostra como os britânicos têm grande dificuldade em entender a ‘diferença’ presente entre eles os não-britânicos. A maioria dos britânicos olhava para esses imigrantes se perguntando de onde eles

vinham e não podiam imaginar qual a relação deles com o Reino Unido. Por isso, a exclusão social marcou os primeiros anos, principalmente, da migração caribenha e asiática no país. Cohen (1998) comenta que vários acadêmicos ou mesmo imigrantes caribenhos insistem que os altos níveis de discriminação racial foram fundamentais para impedi-los de obter sucesso em sua vida na ‘pátria-mãe’. Além de encontrarem trabalhos com salários pífios, os caribenhos sentiram que sua lealdade para com o reino britânico na Segunda Guerra Mundial não foi recompensada porque ao invés de serem recebidos no país como valiosos cidadãos, eles foram tratados como um problema nada bem vindo. O choque psíquico da rejeição, desemprego, educação precária e altos níveis de criminalidade configuram entre os resultados da discriminação britânica em relação ao caribenho (COHEN, 1998).

De acordo com Brah (2002), o discurso britânico pós-guerra do multiculturalismo emergiu seguindo as migrações de trabalho que trouxeram trabalhadores das colônias para desempenhar trabalhos mal remunerados. Porém, foi com a presença das diásporas caribenhas e asiáticas que a ansiedade e preocupação tomaram conta dos britânicos. Sob os signos da cor e da cultura, essas comunidades se tornaram diferencialmente racializadas. Essa ideologia tomou corpo no contexto de ascendência das perspectivas assimilacionistas, as quais esperavam que os imigrantes submergissem na cultura nacional britânica. Fundos especiais foram criados para auxiliar aqueles cujas línguas e costumes se diferenciavam dos britânicos, na esperança de que, dessa forma, esses indivíduos seriam absorvidos na sociedade britânica. “A ‘sociedade’ britânica era geralmente concebida como um todo homogêneo hermeticamente fechada na qual o ‘imigrante’ deveria integrar, deixando para trás a bagagem de culturas ‘inferiores e arcaicas’ incomensuráveis com o ‘modo de vida britânico’”. [British ‘society’ was generally conceived as a hermetically sealed homogeneous whole into which the ‘immigrant’ was expected to integrate, leaving behind the baggage of ‘inferior and archaic’ cultures incommensurate with the ‘British way of life’] (BRAH, 2002, p. 229).

Porém, aos poucos as comunidades dos imigrantes foram se estabelecendo e interagindo com a sociedade dominante, ao invés de ser assimilada por ela, hibridizando a cultura já existente, “causando um impacto na vida social pública e privada na Grã- Bretanha, transformando literalmente muitas das cidades britânicas em metrópoles multiculturais” (HALL, 2006, p. 67). Em 1966, Roy Jenkins, o secretário da habitação naquele ano, faz uma palestra que é sempre citada como aquela que inaugurou uma nova e oficialmente sancionada política de multiculturalismo, porém foi só nos anos 1970 que tal discurso recebeu

credibilidade. Argumentando contra a assimilação, Jenkins defendeu a política da integração, definida por ele não como um processo esmagador de assimilação, mas sim como uma oportunidade de igualdade, acompanhada por uma diversidade cultural, em uma atmosfera de tolerância múltipla. No entanto, o que esse discurso manifestamente ocultou foi o fato de que os trabalhadores imigrantes já haviam sido integrados à sociedade, porém, como meros trabalhadores que substituíam os britânicos nas raias mais baixas da economia (BRAH, 2002). As culturas dos imigrantes continuaram a ser vistas como obstáculos para a integração, na verdade.

Brah (2002) argumenta que o multiculturalismo britânico carrega a bagagem distintivamente problemática de ser parte de um impulso minoritário e, por isso, o termo é comumente usado como símbolo das culturas minoritárias. O multiculturalismo representa essencialmente o discurso do ‘outro’ e dissimula o processo de outremização ao redor de termos ‘classe’, ‘gênero’, ‘raça’ etc. Porém, Hall (2006) aponta que a questão multicultural abriu espaço para a discussão e desmistificação de várias ideologias imbricadas no seio da sociedade britânica. A abordagem política à questão multicultural trouxe consequências transruptivas que merecem atenção, porque veiculam novas perspectivas para o que já estava antes sedimentado. Segundo ele, existem três efeitos transruptivos advindos das políticas multiculturais:

1) O primeiro deles trata da desconstrução dos termos ‘raça’ e ‘etnia’. A questão multicultural propiciou uma racialização distinguida de alguns aspectos centrais da vida e da cultura britânica. Os britânicos são forçados a pensar, cada vez mais, sobre a sua relação com os outros no Reino Unido em termos raciais. O termo ‘raça’ é aplicado geralmente ao afro-caribenhos pela importância da cor da pele, uma ideologia provinda da biologia, enquanto que, o termo ‘etnicidade’ é destinado aos asiáticos, por invocar um discurso calcado na religião e na cultura. Porém, o agente biológico é aplicado a ambos porque o asiático é estigmatizado através de termos físicos também. Dessa forma, esses termos operam estabelecendo uma articulação discursiva entre o registro cultural e o biológico. Conseqüentemente, “o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo” (HALL, 2006, p. 71). A junção dos discursos de inferiorização biológica e cultural parece ser uma característica que define o momento multicultural. O multiculturalismo britânico coloca em pauta duas demandas políticas relacionadas, mas distintas, que antes eram consideradas incompatíveis e

excludentes, mas que parecem estar ligadas por um elo muito forte: o racismo.

2) Hall aponta que outra ideologia discutida pela questão multicultural diz respeito à compreensão da cultura. Segundo ele, a oposição binária que deriva do Iluminismo no que se refere às tradições e ao universalismo produz uma visão específica da cultura. A cultura tradicional e universal acaba sendo privilegiada em detrimento às outras nesse sistema. Com o surgimento do multiculturalismo, essa ideologia vai cedendo espaço para outras culturas que se ligam à cultura tradicional e ambas são transformadas. Esse processo é conhecido como hibridismo, “termo utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diaspóricas” (HALL, 2006, p. 74). Entretanto, o hibridismo não se refere à mistura racial dos indivíduos, mas sim aos resultados produzidos pelo encontro de várias culturas em uma mesma sociedade. Bhabha (1997, apud HALL, 2006, p. 74-75) afirma que tal processo:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a ‘diferença do outro’ revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.

O que acontece em sociedades onde a cultura diaspórica existe em concomitância com a cultura tradicional dominante é o fato de alguns indivíduos diaspóricos permanecerem profundamente comprometidos com as práticas e valores tradicionais porque, muitas vezes, o próprio imigrante não quer aceitar a cultura dominante ou porque, também, a comunidade hospedeira não os aceita e os discrimina através de práticas de racismo e exclusão. Em outros casos, o hibridismo parece estar muito avançado, mas não no sentido assimilacionista e sim interacionista. Hall (2006, p. 76) argumenta que em situações diaspóricas, “as pessoas são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”, assim, há uma espécie de negociação entre os sujeitos, “onde as ligações de tempo, geração e espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas”.

3) O terceiro efeito transruptivo que Hall aponta, diz respeito ao questionamento que o multiculturalismo faz sobre os discursos dominantes da teoria política ocidental e as fundações do Estado liberal. Segundo ele, o liberalismo hoje seria uma cultura que prevaleceu, ou seja, o particularismo que se tornou universal e homogêneo em todo o mundo. As bases do universalismo liberal ocidental atualmente são a cidadania universal e a neutralidade. Porém, a cidadania universal não é respeitada quando se fala em afro-

descendentes, asiáticos e povos provenientes das ditas sociedades minoritárias, também, a neutralidade do Estado funciona apenas quando se pressupõe que haja uma cultura homogênea entre os sujeitos governados, fato que sabemos não existir. Hall comenta que o Reino Unido é tido como uma ‘sociedade imaginada’, a qual constitui o foco de identificação e pertencimento. Dessa maneira, “é somente *dentro* da cultura e da representação que a identificação com esta ‘comunidade imaginada’ pode ser construída” (HALL, 2006, p. 78, grifos do autor).

As convenções sociais, hábitos, cultura, rituais do dia-a-dia, costumes etc., são os pilares que sustentam as fundações racionais e constitucionais do Reino Unido, assim, por mais que a nação seja reinventada e rearticulada, ela é representada sob a forma de um invólucro fechado desde as origens do tempo. Hall critica o fato de haver ainda hoje no Reino Unido o “contraste binário entre particularismo da demanda ‘deles’ por reconhecimento da diferença versus o universalismo da ‘nossa’ racionalidade cívica” (2006, p. 79,), porque, na verdade, essa sociedade é multiculturalmente diversa, antes ainda da chegada dos imigrantes caribenhos e asiáticos no meio do século vinte. A contribuição da questão multicultural é bem clara nesse sentido, pois ajuda a desconstruir as incoerências promulgadas pelo Estado constitucional liberal. Recentemente, o Estado tem reconhecido publicamente as diferentes necessidades sociais, assim como a diversidade cultural pululante de seus cidadãos, criando novas práticas governamentais e novas estratégias de redistribuição que garantam o bem estar social das minorias étnicas e imigrantes. Ao desenvolver tal papel, “a lei britânica avançou rumo ao equilíbrio entre o *pluralismo cultural* definido em relação às comunidades e as *concepções liberais* de liberdade do sujeito individual” (HALL, 2006, p. 81, grifos do autor). Porém, tal ação ainda não está sedimentada desde o resgate do compromisso com o Novo Trabalhismo com a providencial social.

Ao se essencializar uma comunidade, como é o caso da nação britânica, deixam-se de fora aspectos especialmente relevantes das outras comunidades. Hall afirma que essa prática deve ser resistida, porque as comunidades dos imigrantes trazem os traços da diáspora, da hibridização e da *differance* em sua própria constituição e sua integração com as outras comunidades só pode beneficiar a ambas. Toda essa questão multicultural trás à tona os conceitos de diferença cultural e identidade cultural.

### *Identidade cultural*

Com o advento do multiculturalismo questões relacionadas a diferença, binarismo e identidade têm sido alvo de infinitos debates ao redor do mundo. Todos esses conceitos são indissolúveis da questão diaspórica. Considerando o Reino Unido, por exemplo, sabe-se que sua pretensa hegemonia cultural tem excluído abertamente os imigrantes devido à diferença de cultura, etnia e cor dérmica. O encontro de culturas provenientes de diversas regiões do globo propiciou a interação de elementos diferentes que foram enriquecedores para ambas, porém, isso não é visto de forma tão positiva por todos que compõem essas sociedades. Para discutir as relações advindas do encontro de culturas é primeiro necessário estabelecer um parâmetro para aquilo que é considerado realmente cultura. Concordamos com Brah (2002 p. 234) quando ela afirma que:

Cultura é o jogo das práticas de significações; o idioma no qual o significado social é construído, apropriado, contestado e transformado; o espaço onde o emaranhado de subjetividade, identidade e política é executado. Cultura é essencialmente processo, mas isto não significa que não podemos falar de artefatos da cultura, tais como aqueles entendidos em termos de costumes, tradições e valores.

[Culture is the play of signifying practices; the idiom in which social meaning is constructed, appropriated, contested and transformed; the space where the entanglement of subjectivity, identity and politics is performed. Culture is essentially process, but this does not mean that we cannot talk about culture artifacts, such as those understood in terms of customs, traditions and values]

Sendo a cultura esse emaranhado de significações, perguntamos, o que vem então a ser a identidade cultural de um indivíduo e qual a sua importância para o entrelaçamento desse indivíduo com a sociedade em que vive? Hall (2003) afirma que a identidade cultural pode ser entendida de duas formas. A primeira delas mostra que a identidade cultural é vista em termos de uma cultura compartilhada, a qual pessoas com um mesmo passado histórico e ancestral possuem. Nesse caso, a identidade cultural de um povo reflete as experiências históricas e códigos culturais em comum que os tornam uma nação. Já a segunda visão de identidade cultural reconhece que assim como existem muitos pontos similares entre os indivíduos que constituem uma sociedade, existem também pontos críticos de profunda e significativa diferença que constituem o que os povos realmente são. Hall comenta que, nesse caso, a “identidade cultural é uma questão de se ‘tornar’, assim como ‘ser’” (HALL, 2003, p. 236.). Dessa forma ela pertence ao futuro tanto quanto ao passado. A identidade cultural não é algo



fixo, que já existe, transcendendo espaço, local, tempo, história e cultura. Na verdade, ela vem de algum lugar, mas, como qualquer coisa que é histórica, ela está em constante transformação, ou seja, ela está sujeita à contínua ação da história, cultura e do poder.

Considerando os sujeitos diaspóricos dentro de uma sociedade que não é a de origem, uma sociedade que os vê como intrusos, que estão lá, mas não pertencem àquele local, a identidade cultural por vezes se choca com os valores impostos pelo discurso dominante e acaba se diluindo dentro de um regime de marginalização e exclusão. Por isso, o multiculturalismo sugere que as diferenças culturais devem ser vistas como importantes pilares para que as sociedades envolvidas nos processos diaspóricos cresçam, através do pluralismo cultural que as diásporas oferecem. Hall argumenta que a questão multicultural tem como desafio maior concentrar nosso pensamento em algo novo, “em formas novas de *combinar* a diferença e a identidade, trazendo para o mesmo terreno aquelas incomensurabilidades formais dos vocábulos políticos – a liberdade e a igualdade *junto* com a diferença, ‘o bem’ e ‘o correto’” (HALL, 2006, p. 86, grifos do autor). Sendo assim, a compreensão da diferença e a sua aceitação são essenciais para a formação de uma sociedade democrática dentro de um espaço heterogêneo.

No final do século vinte, as diásporas marcam uma tensão entre a legitimação e a interrogação das fronteiras dos estados-nações. As coletividades diaspóricas figuram no coração dos debates sobre identidade nacional, as quais podem ser consideradas por muitos como uma ameaça à integridade da ‘nação’, porém, de forma alternativa, as diásporas também são percebidas tanto como a base da identidade das sociedades pluralistas, como um símbolo da interdependência da aldeia global (BRAH, 2002). A interação deve existir para que a pluralidade seja enriquecida e alimentada, produzindo novas relações entre as diferenças.

## **2.10 A resistência no contexto diaspórico**

Embora a situação dos imigrantes nas sociedades que os recebem se trate, quase sempre, de uma situação de opressão e marginalização, eles encontram maneiras de resistir e se integrar ao meio social mantendo sua identidade cultural. A resistência ou o revide é uma maneira de reverter o binarismo e solapar a hegemonia da sociedade majoritária onde se encontra o imigrante. A resistência pode ocorrer de várias maneiras, seja através da luta, ou do discurso, o qual já provou ter mais resultados promissores.

A questão da resistência no contexto diaspórico é mais complicada do que aparenta.

Vários fatores devem ser levados em consideração ao se analisar a maneira como a resistência é exprimida pelos sujeitos diaspóricos: primeiramente, os imigrantes já estão em uma situação singular, ao se encontrarem em outro país, com cultura e costumes diferentes; em segundo lugar, os imigrantes não são, na maioria das vezes, bem vistos pela população que os recebe, por motivos que podem variar desde a cultura diferente, até a cor da pele e ideologia diferente, entre outros; outro fator, diz respeito ao fato de os imigrantes serem provenientes de ex-colônias da sociedade ‘hospedeira’, como no caso dos primeiros caribenhos que se mudaram para o Reino Unido; o último fator, que se liga ao anterior, refere-se ao fato de que as sociedades colonizadoras sempre mantiveram uma ideologia binária, separando-os dos sujeitos colonizados, conferindo a eles o *status* de povo superior e homogêneo. Assim, a presença do colonizado na sociedade colonizadora provoca uma desestabilização na hegemonia presente, fato que faz com que os membros dessa sociedade insistam ainda mais em rechaçar o imigrante. Van Hear (1998, p. 261) argumenta que:

Populações anfitriãs ou estabelecidas tendem também a ser negligenciadas em considerações de migração. Esquece-se, por vezes, que não só os recém-chegados ou a população de entrada têm que se adaptar às novas circunstâncias, mas também a população estabelecida na sociedade que os recebe.

[Host or established populations also tend to be neglected in considerations of migration. It is often forgotten that not only the newcomers or incoming population have to adapt to new circumstances, but so too does the host or established population in the society receiving them.]

Em países onde a hegemonia branca prevalece, a presença do imigrante negro é motivo para o alargamento do racismo. O racismo gera o rechaçamento de tudo o que provém do negro, tais como, cultura, costumes, a própria aparência do negro, entre outros. Nessa condição de inferior, o imigrante negro sabe que precisa encontrar uma maneira para escapar dessa opressão, mas como?

A resistência parece ser uma forma de vencer as barreiras do racismo, porém, essa resistência nem sempre ocorre. Muitos imigrantes são assimilados pela cultura majoritária e abandonam sua cultura nativa. Essa assimilação é bastante prejudicial do ponto de vista dos Estudos Culturais, pois abafa qualquer possibilidade da cultura do imigrante enriquecer-se, ou mesmo, enriquecer a cultura da sociedade majoritária. Ambos os indivíduos envolvidos perdem com essa passividade do imigrante.

Por outro lado, existem os imigrantes que mantêm um senso de identidade muito forte

e não se deixam assimilar de forma alguma. Esses grupos, em geral, mantêm-se separados da sociedade majoritária e não se submetem aos seus desmandos. Essa maneira de resistir a tirania do sistema binário imposto pelo homem branco é bastante extremista, pois nega a chance das cultura se mesclarem e gerar novos frutos.

A resistência pode surgir como uma forma de não aceitar a imposição da cultura majoritária, quando o imigrante se nega a ser assimilado ou se manter segregado. Quando o imigrante se propõe a se integrar a sociedade majoritária, mantendo sua identidade cultural, ele está resistindo ao jugo que o exime de sua condição de cidadão na sociedade em que está inserido. Esse posicionamento do imigrante faz com que não só sua cultura se enriqueça, mas também com que a cultura majoritária se beneficie. Para que tal evento ocorra, é necessário que o imigrante esteja pronto a negociar as relações de convivência com a sociedade que o recebe. Cohen afirma que:

Agora, não se pode negar, muitas diásporas querem ter seu bolo e comê-lo. Elas querem não só a segurança e as oportunidades disponíveis em seus países de instalação, mas também uma relação permanente com seu país de origem e de membros co-étnicos em outros países.

[Now, it cannot be denied, many diasporas want to have their cake and eat it. They want not only the security and opportunities available in their countries of settlement, but also a continuing relationship with their country of origin and co-ethnic members in other countries] (COHEN, 1998, p. 195).

A maioria dos imigrantes deseja participar da sociedade que os recebem, como cidadãos que possuem os mesmo direitos que os nativos. Entretanto, desejam também manter sua identidade cultural preservada, além de manter contato com outros membros diaspóricos que também dividem as mesmas perspectivas que eles. Brah argumenta que “é necessário para se tornar evidente que aquilo que é *representado como* a ‘margem’ não é marginal, mas é um *efeito constitutivo da própria representação*. O ‘centro’ não é mais um centro assim com a ‘margem’. [It is necessary for it to become axiomatic that what is *represented as* the ‘margin’ is not marginal but is a *constitutive effect of the representation itself*. The ‘centre’ is no more a centre than is the ‘margin’] (BRAH, 2002, p. 226, grifos da autora).

Diante do exposto, questiona-se de que forma a literatura tem se preocupado em mostrar as situações resultantes do encontro das diferentes comunidades espalhadas pelo mundo, inscritas no processo pós-colonial. Passemos agora à análise da obra *Small Island*, de Andrea Levy, para melhor ilustrarmos as questões advindas do processo diaspórico e sua

fundamental contribuição para o esclarecimento das consequências atuais do encontro entre imigrantes e os povos que os colonizaram.

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DE *SMALL ISLAND* (2004), DE ANDREA LEVY

#### 3.1 – Introdução

Após a exposição dos dados teóricos sobre a questão da diáspora e o impacto de suas consequências na vida dos indivíduos diaspóricos e as sociedades que os recebem, passemos para a análise do romance *Small Island* (2004), de Andrea Levy, que enfoca justamente os dois pólos gerados pela diáspora: o choque do imigrante ao adentrar em um outro país, cuja cultura é sensivelmente diferente daquela que ele já está habituado, representado pelas personagens jamaicanas Hortense Joseph e Gilbert Joseph, e também, o modo como os nativos dos países anfitriões recebem e percebem a presença do sujeito diaspórico no seio de sua sociedade, representado por Queenie Bligh e Bernard Bligh.

*Small Island* está inserido no contexto pós-Segunda Guerra Mundial e os acontecimentos se passam em parte na Jamaica, onde a vida das personagens jamaicanas é retratada, mostrando o desejo que muitos nativos daquele país têm em morar na ‘pátria-mãe’, o Reino Unido. A outra parte da história se passa em Londres, quando as personagens jamaicanas se deparam com os valores britânicos. O romance propicia um diálogo entre as duas culturas e seus valores e mostra que o Reino Unido, apesar de ter lutado na Segunda Guerra Mundial contra a intolerância, o estereótipo e o preconceito, sofre dos mesmos problemas quando o assunto se trata de imigrantes negros.

A obra está dividida em cinquenta e nove capítulos, além do prólogo, e cada capítulo tem como subtítulo o nome da personagem que o narra. Cada uma das personagens narra parte da obra em primeira pessoa. A fábula do romance pode ser dividida em duas partes: a primeira ocorre no período anterior a 1948 e a segunda ocorre no ano referido. A autora dá voz a todas as personagens. Apesar de se tratar de um romance pós-colonial onde a voz do sujeito colonizado geralmente é veiculada com mais simpatia pelo autor, ou mesmo, dando-lhe mais espaço que as personagens não-colonizadas, em *Small Island* todas as personagens possuem um ponto de vista próprio em relação à situação que os rodeia. De certa forma,

podemos associar a iniciativa da autora em propagar igualmente a voz do colonizado e a do colonizador como uma forma de demonstrar o diálogo necessário entre as duas partes para que se construa uma ponte através da qual ambos se compreendam.

Outro aspecto relevante sobre os traços estruturais da obra diz respeito ao modo como os capítulos estão dispostos. Há uma alternância regular no desencadeamento da narração. Primeiramente, cada personagem narra sua história ininterruptamente, utilizando sequências longas de capítulos para isso. Após o encontro das quatro personagens, a alternância das vozes se torna mais rápida e a cada capítulo há uma voz diferenciada, como uma espécie de diálogo entre eles, devido à zona de contato gerada pela diáspora.

A linguagem é outro aspecto que chama a atenção do leitor no romance. As formas como as personagens se expressam demonstram, de certa forma, a maneira como cada um quer ser visto pelos outros. Os capítulos narrados por Gilbert demonstram a pronúncia jamaicana da língua inglesa. Gilbert não esconde o seu sotaque diferente e não faz questão nenhuma em ser compreendido pelos britânicos que, muitas vezes, fingem não compreender o que os imigrantes estão dizendo. Hortense esforça-se para falar o mais perfeito inglês, sem sotaque jamaicano ou vícios de linguagem aprendidos em seu país. Embora ela tente se igualar aos britânicos quando fala com eles, sua polidez, formalidade e estilo, adquiridos durante os anos que estudou em uma escola dirigida por britânicos em seu país, confundem os britânicos da ‘pátria mãe’. Queenie é a típica representante da classe trabalhadora do Reino Unido. Apesar de viver em uma mansão, ela sempre teve que trabalhar durante a sua vida para conseguir viver bem. Sua linguagem é simples e despojada, sem a inferência de vocábulos complicados e pomposos (como os que a personagem Hortense usa).

Percebe-se que além dos problemas raciais existentes entre jamaicanos e britânicos, a linguagem se constitui como outro problema. Por vezes, o diálogo entre ambos se mostra difícil porque nenhum deles consegue identificar com clareza o que o outro está dizendo. De fato, os jamaicanos se esforçam ao máximo para serem compreendidos, mas o mesmo não ocorre com os britânicos. Isso vem reforçar o tema da exclusão e negação da cultura do imigrante pelo britânico, quase um *leitmotiv* no romance.

Vejamos como a construção da identidade de cada uma dessas personagens se configura e também influi no desenvolvimento da relação que se estabelece entre jamaicanos e britânicos.

### 3.2 – Identidade e resistência de Hortense

A personagem jamaicana Hortense Joseph narra quinze capítulos do romance. Desses capítulos, seis retratam sua vida antes do ano de 1948 desde seu nascimento até o casamento com Gilbert na Jamaica. Os outros nove capítulos correspondem ao ano referido, quando a personagem embarca para a ‘pátria mãe’ para viver com seu marido. Portanto, podemos dividir sua trajetória em duas fases: a) quando morava na Jamaica e, b) quando se muda para o Reino Unido.

A formação de seu caráter e identidade se deve muito à forma como foi educada pela família de seu pai e também pelas escolas dirigidas por britânicos, onde ela estudou até se formar professora. A primeira característica que é peculiar à jamaicana é sua determinação em se parecer com os britânicos. Há, nitidamente, um profundo desejo da personagem em ser assimilada pela cultura e costumes dos colonizadores, fato que a torna cega à maioria das falhas cometidas por eles. A partir da imitação dos atos dos britânicos, Hortense constrói sua personalidade, procurando se afirmar como branca, como europeia. A presença dos britânicos na colônia jamaicana foi fundamental para que parte dos sujeitos colonizados passasse por um processo de construção identitária, que serviria aos propósitos do Império, validando o poder do discurso colonial.

Fanon (2005) argumenta que essa construção ocorreu devido à necessidade que o colonizador tinha de dominar o colonizado para conseguir seus intentos. A alteração comportamental, cultural, social e política ocorrida nas sociedades colonizadas são reflexos da presença do colonizador. “O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, na verdade, foi o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado” (FANON, 2005, p. 52, grifos do autor). Abstrai-se que o colonizador precisava configurar a sua força e seu domínio nas colônias através da inserção de ideais na psique do colonizado, para que sua dominação fosse completa e sem falhas. Sobre essa questão, Bhabha (1991, p. 186), ressalta que, “o poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em ‘outro’ e ainda inteiramente reconhecível e visível [...] Emprega-se um sistema de representação, um regime de verdade, que estruturalmente se parece ao realismo”. Portanto, a forma com que o colonizador infere sua ideologia na vida dos nativos, parece ser algo natural, tendo em vista que o colonizador preconiza sua cultura e valores em detrimento daquelas do colonizado.

Consequentemente, quando o colonizador incute na mente do colonizado que este deve seguir seus padrões de comportamento e postura, ele instaura o desejo, no sujeito colonizado, de ser igual ao colonizador. Um desejo de ser absorvido e visto como ser igual ao colonizador. Nesse processo de emulação, o sujeito colonial se encanta com as atitudes do colonizador e passa a almejar uma posição de poder dentro da sociedade do colonizador. Bhabha (1991) afirma que o sujeito colonial deseja ocupar o lugar do ‘Outro’ na dialética da construção da identidade, ele sustém um sonho de inversão.

### *Jamaica*

A mãe de Hortense é uma mulher solteira e analfabeta, chamada Alberta, e seu pai era um sujeito híbrido chamado Lovell Roberts, o qual era relativamente conhecido na cidade por ter um cargo importante no governo e, também, por sua cor dérmica parecida com a cor do mel. Ainda muito jovem, Hortense vai morar com a família do pai, a qual recebe recursos para criar a menina. Hortense nunca mais vê sua mãe e não se importa com isso já que se tratava de uma mulher ignorante e muito pobre. Percebe-se logo que Hortense valoriza muito a hierarquia social e, mesmo não conhecendo o pai pessoalmente, ela se orgulha dele por ele ser um homem distinto em toda a região:

O som do nome do meu pai ainda era capaz de silenciar um aposento muito tempo depois de ele ter deixado Savannah-La-Mer. Todas as gerações no nosso distrito sabiam quem era o meu pai, e conheciam seu trabalho fora do país como homem do governo. Seu retrato estava pregado nas paredes das paróquias – recortado de jornais dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. O meu pai era um homem de classe. Um homem de caráter. Um homem de inteligência. Nobre de uma forma que o tornou lendário.

‘Lovell Roberts, ’ eles sussurravam. ‘Você já ouviu falar em Lovell Roberts?’ (LEVY, 2008, p.41).

Hortense não se atém ao fato de que seu pai não era tão nobre quanto ela imagina, pois ele havia engravidado uma moça solteira e não havia se casado com ela. Na verdade, a sociedade em si não se preocupava com aquele detalhe da vida de seu pai, pois todos o admiravam por se tratar de um homem que viajava o mundo por causa de seu emprego distinto e sua pele clara. Sua mãe, porém é descrita por ela como alguém inculto, que simplesmente havia lhe dado à luz e lhe alimentado até o momento ‘glorioso’ de sua partida para a casa dos parentes de seu pai:



Alberta era uma moça do campo que não sabia ler nem escrever, e tampouco fazia sequer os cálculos mais rudimentares. Ela me teve fora do matrimônio – seria errado dizer o contrário. [...] Quando eu cresci, fiquei parecida com meu pai. Minha pele era tão clara quanto à dele; *uma cor de mel escuro*. Não o tom de chocolate amargo de Alberta e de sua mãe. Com essa aparência, havia a chance de uma *vida dourada* para mim. O que, afinal, Alberta poderia me dar? *Pés negros descalços pulando sobre pedras*. Caso eu fosse entregue para ser criada pelos primos do meu pai, poderia aprender a ler, escrever e fazer contas. E mais. Poderia me tornar uma dama digna do meu pai, onde quer que ele estivesse (LEVY, 2008, p. 42, grifos meus).

Tal fato revela o patriarcalismo em que a sociedade jamaicana estava inserida, instituído pela colonização europeia. Hortense havia aprendido a valorizar as regras ditadas pela ideologia dominante. Sua mãe era inculta, pobre e havia se envolvido com um homem sem se casar com ele e, por isso, não merecia a adoração da filha. A infância de Hortense já demonstra o anseio que ela possui em se desligar de sua identidade negra e adotar uma postura supostamente britânica. O fetichismo aqui está presente quando se percebe que Hortense vê na pele branca um símbolo do poder. Ao descrever sua mãe, Hortense beira o grotesco. A figura de uma mulher negra de pés descalços pisando em pedras reforça a idéia do repúdio que Hortense tem da cor negra, da inferioridade que sua mãe representa por ser negra, ou seja, a jamaicana animaliza a mãe, que sequer tem conhecimento algum, pois não sabe ler, escrever ou fazer cálculos. Essa descrição nos remete a visão dos escravos trazidos nos navios negreiros, que eram rejeitados por sua suposta ignorância e selvageria.

Entretanto, a descrição do pai de Hortense reforça que, por causa de sua pele clara como o mel, as portas da prosperidade estariam abertas para ele e, evidentemente, para ela também. A expressão ‘vida dourada’ reflete o desejo de Hortense de ter uma posição social avantajada, de adquirir mais conhecimento para poder se tornar uma ‘dama’. Note-se que Hortense marginaliza a mãe exclusivamente por sua pele negra e articula que apenas por ter herdado a pele clara de seu pai as oportunidades em sua vida seriam incomensuráveis. A jovem parece estar em busca de conhecimento, pois sabe que este pode lhe garantir um bom futuro e ser diferente dos negros desprovidos de qualquer traço de inteligência e cultura como sua mãe. Hortense almeja ter tanto poder quanto os brancos tinham na Jamaica e, para isso, ela se encaminha para a casa dos parentes de seu pai para ser educada, pois a chave desse poder era a educação formal aliada a sua pele clara. Explicitamente, intui-se que a jovem jamaicana nega sua identidade negra em favor de uma identidade branca que, na verdade, não seria aceita pelos britânicos. Harris (1989, apud SOUZA, 1997, p. 76) afirma que o sujeito

colonizado sofre de um “analfabetismo da imaginação”, quando ele “impõe um contorno à sua identidade para negar a alteridade”. Em outras palavras, “culturas colonizadas que se enclausuram em moldes de negação da alteridade sofrem de um legado ou psique de conquista”. Hortense, porém, não realiza que o que está fazendo é apenas uma consequência de sua internalização e incorporação dos ideais preconizados pelos britânicos nas colônias espalhadas pelo mundo.

Após se mudar para a casa dos primos de seu pai, Hortense conhece Michael, o filho deles. Os dois crescem juntos e desenvolvem uma grande amizade. Enquanto brincam juntos, Mr. Phillip, o pai de Michael, ditava as regras em casa e as duas crianças obedeciam. A descrição de seu caráter denota o poder que ele exercia não só em casa, mas também na cidade. Hortense é submetida às convenções da sociedade em que vive, pois não queria desapontar seu pai e seus parentes:

O Sr. Phillip me disse que era impróprio para uma menina trepar em galhos como faria um macaco. Nem chegar em casa molhada do regato, com nossas barrigas cheias de abios, amoras e mangas, e a saia colada às pernas, enquanto Michael corria atrás de mim segurando na mão um peixe que se remexia todo. Eu não tinha permissão para caçar escorpiões, fazendo-os sair de seus esconderijos, atormentando-os com graveto. Nem para vestir uma touca na cabra e tentar montar nela como se fosse um cavalo (LEVY, 2008, p. 44).

Sua avó materna, Miss Jewel, a acompanha em sua nova casa e Hortense, como boa ‘britânica’ que ela julgava ser, ensinava a velha senhora a falar o mais perfeito inglês e deixar de lado os vícios de linguagens e erros por ela cometidos. O endeusamento da Inglaterra é o passatempo favorito de Hortense, que anula seus desejos de brincar como qualquer outra criança de sua idade, para se adaptar às regras que se aplicavam a uma garota de sua posição. Em uma conversa entre as duas, Hortense salienta a superioridade da Inglaterra porque Deus havia nascido lá. A jovem se orgulha de poder ensinar tudo o que sabe sobre o país para Miss Jewel:

- Inglaterra, ah. Então nosso Senhor nasceu na Inglaterra?  
 - Claro. E na Inglaterra tem ovelhas por toda parte. Elas são cobertas de lã para se protegerem do frio do inverno.  
 Tudo o que ela sabia sobre a Inglaterra, aprendia comigo.  
 - Miss Jewel – disse-lhe eu – você deveria aprender a falar direito como o rei da Inglaterra fala. Não desse jeito grosseiro do campo (LEVY, 2008, p. 47).

O parâmetro de comportamento é sempre baseado nos padrões britânicos e, embora nascida na Jamaica, Hortense repele os costumes regionais, dedicando-se inteiramente a assimilar tudo aquilo que está intimamente ligado à cultura do colonizador. Ngugi (1981) ao comentar a sua experiência como sujeito colonizado no Quênia, afirmou que a língua do colonizador era a chave para o conhecimento e, nas escolas, falar corretamente lhe garantiria prêmios e elogios:

Em relação ao inglês a atitude era exatamente o oposto: qualquer façanha no inglês falado ou escrito era altamente recompensada; prêmios, prestígio, aplausos; a passagem para os mais altos domínios. A língua inglesa passou a ser a medida de inteligência e capacidade na área das artes, as ciências, e todos os outros ramos da educação. O inglês passou a ser o principal determinante do progresso da criança na escada da educação formal.

[The attitude to English was the exact opposite: any achievement in spoken or written English was highly rewarded; prizes, prestige, applause; the ticket to higher realms. English became the measure of intelligence and ability in the arts, the sciences, and all the other branches of learning. English became the main determinant of a child's progress up the ladder of formal education] (NGUGI, 1981, apud ASHCROFT, 2001, p. 39).

A partir dessa passagem, infere-se que os colonizadores preconizavam o ensino de sua língua aos sujeitos colonizados por entenderem que a educação formal, viabilizada por professores europeus, garantiria a cooptação dos colonizados junto aos preceitos e ideais imperiais. Sabemos que a educação nas colônias veiculadas pelas metrópoles estava voltada para a desvalorização da cultura nativa e a implantação da cultura do Outro. Muito sabiamente, os colonizadores disseminavam a ideologia de que a cultura dele era superior. Ludibriados por essa premissa, os sujeitos colonizados passaram, aos poucos, a recusar sua própria cultura para assimilar a cultura europeia.

Essa estratégia foi ardilosamente inventada pelo colonizador que procurava adeptos para sua empreitada como ser dominante. No momento em que o colonizado incorporava os valores coloniais, ele estava passivo também da influência e poder do colonizador. Fanon (2008) explica que qualquer língua está carregada de significações e que aprender determinada língua significa apreender a ideologia em suas entrelinhas: “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa língua expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: Existe na posse da linguagem uma extraordinária potência”. (FANON, 2008, p. 34). No romance, Hortense figura o sujeito colonizado que almeja conquistar espaço entre os britânicos e, por isso, dedica-se inteiramente a adquirir a

cultura do colonizador.

Algum tempo decorrido da sua formação na escola em sua cidade, Hortense, impelida por sua tia, decide ir a Kingston para aperfeiçoar seus estudos e se tornar professora. A escola aceitava apenas moças de boas famílias, que já tinham certo conhecimento para iniciar a escola normal e dentro de três anos sair de lá com o diploma de professora nas mãos. Nessa escola, Hortense aprende a valorizar os costumes britânicos ainda mais e a esquecer sua condição de negra colonizada. O primeiro fato que chama a atenção da personagem é a aparência das professoras: todas brancas e altivas, porém, a diretora é a que mais lhe causa interesse. A descrição das professoras e da diretora da escola reforça a ideia de superioridade que os britânicos possuíam em relação ao povo jamaicano. Hortense se mostra fragilizada no meio delas e, ao começar a lecionar para uma das turmas dessa escola, como aprendiz, a jamaicana parece subtrair sua inteligência e altivez diante das professoras que observavam o seu trabalho. Hortense recorre a adjetivos que caracterizam as professoras como se fossem rainhas, estrelas de grande magnitude:

Eu ansiava por fazer aquelas crianças me respeitarem tanto quanto eu respeitava a diretora e as docentes da minha escola normal. Aquelas mulheres brancas, *cuja superioridade as rodeava como uma auréola*, eram capazes de silenciar qualquer grupo ruidoso simplesmente levando um dedo aos lábios. Sua *locução formal, sua inteligência superior, sua postura imperial* exigiam e recebiam obediência de quem quer que as visse. (LEVY, 2008, p. 72, grifos meus).

Hortense se encanta ao notar a forma com que as professoras britânicas exercem sua autoridade na sala de aula. Tal encantamento é tamanho que a jamaicana afirma que as mulheres possuíam uma auréola de superioridade ao seu redor. O domínio dessas professoras era exercido de forma contundente, o seja, através de um gesto com o dedo, de sua postura e de sua locução. Imbuída de sua pretensa autoridade como professora, Hortense anseia por ter controle e domínio sobre as crianças da escola assim como a diretora e as professoras britânicas o tinham. Hortense procura imitá-las. Todavia como a imitação quase nunca resulta em cópia perfeita, a jamaicana se sente inferior a elas. Ashcroft et. al. (1998) afirmam que,

Quando o discurso colonial incentiva os sujeitos colonizados a ‘imitar’ o colonizador, através da adoção de hábitos culturais do colonizador, pressupostos, instituições e valores, o resultado nunca é uma simples reprodução de tais características. Pelo contrário, o resultado é uma ‘cópia desfocada’ do colonizador que pode ser bastante ameaçadora.

[When the colonial discourse encourages the colonized subject to ‘mimic’ the colonizer, by adopting the colonizer’s cultural habits, assumptions, institutions and values, the result is never a simple reproduction of those traits. Rather, the result is a ‘blurred copy’ of the colonizer that can be quite threatening] (ASHCROFT et al., 1998, p. 139).

Na tentativa de se assemelhar ao colonizador, o colonizado imita aquilo que vê diante de si, porém, sendo uma cópia, ele nunca será idêntico, apresentando falhas que refletem o resultado da junção do sujeito colonizado e do colonizador em uma mesma figura. Essa semelhança é perturbadora, pois desestabiliza a hegemonia da metrópole e expõe sua debilidade. Hortense mostra que seu interesse é se integrar ao modo de vida britânico, pois valoriza tudo aquilo que provém deles. Fanon (2005) explica que o desejo do colonizado em tomar o lugar do colonizador é tão forte que ele vê sua realidade como algo irrisório em relação aquilo que o colonizador possui e desfruta: “O olhar que o colonizado lança sobre a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se na cama do colono, se possível com a mulher dele. O colonizado é um invejoso” (FANON, 2005, p. 56).

Apesar de se mostrar como um indivíduo superior e hierarquicamente mais poderoso que o colonizado, o colonizador percebe que é invejado e teme ser despojado de seu poder: “Eles querem nosso lugar. É verdade, não há um colonizado que não sonhe, ao menos uma vez por dia, instalar-se no lugar do colono” (FANON, 2005, p. 56). Percebendo o olhar de cobiça do colonizado, o colonizador fabrica uma espécie de aura de poder ao seu redor, uma máscara, para que o colonizado não consiga perceber suas falhas e fraquezas. Sua roupa, postura, locução e gestos são meticulosamente planejados para que sua imagem rescenda à dominação e força, transformando-o em um sujeito diferente daquele que ele é sem sua máscara.

Quando vai para a nova escola, a jamaicana conhece Celia Langley, uma garota negra que também estava ali para se tornar professora. É essa nova amiga que a ajuda a aprender as regras da nova escola e incute ainda mais em Hortense o desejo de se mudar para o Reino Unido e morar em uma linda casa como uma verdadeira dama. Celia vive a repetir que seu sonho um dia se tornará realidade: “- Hortense, deixe eu lhe contar um segredo. Quando eu for mais velha, vou-me embora da Jamaica morar na Inglaterra. Vou ter uma casa grande com uma campainha na porta da frente, e vou tocar a campainha, *drim, drim, drim*” (LEVY, 2004, p. 75). Hortense segue os conselhos de Celia na escola e consegue angariar bons resultados no meio docente. Por um lado, Hortense se espelha na garota a utiliza como um parâmetro a ser

seguido, no que diz respeito à persistência e determinação. Por outro lado, Hortense por vezes se julga superior à amiga, devido a sua pele clara. Em certo momento, Celia confessa que temia a vitória de Hitler porque conseqüentemente, ele traria a escravidão de volta e os negros seriam novamente acorrentados. Hortense pensa diferente, como se ela própria não fosse negra e sim uma legítima britânica e, portanto, não seria acorrentada caso a escravidão fosse novamente instaurada:

Podia entender por que era sumamente importante para ela a escravidão não voltar. Sua pele era muito escura. Mas a minha não era dessa tonalidade, a minha era da cor de mel. Ninguém pensaria em acorrentar alguém como eu. O mundo inteiro conhece o que declara o hino desafiador: “Os britânicos jamais, jamais serão escravos” (LEVY, 2008, p. 74).

A referência de Hortense à canção patriótica *Rule, Britannia!* lembra o poema homônimo escrito pelo escocês Thomas Thompson (1700 - 1748), que em 1740 foi musicado pelo compositor britânico Thomas Arne (1710 – 1778). O refrão da música indica o fato da Inglaterra jamais se tornar uma escrava:

Rule Britannia! Britannia rule the waves  
 Britons never, never, never shall be slaves.  
 Rule Britannia! Britannia rule the waves.  
 Britons never, never, never shall be slaves.

A convicção de Hortense em ser mais britânica do que jamaicana é refutada quando ela tenta arrumar emprego em uma conceituada escola britânica na Jamaica. Seu nascimento ilegítimo faz com que o diretor da escola não a aceite. Como poderia uma mulher, fruto de uma relação não sacramentada pelo casamento, dar aulas em uma escola para moças da alta classe social? O essencialismo permeia o pensamento dos britânicos, que não aceitam uma professora qualificada, filha de mãe solteira, porque esta pode, de certa forma, influenciar as suas alunas. A respeito do essencialismo empregado pelos colonizadores nas colônias, Bonnici comenta:

De fato, a cultura ocidental foi dominada pela lógica dessa criação em que a sexualidade define a mulher. Já que segundo essa lógica, a mulher ou é prostituta ou virgem, as personagens femininas são sedutoras e causam a queda do protagonista ou são inocentes e necessitam de proteção contra a maldade do mundo (BONNICI, 2007, p. 79).

A passagem onde Hortense não é aceita para trabalhar na escola de Kingston, pelo fato de ela ser uma mulher híbrida figura a aversão que o britânico tem pelo hibridismo e pelo

nativo. Segundo Ashcroft et al. (1998), o hibridismo se refere à criação de novas formas transculturais advindas da zona de contato proveniente dos encontros coloniais. O termo tem sido mais discutido por Bhabha (1994), o qual argumenta que existe uma espécie de interdependência e construção mútua das subjetividades tanto do colonizador quanto do colonizado. No contexto do romance, a ideia de haver indivíduos híbridos é ultrajante para o britânico, pois a mistura do nativo com o colonizador torna a hierarquia branca enfraquecida. Sobre isto, Ashcroft et al. (1998) comentam que:

O receio de contaminação que está no cerne do discurso colonialista, e cujos resultados é a ameaça ou a ambivalência da mímica ou o medo obsessivo colonialista da miscigenação, é, muitas vezes, expresso através do medo entre os colonizadores de se tornarem nativos, de perderem a sua distinção e identidade superior através da contaminação pelas práticas nativas.

[The fear of contamination that is at the heart of colonialist discourse, and which results is the menacing ambivalence of mimicry or the obsessive colonialist fear of miscegenation, is often expressed through the fear amongst the colonizers of going native, that is losing their distinctiveness and superior identity by contamination from native practices] (ASHCROFT et al. 1998, p. 158).

Além do medo de contaminação e da ameaça à pureza de sua raça, o colonizador vê o hibridismo como uma espécie de falha de seu próprio comportamento, pois a participação em cerimônias dos nativos, a adoção ou até mesmo gozo dos costumes locais em termos de vestimenta, comida, recreação e divertimento revelam a vulnerabilidade que o colonizador possui.

Para os ingleses, Hortense, por ser filha ilegítima, figura e ameaça à distinção e pureza dos britânicos, dessa forma, seu pedido é recusado. Contudo, a jamaicana não se abate em face desse imprevisto e, com a ajuda de Celia, consegue emprego em uma escola bem menos conceituada e inicia sua carreira. Tal início, segundo ela própria, poderia abrir-lhe as portas para que ela pudesse se tornar uma professora em sua ‘pátria-mãe’, a Inglaterra. De fato, a oportunidade para realizar seu sonho se concretiza quando ela conhece, por intermédio de Celia, o jamaicano e ex-soldado da RAF, Gilbert, o qual intencionava voltar para o Reino Unido. Hortense oferece dinheiro para que ele volte para o país e, em troca, ele se casaria com ela e, assim que arrumasse um lugar para ambos viverem, ele a levaria consigo. Essa passagem é pertinente, porque demonstra que Hortense, apesar de ter-se criado em meio a uma sociedade patriarcal e, até mesmo racista, sabe exatamente o que deseja em sua vida e não se envergonha de propor a um quase desconhecido que este se case com ela. Vê-se aqui,

que seu casamento com Gilbert foi uma oportunidade que Hortense viu para poder mudar-se da Jamaica, pois o rapaz já conhecia o Reino Unido e poderia ajudá-la a concretizar seu sonho de se tornar uma professora em uma escola renomada da ‘pátria-mãe’. Com a ilusão de um dia lecionar em uma escola britânica, Hortense parte para o Reino Unido, não imaginando que lá ela teria que encarar a dura realidade imposta aos negros. Como afirma Van Hear (1998), muitos indivíduos possuem um nível limitado de escolhas quanto a migrar ou não, pois a migração depende de vários fatores: econômicos, guerras, violência, etc. Hortense figura o tipo de imigrante que procura emprego, mas também envolve um desejo pessoal, o desejo de estar mais próxima de um povo que emanava grandiosidade.

A construção da identidade de Hortense enquanto nativa e moradora da Jamaica nos revela minúcias sobre o seu caráter. A personagem híbrida imagina o seu futuro como sendo promissor devido a sua cor dérmica. Durante o tempo em que vive em seu país, ela procura negar sua cultura nativa e absorver os costumes do colonizador, o qual, por sua vez, não perde a oportunidade para encantar a jamaicana e torná-la uma seguidora de seus ditames. Através da imitação dos gestos e costumes alheios, Hortense constrói uma nova identidade para si, a qual ela julga ser branca e não negra. Isso é visível quando a personagem marginaliza e inferioriza sua mãe, por ser negra e analfabeta e se junta à família do pai porque este era híbrido e possuía certa distinção entre os jamaicanos. Ao deparar-se com as professoras da escola normal onde estudou, Hortense procura, ainda mais, observar a postura e costumes delas, para mais tarde poder incorporá-los. A linguagem é, para ela, um fator fundamental na composição de sua imagem e a personagem destina seu tempo a aprimorá-la. O que Hortense não compreende é que seu esforço não seria valorizado pelos britânicos que a receberiam na ‘pátria-mãe’, pois sua educação de nada valeria para eles, devido ao fato de ela ser uma mulher negra.

### *Inglaterra*

O sonho de conquistar seu espaço na sociedade britânica traz Hortense até Londres em 1948, seis meses após o casamento por conveniência. Assim como muitos dos imigrantes que partiram nesse mesmo momento para o Reino Unido com o intuito de encontrar emprego, Hortense se aventura em uma viagem longa para encontrar seu destino. Porém, a personagem, tendo em vista sua pele clara, sua educação altamente qualificada na colônia e suas boas maneiras, evidencia o desejo de ser uma pessoa distinta na metrópole. Alguém que se



destacaria por falar o inglês perfeitamente sem erros de pronúncia e concordância. Hortense estava convencida de que ali ela conseguiria se tornar uma ‘legítima’ britânica e tornar sua vida um conto de fadas. A decepção, porém, estava perto.

Você é Sugar?

Você viu Sugar? Ela é uma de vocês. Está vindo pra ser minha babá e eu estou um pouco mais atrasada do que eu pensava. Você deve conhecer ela. Sugar. Sugar? (LEVY, 2008, p. 20-21).

É dessa forma que a jamaicana é interpelada por uma senhora britânica ao chegar ao porto britânico. Nada de ‘com licença’ ou, ‘por favor’. Nada da educação britânica de que a garota ouvira tanto falar durante sua estada nas escolas dirigidas por britânicas na Jamaica. A pergunta dirigida a ela parece muito simples: uma senhora que a confundira com sua futura babá. Porém, ao analisar essa interpelação sob a luz da teoria pós-colonial reconhece-se que a pergunta está carregada de preconceito devido à cor da pele de Hortense. No momento em que a senhora diz: “ela é uma de vocês” (LEVY, 2008, p.21) temos a representação do racismo inglês tão comum no Reino Unido. Tais palavras exprimem a ideia de que se a empregada negra é “uma de vocês”, ela não é uma de nós, uma britânica. Ela é diferente. Brah (2002) comenta que o imigrante é logo reconhecido no país que o recebe porque sua aparência revela que ele não pertence àquele lugar. Como sujeito diaspórico, Hortense se difere da multidão e, conseqüentemente, chama atenção para sua condição de inferioridade.

É evidente a discriminação empregada pela britânica para estabelecer a diferença entre ela e os jamaicanos. Como afirma Albert Memmi (apud FIGUEIREDO, 1998, p. 66), o colonizado não possui individualidade:

Desumanizado, inferiorizado, o colonizador não existe em sua individualidade. Há um apagamento de todas as diferenças pessoais, pois o colonizador só se refere ao colonizado em bloco, no plural: “eles são assim mesmo, preguiçosos, ignorantes [...]”.

O fato de Hortense ter a pele negra é suficiente para que os britânicos a confundissem com uma serva, uma ‘escrava’. O fator dérmico é o principal arcabouço para a desmoralização e rebaixamento da personagem. Sua cor não lhe dava poderes para se insinuar como uma mulher recém formada que havia chegado ao país para ser uma professora e não uma simples babá. O essencialismo empregado pela senhora britânica é uma das armas mais poderosas que o europeu utilizava na batalha contra a tentativa do negro em se tornar um cidadão. “O essencialismo é a pressuposição de que grupos, categorias ou classes de objetos

têm uma ou várias características determinantes exclusivas a todos os membros daquela categoria”. [Essentialism is the assumption that groups, categories or classes of objects have one or several defining features exclusive to all members of that category] (ASHCROFT et al., 1998, p. 77). Fazendo uso de teorias sobre raça, os colonizadores empregaram um discurso baseado na dicotomia branco/negro, onde a ideia de inferioridade do sujeito colonizado foi criada, para que assim, o controle hegemônico pudesse ser instaurado contra eles. Hortense figura um indivíduo essencializado, sem identidade ou individualidade, apenas mais uma negra que chegava para servir os britânicos.

Desconhecendo totalmente a nova terra, ela é instruída por um trabalhador do cais a pegar um táxi, o que ela o faz em seguida. A cena que se desenrola dentro do táxi traduz a total demonstração de superioridade do taxista fingindo não compreender o que Hortense lhe fala, simplesmente pelo fato de ela não ser britânica e estar ‘invadindo’ seu país. Hortense lhe explica várias vezes o endereço aonde quer chegar, mas o taxista pede que ela escreva o endereço para que ele possa compreendê-la. Hortense não percebe o desdém implícito nas palavras do homem e segue seu destino. Ao chegar ao endereço o motorista lhe fala como se estivesse falando a uma criança:

- Este é o local que você está procurando, meu bem. Rua Nevern, número vinte e um – disse o motorista de táxi. Vá tocar a campainha. Sabe o que são campainhas e aldravas? Lá no seu país tem essas coisas? É só tocar a campainha que alguém vira abrir.

Ele deixou meu baú junto ao meio-fio.

- Eu tenho certeza que alguém lá dentro vai lhe ajudar com isto aqui, meu bem. Basta tocar a campainha.

Ele articulou as últimas palavras com o exagero vagaroso que eu em geral reservava para ensinar as crianças pequenas. Ocorreu-me então que talvez os homens brancos que trabalhavam fossem obrigados a trabalhar porque eram bobos (LEVY, 2008, p. 23).

Neste momento Hortense percebe que o taxista não fez esforço nenhum para compreendê-la e o imagina como um tolo, pois era óbvio que ela sabia reconhecer uma campainha e em seu país elas eram comuns. Mas fica evidente que a atitude do taxista traduz a atitude dos britânicos que preferiam ignorar ou mesmo outremizar o negro, através das mais variadas estratégias, mostrando a ele que seu lugar não era o Reino Unido. Segundo Hall, as relações entre os negros e os britânicos foram marcadas pela escravidão e pelo domínio colonial. Essa relação foi decisiva para indicar quais os rumos que os imigrantes iriam seguir:

Os imigrantes encontravam condições de moradia precárias e empregos mal remunerados e não especializados nas cidades e regiões industriais, ainda em processo de recuperação da guerra e afetadas pelo declínio vertiginoso das condições econômicas na Grã-Bretanha (HALL, 2006, p. 61).

Novamente vemos o uso do essencialismo para indicar a ideia que os britânicos tinham dos negros: estavam no país para servir e além do mais, era ignorantes e selvagens. O modo como o taxista trata a negra reflete a ideia errônea que o britânico possui de todos os negros. Quando pergunta a ela se em seu país havia aldravas e campainhas, o taxista demonstra que, para eles, os negros não passavam de animais selvagens e estúpidos, que viviam em pleno primitivismo. Porém o discurso do taxista pode ser desconstruído e revelar que, na verdade, a ignorância maior era dos britânicos, que desconheciam totalmente a cultura do colonizado, não imaginando que as colônias eram civilizadas e tinham cultura própria. O taxista, profissão considerada uma das mais simples e desmerecidas no Reino Unido, se vê como ser superior a Hortense, mesmo sendo ela uma professora. A razão disso se deve à cor dérmica apenas, ou seja, suas qualidades profissionais e intelectuais não são sequer consideradas.

Quando Hortense chega ao seu destino, se depara com uma casa enorme, que demonstra a imponência e opulência que outrora foram vigentes em grande parte do Reino Unido. Ao encontrar-se com o marido, ela o examina com olhos clínicos e ao notar seu jeito desganhado e mal trajado ela se pergunta onde estaria o homem que ela conhecera na Jamaica, que era elegante e bem vestido. Sua surpresa é ainda maior quando ela descobre que ele mora em apenas um quarto da casa, o qual ele alugara com o mísero salário que ganhava, denotando sua condição social e financeira e também sua posição marginal em relação ao europeu. Aos imigrantes, os piores bairros e casas eram destinados.

Com três passos, eu chegava a um dos lados do seu quarto. Com quatro, chegava ao outro. Havia uma pia no canto, e uma torneira enferrujada brotava da parede acima dela. Junto à cama havia uma mesa com duas cadeiras, uma de espaldar quebrado. Sobre a poltrona, havia uma sacola de compras, a parte de cima de um pijama e um bule de chá. No fogareiro, o gás chiava com uma chama azul (LEVY, 2008, p. 26).

A forma com que Hortense chega à Inglaterra, através de um navio cargueiro, a maneira como é interpelada e tratada pela senhora britânica e o taxista, o encontro com o marido desganhado e o reconhecimento da condição na qual ele se encontrava são emblemáticos da situação social que o negro passava e ainda passaria em sua pátria-mãe. Hortense jamais poderia imaginar o que a aguardava. Porém, a jamaicana não se conforma

com a situação e questiona o modo de vida dos britânicos: “É assim que os ingleses vivem?” (LEVY, 2008, p. 28). Isso demonstra sua reação ao modo como tudo lhe surge no Reino Unido: a decadência da casa, que outrora fora imponente, o fato dos negros estarem amontoados em quartos desgrenhados e sujos, sem nenhum conforto, a maneira como eles são tratados nas ruas pelos brancos.

A aproximação com Queenie Bligh revela que Hortense julga-se superior a ela pelo fato de ela ter estudado e se formado como professora, enquanto que a britânica era apenas uma mulher que alugava quartos de sua casa para poder se sustentar. Apesar de não falar diretamente a Queenie, Hortense questiona seu modo de agir, achando-a extremamente mal-educada e intrometida.

Ela então se sentou numa cadeira e me chamou para me sentar com ela. Mas ali era a minha casa, e cabia a mim lhe dizer onde se sentar, quando entrar, quando aquecer as mãos. Com certeza eu poderia ensinar alguma coisa àquela mulher, foi isso que pensei. Boas maneiras! (LEVY, 2008, p. 224).

Quando Queenie lhe diz que não se importa em sair com ela nas ruas, Hortense não entende a mensagem sobre a questão racial e pensa: “Ora, por que aquela mulher deveria se preocupar que a vissem na rua comigo? Afinal, eu era professora, e ela era apenas uma mulher que ganhava a vida alugando quartos. Se alguém deveria ter vergonha, era eu. E o que é um negrinho?” (LEVY, 2008, p. 227).

O choque cultural entre ambas é nítido. Hortense se preocupa em se vestir alegremente, com roupas novas e coloridas e se espanta ao ver Queenie sair às compras toda maltrapilha, mas percebe que todos na rua estão vestindo o mesmo tipo de traje que ela. Hortense tem tanta segurança em si que não compreende que o que ela havia aprendido nas aulas de boas maneiras na Jamaica era um padrão de comportamento da alta classe britânica, e não da classe trabalhadora. A região onde ela morava estava repleta de pessoas desempregadas e pobres que procuravam uma forma de sobreviver após o fim da guerra. Ao sair às ruas para fazer compras, Queenie procura lhe ensinar absolutamente tudo, mesmo que fosse óbvio, Hortense se irrita com isso, afinal de contas ela sabia o que se comprava em cada uma das lojas em que ambas entraram. Outro aspecto que chama a atenção de Hortense nas ruas diz respeito à compleição física dos ingleses. Note-se que, para Hortense, a pele muito clara e os cabelos louros dos britânicos eram o símbolo da mais alta hierarquia que se sobrepõe a qualquer “jamaicano refinado”.

Tudo era cinza. Porém, passeando por essa desolação, meu olho começou a distinguir cores que de fato me espantaram. As cores surpreendentes da compleição dos ingleses. Em nenhum livro, em nenhuma aula que eu tivera, ninguém jamais me dissera que era possível encontrar tantos tipos diferentes de ingleses. Na Jamaica, todos os ingleses se pareciam com as professoras da minha escola. Cabelos louros da cor do pão assado. Pele avermelhada e queimada de sol. Era fácil distinguir um inglês caminhando na rua mesmo do mais refinado dos jamaicanos. Mas ali, na Inglaterra, tantas compleições diferentes surgiam na minha frente que minha mente ficou perplexa. Aquele passeio às lojas com a sra. Bligh me fez olhar em volta, confusa (LEVY, 2008, p. 326).

Esse momento revela a percepção refinada que Hortense tem do mundo que a rodeia. Quando morava na colônia, a personagem ficava a imaginar como seria o ambiente londrino, fazendo conjecturas sobre a grandeza, beleza e imponência do lugar, idealizando o menor dos aspectos da cultura do ‘Outro’ porém, bastou um passeio nas ruas para a jamaicana perceber que tudo o que ela havia imaginado é muito diferente do que ela via. Apesar de não se dar conta do que vê, verifica-se que as compleições físicas dos britânicos são variadas, o que contesta a teoria de pureza, da existência de uma raça pura instaurada pela consciência nacional. Se fossem mesmos puros, todos teriam a aparência semelhante e não diferente, como Hortense havia notado. O contraste entre Hortense, que usava roupas coloridas e alegres e todos os britânicos, que se vestiam da mesma forma revelam a individualidade de Hortense, que se destaca entre a multidão e reafirma sua identidade individualizada. Hortense não é apenas mais um sujeito na multidão. Aos poucos a identidade cultural da personagem Hortense vai florescendo, deixando transparecer seu verdadeiro eu. Novamente, a aparência do sujeito diaspórico revela sua origem não-britânica e, de certa forma, o diminui em relação ao conceito da cultura dominante. Como afirma Van Hear (1998), o fato de membros de imigrantes transnacionais se misturarem com a multidão do país hospedeiro revela que a diáspora é símbolo fértil de hibridismo, de multiculturalismo, fato que desagrade profundamente as culturas dominantes. A visita as lojas reserva outras surpresas à jamaicana, que, até o momento, parecia desconhecer totalmente o racismo enraizado na sociedade londrina. Ao deparar-se com alguns rapazes que a insultam com apelidos extremamente rudes aos negros, Hortense questiona seu modo de agir:

- É comigo que eles estão falando? – Perguntei a ela. -

Continue andando, Hortense.

Mas eu queria ver os rostos daqueles homens. Que tipo de inglês diria palavras tão rudes assim?

[...]  
 Vocês são uns mal-educados! (LEVY, 2008, p. 330).

Hortense questiona o tempo todo o modo agir dos britânicos, não aceitando aquilo que difere do que ela havia aprendido sobre eles na Jamaica. Ensinaram-lhe que os ingleses eram extremamente educados e polidos, não rudes e mal-educados como os rapazes que a chamaram por nomes depreciativos. Entretanto, quando Queenie lhe diz que ela, como uma visitante naquele país, deveria “descer da calçada e andar pela rua sempre que algum inglês quisesse passar e não houvesse espaço suficiente”, Hortense retruca, mal acreditando que ela estava ouvindo aquilo: “– Eu, uma mulher, devo andar pela rua movimentada? [...] – E se houver uma poça d’água, devo me deitar sobre ela?” (LEVY, 2008, p. 331). Todos os questionamentos que Hortense dirige aos britânicos demonstra sua negação ao desrespeito por qualquer pessoa. Hortense revida abertamente aos insultos e não se deixa desvalorizar pela altivez e indiferença que os britânicos utilizam ao falar com ela. Nesse momento, a jamaicana revela sua subjetividade, pois age de forma a negar a marginalização por qual é debelada. Sem dar-se conta, sua identidade como sujeito é exposta. Ashcroft (2001) argumenta que o sujeito colonizado possui subjetividade e sabe demonstrar aquilo que lhe desagrade:

Nós não precisamos afirmar que os sujeitos coloniais são totalmente autônomos para mostrar que, nos aspectos materiais de suas vidas, eles fazem escolhas, empregam estratégias de auto-formação e produção, às vezes de notável sutileza, as quais os caracterizam como agentes capazes de ‘resistir’ ao poder cultural, mesmo quando essa resistência não esteja engajada em qualquer programa político organizado.

[We do not need to claim that colonial subjects are entirely autonomous to show that in the material aspects of their lives they make choices, employ strategies of self-formation and production, sometimes of remarkable subtlety, which characterize them as agents who are capable of ‘resisting’ cultural power even when that resistance is not channeling into any organized political programme] (ASHCROFT, 2001, p. 35).

Como sujeito colonizado e diaspórico ao mesmo tempo, Hortense simboliza por um lado, o desejo de ser assimilado pela cultura do colonizador, mas por outro lado, não deixa de mostrar sua indignação em relação àquilo que ela desaprova no comportamento dos mesmos. Podemos afirmar que esse episódio vai à contramão daquele desejo que Hortense tinha em ser assimilada pela cultura do ‘Outro’. Como poderia ela ser assimilada se não aceitava a maneira como os britânicos a tratavam? Seu repúdio em relação ao modo como os rapazes brancos haviam se dirigido a ela, seu questionamento sobre a maneira como os britânicos viviam e a

forma como ela deveria se portar em um país onde ela era apenas uma visitante, vão revelando seu real caráter e sua identidade. Constata-se que Hortense não desejava - apesar de ainda não o saber - ser assimilada, mas sim ser integrada à sociedade, como um indivíduo que age por conta própria, que faz escolhas e que revida quando for necessário. Berry (1992, apud Van Hear, 2002) argumenta sobre as atitudes tomadas pelos imigrantes ao entrarem em contato com uma cultura alienígena: eles podem querer ser assimilados; podem querer manter um nível de aculturação, quando há uma manutenção da identidade cultural do país de origem; podem se manter segregados, por conta da sociedade majoritária que os rechaça ou pelo fato do imigrante querer manter-se separado por conta própria; podem ser marginalizados a partir do momento que perdem sua identidade, mas não se tornam parte de uma sociedade maior ou, podem se integrar a cultura majoritária, mantendo trocas de experiências e enriquecimento de ambas as culturas envolvidas. O caso de Hortense se encaixa nesse último.

Todavia, como Hortense ainda não consegue captar a mensagem que seus atos estão lhe enviando, no intuito de ser assimilada, ou seja, ‘aceita’, a personagem vai tentar falar exatamente como os britânicos o fazem, fazendo uso novamente da imitação da locução do ‘Outro’. Sua dedicação a aprender a pronúncia correta da língua inglesa faz com que a jamaicana dedique boa parte de sua vida a prestar atenção e a imitar o modo de falar dos colonizadores. Ao chegar ao Reino Unido, isso não muda, apenas se intensifica. Porém, a linguagem se mostra como um obstáculo para que Hortense conquiste seu lugar na sociedade. Em uma tentativa de se aperfeiçoar ainda mais e incorporar a cultura do outro, Hortense resolve aprender a falar inglês corretamente, sem deixar transparecer seu sotaque jamaicano e, para isso, sintoniza seu rádio nas emissoras britânicas e pratica sua pronúncia todos os dias:

Para falar inglês como se deve, como a alta classe, decidi escutar a língua em sua forma mais refinada. Todos os dias, meu rádio era sintonizado no inglês mais exemplar que o mundo conhece. Na BBC. [...] Eu escutava. Repetia. E escutava de novo. Para provar que a prática faz a perfeição, em duas ocasiões um atendente de loja me trouxe o que eu queria sem eu precisar repetir. Graças àquele inglês impecável que saía do meu rádio, eu poderia ser compreendida com facilidade (LEVY, 2008, p. 441).

Fanon ressalta a importância da linguagem no discurso colonial e argumenta que ao se assumir uma nova língua, assume-se também uma nova cultura: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). A língua é,

portanto, a chave para se compreender a cultura de um povo e, através dela, o homem adquire sua identidade. Nas sociedades colonizadas a cultura local foi, na maioria das vezes, destruída e substituída pela cultura do colonizador. O sujeito colonial foi exposto a uma nova cultura que lhe foi apresentada como superior em detrimento à sua que era vista como primitiva e selvagem. Essa exposição facilitou o aniquilamento de sua cultura, língua, religião e costumes fazendo surgir uma apreciação pela cultura do ‘Outro’ e um repúdio a sua própria cultura. Acerca desse assunto, Fanon explica:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34)

A tentativa de Hortense em falar o mais ‘perfeito’ inglês denuncia o fato de que a linguagem veiculava uma gama de representações para os britânicos. Enquanto falava o inglês carregado do sotaque típico da Jamaica, Hortense não conseguiria abrir as portas para o seu futuro ‘dourado’, se distanciando cada vez mais da inserção na sociedade britânica, mas ao adquirir a pronúncia britânica com perfeição e a locução formal que ela pensava ser peculiar a todos os britânicos, Hortense estaria mais perto de alcançar seus objetivos. Como a língua é algo que carrega cultura e conhecimentos, Hortense só se aproximaria da cultura britânica ao conseguir falar como eles o faziam.

Confiante em sua competência profissional e em seus modos, a jamaicana decide ir procurar emprego. Como Hortense era uma professora, ela tenta encontrar emprego em uma escola londrina. Seu marido, Gilbert, conhecendo o modo como os negros são tratados nessa época no Reino Unido, tenta dissuadi-la de sua empreitada, “Hortense, não é assim que a Inglaterra funciona” (LEVY, 2008, p. 442). Hortense, porém, resoluta, apodera-se de duas cartas de recomendação que lhe foram entregues pelos seus diretores na Jamaica e vai em direção à escola para se candidatar ao cargo referido. Sua autoconfiança não se abala com as palavras do marido e suas tentativas de fazê-la mudar de ideia.

Minhas duas cartas de recomendação continham palavras que me abririam as portas de qualquer escola. Apesar de um começo difícil na escola para pilantras de Half Way Tree, meu diretor havia achado por bem qualificar de proficientes minhas habilidades como professora. Depois de procurar o significado daquela palavra no dicionário de inglês, fiquei honrada ao



descobrir que ele me considerava uma especialista. Miss Morgan, a temível diretora da minha escola normal, declarou que eu era extremamente capaz. E eu me sentia uma especialista altamente capaz (LEVY, 2008, p. 440).

Hortense se vê como um sujeito igual aos britânicos, interpretando sua relação sujeito-sujeito, sem dar-se conta da estreita imposição de hierarquia fabricada pelo europeu para separá-los. Em nenhum momento a personagem pensa nos laços fortes de racismo arraigados na sociedade londrina. Alheia à indiferença e até mesmo ao escárnio demonstrados por essa mesma sociedade, Hortense continua sua empreitada à procura de trabalho como professora.

Ao chegar à escola, um homem a atende e lhe dispensa pouca atenção; Hortense lhe agradece educadamente, não se importando com a falta de interesse dele por sua pessoa. A jamaicana vai até uma sala e se depara com três mulheres sentadas a suas escrivaninhas e as cumprimenta, uma delas vai lhe atender muito educadamente e Hortense fica encantada diante de tal demonstração de educação e polidez. Hortense então lhe explica que estava ali porque era professora e gostaria de trabalhar naquela escola. Hortense entrega à mulher as cartas de recomendação que seus diretores havia lhe escrito e a mesma sequer as abre para verificar seu conteúdo.

Entreguei-lhe as duas cartas de recomendação que havia tirado da minha bolsa prevendo o seu pedido. Ela estendeu educadamente sua mão esguia, pegou as cartas, e em seguida gesticulou para eu me sentar. No entanto, em vez de examinar as cartas, simplesmente ficou a segurá-las sem olhar sequer de relance para o que continham (LEVY, 2008, p. 444).

A mulher pergunta de onde ela vinha e, ao responder, Hortense é rechaçada pela mesma que lhe diz que ela jamais poderia ensinar naquele país: “- As cartas não têm importância – disse ela – A senhorita não pode lecionar nesse país. Não é qualificada para lecionar aqui na Inglaterra” (LEVY, 2008, p. 445). Desconcertada, Hortense tenta perguntar o porquê de tal negação, mas a mulher lhe convida a retirar-se. O revide ocorre no momento em que Hortense lhe pergunta se devia “voltar para uma escola normal” (LEVY, 2008, p. 446) mostrando sua subjetividade apesar de ter sido discriminada abertamente pela mulher, compreendendo exatamente que o motivo de tudo aquilo se devia a sua pele negra. A imigrante obedece, muito educadamente, mas ao sair, ocorre o ápice de sua condição de subalterna, pois ela entra por uma porta errada e se depara com uma despensa, com baldes e esfregões. A ironia é bastante aparente nessa passagem: os negros imigrantes são inferiores e não devem se atrever a ocupar cargos importantes na sociedade britânica, para eles, os empregos destinados são os mais degradantes e ínfimos. Desorientada, ela retorna a sala

anterior e, mesmo deslocada de seu centro, humilhada e rechaçada, Hortense demonstra sua resistência em aceitar tal desmoralização e agradece novamente as senhoras encontrando, em seguida, a porta de saída ao som das gargalhadas das mesmas.

Infere-se, nessa passagem, que a ideologia do europeu o impede de aceitar Hortense, uma negra colonizada que foi educada por brancos nas escolas jamaicanas, porque sua educação na colônia não era suficiente para que ela pudesse ensinar alunos brancos. Sabe-se que a educação colonial está conectada com a idéia da assimilação, ou seja, os colonizados são forçados a se adaptarem às culturas e tradições dos colonizadores (BONNICI, 2005, p.23). Porém, para Hortense, embora tendo assimilado a cultura do colonizador, sua educação não lhe garante um cargo de professora numa escola na Inglaterra, mesmo porque, se nos remetermos à autoridade que a profissão de professor promove, verificaremos que a imigrante jamais seria aceita nos círculos educacionais da metrópole. Afinal, que autoridade poderia ter uma professora negra diante de uma sala de aula composta apenas por alunos brancos?

O binarismo é claramente visível no tratamento que Hortense recebe das britânicas. Conclui-se que a jamaicana não está sendo desmerecida por não ter educação apropriada, mas sim, porque sua pele denuncia a sua origem colonial e, conseqüentemente, causa a repugnância do branco. Ashcroft et al (1998, p. 28) afirmam que

O binarismo é muito importante para a construção de significações ideológicas em geral, e extremamente eficiente na ideologia imperial. A estrutura binária, com suas várias articulações subjacentes, acomoda tais impulsos binários fundamentais dentro do imperialismo como o impulso de 'explorar' e o impulso de 'civilizar'.

[The binary is very important in constructing ideological meanings in general, and extremely useful in imperial ideology. The binary structure, with its various articulations of the underlying binary, accommodates such fundamental binary impulses within imperialism as the impulse to 'exploit' and the impulse to 'civilize'].

Em favor da ideologia que permeia sua sociedade, os britânicos fazem uma distinção binária entre 'nós' e 'eles'. Nessa distinção, o negro é sempre relegado a um segundo plano. Segundo Ashcroft et. al (1998), um dos sistemas binários mais catastróficos perpetuados pelo imperialismo é aquele ligado diretamente a invenção do conceito de 'raça'. Essa redução da compleição física e também das diferenças culturais entre as sociedades do colonizador e do colonizado pela simples oposição entre negro/miscigenado/amarelo/branco é, na verdade, uma estratégia para estabelecer o binarismo branco/não-branco, que assevera a relação de dominação. Através dessa simples oposição, todos aqueles que não são brancos são

concebidos por uma lógica essencialista, como sendo todos alvos de exclusão. O que está reservado ao negro é sempre o estereótipo do escravo, do inferior, daí resulta sua marginalização pelo branco. A afirmação da superioridade do branco é desde cedo exercida nas colônias através da educação, a qual foi veiculada por uma minoria branca que difunde os ideais imperialistas entre a maioria negra, ou seja, a aquisição da cultura pelos negros estava diretamente ligada à presença dos britânicos nas escolas coloniais. Nas metrópoles a ideologia disseminada entre a população é a de que a mulher negra era sexualmente precoce e inclinada à prostituição, enquanto que, o homem negro era visto como indivíduo degenerado sexualmente, selvagem e preguiçoso. Brah (2002) lembra que, ao adentrar na sociedade britânica, ela logo foi alcunhada pelo apelido agressivo de *Paki*, que denotava sua origem e sua inferioridade em relação ao centro.

Fica evidente que a exclusão racial é o principal fator responsável pela não aceitação de Hortense no centro, como um indivíduo tão capacitado quanto o branco. As palavras da funcionária da escola refletem que o lugar de Hortense era a margem, onde o diferente e, conseqüentemente, os inferiores deveriam estar. As mulheres que a atendem na escola são simples secretárias que, na escala intelectual, possuem menos conhecimento que a jamaicana, mas isso não interessa, porque Hortense é negra, fato este suficiente para que as mulheres se sintam infinitamente superiores a ela e a marginalizem. O discurso dominante do colonizador mais uma vez foi responsável pela negação da alteridade do sujeito diaspórico.

Angustada pela discriminação, Hortense fica desorientada e seu marido Gilbert resolve levá-la a um passeio para que ela possa esquecer momentaneamente o aviltamento. A personagem cai em si, em relação à frieza e crueldade que a sociedade britânica podia demonstrar diante do 'outro', do diferente. Após uma longa conversa em um café, Gilbert questiona se a mulher sabia costurar e a mesma confirma que sim. Gilbert então lhe diz que ele poderia arrumar emprego para ela. Hortense se surpreende com a sugestão, porém, dessa vez ela compreende o que está reservado para uma mulher negra diaspórica no Reino Unido e não replica. Não sabemos o que realmente acontece com Hortense em sua busca por um emprego, porém podemos imaginar o seu futuro a partir da história dos imigrantes caribenhos no Reino Unido. Hall (2006) afirma que a hegemonia dos países colonizadores justamente se sustenta através da ideologia binarista que empurra os sujeitos diaspóricos para as margens da sociedade, enquanto que a classe dominante cada vez mais tenta se impor.

Observamos que a profissão que Hortense almejava, a de professora, se caracteriza

pela visibilidade e poder dentro da sociedade da época. Hortense seria responsável pela propagação do conhecimento entre os filhos dos brancos e, logicamente, herdeiros da ideologia racista de seus pais. Sendo assim, sua presença não era bem-vinda entre os cidadãos daquele país porque representaria uma grande influência na educação. Em contrapartida, a profissão de costureira relegava a jamaicana a ficar enclausurada em casa, ou mesmo, em fábricas, onde dezenas de mulheres se agrupavam silenciadas e invisíveis. Sua presença seria pouco notada, e, por conseguinte, não repercutiria na imagem da sociedade britânica.

Hortense abre os olhos para a sua condição de mulher negra na ‘pátria-mãe’ pela primeira vez e percebe a dupla depreciação por qual ela é submetida. Além de negra, ela é uma mulher, e sua posição é a mais ínfima em uma escala social. Assim, ainda mais que o homem, a mulher negra está relegada à invisibilidade.

Ao chegar em casa, Hortense depara-se com Queenie em trabalho de parto e é ela quem a auxilia nesse momento. A jamaicana se surpreende ao perceber que o filho de Queenie era uma criança negra. Sua surpresa é ainda maior quando a inglesa lhe pede para ficar com seu filho. Hortense não aceita a oferta e prepara sua mudança para outra casa onde ela e Gilbert poderiam recomeçar sua vida naquele país avesso aos negros. Porém, Queenie ajoelha-se aos seus pés e implora. Desta vez Hortense decide ficar com a criança.

Pensando em toda a situação que acontecia, Hortense não acreditava que era aquilo que o Reino Unido havia lhe reservado: criar o filho híbrido, fruto de um relacionamento entre uma mulher branca e um negro, ou seja, uma criança rechaçada pela própria mãe. A situação a faz lembrar que ela também havia sido criada por seus tios e que seu pai jamais viera visitar-lhe. Resoluta, a jamaicana parte de seu quarto sujo e desganhado para tentar, mais uma vez, sua sorte naquele país frio:

Eu jamais sonhei que a Inglaterra fosse ser assim. Ora vamos, em que louco devaneio uma inglesa iria se ajoelhar na minha frente, implorando para eu levar embora o seu bebê negro? Eu não seria capaz de inventar um sonho tão fantasioso. [...] Será que poderíamos levar o seu filho recém-nascido e chamá-lo de nosso? Nem mesmo Celia Langley, com seu nariz empinado e sua cabeça nas nuvens poderia ter imaginado algo tão absurdo em relação a esta Pátria Mãe (LEVY, 2008, p. 516).

Observa-se que a ação das duas personagens é inusitada. Tanto o fato de Queenie entregar seu filho a uma mulher praticamente desconhecida e, também, Hortense aceitar a criança que não lhe pertencia. O ato de ajoelhar-se diante de um negro para lhe pedir um favor é extremamente incomum entre os britânicos, mas, nesse momento, essa ação é

desempenhada de forma intencional pela personagem britânica, que não tem coragem suficiente para assumir a criança híbrida dentro da sociedade e, nem mesmo sequer, na esfera privada de sua vida. Por isso, de uma maneira teatral e dramática, a britânica se ajoelha aos pés da negra para poder assim, conquistar sua compaixão. Isso revela mais uma vez o modo como o branco vê o negro: como um servo, um ser responsável por realizar os trabalhos mais difíceis para o branco. Hortense volta a figurar aquela mesma serva que a senhora britânica confunde quando ela desembarca no porto londrino: uma babá. Porém, dessa vez, a responsabilidade de Hortense é maior, pois ela teria que aceitar uma criança como seu próprio filho, o qual era, na verdade, filho de uma mulher branca. A decepção da personagem jamaicana é visível, haviam-lhe ensinado que os brancos eram serem magnânimos, de caráter ímpeco e superior. Ao presenciar a cena, onde uma mãe abandona seu filho em favor de seu orgulho e de seu preconceito racista, Hortense sabe que não pode deixar de aceitar o pedido de Queenie. Hortense percebe que a ‘pátria-mãe’ também rechaçaria a criança, como ela havia sido. A jamaicana tem a prova de que tudo o que havia aprendido sobre o caráter dos britânicos nas escolas da Jamaica não passava de uma invenção para ludibriar e poder dominar os nativos, apenas hipocrisia.

Diferentemente do branco que impõe dificuldades a aceitação do negro na esfera social e privada de sua vida, o negro demonstra que sua cultura está muito mais aberta à inserção do branco. Hortense desenvolve um senso de ‘*community building*’, ou seja, um senso de união entre os sujeitos de uma mesma sociedade, buscando dissipar as diferenças baseadas na cor dérmica e exaltar a alteridade. Enquanto essa noção aflora através das ações de Hortense, a noção de hegemonia e poderio do branco vai aos poucos se dissipando através das ações de Queenie. Dessa forma, Hortense se despede daquela casa, esperando que o futuro lhe reservasse algo melhor. Sonhando que um dia sua vida fosse diferente de como era até aquele momento ali, na ‘pátria-mãe’.

É patente a presença de racismo no encontro entre a jamaicana diaspórica e o britânico. A personagem ora é implicitamente discriminada, ora abertamente aviltada por sua condição de negra. No início, a jamaicana, aos poucos se torna consciente da gravidade dos fatos que ocorrem ao seu redor, porém, de forma dilacerante, ela conhece a dor da discriminação racial.

Hortense figura bem a mulher negra imigrante que vê em outro país a imagem de uma vida promissora. Em seu país de origem, a jamaicana ocupava uma posição social confortável

mesmo vivendo em uma sociedade onde o colonialismo possuía muitas raízes. Porém, com a intenção de ter uma vida melhor, condizente com a sua profissão, ela parte para o Reino Unido em busca de reconhecimento. O que encontra, revela que sua educação na colônia não lhe garantiria um bom emprego porque, mesmo sendo qualificada para desenvolver o trabalho como qualquer outro sujeito, sua pele negra seria o motivo de sua exclusão como educadora dos filhos dos brancos. Isso, associado ao reconhecimento de que, para os britânicos, sua pele mais clara do que a de seus compatriotas não significava nada, aliás, era aviltante para os olhos daquela sociedade. Tal acontecimento a faz reconhecer a ideologia binária e hierárquica que o branco havia estabelecido na Europa e, também, em suas próprias colônias. O branco-colonizador, representado pelos britânicos, não disfarça sua aversão pelo diferente e, sem titubear, lança sua aversão ao imigrante, desmoralizando e incutindo nele a condição de marginal, de inferior.

Andrea Levy é uma autora negra que visualiza essa questão de forma primorosa, assim como tantos outros escritores negros, que captam a importância de se inserir a problemática do racismo contra os imigrantes no seio da sociedade britânica através da literatura. O mesmo dificilmente ocorre na literatura escrita por autores brancos. Pouco se tem notícia de escritores brancos que privilegiam a figura do negro em seus romances. O motivo disso, seria interessante questionar, deve-se ao fato de o Reino Unido ainda ser um país contrário á presença do imigrante? Por que ainda é tão difícil para o europeu aceitar a presença de povos não-europeus em sua vida? Sabemos que a diversidade cultural é produtiva e criativa, mas será que isso não é apenas um discurso político que procura mascarar a verdade escondida? As ações das personagens do romance *Small Island* refletem o engodo que o discurso hegemônico britânico criou para disfarçar sua negação a tudo aquilo que não pertence à sua cultura.

Na verdade, o escárnio que o europeu tinha durante o período em que a trama se passa a respeito da aparência dos negros e sua falta de civilidade devem-se ao fato de que, de um momento para outro, era possível observar o aumento vertiginoso deles nas ruas e a realização de que a homogeneidade social britânica estava abalada. Santos (1996) comenta que esse período é caracterizado por um amplo desenvolvimento industrial e capitalista, bem como uma grande expansão do operariado no que diz respeito ao princípio da comunidade. Além disso,

O alargamento do sufrágio universal inscrito na lógica abstracta da sociedade civil e do cidadão formalmente livre e igual contribui para a rematerialização da comunidade através da emergência de práticas de classe e da tradução dessas políticas de classe (SANTOS, 1996, p. 76-77).

Concordamos quando o teórico afirma que há um alargamento das práticas sociais e políticas de classe em uma sociedade onde os homens são livres e iguais, mas, apenas, quando tal lógica se aplica ao homem branco, porque quando se trata de negros imigrantes, a história se transfigura. Basta ver a maneira como são tratados os negros no Reino Unido no pós-guerra, apesar de muitos deles terem servido ao exército britânico contra as investidas alemãs. Na sociedade britânica retratada no romance, os negros sequer são considerados pessoas. Infere-se que, apesar dos avanços culturais e industriais vividos pelo Reino Unido no início do século vinte, o país ainda apresenta um déficit muito grande nas relações sociológicas e humanitárias.

Hortense crescera em meio a negros e brancos e seus olhos não enxergavam o binarismo branco/negro em sua sociedade porque ela própria emulava ser branca e, assim, a discriminação lhe era intolerável. Sua identidade como sujeito não deixava que o europeu a marginalizasse. Ela demonstra que é sujeito e resiste à exclusão no momento em que revela que seu caráter vai além da cor dérmica. A personagem questiona duramente o modo de vida dos britânicos, bem como sua atitude em relação aos negros. Hortense não se satisfaz em ouvir um simples não a seu pedido de emprego e questiona o porquê da negação. Sendo duramente desprezada por sua cor, ela não desiste e, de maneira irônica, indaga se deveria voltar ao início e estudar novamente tudo o que sabia para assim poder ser aceita pela escola. Sua subjetividade aflora quando a jamaicana aceita criar o filho híbrido de outra mulher, uma mulher branca, superando qualquer vestígio de discriminação por parte dela. Assim, o desejo de ser assimilada por aquela cultura que ela considerava infinitamente inferior à sua cultura de origem, dá lugar ao desejo de ser respeitada como cidadã daquele país. Sua revolta contra a discriminação se torna sua arma para se defender e conquistar seu espaço naquele novo e doloroso universo. Segundo Abdala Jr. (2004, p. 12) “as articulações comunitárias são múltiplas e não devem se reduzir à xenofobia da exclusão do outro que não possua a mesma identidade”, ou seja, faz-se necessário que o branco repense as relações de diversidade existentes no âmbito de sua sociedade. O teórico acrescenta que uma mesma pessoa pode ter várias facetas e ser várias coisas ao mesmo tempo: mulher, negra, trabalhadora, etc. e ainda “prestar solidariedade a outras categorias, pois será seu contexto situacional que definirá a

dominância entre esses caracteres que se cruzam” (ABDALA JR. 2004, p. 13). Apesar de vermos o mundo cada vez mais se misturar, se criouliizar, mesclando as diferentes culturas e políticas, abrindo-se cada vez mais para o híbrido, algumas nações ainda se fecham para o novo, desconhecendo o fato de que atenuar ou eliminar as diferenças em seu sistema é a chave para o estabelecimento de uma sociedade igualitária e mais produtiva.

As portas da ‘pátria-mãe’ estão fechadas para os negros, considerados inferiores, vis e insignificantes. Portanto, Hortense, segundo os ditames da discriminação, deve seguir seu caminho e tentar romper as barreiras que a separam da inclusão social e das oportunidades, exercendo uma profissão muito menos valorizada nas indústrias do país, já que sua autoridade como professora não era valorizada num país onde o que de fato importava eram a origem e a cor da pele dos indivíduos. Se sua resistência em se deixar marginalizar pelo branco poderia superar a hierarquia branco/negro imposta pelo europeu, é algo que não podemos afirmar. Pode-se abstrair através dessa análise que a resistência é tudo o que resta aos sujeitos diaspóricos diante da objetificação infligida pelo europeu.

### *Conclusões*

A partir da análise das ações e comportamentos da personagem Hortense podemos chegar a algumas conclusões acerca de sua identidade.

Inicialmente, tem-se a impressão de que a jamaicana, apesar de ter recebido uma educação formal de nível considerável em seu país, é bastante influenciável devido ao seu encantamento pelos valores existentes na cultura do colonizador. Sendo filha de pai branco, Hortense se sente superior aos outros colonizados, sem desconfiar que sua pele morena já fosse suficiente para desencadear uma série de preconceitos contra ela. Em razão desse fascínio que a cultura do colonizador exerce em sua mente, a personagem permite ser assimilada pela ideologia do ‘Outro’ até certo ponto. Entretanto, ao desembarcar no Reino Unido, e ser abertamente discriminada por sua ‘raça’, Hortense começa a revelar um outro lado de sua personalidade, como a obstinação em não ser derrotada pela marginalização, questionando os pressupostos que alicerçam as bases do preconceito contra sua cor. Esse questionamento a faz enxergar o binarismo no qual sua sociedade colonial sempre esteve imersa devido à influência do eurocentrismo.

Através do contato que a personagem vai desenvolvendo com as personagens britânicas da trama, principalmente Queenie, Hortense passa a observar que nem todas as



peessoas britânicas eram educadas e polidas, brancas e com cabelos loiros, elegantes e altivas. Esse contato alarga a percepção de Hortense acerca do essencialismo, que impregnava sua mente desde seu nascimento. Mesmo sem se dar conta dessa descoberta, a jamaicana questiona o posicionamento e atos dos britânicos que se deparam com ela em algum momento da trama: Queenie tratando Hortense como alguém que sequer sabia fazer compras, pessoas com compleições físicas diferentes das que ela estava habituada a ver na Jamaica, rapazes que a marginalizam na rua, funcionárias da escola onde ela foi procurar emprego, Bernard e seu ódio pelos negros.

Ademais, observa-se que Hortense não se intimida com a força do racismo com o qual ela se depara. A coragem é uma característica marcante nela. Além de não se sentir inferior ao branco em momento nenhum, Hortense não se deixa marginalizar abertamente. Quando há a tentativa de exclusão por parte de pessoas que estão em patamares profissionais inferiores que ela, Hortense revida com questionamentos e imposição de sua personalidade autoconfiante. Sua autoconfiança lhe assegura uma força para rebater os insultos e obstáculos que estão em seu caminho.

Outro aspecto que se deve ressaltar sobre Hortense é seu posicionamento em relação à criança híbrida. Hortense a aceita, pois sabe que além de ser rechaçada pela própria família, aquela criança também seria rejeitada pelo seu país. Apesar de ser negra, a criança era britânica e pertencia legitimamente àquele país, porém, sabendo de como os britânicos eram avessos aos negros, Hortense recebe a criança sem contestar. Essa atitude revela o quão aberta estava Hortense para as diferenças presentes naquela sociedade.

Todas essas características vinculadas na mesma personagem expõem o forte senso de identidade que a personagem emana durante a trama. Sua identidade sobrepõe todo o rebaixamento e humilhação que a afronta, mostrando que Hortense poderia enfrentar com altivez tudo o que viesse se interpor entre ela e seus sonhos.

### **3.3 – Identidade e resistência de Gilbert**

Gilbert Joseph, o jamaicano que se casa com Hortense, narra dezessete dos cinquenta e nove capítulos da obra *Small Island*, sendo nove desses capítulos referentes aos anos anteriores ao ano de 1948 e os outros se referem ao mesmo. Diferentemente de Hortense, Gilbert Joseph revela um caráter avesso à assimilação dos costumes e tradições do colonizador. Durante o desenrolar de suas ações percebe-se que sua identidade jamaicana é

ressaltada e que ele não faz questão de escondê-la ou disfarçá-la como Hortense o faz. O jamaicano procura integrar-se à sociedade britânica mantendo seus costumes e tradições, mas encontra dificuldades em sustentar tal atitude. Ashcroft (2001) argumenta que, quando o sujeito colonizado procura manter seus costumes e tradições, não aceitando ser absorvido por aqueles do colonizador, ele está resistindo ao poder colonial.

Mas a característica mais fascinante das sociedades pós-coloniais é uma ‘resistência’ que se manifesta como uma recusa em ser absorvido, [...] apropriando-se da força de influências exercidas pelo poder dominante, e transformando-a em ferramentas para expressar um sentimento de identidade e de cultura profundamente arraigados. Esta tem sido a forma mais generalizada, mais influente e mais comum de ‘resistência’ em sociedades pós-coloniais.

[But the most fascinating feature of post-colonial societies is a ‘resistance’ that manifests itself as a refusal to be absorbed, [...] taking the array of influences exerted by the dominating power, and altering them into tools for expressing a deeply held sense of identity and cultural being. This has been the most widespread, most influential and most quotidian form of ‘resistance’ in post-colonial societies] (ASHCROFT, 2001, p. 20).

Uma característica peculiar e bastante presente na personagem de Gilbert é seu comportamento típico de qualquer jamaicano. O modo de falar, as roupas e os gestos denotam sua origem e sua tradição. Os jamaicanos são tidos como sujeitos brincalhões, despojados e alegres, o mesmo pode-se dizer de Gilbert, que sempre procura ver o lado bom de todos os fatos que acontecem com ele. O jovem se mostra como um bufão e descontraído na maior parte do tempo, principalmente quando está junto de seus compatriotas. Quando Hortense chega da Jamaica ele a recebe com brincadeiras e piadas:

- Hortense, o que é que você tem dentro desse baú? Sua mãe?
- [...]
- Nesse baú eu tenho tudo de que vou precisar, obrigada Gilbert.
- Então você trouxe mesmo a sua mãe – Disse Gilbert. Deu aquela sua risada, da qual eu me lembrava. Um estranho som de fungada saído da parte de trás de seu nariz, que fazia reluzir seu dente de ouro. Eu ainda estava sorrindo quando ele começou a esfregar as mãos e dizer:
- Bom, espero que tenha trazido goiaba, manga, rum e... (LEVY, 2008, p. 24-25).

A descrição física de Gilbert também denota seu caráter espirituoso e alegre. Vários gestos que o rapaz faz durante a trama são reflexos de sua personalidade caracteristicamente jamaicana. O ato de sugar o ar por entre os dentes e a repetição do termo ‘*cha*’, traduzido em português por ‘arre’, são tipicamente denotativos de sua ‘jamaicanidade’:

Qualquer um que escutasse Gilbert Joseph falando saberia sem hesitação que aquele homem não era inglês. Pouco importa que ele vestisse seu melhor terno, tivesse passado gomalina nos cabelos e limpado as unhas, continuava falando (e andando) de um jeito jamaicano grosseiro.

[...]

Mas Gilbert continuava a sugar o ar por entre os dentes. A cada dois segundos, o homem dizia ‘arre’, e não conseguia, por mais que eu insistisse, parar de exclamar ‘ora, cara’ a cada frase (LEVY, 2008, p. 441).

Além dessas características que refletem sua origem jamaicana, a personagem, ao narrar os capítulos do romance, procura sempre convidar o leitor a dialogar com ele, como em uma conversa entre amigos. Essa aproximação do leitor, que Gilbert faz enquanto narrador, demonstra a sua procura em ser informal e estar disposto a manter uma relação de intimidade com as outras pessoas. Várias passagens em sua narração espelham essa proximidade com o leitor:

Agora me digam, vocês algum dia já viram um cachorro com um lagarto? (LEVY, 2008, p. 135).

Vou lhes pedir para imaginar o seguinte (LEVY, 2008, p. 138).

Agora vejam o seguinte (LEVY, 2008, p. 141).

Vamos, deixem-me explicar (LEVY, 2008, p. 143).

Elwood esfregou as mãos, tonto de alegria, ao recuperar o amigo de infância. Ele morava perto de Kingston, entendem? (LEVY, 2008, p. 144).

Escutem só, pensei até em cortar meu próprio dedo para selar o acordo com sangue (LEVY, 2008, p. 208).

Vamos, deixem-me contar como foi. Vejam-me agora (LEVY, 2008, p.307).

Estas são apenas algumas das inúmeras vezes que Gilbert se dirige claramente ao leitor, convidando-o a participar de sua história, como se o leitor pudesse, juntamente com ele, tomar parte em suas ações. A respeito disso, pode-se afirmar que o caráter inacabado de muitas obras literárias faz parte de seu próprio estatuto estético. O texto literário necessita da disposição do leitor para que seja compreendido e fruído em seus efeitos estéticos. Pode-se dizer que à medida que o texto precisa do leitor para ser compreendido, ele está sempre incompleto. Na verdade, faz parte da constituição de uma obra literária a presença de muitos ‘não-ditos’ que pedem para ser preenchidos. Eco (1994) afirma que para se ler uma obra ficcional é preciso, primeiramente, ter noção dos critérios econômicos que direcionam o

mundo ficcional. Ainda segundo Eco, esses critérios não estão explícitos no texto, mas devem ser pressupostos a partir das evidências presentes. Há, portanto, uma voz no texto que não diz claramente o que está sugerindo, mas cabe ao leitor segui-la para que a fruição se realize. Uma obra literária se mostrará mais atraente quanto mais o leitor participar de sua constituição, preenchendo os ‘não-ditos’, ligando os ‘fios’ que tecem o organismo textual. Ao juntar-se ao autor para construir a obra, o leitor acaba se tornando uma espécie de co-autor. Nesse processo, Iser (1996) postula que a obra acaba sendo constituída por dois pólos, o pólo artístico e o pólo estético:

O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor. Segue dessa polaridade que a obra literária não se identifica nem com o texto nem com sua concretização. Pois a obra é mais do que o texto, é só na concretização que ela se realiza. [...] a obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor (ISER, 1996, p. 50).

Sendo um sujeito diaspórico, a personagem se encaixa em algumas das características postuladas por Safran (1991 apud COHEN, 1998) no que diz respeito ao mito sobre sua terra natal e sua relação com os membros do país que adentrou. Lembrando as inferências de Safran sobre o sujeito diaspórico notamos que tais indivíduos mantêm uma visão ou um mito sobre sua terra natal, pois compreendem que não são totalmente aceitos na nova terra que habitam e, devido a isso, mantêm-se parcialmente separados do resto da população, em outras palavras, uma espécie de segregação é estabelecida pelo próprio ser diaspórico. O jamaicano mantém distância dos britânicos porque nota que não é bem vindo no país devido a sua cor e origem e, dessa forma, procura estabelecer o mínimo de contato possível com eles; Além disso, sua terra natal é idealizada: ao falar sobre a Jamaica, Gilbert o faz com saudosismo, relembrando as coisas boas provenientes de lá, como a comida, o clima e as cores vibrantes; Outro aspecto que podemos salientar na caracterização de Gilbert, que mantém correlato com as argumentações de Safran, é o fato de ele se relacionar de várias maneiras com a terra natal buscando estar junto com outros jamaicanos que habitam o novo país e sendo solidário a eles, estabelecendo assim uma ética de solidariedade em relação ao seu igual. Da mesma maneira que Hortense, a vida de seu marido se divide em dois momentos: seu nascimento e formação na Jamaica e a experiência como ‘filho do império’ no Reino Unido, sendo essa experiência dividida em duas situações diferentes: primeiro quando é um aviador voluntário na RAF e, em seguida, quando retorna ao país em 1948, como civil.

### *Jamaica*

Pouco se sabe sobre a vida de Gilbert na Jamaica antes de ele partir para combater junto às forças armadas britânicas na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o que se sabe é o suficiente para inferir que a personagem foi educada por sua família e na escola para ser um cidadão como tantos outros, sem muitas aspirações futuras. O pai de Gilbert é uma personagem, no mínimo, diferente. De ascendência judia, seu pai, que não é nomeado no romance, tinha a pele mais clara que os outros jamaicanos. Tal fato revela sua origem híbrida, o que foi suficiente para conquistar sua esposa Louise. Sua paixão pela bebida surgiu porque o homem não se conformava em ser judeu, passando, mais tarde a abandonar sua religião e adotando o catolicismo. Por seu comportamento, percebe-se que ele era um bajulador dos brancos e desejava estar entre eles para desfrutar de sua companhia, bem como participar dos mesmos eventos que eles compartilhavam:

Ficávamos todos olhando enquanto nosso pai percorria um a um os brancos que assistiam à missa ali. Segurava *suas mãos relutantes* e as apertava. Ria demais de piadas que mal tinham graça. *Dava tapinhas em costas logo antes de estas lhe serem viradas*. Bajulava aqueles brancos que se mostravam *altivos e alheios na sua presença* (LEVY, 2008, p. 130, grifos meus).

Nessa passagem nota-se que sua presença não era bem vinda entre os brancos, até porque ela denotava o hibridismo, o que era degradante aos olhos do branco. Por isso, os brancos não davam atenção a sua presença e o desprezavam de forma contida. Todavia, o negro tenta abrir espaço entre os brancos porque imagina que o relacionamento amigável com os colonizadores poderia lhe trazer vantagens. Tal personagem procura assimilar os valores veiculados pelo branco, em uma tentativa de se parecer com eles e, como consequência, se beneficiar. A mímica é utilizada por ele como meio de se igualar ao branco e ser aceito, porém, a condescendência dos mesmos para com sua atitude é meramente por uma questão de educação. Figueiredo (1998) comenta que, essa tentativa de se assemelhar ao ‘Outro’ faz com que o negro tenha uma ideia negativa sobre si próprio, perdendo sua identidade:

Diante da anulação do seu ser, diante do autodesprezo, o colonizado busca a assimilação, ou seja, tenta trocar e pele, adotando aquela que lhe parece cheia de atrativos: a figura do colonizador. Para fazer isso, o colonizado é levado a renegar a sua família, os seus valores, as suas tradições culturais e abraçar aqueles do colonizador, que ele, naturalmente, passou a admirar (admiração mesclada de ressentimento) (FIGUEIREDO, 1998, p. 66).

Sua mãe, Louise Joseph, é uma jamaicana que praticamente teve que cuidar dos filhos sozinha, com o fruto de seu trabalho como confeitadeira, juntamente com a tia de Gilbert, May,

porque o pai estava sempre bêbado e não era capaz de cuidar da família numerosa. Percebendo que o marido raramente ficava lúcido, a mãe de Gilbert tomou a frente nos negócios da família, diferenciando-se um pouco das mulheres daquela época, que geralmente ficavam em casa cuidando apenas do lar e dos filhos. As duas mulheres faziam encomendas de bolos para vender em Kingston e contavam com a ajuda de Gilbert, seu irmão e suas sete outras irmãs. Em sua infância e grande parte de sua adolescência, foram as encomendas de bolos de sua mãe e sua tia que ajudaram Gilbert a estudar em uma escola particular e ter o mínimo de escolaridade possível para que ele pudesse ter um futuro melhor. Entretanto, quando seu irmão Lester é recusado pela RAF por ser negro e vai trabalhar em fábricas nos Estados Unidos, é Gilbert quem fica responsável por fazer todo o serviço de entrega de bolos para sua mãe, o que o impossibilita de estudar. Gilbert, que já dirigia desde os dez anos de idade, começa a trabalhar em tempo integral para conseguir fazer todas as entregas e abandona a escola, mas não o sonho de um dia se tornar um advogado: “Não tive tempo de estudar à noite. A única coisa que aprendi em matéria de leis foram aquelas que regem o motor à explosão” (LEVY, 2008, p. 145). Mais tarde, embora não sabendo ainda, sua habilidade como motorista iria garantir-lhe o futuro no Reino Unido ao lado de Hortense.

Personagem significativa na vida de Gilbert é, sem dúvida, seu primo Elwood, uma figura caricata da personalidade jamaicana que está sempre ao lado de Gilbert para lhe dar apoio. Os dois cresceram juntos jogando críquete e subindo em árvores. O rapaz é sonhador e nacionalista, vendo a Jamaica como um paraíso, mesmo tendo que enfrentar a falta de emprego que assola o país a partir da década de 1930, devido exclusivamente ao pouco investimento financeiro que o Reino Unido destinava às colônias, fato que estagnava as chances dos países colonizados crescerem socioeconomicamente. Elwood procura dar conselhos a Gilbert, o qual prefere ignorá-los, apesar de mais tarde constatar que seu primo tinha certa razão. Quando Gilbert decide se alistar como voluntário da RAF, por exemplo, Elwood o questiona sobre os valores que ele nutre em relação à ‘pátria-mãe’:

Talvez meu primo Elwood tivesse razão.

- Cara, essa guerra é de brancos. Por que você quer perder a vida por um homem branco? Pela Jamaica sim. Para proteger seu próprio país sim. Por isso vale lutar. Para ver pele preta na casa do governador fazer mais do que servir à mesa e varrer o chão. Um homem negro na refinaria Tate and Lyle fazendo mais do que cortar cana. Por isso vale lutar. Nesse caso eu me junto a você, cara. Mas você acha que ganhar esta guerra vai mudar alguma coisa pra você e pra mim? (LEVY, 2008, p. 128)

Nesse discurso, o rapaz questiona Gilbert sobre a validade da guerra que ele se propunha adentrar. Enquanto a Jamaica possuía seus próprios problemas, os quais necessitavam da atenção de seus habitantes, Gilbert se interessava em ajudar a metrópole. Elwood, com seu discurso despojado enxergava aquilo que Gilbert não conseguia: a face real do imperialismo. Por vezes, ele avisa a Gilbert do perigo de estar se envolvendo demasiadamente com os britânicos:

Talvez meu primo Elwood tivesse razão quando me avisou: - Cuidado, Gilbert, lembre-se que os ingleses são uns mentirosos (LEVY, 2008, p. 147).

-Não me diga que a Pátria Mãe não cumpriu a sua palavra? Arre, puxa vida, cara, você quer que eu pense que os ingleses são mentirosos? (LEVY, 2008, p. 195)

Apesar de Elwood ser um homem aparentemente ingênuo e, por vezes, tolo, ele conseguia perceber a dicotomia branco/negro que havia se instaurado em sua sociedade. Entretanto, da mesma forma como os brancos repeliam os negros, Elwood o fazia com os brancos, ao invés de renegar tal atitude. Deduz-se que o rapaz figura a fixidez do negro, que se recusa a abrir sua mente e aceitar a presença do ‘Outro’ em seu meio, dificultando, dessa maneira, a integração do branco e do negro em uma mesma sociedade. Quando Gilbert decide voltar ao Reino Unido pela segunda vez, deixando a Jamaica definitivamente, seu primo o repreende pelo fato de ele ter raízes brancas em sua família, apesar de Gilbert não ter herdado a pele mais clara de seu pai:

-Ah Gilbert, eu sabia que você faria isso. Sabia que você iria querer morar na Babilônia. Sabia que você não ficaria aqui. Quer saber como eu sei? Vamos, deixe eu lhe dizer, Gilbert. Você pode parecer um de nós, mas nada vai mudar o fato de que seu pai é branco (LEVY, 2008, p. 206).

Diferentemente de Gilbert e de muitos outros rapazes, Elwood mantinha uma fé inabalável em seu país e, de acordo com ele, a presença dos brancos era responsável pela falta de emprego e decadência de alguns setores da Jamaica.

- Para por comida na mesa, precisamos ser nossos próprios governantes. Gilbert escute o que estou dizendo: chega de homens brancos, chega de classe dominante, de *bakkra*. Na minha opinião, temos que nos livrar de Busta também. Ele puxa demais o saco dos britânicos. A Jamaica precisa de empregos. Homens precisam trabalhar (LEVY, 2008, p. 197).

O rapaz nutre um sonho de inversão, onde o colonizador ocuparia as margens da sociedade e o negro ocuparia o lugar central. Esse sonho é bastante comum, pois expressa o

desejo do negro em ter tanto poder quanto o branco. Em um diálogo com Gilbert o rapaz demonstra sua aversão pelo branco e sua ingenuidade ao pensar que a solução dos problemas de seu país seria a expulsão dos mesmos da Jamaica:

- Quando nos livrarmos dos brancos... – Começou Elwood.
- Pare! Elwood será que você não vê? Quando se livrarem dos brancos, é um negro que vai mandar em vocês.
- Em mim ninguém manda. O negro vai ser o chefe.
- Você é um sonhador, Elwood (LEVY, 2008, p. 206).

A despeito das tentativas de dissuadir o primo a viver na Jamaica para sempre e se dedicar ao crescimento do país, Elwood não tem sucesso e Gilbert resolve partir para a guerra. Antes de embarcar pela primeira vez para o Reino Unido, Gilbert visualiza seu país como uma ilha desenvolvida e moderna. A Jamaica, maior ilha do Caribe, era tida como um lugar cosmopolita, fonte de sofisticação, enquanto que as outras ilhas caribenhas não passavam de ‘pequenas ilhas’. Porém, ao desembarcar nos Estados Unidos para fazer seu treinamento militar, Gilbert vai, lentamente, descobrindo que estava absurdamente enganado. O rapaz desconhecia que o histórico da escravidão era muito maior nos Estados Unidos que no Reino Unido. Em algumas partes dos Estados Unidos, a maioria da população era constituída por negros escravos, responsáveis por realizar o trabalho desgastante nas plantações, enquanto os a minoria branca os dominava, assim, a segregação racial e o preconceito eram de fato, comuns a todos. No Reino Unido, pelo contrário, a presença negra era muito menor, sendo apenas alargada a partir de 1948, com a chegada dos primeiros civis negros vindos, em sua maioria, do Caribe. Por conseguinte, muitos britânicos se sobressaltavam ao ver, pela primeira vez, um negro caminhando pelas ruas do país. Talvez, esse fato tenha corroborado para que os negros fossem vistos como uma espécie de seres de outro mundo, alienígenas, prontos a atacar os brancos.

### *Inglaterra*

Ao se alistar como voluntários nas forças armadas do Reino Unido, Gilbert, juntamente com outros rapazes jamaicanos, vão para um campo militar na Virgínia, nos Estados Unidos, para receberem treinamento militar adequado. Gilbert e seus companheiros ficam extasiados ao saborearem refeições deliciosas e em abundância em um país do Primeiro Mundo; porém, é nesse ambiente que Gilbert primeiro descobre como a sociedade estadunidense estava imersa na segregação racial.



Segundo seus superiores, nenhum homem poderia abandonar o campo de treinamento, porque todos corriam o risco de contrair doenças, o que os impossibilitaria de continuar seu serviço militar. Todavia, os soldados negros logo descobrem o motivo de não poderem sair do campo: eram negros, e nos Estados Unidos, a convivência de um branco com um negro era algo ultrajante. A desculpa encontrada pelos americanos para aceitar os soldados negros era porque eles eram britânicos, fato que, mais tarde no Reino Unido, Gilbert descobriu ser falso:

- Estão vendo, o preto americano não trabalha. Se sua barriga estiver cheia, ele não trabalha. Quando sentir fome novamente, apenas fará o necessário. O mesmo tipo de coisa acontece no reino animal. Mas vocês, rapazes, são diferentes. Porque vocês são britânicos.

[...]

- Eu sou fiel à minha bandeira, mas você jamais veria um branco que se preze indo lutar ao lado de um preto (LEVY, 2008, p. 131).

A segregação parecia ser a saída para que o branco não abrisse espaço para o negro em sua sociedade. Nos Estados Unidos o nome para tal segregação era um conjunto de leis intitulado *Jim Crow*. Essa lei era estadual e local nos Estados Unidos, promulgada entre 1876 e 1965. Alguns exemplos de leis *Jim Crow* são a segregação de escolas públicas, locais públicos e transporte público, bem como a segregação dos banheiros e restaurantes para brancos e negros. O exército americano também foi segregado. A lei *Jim Crow* referente à segregação nas escolas foi declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos em 1954 em *Brown v. Board of Education*. Em geral, as demais leis *Jim Crow* foram anuladas pelo Ato dos Direitos Civis de 1964 e pelo Ato dos Direitos ao Voto de 1965. Devido a todo o preconceito encontrado contra os negros no continente americano, Gilbert fica feliz em voltar para o Reino Unido, apesar de descobrir que a ‘pátria-mãe’ nutria a mesma aversão pelos negros tanto quanto os Estado Unidos.

O primeiro problema enfrentando por Gilbert no Reino Unido foi a diferença cultural entre ele e seus superiores. Seus costumes oriundos da Jamaica eram deliberadamente marginalizados e ridicularizados pelos soldados britânicos. Além disso, os negros sofriam todo o tipo de insultos referentes à cor de sua pele. Por vezes, eram chamados de ‘macacos’, ‘negrinhos’, ‘selvagens’, ‘crioulo’, ‘de cor’, ‘preto’, dentre outros. Aos poucos, Gilbert foi desenvolvendo uma espécie de filtro que o impedia de revidar aos insultos desferidos contra si. Ao sair na rua, o jamaicano e os outros soldados negros eram observados por todos, que se aproximavam deles, apenas para constatar que eles não eram civilizados. A visão essencialista

do branco o faz enxergar os negros como um bloco igual, sem características peculiares que os discerniam uns dos outros. Para eles, todos os negros eram ignorantes, desprovidos de cultura e degenerados sexualmente. Quase nenhum deles demonstrava interesse pelo ‘outro’, por sua origem e cultura. De acordo com Figueiredo (1998, p. 65), o branco reage negativamente à presença do negro desestabilizando sua subjetividade e, “enaltece as suas (do branco) qualidades, os méritos eminentes da civilização que representa e insiste sobre os defeitos, os deméritos do povo conquistado, seu atraso, sua pobreza, enfim, sua inferioridade”. Gilbert se ressentia porque nenhum branco sabia localizar seu país no mapa. Nenhum branco inteligente e educado nas melhores escolas era capaz de dizer que havia ouvido falar de uma ilha chamada Jamaica. Enquanto a educação que Gilbert recebera era direcionada a fazê-lo aprender tudo sobre a ‘pátria-mãe’, a educação do branco mal mencionava a existência das colônias britânicas. Tudo isso fazia com que o encantamento de Gilbert pelo Reino Unido se dissipasse ao poucos, pois o rapaz constatava que a ‘pátria-mãe’, que tanto necessitava dos negros das Índias Ocidentais para ajudar na guerra, não se importava com a Jamaica e seus soldados negros. A consciência do jamaicano, um indivíduo diaspórico colonizado, acusa a ignorância do branco em relação às suas próprias colônias, ou seja, o descaso e o desinteresse por algo que lhes pertencia e que lhes gerava frutos:

Era inconcebível que nós, jamaicanos, nós, das Índias Ocidentais, nós, membros do Império Britânico, não nos precipitássemos para defender a Pátria Mãe quando essa fosse ameaçada. Mas diga-me: se a Jamaica estivesse ameaçada, será que algum major, algum general, algum sargento seria capaz de encontrar essa amada ilha? (LEVY, 2008, p. 142).

A crítica de Gilbert em relação ao descaso do Reino Unido para com suas colônias o faz refletir sobre o modo de vida britânico e todas as fábulas contadas pelos britânicos que viviam nas colônias. Em nenhum momento Gilbert inveja os costumes e cultura britânicos, ao contrário, o jamaicano se ressentia por não poder ser um jamaicano em um país que ele amava a ponto de arriscar a própria vida em uma guerra para ajudá-lo. Vê-se que Gilbert encarna aquele imigrante que tenta participar da sociedade majoritária, mas que, devido ao preconceito dos membros dessa sociedade, acaba sendo segregado, contra sua própria vontade. Esse tipo de comportamento gerou um senso muito forte de união entre os sujeitos diaspóricos, corroborando para o estabelecimento do chamado ‘*community building*’ entre os sujeitos minoritários presentes no ceio das comunidades ditas hegemônicas e fechadas. Brah (2002) comenta que, nessas comunidades fechadas, o sujeito dominante é responsável pela

fabricação do ‘outro’, ou seja, responsável pela fabricação e manutenção do mito de que o imigrante representa uma ameaça constante a sua hegemonia e poder, dessa forma, cria mecanismos de defesa e de exclusão que afastam os imigrantes do centro, até se tornarem objetos, ao invés de sujeitos.

Gilbert consegue um posto como aviador na guerra, porém, por ser negro, ele não desenvolve tal função, sendo relegado a um cargo mais baixo: motorista. Mesmo a contragosto o jamaicano se sujeita ao trabalho, passando por diversas humilhações dirigidas a ele por seus superiores, soldados brancos e civis. Ao ser enviado a uma base militar americana perto da base onde ele se encontrava, Gilbert é exposto a todo o tipo de ultrajes que um negro poderia receber. Enquanto aguarda receber ordens do lado de fora do escritório do oficial chefe daquela base, Gilbert ouve a conversa entre os americanos que se sentem ofendidos por sua presença ali. Novamente, nomes como ‘crioulo’, ‘de cor’ e ‘preto’ são atribuídos a ele. Entretanto, o jamaicano não revida aos insultos que nada tinham a ver com o fato de ele ser um oficial, mas apenas com sua cor. Ao invés de criar qualquer atrito com o branco, Gilbert prefere manter-se em silêncio, fingindo aceitar pacificamente os insultos desferidos contra ele. Segundo Bhabha (1994), através da civilidade dissimulada (*sly civility*), o colonizado resiste ao colonizador, buscando conquistar o poder colonial sem conflito direto ou violência. Tal estratégia, muitas vezes, não é consciente, mas está arraigada na consciência do sujeito colonizado de uma forma que nem ele mesmo percebe que está resistindo. No caso de Gilbert, ele a utiliza conscientemente, para supostamente aceitar o que o branco lhe diz, porém, essa ação apenas o impede de entrar em conflito diretamente com o mesmo e preservar sua identidade cultural e ainda solapar a autoridade colonial e toda a sua soberba.

Enquanto Gilbert voltava para sua base naquele mesmo dia, ocorre um blecaute e, no meio do caminho ele dá carona para dois negros americanos. Os dois não conseguem acreditar que Gilbert é britânico e, por isso, o rapaz tenta explicar sobre as colônias britânicas ao redor do mundo e, mais especificamente, sobre a Jamaica. A conclusão que os dois americanos negros chegam é que os britânicos preferiam manter os negros longe do Reino Unido, pois os deixava morando em ilhas: “– Então – prosseguiu Levi -, os britânicos deixam toda a sua gente negra morando numa ilha, Você está muito longe de casa, igualzinho a nós” (LEVY, 2008, p. 157). Já habituados com a segregação racial em seu país, os dois rapazes comentam que acham estranho Gilbert, um negro, ter ido a uma base americana, pois os americanos não aceitavam a presença de negros em seu meio.

- Ora, Joe, eu sei que você é britânico. E entendo que os britânicos façam as coisas de um jeito diferente. Mas, e eu estou escolhendo minhas palavras com cuidado, como um ladrão diante de um juiz, mas Joe, imagino que você saiba que é negro. E um negro naquela base é mais ou menos tão bem-vindo quanto uma cobra no berço de um bebê. (LEVY, 2008, p. 158).

Gilbert se espanta ao descobrir que algumas cidades britânicas foram deliberadamente preparadas pelos americanos para receber soldados negros americanos e, outras, brancos. Mas os dois rapazes que seguiam viagem com o jamaicano consideram tal fato normal. Essa atitude demonstra como o negro americano tolera o separatismo imposto pelo branco. Isso é algo que já está enraizado em sua mente e, pela prática freqüente de tal ação, não o aborrece. Gilbert, porém, não percebendo que o Reino Unido também se assemelhava com os Estados Unidos, no tratamento do negro, questiona tal ação:

- Vocês não se importam em serem tratados assim?  
 - Assim como, Joe?  
 - Em serem maltratados.  
 - Como assim?  
 - Em serem segregados.  
 - Bom, Joe, eu sei que vocês britânicos fazem as coisas de um jeito diferente, mas lá de onde nós viemos, as coisas são assim... (LEVY, 2008, p. 160).

Note-se que a segregação racial nos Estados Unidos parte tanto dos brancos quanto dos negros. Os negros também não querem se relacionar com os brancos, pois acham tal situação degradante para eles também. Os dois rapazes americanos assemelham-se com o primo de Gilbert, Elwood, mas se diferem porque o jovem jamaicano alimentava um sonho de inversão, onde o negro seria privilegiado em detrimento ao branco, ou seja, o negro tomaria o lugar do branco em todas as facções da sociedade, resgatando a sua vida e cultura antes da chegada do branco. Em relação aos americanos negros, a conclusão que se chega é que eles simplesmente não acham correto misturar-se com os brancos por razões fundamentalmente raciais, devido aos longos anos de escravidão que assolaram os negros vindos da África e seus descendentes. Para o negro americano, integrar-se à sociedade do branco e ao seu modo de vida era ultrajante, por isso, bairros inteiros de algumas cidades americanas ficaram conhecidos como bairro de população negra, onde brancos eram proibidos de entrar e, caso o fizesse, seriam duramente castigados.

O encontro com os americanos acende um lampejo de consciência em Gilbert sobre a questão racial no Reino Unido. A partir desse momento, Gilbert parece prestar mais atenção aos problemas envolvendo os relacionamentos entre negros e brancos e, conseqüentemente,

adota uma postura menos agressiva quando se depara com um branco. Entretanto, ao conhecer Queenie Bligh, uma jovem britânica, que na época cuidava de seu sogro doente porque seu marido estava na guerra, o jamaicano começa a acreditar que negros e brancos podiam se compreender e viver em comunhão. Porém, Gilbert não conseguia vislumbrar a surpresa que o aguardava no futuro. Após cultivar uma amizade com a gentil e bela Queenie, Gilbert passa a imaginar que Reino Unido podia aceitá-lo como seu ‘filho’, mas a ‘pátria-mãe’ podia ser muito cruel para os negros e Gilbert ainda descobriria isso.

Certo dia, ele, Queenie e seu sogro, Arthur Bligh, resolvem ir ao cinema. No cinema, Gilbert reconhece como ele estava enganado sobre a suposição de não haver separatismos raciais dentro do Reino Unido. Ao entrar na sala de cinema, Gilbert é convidado pela funcionária a sentar-se em um lugar reservado apenas aos negros. Gilbert revela sua subjetividade ao questionar tal ação e ao recusar sentar-se em outro lugar que não fosse ao lado de seus novos amigos. Como o Reino Unido estava engajado em uma guerra contra o preconceito se ela mesma estava imersa nele? De que adiantava estar combatendo a marginalização dos judeus, se ali mesmo, soldados e civis negavam a alteridade e identidade do negro?

- Segregação, minha senhora, nesse país não existe segregação. Eu vou me sentar onde quiser neste cinema. E aqueles homens de cor lá atrás deveriam ter podido se sentar onde quisessem. Isto aqui é a Inglaterra, não o Alabama.

[...]

Meu coração estava tão disparado que tive medo de que aquelas batidas altas fossem receber mais um *shh*. Arre, puxa vida, cara – é muito topete! Nós aqui combatendo a perseguição aos judeus, e mesmo com o meu uniforme azul da RAF minha pele escura pode permitir que qualquer um me trate como se eu fosse menos do que um homem (LEVY, 2008, p. 183-184).

Gilbert entendia que estava combatendo em uma guerra justamente porque entre outros motivos, um grupo de pessoas, os judeus, estava sendo discriminado por sua origem, religião e costumes e, dessa forma, os britânicos, que viam tal ação como amoral e infundada, deveriam compreender que seu posicionamento para com o negro também era infundado. O rapaz enxergava a ironia por trás das ações contraditórias que moviam os britânicos naquela guerra. Sua recusa em aceitar a marginalização e a invisibilidade que estava sendo-lhe imposta naquele momento causa uma revolta entre os outros negros e os brancos que estavam assistindo ao filme no cinema. A polícia é acionada para conter a briga que alcança as ruas da cidade. Tiros são disparados e um deles atinge o sogro de Queenie, que morre no local. Diante

da tragédia Gilbert desperta para o horror do preconceito que inflava aqueles homens que ali se agarravam e se digladiavam unicamente por causa da cor dérmica. Gilbert constata tardiamente que, na verdade, ele não sabia que guerra era aquela: “Somente então foi que senti a dor lancinante daquela briga - e não foi por causa dos arranhões na minha bochecha nem do ferimento em meu ombro. Arthur Bligh havia se transformado em mais uma vítima de guerra – mas por favor, alguém me diga... que guerra?” (LEVY, 2008, p. 191). Apesar da dura guerra que se alastrava pelo mundo, as pessoas ainda conseguiam encontrar forças para lutar entre si em uma batalha despropositada e vã: a batalha do racismo. Compreende-se que a ideologia de dominação e superioridade ainda estava fortemente presente na consciência dos homens brancos que, aparentemente, não percebiam que estavam lutando por aquilo que eles julgavam estar contra: a segregação e a marginalização de culturas diferentes da deles.

Gilbert e Queenie não se vêem mais, apesar de Gilbert, que havia sido transferido de Londres após o incidente, ter escrito várias cartas a ela perguntando como ela estava. A atitude de Queenie em não responder as cartas do jamaicano demonstra que a britânica se ressentia por ter-se envolvido com um negro que, de certa forma, levava o sogro à morte.

Após alguns anos, com o fim da guerra, o rapaz embarca de volta para a Jamaica, cuja grandeza e sofisticação já não mais o encantavam quanto antes. Do *status* de ilha maior do Caribe, moderna e alegre, a Jamaica se torna para Gilbert, uma ‘pequena ilha’ apenas, emblema que remete ao título do romance:

Porém, em vez de ficar feliz com a desmobilização, eu olhava em volta intrigado como um amante desprezado. Então era isso. E agora? Alarmado, percebi que a ilha da Jamaica não era nenhum universo: tinha apenas uns poucos quilômetros de extensão antes de desaparecer no mar. Naquele momento, ali altivo no porto de Kingston, fiquei chocado com a terrível revelação de que, cara, nós jamaicanos também éramos todos habitantes de uma pequena ilha! (LEVY, 2008, p. 194).

Eu era um gigante vivendo numa terra do tamanho das solas dos meus sapatos. Para onde me virasse, eu via o mar. As palmeiras que os turistas achavam tão bonitas em todas as praias eram as grades da minha prisão. O horizonte eram as fronteiras que me atormentavam (LEVY, 2008, p. 206).

A Jamaica tornara-se uma prisão, que já não comportava mais os sonhos de crescimento que Gilbert nutria em seu pensamento. Assim, como muitos outros imigrantes que retornam, a personagem passa a relativizar sua terra natal. A todo o momento, ele compara os dois países e vê no país de origem, certa pequenez e desvantagem, enquanto que o país que o recebeu como indivíduo diaspórico, é visto como aquele que lhe pode proporcionar

um futuro melhor.

Após investir todo o dinheiro que tinha na produção de mel e perdê-lo todo após as abelhas fugirem, Gilbert encontra esperança de voltar para o Reino Unido ao se deparar com Hortense, que lhe propõe casamento e lhe oferece o dinheiro para que ele pudesse voltar para a ‘pátria-mãe’ e conseguir moradia e emprego dignos para que mais tarde, Hortense pudesse também embarcar. Sem pensar duas vezes, Gilbert aceita o acordo e, novamente, parte para o Reino Unido em busca da realização de seus sonhos. Entretanto, o homem que desembarca na ilha não era o mesmo Gilbert que desembarcara ali há alguns anos, cheio de ilusões e fantasias em relação à metrópole. Gilbert havia mudado consideravelmente, mas sua pele negra continuava a mesma. Desta vez, o jamaicano sabia exatamente o que esperar dos britânicos e de sua hospitalidade para com os negros. Nesse ponto, Gilbert reconhecia que o Reino Unido também era uma ‘pequena ilha’, pois ainda estava longe de se estabelecer como um país aberto às diferenças e à diversidade. Apesar de o país ser desenvolvido em vários setores, como economia, educação e cultura, a democracia racial ainda configurava como um dos grandes desafios a serem suplantados.

Diferente dos outros imigrantes que chegam à ilha pela primeira vez com suas cabeças voltadas para cima, admirando a paisagem nova e desconhecida, Gilbert mantinha sua cabeça voltada para baixo. Muitas vezes, o imigrante idealiza a terra para onde está migrando e passa a observá-la com olhos de admiração. A partir do momento em que se estabelecem na nova terra, muitos imigrantes sonham em se tornar parte integrante da sociedade maior em que está inserido. Ashcroft et al. (1995) afirmam que é o conceito de uma comunidade compartilhada, chamada por Benedict Anderson (1983) de ‘comunidade imaginada’, que permite que as sociedades pós-coloniais inventem uma imagem de si próprias, através da qual elas podem agir para se libertarem da opressão imperialista. Em se tratando de comunidades diaspóricas, a idealização de que a sociedade hospedeira se abrirá para o imigrante e ele poderá participar ativamente dessa sociedade faz parte de uma das formas de resistência mais comuns. Brah (2002) acrescenta que “uma combinação do local e do global é sempre um aspecto importante das identidades diaspóricas”. [A combination of the local and the global is always an important aspect of diasporic identities] (BRAH, 2002, p. 195). No romance *Small Island*, a autora usa uma metáfora perspicaz para marcar o retorno da personagem ao país, que cristaliza a realidade que muitos negros que iam para o Reino Unido naquela época teriam que enfrentar. Quando desembarca no porto londrino, Gilbert vê algo que ele julga ser uma jóia,

reluzindo no chão. Ao se aproximar da suposta jóia, para qual ele já havia feito planos, ele a vê se dissipar no ar em pequenos pontinhos pretos, constatando que ela não passava de um pedaço de fezes de um animal rodeado por moscas:

Meus olhos não acreditavam mais no que viam. Pois, assim que o bando de moscas saiu voando, tudo o que sobrou para mim foi o pedacinho de merda marrom de cachorro sobre o qual elas estavam reunidas. Seria um sinal? Talvez. Pois um dos recém-chegados de olhos esbugalhados veio logo atrás e pisou em cheio na sujeira (LEVY, 2008, p. 210).

Essa passagem é bastante reveladora porque prenuncia as dificuldades enfrentadas no futuro pelos sujeitos diaspóricos naquele país avesso a negros. Gilbert talvez compreendesse que encontraria dificuldades, por já estar acostumado à desmoralização e inferiorização infligida pelo branco, mas e os outros? Será que os imigrantes negros estavam preparados para o futuro que a ‘pátria-mãe’ reservara para seus ‘filhos’ negros? A resposta para tal pergunta talvez já esteja formulada se pensarmos na reação de Hortense em face da outremização que passa na sua procura por emprego como professora em uma escola britânica. Em contrapartida, Gilbert sabia que sua pele negra não era bem vinda ali, mas insistia em galgar os degraus do preconceito para conseguir sua vitória como imigrante no país. Já sabendo dos impedimentos que iriam atrapalhar sua vida no país, o jamaicano insistiria em conseguir um emprego digno de suas qualificações, afinal, ele havia lutado na guerra ao lado dos britânicos, como qualquer outro soldado. Além disso, ele sabia que era o momento do Reino Unido repensar o futuro e as relações raciais que configuravam a mente dos britânicos, por isso sua insistência em não ser assimilado pelos costumes deles e sim integrar-se à sociedade, mantendo sua identidade cultural intacta. Apesar de sua obstinação em não se deixar marginalizar ou mesmo, perder sua identidade, Gilbert reconhecia que suas opções como indivíduo diaspórico eram restritas.

Após dormir em lugares degradantes, sem conforto nenhum, Gilbert retorna à casa de Queenie, que lhe aluga um quarto, não muito melhor do que aqueles que ele havia encontrado naquele momento, mas, mesmo assim ele o aceita, pois sabe que seria difícil encontrar outro quarto que poderia ser alugado para um negro em toda a Londres. Nesse período pós-guerra, o problema de moradia se tornou crítico em várias partes da Europa. No Reino Unido, havia dificuldades em se encontrar abrigo até mesmo para os britânicos, devido à destruição causada pelos bombardeios. Assim, sendo a dificuldade também para os britânicos, os imigrantes passariam por situação semelhante ou, ainda, pior. O relacionamento de amizade



que Gilbert achava existir entre ele e Queenie dá lugar a uma exploração que a britânica insiste em empregar quando se dirige ao jamaicano. Gilbert já não era mais considerado um amigo, mas um empregado subalterno, que se responsabilizaria pelos pequenos trabalhos que precisavam ser feitos na pensão de Queenie. Apesar de a britânica necessitar do dinheiro que os negros lhe pagavam do aluguel, ela os tratava como seres inferiores e marginais:

O aluguel que Queenie nos cobrou-me *fez limpar os ouvidos para perguntar de novo*. [...] Então, quando fui lhe entregar o aluguel da primeira semana, no sábado, ela me disse que alguém tinha deixado a porta aberta por tempo demais. No dia seguinte, quis que eu soubesse que alguém batera a porta com força demais. Alguma coisa estava cheirando mal em um dos quartos. Alguém estava fazendo barulho demais. Eu precisava dizer aos rapazes para não deixarem a luz acesa. Já disse aos rapazes para manter os quartos limpos? (LEVY, 2008, p. 218, grifos meus).

Gilbert acostuma-se a fazer pândega das situações que o assola. Mesmo tendo que pagar muito caro pelo aluguel, ele se porta de maneira cômica, como forma de não se abater diante das diversidades. Esse comportamento dele é bastante comum durante toda a trama. Mesmo nos momentos de dificuldade por qual passa no Reino Unido, principalmente devido à discriminação e ao racismo, o jamaicano mantém uma postura caricata. Ao se mudar para a casa da suposta amiga britânica, Gilbert passa a ser o encarregado de tomar conta dos outros rapazes negros que residiam na pensão. Enquanto Hortense é confundida com uma simples babá, Gilbert, por sua vez, é tratado como um servo. Reconhece-se que a pele negra tem apenas um significativo: o símbolo da servidão. O branco reconhece o negro como um empregado da mais baixa estirpe, sem qualificações. Além disso, percebe-se, claramente, pelo modo como Queenie trata Gilbert, que a britânica espera dele nada menos que obediência. Os olhos imperiais denotam a visão simplista e negativa que o branco tem do negro. Embora Gilbert não gostasse disso nem um pouco sequer, ele se mantinha calado, pois estava consciente que se não fizesse como a britânica queria, ele certamente teria que sair dali e ir à procura de outro lugar para morar, mas, quem alugaria quartos para um negro naquela cidade? Reclamando de sua condição para si mesmo, Gilbert conseguia aliviar sua decepção para com a ‘pátria-mãe’:

Por acaso e agora era seu zelador? Aquela mulher estava começando a me irritar tanto que passei a considerar *seu marido um homem sensato por esquecer o caminho de casa na volta da Índia*. Cara, se houvesse uma chance de desaparecer da sua frente, eu a agarraria na mesma hora (LEVY, 2008, p. 219, grifos meus).

Quando Gilbert questiona, mesmo que apenas mentalmente, a posição que Queenie havia tomado em relação a ele, tratando-o como um mero zelador, ele está mostrando sua inquietação e agindo como um sujeito e não um ser objetificado quanto à britânica insistia em reduzi-lo. Sua reação é instantânea e o jovem jamaicano não realiza todos os desmandos de Queenie prontamente. Novamente, o jamaicano utiliza-se da comicidade para questionar a atitude da britânica. Gilbert articula em tom de brincadeira que o marido deveria ser um homem muito sensato por não ter voltado ainda da guerra. Vê-se que, embora Gilbert esteja sendo tratado como indivíduo subalterno, sua atitude é de pândega, de brincadeira. O jamaicano procura apoiar-se novamente na pilhéria para conseguir vencer os obstáculos que surgem em seu caminho.

Queenie, assim como outros ingleses que passaram pela vida de Gilbert, queria transformá-lo em um ser submisso, sem forças para revidar a discriminação e a diminuição de seu caráter. O modo como os brancos viam Gilbert faziam-no encolher-se, esconder-se em seu íntimo. Figueiredo comenta que o olhar do branco é vital para a construção do caráter do negro: “O olhar do branco o fixa, o confina. Esperam dele um comportamento não de homem, mas de negro. E o que é o negro senão um *constructo*, ou seja, uma construção cultural do branco?” (FIGUEIREDO, 1998, p. 68, grifos do autor) Apesar da escravidão já ter sido abolida há muito tempo o negro é reconhecido como um ser inferior, um servo. A partir disso, o negro passa a ter uma visão negativa de si próprio, processo extremamente neurotizante, que atinge a psique do indivíduo.

Apesar de reconhecer a rejeição do ‘Outro’, Gilbert prossegue com sua vida, com seu jeito despojado e irreverente como qualquer outro jamaicano típico. Isso se torna sua agência, seu modo de encarar a visão negativista que o branco tem dele, rechaçando a marginalização que lhe é, a toda hora, imposta. Em nenhum momento, o rapaz deixa de acreditar em sua capacidade e mergulhar na angústia da depressão. Ao contrário, Gilbert mantém-se fiel à sua cultura e costumes, enxergando que a solução para o problema racial era a integração de negros e brancos, ou seja, a desconstrução do binarismo branco/negro.

Em sua procura por emprego na cidade de Londres, a única vaga que o jamaicano encontra é a de motorista dos correios. Ao invés de se entristecer por estar desempenhando uma função subalterna e não digna de suas qualidades, Gilbert fica satisfeito, pois antes de conseguir o emprego, já havia recebido vários ‘nãos’ de outras empresas. Ele reconhecia que o país havia acabado de sair de uma guerra e que empregos não estavam sobrando do mercado

de trabalho, mas Gilbert reconhecia também, que as negativas que recebiam eram por causa de sua cor:

Depois de algumas semanas desse comportamento desalentador, foi como o Todo-Poderoso havia previsto. Este ex-aviador da RAF havia passado a nutrir amor por sua carteira de motorista integral e permanente. *Cara, fiquei feliz como um menino no dia do aniversário quando minhas mãos finalmente acariciaram o frescor de um volante como motorista dos correios. Ah, aquele livro celestial. Eu podia não estar estudando direito ali na Pátria Mãe, mas vou lhes dizer uma coisa, para um jamaicano, um emprego de motorista era uma sorte grande, mesmo que fosse sorte à moda inglesa (LEVY, 2008, p. 309, grifos meus).*

Mesmo não gostando de ser motorista durante toda a sua vida, o rapaz se alegra ao conseguir o emprego. Em tom de brincadeira, ato extremamente comum em Gilbert, o jamaicano compara a conquista do cargo ao dia do aniversário de um garoto. Diferentemente de Hortense, Gilbert consegue rir das situações de desesperança por quais ele passa. O emprego, que há algum tempo atrás o teria desagradado profundamente, se torna a chave para a agência do jamaicano como um cidadão imigrante daquele país. Com o novo emprego e moradia, Gilbert poderia trazer sua esposa para vir morar com ele, mesmo tendo que enfrentar muitas dificuldades juntos. Mas a primeira dificuldade que assolou o jamaicano em seu novo emprego foi o preconceito por parte de seu supervisor e de seus colegas de trabalho. Por causa de sua pele negra, poucos desejavam ser seu parceiro de entregas. Após uma discussão com um colega de trabalho que se recusou terminantemente em seguir a rota de trabalho ao lado do jovem negro, Gilbert foi conversar com o supervisor, que por fim, o havia tirado de sua rota:

- Por quê? – Perguntei a ele – Venho fazendo essa rota há semanas sem nenhum problema.
- Porque eu estou dizendo. Ele não quer trabalhar com você.
- Mas é o trabalho dele.
- E eu não o culpo. Eu disse que você daria problema.
- Não sou eu quem estou dando problema.
- Mais uma palavra, crioulo, e você está fora. Pode fazer a rota do King's Cross sozinho. Ou então pode pedir as contas. Entendeu? (LEVY, 2008, p. 311).

As estratégias utilizadas pelo império britânico durante a conquista de muitos territórios continuam a vigorar no Reino Unido: o supervisor de Gilbert ordena que ele faça seu trabalho sem questionar, mesmo que o questionamento tenha fundamento. Submisso, pois sabia que poderia perder seu precioso emprego por causa de uma discussão infundada, Gilbert

segue seu caminho, sem questionar mais o preconceito que se instaurara em seu ambiente de trabalho. Porém, aquele dia estava longe de estar terminado e Gilbert ainda teria que enfrentar aviltamento ainda maior por parte dos britânicos. Ao chegar a seu destino, o jovem pede ajuda para localizar os malotes que deveria transportar, mas, um grupo de funcionários que trabalhava na estação começa a zombar dele, chamando-o de ‘ladrão’, ‘negrinho’ e ‘crioulo’. Gilbert responde rispidamente ao homem que o agride verbalmente, sendo agarrado em seguida. O homem insulta Gilbert e pede para ele repetir a ofensa que havia feito ao homem branco. Covardemente, Gilbert se retrai e, não querendo agir de forma violenta, como o branco o estava fazendo ele age de forma submissa.

- Eu não disse nada, cara. Nada. – E então me encolhi abjetamente até minha *subserviência* fazer aquele homem me soltar.

- Agora que toquei em você vou ter que lavar a porra das mãos – disse-me ele, empurrando-me para longe.

Fiquei ali, *cabisbaixo* como um *cão* que apanhou, enquanto aquele homem dizia:

- Este seu trabalho deveria estar sendo feito por ingleses decentes – Mantive os olhos cravados nos pés dele enquanto ele meneava o queixo: Ali, naquele carrinho. Agora pega as suas coisas e dá o fora daqui (LEVY, 2008, p. 314, grifos meus).

Diferentemente de Hortense que repreende os rapazes que a insultam na rua chamando-a de nomes degradantes, Gilbert se mantém quieto. Ele agiu exatamente da forma com que os ingleses queriam que um sujeito diaspórico e negro vindo de outro país para tomar os empregos dos brancos agisse: com subserviência, com medo e como um subalterno. Spivak (1995) afirma que o subalterno é um grupo definido por sua diferença da elite, mas que, se tiver a chance, “pode falar e conhece suas condições” [can speak and know their conditions] (SPIVAK, 1995, p. 25). O processo de outremização no qual o branco fixa a distinção física entre ele e o negro é empregado pelo personagem branco nesse momento por causa da ideologia em que está inserido, ou seja, o branco interpela o negro, fabricando-o e estereotipando-o de acordo com seus interesses. Bonnici (2005, p. 52) argumenta que, “a classe dominadora não domina apenas, mas fabrica as idéias através das quais ela determina como a sociedade deve se ver”. A fabricação do negro como ser degenerado e vil conforma a continuação da escravidão: a desculpa do branco para excluir o negro, principalmente, naquele contexto pós-guerra era porque o negro estaria tirando os empregos que, por direito, seriam dos brancos. Entretanto, questiona-se qual seria a desculpa utilizada pelo branco para aviltar o negro se o contexto fosse diferente. Será que o branco aceitaria o negro em sua

sociedade, sem deliberadamente o discriminar, se houvesse empregos sobrando em seu país e a mão-de-obra do negro fosse necessária? Infere-se que as políticas raciais existentes atualmente no Reino Unido respondem negativamente a essa questão.

Embora Gilbert discordasse internamente do modo como é tratado, ele se posiciona como um sujeito marginal, pois sabe que, naquele momento não deve questionar a atitude do homem branco. Sua atitude, embora aparentemente seja de subserviência e aceitação, configura uma espécie de estratégia para evitar a violência iminente, caso ele revidasse diretamente. Sabe-se que o colonizador geralmente se portou de maneira violenta e inescrupulosa para dominar e manter seu domínio sobre os sujeitos colonizados, sua atitude é ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que acusava os nativos de serem degenerados e selvagens, era o colonizador que se utilizava da força bruta para sobrepujar o colonizado. Gilbert percebe que a violência só fará com que os homens que o insultam confirmem que ele é um selvagem, assim, passivamente, ele resiste pacificamente. Ashcroft (2001) afirma que, as manifestações sutis de resistências são aquelas que mais surtem efeito, porque são mais difíceis de serem combatidas pela ideologia dominante.

Apesar de sua força interior, Gilbert sente-se diminuto em relação a toda a situação que o lança para a posição mais baixa da escala social. Ao deparar-se nas ruas de Londres com a gentileza de uma senhora, que lhe oferece uma bala, Gilbert revela sua ânsia por reconhecimento por aquilo que ele havia feito pelo Reino Unido quando soldado, e também, seu desejo de ser aceito como um ser humano qualquer e não apenas pelo estereótipo de negro:

Por quanto tempo fiquei olhando aquela bala na minha mão? Bobo que sou, peguei um lenço no bolso para embrulhá-la. Não tinha a menor intenção de comer aquela preciosa bala. Pois aquilo para mim era a salvação, não pelo açúcar, mas pelo *ato de gentileza*. A amabilidade humana com a qual ela me fora dada. Eu me tornara ávido pela bondade das pessoas. Me prendia a qualquer coração bondoso. Todos nós éramos assim naquele *lugar hostil*. Quando encontrávamos um, nos prendíamos a ele. Um gesto simples, uma palavra simpática, um toque, uma bala grudada me resgataram de forma tão certa quanto se aquela inglesa me houvesse salvado de morrer afogado no mar (LEVY, 2008, p. 323-324, grifos meus).

Em outros romances pós-coloniais, a gentileza do branco para com o negro é visível também. Em *A distant shore* (2003), de Caryl Phillips (n. 1958), a personagem Solomon encontra delicadeza e afeição ao se relacionar com algumas personagens brancas, como a assistente social, Michael, a família dos Andersons e Dorothy. São esses pequenos gestos de

delicadeza e cavalheirismo que mantêm Gilbert em seu caminho, pois, apesar de tudo o que passava, ele não generalizava todos os brancos assim como seu primo Elwood o fazia. Ou seja, Gilbert não empregava o essencialismo em suas ações, o qual o branco insistia em utilizar ao se referir ao negro. O jamaicano não via todos os brancos em bloco como eles o faziam em relação ao negro, porque sabia respeitar as diferenças entre eles, ao invés de estereotipar e marginalizar tudo aquilo que provinha do branco. Cabe aqui lembrar o conceito de *differance* proposto por Derrida, que “não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente “Outro”. É uma onda de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em oposições binárias fixas” (HALL, 2006, p. 60). Esse conceito é evidenciado pelas ações que Gilbert desenvolve ao se deparar com o branco e a discriminação do mesmo. O jamaicano sabe que existem diferenças entre ambos, porém, para ele, tais diferenças não deveriam ser apenas baseadas na cor dérmica.

Nessa passagem, outro ponto interessante é o fato de Gilbert se referir ao Reino Unido como um ‘lugar hostil’. A visão da terra estrangeira, que pertence ao branco como um lugar não amigável é bastante comum. Veja-se que, no próprio romance, o primo de Gilbert, Elwood trata o Reino Unido como a ‘Babilônia’, ou seja, lugar de dificuldades e infortúnios. Em *Crossing the River* (1993), também de Caryl Phillips, a personagem Martha denomina a terra dos brancos escravagistas como ‘inferno’. Através dessas denominações tem-se a consciência de que, para o negro, estar inserido nesse contexto é muito doloroso e complexo. Nesse momento, tocamos em uma questão importante que compõe a diáspora: o conceito de ‘lar’.

Brah (2002) argumenta que a palavra ‘lar’ pode variar para os sujeitos diaspóricos, dependendo do grau de aceitação que a sociedade hospedeira demonstra por ele, ou, até mesmo, por seu apego àquela sociedade. Em *Small Island*, vemos que essa pluralidade de sentidos para o termo aparece com frequência. Elwood vê a Jamaica como seu lar, enquanto que o Reino Unido representa a opressão. Hortense visualiza a Jamaica como um lugar provinciano, pequeno para sua grandeza de espírito e conhecimento, enquanto que o Reino Unido seria o lar perfeito para ela. Ao ser rechaçada, a jamaicana já não enxerga a ‘pátria-mãe’ como um lar, mas como um lugar frio. Gilbert, apesar de reconhecer essa frieza do Reino Unido, continua a ver o país como seu lar, tendo em vista que, na Jamaica, ele não teria chances de crescer. Talvez, a questão a ser levantada aqui seria: quando o Reino Unido os veria como seus filhos? Quando esse país iria se dispor a ser o lar desses imigrantes?

A chegada tardia do marido de Queenie, Bernard, não facilita em nada a vida difícil que Gilbert levava, pois o britânico era extremamente racista e não tolerava sua presença mais em sua casa. A situação se complica ainda mais porque Bernard pensa que Gilbert é o pai do filho de Queenie; portanto, é com certa alegria que Gilbert recebe Winston, outro caribenho que também alugava quartos naquela casa. Winston viera lhe propor um negócio. O rapaz havia comprado uma casa que necessitava de alguns reparos e pedia a Gilbert que morasse lá, em troca do conserto da casa e de um pequeno aluguel: “- Quero que você venha consertar a casa, Gilbert. Você pode ir morar lá com sua nova esposa. O outro quarto podemos alugar para algum jamaicano. Nada de aluguel de inglesa. Um aluguel honesto, possível de ser cobrado. E você fica responsável por cuidar bem da casa” (LEVY, 2008, p. 492). Ao visitar a casa, Gilbert se empolga com a perspectiva de sair da pensão onde morava e ter sua própria casa, porém, fica relutante quanto à posição que Hortense tomaria. A casa estava danificada e precisava de muitos reparos, mas mesmo assim, o jamaicano fala da proposta a Hortense, que aceita visitar a casa para inspecioná-la. Pela primeira vez, os dois entram em consenso e decidem ir arriscar a sorte na nova empreitada. Quando Gilbert dá esse passo, em relação a sua independência dos favores dos britânicos, Hortense passa a ter mais respeito pelo jovem e os dois começam a conviver de forma mais harmoniosa.

Quando Hortense sofre sua primeira grande decepção com a atitude da ‘pátria-mãe’ para com ela, é Gilbert quem está ao seu lado para ampará-la. Gilbert, assim como muitos outros imigrantes, procura estar rodeado de outros imigrantes, porque se sentem seguros e mais à vontade com eles. O senso de ‘*community building*’ é muito forte no ex-aviador. Por isso, ao deparar-se com compatriotas, sua alegria aumenta. Quando ele e Hortense estão em um café, três rapazes negros desconhecidos o cumprimentam, fazendo-o pensar como era bom estar entre pessoas que estavam passando por situações parecidas com a dele próprio:

- Você conhece esses homens? – perguntou Hortense.

- Eles são do nosso país – disse-lhe eu.

- E você conhece todos eles?

- Sei que eles são do nosso país.

- Mas você não os conhece?

- Não, mas sei que são do nosso país.

Eu não disse nada a ela que, em alguns dias, ficava tão contente em ver um rosto negro que sentia vontade de sair correndo e abraçar o estranho conhecido (LEVY, 2008, p. 455-456).

O último parágrafo dessa passagem reflete o início da construção da identidade coletiva caribenha no Reino Unido. Como forma de enfrentar o racismo britânico, muitos

sujeitos diaspóricos caribenhos foram, aos poucos, se aproximando e unindo forças, para afirmar sua identidade e refutar a ideologia racista imposta a eles desde a sua chegada no país. Como já mencionado anteriormente, além de estabelecer contato com os membros de sua terra natal e tentar manter as tradições deixadas para trás, Gilbert representa o desejo do sujeito diaspórico de coexistir com o branco de forma pacífica, mantendo sua identidade cultural preservada e, ainda mais, mantendo a “possibilidade de uma vida caracteristicamente criativa e enriquecedora nos países anfitriões, com uma tolerância ao pluralismo” [the possibility of a distinctive creative, enriching life in host countries with a tolerance for pluralism] (COHEN, 1997, p. 26).

Gilbert aspira sua aceitação na sociedade anfitriã, mas desde que sua subjetividade seja respeitada e que, de alguma forma, ele também possa contribuir para o crescimento social do país, seja através de seu trabalho ou de sua herança cultural. Sabemos que a comunidade caribenha no Reino Unido se destaca por ser rica culturalmente e por influenciar consideravelmente a cultura da nação. Os movimentos negros culturais caribenhos, principalmente, foram responsáveis pela introdução do multiculturalismo que propiciou o alargamento e a propagação da cultura híbrida que passou a existir no Reino Unido, com a chegada de milhares de caribenhos. Hall (2006) explica que os grupos étnicos existentes hoje no país possuem uma característica marcante que é o senso de ‘comunidade’, ou seja, tais grupos possuem um “grande senso de identidade grupal” (HALL, 2006, p. 65). Além disso, explica o teórico,

As chamadas ‘minorias étnicas’ de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de comunidade com seus locais de origem continuam a existir. É o que ocorre nas áreas densamente ocupadas pelas comunidades afro-caribenhos, tais como Brixton, Peckham, Tottenham, o bairro de Moss Side em Manchester, Liverpool e Handsworth.

A vida de Gilbert no quarto alugado da velha mansão de Queenie se tornara absurdamente impossível após várias discussões e mesmo lutas corporais com o marido da britânica. Enquanto discute abertamente com o recém chegado, Gilbert questiona várias vezes a sua soberania e sua soberba em relação aos negros; porém, o homem parece desconhecer que ele está sendo racista, na verdade, ele pensa que negros e brancos não deviam se misturar, mas que tal atitude não é racista, apenas normal. Quando Queenie pede ao casal jamaicano



para adotar seu bebê, Bernard e Gilbert novamente começam a discutir e Gilbert questiona os valores de Bernard, como um sujeito superior apenas por sua cor dérmica:

- Sabe qual é o seu problema, cara? – perguntou – A sua pele branca. Você acha que ela torna você melhor do que eu. Acha que ela lhe dá o direito de mandar num homem negro. Mas sabe o que ela o deixa? Quer saber o que a sua pelo o deixa, homem? Ela o deixa branco. Só isso, cara. Branco. Nem melhor, nem pior do que eu... apenas branco.

[...]

- Será que eu devo ser o seu criado e você o senhor para sempre? Não. Pare com isso, cara. Pare com isso agora. Nós podemos trabalhar juntos, sr. Bligh. Não está vendo? (LEVY, 2008, p. 518).

Nesse momento, o jamaicano expõe abertamente sua posição em relação a sua marginalização, não aceitando ser taxado de inferior apenas por sua aparência. Agindo dessa forma, Gilbert revela sua subjetividade e desmistifica a ‘brancura’ como analogia de tudo o que é superior. Com seu discurso despojado de preconceitos, Gilbert desconstrói a ideia de que por causa da cor de sua pele ele é ignorante e aculturado e que o branco é o detentor do conhecimento e da soberania. O jamaicano não aceita ser desprezado por causa de sua cor e convida Bernard a esquecer as diferenças entre eles, como forma de aceitação das diferenças existentes. Percebe-se nitidamente a proposta do hibridismo: a abertura para o ‘Outro’, para o diferente.

Suas tentativas são frustradas, já que Bernard não conseguia compreender o sentido de tudo aquilo. Como ressaltado anteriormente, Bernard é o reflexo do ‘analfabetismo da imaginação’, quando se fecha para as outras culturas e deixa-se assimilar totalmente por algo que ele crê ser correto, ou seja, Bernard faz parte das “culturas que se fecham em determinadas funções, [culturas] que lêem o mundo de um único modo, [...] uma recusa total, uma dificuldade total para ler o mundo de qualquer outro modo, para fazer qualquer outro tipo de ajuste” (Harris, 1989, apud SOUZA, 1997, p. 76). Cansado de lutar por seus direitos e contra o preconceito, Gilbert decide partir daquele lugar levando o bebê de Queenie, pois, assim como Hortense, ele sabia que a criança, por ser negra, só seria maltratada e marginalizada como ele, com o agravante de que ela é britânica:

- Hortense – disse ele. – O que podemos fazer, o que podemos fazer? Não posso simplesmente ir embora. Deixar aquele bebezinho de cor sozinho neste mundo cheio de pessoas como o Sr. Bligh. Ele e todos os da sua laia. Que tipo de vida aquele homenzinho teria? Malditos sejam eles. (LEVY, 2008, p. 519).

A decisão dos dois jamaicanos de levarem o bebê consigo reflete muito como o negro, em geral, está mais propenso a aceitar o ‘outro’, o ‘diferente’ em sua vida. Mesmo sabendo que o bebê era filho de uma mulher branca, os dois o aceitam, pois notam que a criança não teria chances de se estabilizar socialmente em meio ao racismo da própria mãe, que não tem coragem para assumi-lo como seu filho híbrido. Gilbert, que a princípio se mostra um sujeito que aceita a objetificação, por ter receio de desencadear uma série de consequências negativas para si próprio caso revidasse aos maus tratos que recebe por parte dos brancos, acaba revelando sua soberania de caráter em relação aos mesmos, que se julgavam superiores.

O futuro do casal e da criança é incógnito, mas infere-se que sua predisposição em aceitar as diferenças que os rodeiam, os tornam mais fortes e mais seguros em sua agência. Sabe-se que as condições sociais não foram favoráveis à permanência do negro no Reino Unido, logo após o fim da guerra. De acordo com Hall (2006),

Jovens rapazes afro-caribenhos são altamente vulneráveis ao desemprego e ao baixo desempenho educacional, são desproporcionalmente presentes entre os excluídos da escola e a população prisioneira e são o objeto mais frequente das detenções em operações de blitz policial (HALL, 2006, p. 65).

Com o passar do tempo, essa situação ainda não se modificou, apesar de que as mulheres afro-caribenhas têm conseguido se destacar mais no campo trabalhista e na educação. A terceira geração descendente dos primeiros caribenhos diaspóricos a chegar ao Reino Unido contribuiu para a pluralização da cultura nacional, recusando-se a ser assimilados pela cultura do branco:

Elas representam uma nova configuração cultural – [...] marcadas por amplos processos de transculturação. Por sua vez, têm causado um impacto maciço e pluralizante sobre a vida social pública e privada na Grã-Bretanha, transformando literalmente muitas cidades britânicas em metrópoles multiculturais (HALL, 2006, p. 67).

Gilbert e Hortense são uma metonímia de todos os negros que lutam por condições melhores, que respeitam a alteridade e rechaçam a outremização. Sua reação ao preconceito solapa a hegemonia branca e seus pressupostos ideológicos baseados em conceitos hierarquizantes de ‘raça’ e ‘soberania’. Ilustrando a situação dos primeiros sujeitos diaspóricos que adentram o Reino Unido em busca de oportunidade e reconhecimento, o casal jamaicano demonstra que o negro foi fundamental para a construção atual da verdadeira identidade multicultural britânica.

A hegemonia e o monolitismo do branco representados por Queenie e Bernard no romance *Small Island* são solapados pela agência das personagens híbridas Gilbert e Hortense. Cohen (1998, p. 134) afirma que a migração e a criação de diásporas foram responsáveis pelo movimento da margem para o centro, além disso,

A identidade grupal pode permanecer forte e mesmo ser reforçada, em resposta à diminuição do espaço entre os povos. Esse espaço permanece e sua característica tem de ser explorada se quisermos compreender não só como somos parecidos e como já não podemos ignorar um ao outro, mas também, como as nossas diferenças permanecem profundas e, por vezes, insuperáveis.

[Group identity may remain strong and even strengthen in response to the shrinking of the space between peoples. That space remains and its character has to be explored if we are to understand not only how we are alike and how we may no longer disregard one another, but also how our differences remain profound and sometimes insuperable].

Aos poucos, as personagens negras do romance vão desconstruindo a ideologia binária essencialista que o branco persiste em utilizar. Primeiramente, Hortense se deixa encantar pela ‘perfeição’ que a cultura do branco demonstra. Tal encanto se fortalece porque a jamaicana havia recebido a educação colonial, ou seja, uma educação veiculada e controlada pelo branco, que procurava transmitir apenas o que lhe era conveniente para a conquista e a dominação do colonizado, fazendo com que este não pudesse abrir sua mente para questionar aquilo que o branco vinha lhe impondo desde há muito tempo: “Os governos colonizadores aumentavam seu poder através do controle da mente implementado pelo sistema educacional (BONNICI, 2005, p. 23). Entretanto, quando a jamaicana sai de seu país e vai para o do branco ela consegue perceber, de forma dilacerante, que a ‘perfeição’ era apenas uma máscara muito bem utilizada pelos colonizadores para subjugar e desmerecer a cultura do povo colonizado. Servindo-se de um discurso totalmente ideológico, o branco articula a forma de agir e comandar os considerados ‘marginais’:

Quem tem poder, tem controle do conteúdo e do saber e da maneira como e fabricado esse saber. [...] O poder, portanto, fabrica a ‘verdade’ e o desejo dos colonizadores europeus de controlar os outros povos foi acompanhado pela confirmação dos valores europeus (a religião, a democracia, a justiça, a razão, o preconceito, os pressupostos) como verdadeiros, universais e absolutos. O discurso eurocêntrico que dominou o mundo colonial e pós-colonial ainda mantém resíduos profundos, notoriamente de difícil extirpação, na mentalidade colonizada (BONNICI, 2005, p. 22).

A partir do momento que Hortense abre seus olhos para as estratégias de dominação e racismo que o branco utiliza para dominar e subjugar o negro, ela passa a resistir e a revidar. Em alguns momentos, sua resistência e revida são manifestados apenas interiormente, outras vezes, em forma de questionamentos que desestabilizam a suposta superioridade do branco. A agência do sujeito colonizado diaspórico constitui-se uma importante arma que subverte a soberania do discurso do colonizador. Segundo Bonnici (2005),

A agência é a capacidade de agir de modo autônomo, determinado pela construção da identidade. Na teoria pós-colonial, agência, intimamente ligada à subjetividade, é a capacidade do sujeito pós-colonial reagir contra o poder hierárquico do colonizador. Como a subjetividade é construída pela ideologia, pela linguagem e pelo discurso, a agência deve ser uma consequência de, pelo menos, um desses fatores. Embora a colonização tenha influenciado sobremaneira o sujeito e tornado difícil escapar de suas limitações, a agência do sujeito pós-colonial é possível, como as lutas pró-independência e a literatura pós-colonial (BONNICI, 2005, p. 13).

Gilbert possui uma visão da ‘pátria mãe’ diferente daquela que Hortense apresenta. Seu alistamento na guerra advém da vontade de ver um mundo diferente, de presenciar coisas maiores que sua ‘pequena ilha’ lhe proporcionava. O convívio com americanos extremamente racistas e ideologicamente fechados para a identidade do negro são responsáveis por lhe fazer enxergar que, na verdade, não só sua ilha era pequena, mas muitos outros lugares habitados pelo branco. Durante a guerra, o jamaicano passa por diversas situações que o colocam frente a frente com o preconceito racial, mas, consegue contorná-las usando o bom senso e a não-violência. Ter se alistado voluntariamente para ajudar a ‘pátria-mãe’ a derrotar o poderio alemão não é suficiente para garantir a Gilbert o direito de ser chamado de homem, apenas de nomes que o inferiorizam por ser negro. Deve-se lembrar que:

Os sujeitos coloniais britânicos sempre foram instruídos na ideia de que faziam parte de uma grande família das nações cuja mãe era a Inglaterra. Em todas as necessidades, a metrópole chamaria seus filhos ora defendê-la e lutar contra qualquer ameaça contra a causa democrática (BONNICI, 2009, p.432).

Ao voltar para a Jamaica, Gilbert passa a comparar seu país com o país do colonizado e, apesar de reconhecer que a cultura racista impera no país do colonizador, o jamaicano decide voltar e se integrar, de alguma forma, na sociedade do branco. A princípio, o sucesso parece estar muito distante do rapaz, mas percebe-se que ele não estava disposto a ceder às provocações dirigidas a ele. Contrariando a ideia de que todo negro é selvagem e degenerado, Gilbert não utiliza a violência para rebater as ofensas dos brancos, na maioria das vezes, é o

branco que o incita a lutar e a ser violento. Gilbert prefere abster-se de lutar, pois compreende a inutilidade do uso da agressão em determinados momentos. O revide, tanto de Gilbert e de Hortense permanece no campo discursivo, demonstrando sua capacidade de reconhecer que estão sendo deliberadamente marginalizados pelas atitudes do branco e, também, de lançar sua opinião e desacordo em relação a isso.

Sendo ambos sujeitos híbridos, pois tanto o pai de Gilbert quanto o de Hortense possuíam origens brancas, salienta-se, nesse romance a capacidade que o sujeito híbrido tem de se abrir ao novo, ao diferente. Os dois jamaicanos, em sua busca por realizações pessoais e profissionais, procuram se interar acerca da cultura e costumes do ‘Outro’, aceitando-o como ele é. A princípio, sua curiosidade os cega, tornando-os passivos e fáceis de serem dominados; porém, a partir do relacionamento que se desenvolve entre eles e os brancos, sua visão limitada do sistema binário em que estavam inseridos é solapada e eles conseguem desmistificar e desconstruir toda a sobrepujança do poder imperial. Bhabha (1994) sugere que o hibridismo é capaz de fazer com que o sujeito pós-colonial articule seu ponto de vista contra o outro, mantendo grande abertura, com o potencial de reverter as estruturas de dominação colonial. Além disso, o sujeito colonizado e o colonizador são interdependentes, pois um precisa do outro para existir. Negando a pureza hierárquica das culturas, o teórico afirma que os sistemas culturais são construídos e articulados num espaço chamado “terceiro espaço da enunciação”: “A intervenção do terceiro espaço da enunciação, o qual torna a estrutura do significado e referência em processo ambivalente, destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é usualmente revelado como um código integrado, aberto e ampliando. [The intervention of the Third Space of enunciation, which makes the structure of meaning and reference an ambivalent process, destroys this mirror of representation in which cultural knowledge is customarily revealed as an integrated, open, expanding code] (BHABHA, 1994, p. 37). É nesse terceiro espaço da enunciação que a identidade cultural emerge e o hibridismo é o local onde a diferença cultural se realiza.

### *Conclusões*

Gilbert é a personagem que representa a simplicidade e informalidade do povo jamaicano. Em geral, a cultura e costumes jamaicanos difundidos ao redor do mundo revelam o caráter informal, alegre e irreverente do povo. Gilbert não foge dessa perspectiva. Aliás,

essa é a característica que melhor descreve seu caráter. Seus gestos, modo de se vestir e de falar refletem a maneira como o jamaicano estava ligado à sua cultura nativa.

Gilbert sustenta o sonho de morar no Reino Unido, porque percebe que sua ilha é pequena demais para seus sonhos. Ele deseja encontrar um bom emprego, firmar-se como cidadão e, posteriormente, estudar e se tornar um advogado. O jamaicano percebe que esses desejos dificilmente se realizariam a partir do momento que sua cultura se choca com a cultura da ‘pátria-mãe’. Apesar de não ter recebido educação formal como a que Hortense recebeu, Gilbert tem uma percepção muito maior do racismo em que a sociedade britânica está imersa e de como ele seria tratado naquele país. A partir dessa descoberta, Gilbert reflete sobre o Reino Unido e descobre que aquele país também era uma pequena ilha, por estar muito fechada às transformações sociais pelas quais o mundo estava passando.

Apesar de se dar conta de sua posição marginal naquela sociedade, de ser atacado com palavras violentas e racistas, de ocupar cargos ínfimos e morar em um lugar deprimente, Gilbert sustenta sua identidade cultural. O jamaicano procura encarar as dificuldades de frente, fazendo galhofa dos problemas e dificuldades que o assolam por causa de sua cor, evitando um confronto direto e violento com o europeu, apesar de que, em alguns momentos, a violência parece ser o único subterfúgio que resta para lutar contra a exclusão social.

Gilbert se mostra curioso em relação à cultura do europeu e deseja conhecê-la mais de perto, sem, no entanto, deixar-se assimilar completamente por ela e anular sua cultura. O jamaicano rejeita a imposição da dominação do outro. De forma pungente, ele diz não ao racismo e à marginalização baseadas em um único arcabouço: a cor dérmica. Mesmo sem receber compreensão do britânico, Gilbert impõe sua identidade no contexto de marginalização em que está inserido, questionando o motivo que faz com que o britânico se sinta superior a ele. Gilbert abre espaço para que os britânicos entrem em sua vida, propondo uma negociação para que ambos possam viver em paz. Nesse ponto, tanto ele quanto Hortense se assemelham muito, pois estão dispostos a esquecer as diferenças entre eles e os britânicos.

Percebendo que o britânico não estava disposto a receber o negro em sua vida, Gilbert aceita ficar com a criança híbrida, abraçando a causa do excluídos, dos marginalizados. Dessa forma, observa-se que Gilbert é um homem corajoso, que enfrenta as dificuldades sem titubear, propondo-se a vencer os desafios, mesmo que isso signifique criar o filho de uma mulher branca britânica. O que isso poderia causar em sua vida é uma pergunta que continua

incógnita, mas concluímos que essa aceitação demonstra que seu caráter refuta a ideologia assimilacionista e binária que o branco insiste em adotar. Sob esse enfoque, finalizamos afirmando que o negro se mostra muito superior ao branco, mesmo o branco não aceitando tal fato.

### **3.4 Identidade e racismo de Queenie**

#### *Infância e formação racista*

A personagem britânica e branca Queenie Bligh representa a ‘brancura’ inculcada na ideologia do europeu. A personagem narra treze capítulos do romance; aliás, o romance inicia-se com a sua voz, relatando os eventos que aconteceram com ela ainda muito jovem. Esse capítulo se trata do prólogo do romance. A narrativa se passa alguns anos após a Primeira Guerra Mundial, em 1924, quando o Reino Unido já havia se recuperado dos transtornos causados: “No ano em que fomos à exposição do Império, fazia pouco tempo que a Grande Guerra havia terminado, mas ela já estava praticamente esquecida” (LEVY, 2008, p. 8). Esse capítulo faz uma alusão ao processo de formação do sujeito racista e trata da ponte entre essa formação e a não aceitação dela pela personagem no futuro. Nesse capítulo vê-se claramente não só a objetificação do sujeito colonizado pelo europeu que o ridiculariza através da estereotipagem relacionada à cor da pele, mas também a total ignorância do mesmo em relação à cultura dos países colonizados e seu desinteresse em aprender e valorizar os costumes deles.

Quando Queenie era ainda uma criança, ela e sua família vão à exposição do império britânico em Londres a fim de conhecer um pouco do que o império possuía ao redor do mundo. Em meio aos pavilhões onde as colônias estão sendo representadas, Queenie se vê em uma ‘selva’, como ela descreve o pavilhão da África. Lá ela depara-se com um negro, o qual é zoomorfizado por ela. O negro lhe fala e aperta a mão cordialmente. Tal atitude deixa a garotinha desconcertada porque ela jamais poderia imaginar que um negro pudesse falar inglês como ela e agir como um ser humano e não uma espécie de animal. Ao final, seu pai a acalma e a leva para um passeio na ferrovia panorâmica. Lá de cima ela podia ver toda a exposição e seu pai lembra-lhe que ela tem o mundo todo aos seus pés.

Nesse capítulo, os nomes dados às personagens e outros substantivos utilizados revelam características simbólicas a respeito do tema do romance. Queenie é, certamente, o nome que mais atrai nossa atenção. Seu nome na verdade é Victoria Buxton, homônimo da rainha Victoria (1818 – 1901). Sua mãe colocara esse nome, mas a apelidara de Queenie. Como Queenie é o diminutivo da palavra *Queen*, a escolha do nome pela autora é proposital e bastante sugestiva, pois ele representa a soberania do povo inglês. Além do mais, Queenie é filha de açougueiros e, no Reino Unido, os produtores de alimentos são privilegiados, principalmente no momento entre guerras.

Outro nome bastante sugestivo refere-se à professora de Queenie, alcunhada de “Early Bird”. Na língua inglesa existe uma espécie de provérbio que utiliza a expressão *Early Bird*, ou ‘pássaro madrugador’ em português. O ditado em inglês seria *The early bird catches the worm* que em português teria o equivalente: “Deus ajuda a quem cedo madruga”. O nome da professora é interessante porque denota o caráter de sabedoria e também de trabalho relacionado à profissão exercida por ela.

Além dos nomes das personagens, os nomes dados ao Reino Unido são muito pertinentes. Um exemplo do imperialismo britânico que se estendeu por todo o planeta diz respeito à forma como o país é chamado. Em nenhum momento a palavra Inglaterra é mencionada, apenas ‘Império’ ou ‘Império Britânico’. As duas expressões aparecem seis vezes nesse capítulo tal a relevância e a demonstração de soberania do Reino Unido naquela época. Até mesmo a bandeira britânica possui um nome, *Union Jack*. Em um dado momento, Queenie é obrigada a jurar perante a bandeira, que simboliza o poder do Império: “Early Bird, nossa professora, me fez ficar em pé na frente da bandeira Britânica. Não deixava ninguém chamá-la simplesmente de *Union Jack*: - Isso aqui é a bandeira do Império, não um número musical” (LEVY, 2008, p. 7). Enfim, a escolha desses nomes representa a suposta supremacia dos britânicos em relação aos povos colonizados, aliás, bastante evidente nesse capítulo e na história identitária dos britânicos.

Quando se trata da questão referente à aceitação da cultura do outro e da valorização desta, pode-se dizer que o Reino Unido não é um ‘Império’ mas sim, uma ‘pequena ilha’. Em várias passagens do romance, o britânico faz questão de deixar bem claro o binarismo entre ele e os povos não-europeus. Nesse binarismo, o britânico sempre ocupa a posição privilegiada, central, detentora da educação, sabedoria, cultura engenhosidade e avanço tecnológico. Esses fatores são sempre destacados quando comparados àquilo que os povos



não-europeus fazem. Quando a família começa a passear pelos pavilhões da exposição, suas impressões em relação ao outro sempre são de comparação com o próprio país e de desprezo pelos outros. A mãe de Queenie simboliza o total desprezo que os britânicos possuem daquilo que não é proveniente de sua cultura:

Minha mãe não estava interessada nas diferentes florestas da Birmânia nem nos grandes troféus de caça da Malásia.  
 - Quem sabe depois? – disse ela, referindo-se ao café da Jamaica. – Ah, não – falando do açúcar de Barbados – Para quê? – sobre o chocolate de Granada. E: - Pelo amor de Deus, onde fica isso? – ao ouvir falar de Sarawak (LEVY, 2008, p. 9).

Percebe-se nesta passagem que os britânicos em geral não dão importância para o que existe “de melhor” nos países colonizados pelo império britânico. Além disso, os países são representados pelos produtos que são extraídos deles e não por seu povo e cultura. Mais adiante, quando a família continua o seu passeio, suas impressões são descritas pela autora de forma a mostrar o desinteresse do britânico pelos ambientes e sujeitos diferentes que estavam sendo exibidos. Quase não há referências as pessoas das colônias e, quando se fala nelas, a intenção é sempre inferiorizá-las pelo fato de elas estarem usando roupas estranhas ou apenas diferentes daquelas que são usadas pelos britânicos. Quando passam por um pavilhão onde estavam a Nova Zelândia, Hong Kong e Índia, as impressões são as seguintes:

Prometeram-me [Queenie] que eu veria uma ovelha sendo tosquiada na Nova Zelândia, mas só chegamos a tempo de ver o magro animal recém-tosquiado trotando dentro de um curral com a lã empilhada ao seu lado. Hong Kong tinha cheiro de esgoto, e a Índia estava cheia de mulheres vestidas de forma espalhafatosa com estranhos panos compridos e coloridos. E todas essas mulheres tinham pintinhas vermelhas no meio da testa. Ninguém conseguia me informar para que serviam as pintinhas.  
 - Vá perguntar a uma delas – sugeriu Emily.  
 Mas minha mãe me dissera para não ir, para o caso de as pintinhas quererem dizer que elas estavam doentes – caso tivessem alguma doença contagiosa (LEVY, 2008, p. 10).

Ademais, no caso do pai de Queenie, o que o interessava eram as modernizações em relação às máquinas inventadas para facilitar a vida dos homens. Em nenhum momento seu pai faz menção ao fator cultural dos povos colonizados. No início desse capítulo, quando a mãe de Queenie mostra interesse em ir à exposição, o pai comenta que aquilo era “Uma perda de tempo, isso sim” (LEVY, 2008, p. 7). Ao chegar à exibição, seu intuito é apenas ver as novas invenções: “O que fez o meu pai resmungar que ainda não vira as máquinas de fazer

biscoitos ou de empacotar cigarros. [...] Minha mãe e meu pai se afastaram em direção às máquinas modernas e à refrigeração” (LEVY, 2008, p. 11).

Essa e muitas outras passagens nesse capítulo demonstram a fase de modernização e industrialização pela qual a Inglaterra estava passando. Após a guerra, o país vai se reerguendo aos poucos e a industrialização se torna ainda mais acentuada. A autora não faz menção disso explicitamente, mas a partir de certos textos é possível notar que essa situação era bastante comum naquela época na Inglaterra e que os ingleses faziam questão de mostrar como eram capazes de construir máquinas maravilhosas. Os textos demonstram isso:

Até que alguém lhe disse ter visto a verdadeira *locomotiva a vapor de Stephenson* exposta, em tamanho real (LEVY, 2008, p. 8, grifos meus).

O Império em miniatura. *O palácio da engenharia, o palácio da indústria, e prédios e mais prédios* que abrigavam todos os países que nós, os britânicos, dominávamos (LEVY, 2008, p. 9, grifos meus).

Para me fazer parar de pensar naquele encontro, meu pai me prometeu um passeio pela *ferrovia panorâmica* (LEVY, 2008, p. 13, grifos meus).

O binarismo imposto pelo britânico para separar o centro de suas colônias é fortemente expresso no momento em que Queenie, Graham e Emily vão passear e se perdem em meio ao pavilhão da África. A África ali exposta representava o negro em meio ao mundo do branco. Ao olhar em volta de si, eles percebem que estão perdidos em um lugar extremamente desagradável aos seus olhos. A discriminação perante a vida e os hábitos dos negros se manifesta através da comparação deles com animais e objetos. Além disso, sua cultura é subjugada e colocando em segundo plano quando comparada à do branco:

Estávamos na selva. Cercados por choças feitas de barro com telhados de palha pontudos. E dentro de uma das choças, sentada em um chão de terra batida, havia uma mulher com a pele tão preta quanto a tinta que enchia o tinteiro da minha carteira na escola. Uma sombra que ganhara vida. Sentada de pernas cruzadas, suas mãos urdiam um tecido de estampa colorida em um tear.

- Temos máquinas para fazer isso agora – disse Graham, enquanto Emily o cutucava para que se calasse. – Ela não entende o que eu digo - explicou Graham. – Eles não são civilizados. Só entendem tambores (LEVY, 2008, p. 11).

Observa-se que o europeu utiliza-se do binarismo margem/centro para outremizar a cultura do colonizado. Sobre esse binarismo, Ashcroft et al. (1998) comentam que:

O colonialismo só poderia existir se postulasse que existia uma oposição binária, na qual o mundo estava dividido. O estabelecimento progressivo de um império estável dependeu de uma relação hierárquica em que o colonizado existia como o outro da cultura colonizadora. Assim, a idéia do selvagem só poderia existir se houvesse um conceito de civilizado para opô-la.

[Colonialism could only exist at all by postulating that there existed a binary opposition into which the world was divided. The gradual establishment of an empire depended upon a stable hierarchical relationship in which the colonized existed as the other of the colonizing culture. Thus, the idea of the savage could occur only if there was a concept of the civilized to oppose it] (ASHCROFT et al, 1998, p. 36).

Através do uso do estereótipo para afirmar a inferioridade do colonizado, o colonizador obteve com mais facilidade tudo aquilo que propôs a tomar. Com isso, não só o colonizado foi desfalcado de seus bens materiais, mas também de sua autoestima e sua dignidade.

Mais adiante, as três personagens se encontram com um homem negro e a descrição de sua aparência faz o leitor imaginar que ali estava um animal e não um ser humano. O britânico faz questão de deixar bem claro que o negro é apenas uma sombra do que o branco é. A zoomorfização feita pela personagem Queenie representa o asco e a aversão presente na ideologia dominante britânica que julga ser superior.

Mas então, de repente, um homem apareceu. Um africano, Um homem negro que parecia feito de chocolate derretido. [...] Um homem-macaco, cujo suor rescendia a naftalina. Mais preto do que quando se pinta o rosto com uma rolha queimada. As gotas de suor em sua testa reluziam e brilhavam como diamante. Seus lábios eram castanhos, não cor-de-rosa como deveriam ser, e estavam inflados de ar como os pneus de uma bicicleta. Seus cabelos eram encaracolados como o pêlo de uma ovelha negra recém-tosada. Seu nariz achatado tinha duas narinas grandes como túneis rodoviários (LEVY, 2008, p. 12).

Reconhece-se que a partir da descrição feita por Queenie, o negro é o símbolo da negatividade e da inferioridade. A reação de asco que o branco tem do negro é responsável, muitas vezes, pela aversão que o negro passa a ter de sua própria pele. Fanon (1952 apud ASHCROFT et al, 1995, p. 325) afirma que o negro procura o olhar de reconhecimento no branco e, quando não o encontra, passa a sofrer de um complexo de inferioridade:

Quando começo a reconhecer que o Negro é o símbolo do pecado, eu me pego a odiar o Negro. Mas então, eu reconheço que sou um Negro. Existem duas maneiras de sair deste conflito. Ou eu peço aos outros para prestar atenção a minha pele, ou então quero que eles tomem consciência dela.

[As I begin to recognize that the Negro is the symbol of sin, I catch myself hating the Negro. But then I recognize that I am a Negro. There are two ways out of this conflict. Either I ask others to pay attention to my skin, or else I want them to be aware of it]

A primeira reação de Queenie é de nojo, perante um ser tão estranho e diferente. A garota fica transtornada por estar tão perto de um negro: “Ele poderia ter me engolido, aquele crioulo enorme” (LEVY, 2008, p. 12). Emily e Graham começam a provocar Queenie para que ela beije o negro, dando muitas risadas. A reação de ambos é de escárnio e zombaria. Porém, demonstrando que possui cultura e que se trata de um ser humano como qualquer outro, o negro se aproxima da pequena garota e fala em inglês cristalino: “Então quem sabe podemos apertar as mãos?” (LEVY, 2008, p. 12). Os dois então apertam as mãos e fazem os sorrisos nos rostos de Emily e Graham desaparecerem. Nenhum deles podia imaginar que um negro era capaz de falar ou mesmo agir educadamente como qualquer britânico. Ao contrário daquilo que Fanon (2008) afirma sobre a questão de o negro sentir-se dilacerado e inferiorizado por ser reconhecido como um objeto ou um animal é revertido nessa passagem. Assim, apoderando-se da cultura do branco, nesse caso, a língua, o negro expõe a fragilidade da ideologia do homem branco, que julga o ‘outro’ apenas por sua cor, esquecendo-se ou mesmo ignorando que, antes mesmo de ser colonizado, ou escravizado, o negro já possuía cultura. O ato de apropriar-se da cultura alheia para resistir e revidar ao imperialismo e à dominação é algo bastante comum nas sociedades pós-coloniais. Ashcroft et al (1998, p. 19), explicam que a apropriação se trata de:

Um termo utilizado para descrever as formas pelas quais as sociedades pós-coloniais assumem os aspectos da cultura imperial - língua, formas de escrever, cinema, teatro, até mesmo modos de pensamento e de argumentação, como a racionalidade, a lógica e análise - que pode ser utilizadas por eles para articular suas próprias identidades sociais e culturais.

[A term used to describe the ways in which post-colonial societies take over those aspects of the imperial culture – language, forms of writing, film, theatre, even modes of thought and argument such as rationalism, logic and analysis – that may be of use to them in articulating their own social and cultural identities].

Ao apropriar-se dos aspectos da cultura do ‘Outro’, o colonizado abre espaço para resistir ao controle cultural e político imprimido pela ideologia imperial. A apropriação das

normas discursivas parece ser um dos mais eficazes meios de subverter a hegemonia do branco:

Ao se apropriar da linguagem imperial, suas formas discursivas e os seus modos de representação, as sociedades pós-coloniais são capazes, na situação atual, de intervir mais facilmente no discurso dominante, para interpolar as suas próprias realidades culturais, ou utilizar a língua dominante para descrever essas realidades a um vasto público de leitores.

[By appropriating the imperial language, its discursive forms and its modes of representation, post-colonial societies are able, as things stand, to intervene more readily in the dominant discourse, to interpolate their own cultural realities, or use the dominant language to describe those realities to a wide audience of readers] (ASHCROFT et al., 1998, p. 20)

Após o encontro, o pai de Queenie explica que ela não precisava ficar preocupada com o encontro, pois o negro era civilizado porque havia sido educado pelo homem branco. Novamente percebe-se que a visão hierárquica do europeu se constrói a partir do momento em que ele se posiciona como aquele que propaga conhecimentos. O negro só passa a ter civilidade quando aceita o ensinamento veiculado pelo branco.

Para fazer a garota esquecer o que havia passado, o pai de Queenie a leva para um passeio na ferrovia panorâmica. Quando chegam ao alto, o homem fala para a garota uma frase emblemática da impressão de superioridade que o branco tem de si mesmo: “- Veja só Queenie. Olhe em volta. Você tem o mundo inteiro aos seus pés, garota” (LEVY, 2008, p. 13). A frase dita pelo pai de Queenie demonstra o poder existente nas mãos dos britânicos e toda a sua supremacia em relação aos povos colonizados. Essa ideologia de superioridade revela o eurocentrismo presente na consciência coletiva europeia. Ashcroft et al. (1998) explicam que o eurocentrismo é um processo consciente, pelo qual a Europa e os pressupostos culturais europeus são construídos ou assumidos como sendo universais. Sendo assim, fica evidente a valorização excessiva desses pressupostos em meio à sociedade em geral, na literatura, nas artes e na política.

Porém, contrariando o idealismo de grandeza e o imperialismo que o Reino Unido procura demonstrar para suas colônias, o nome do romance *A Pequena Ilha*, ou *Small Island* como no título original inglês, expressa a ideia de pequenez do país diante da cultura do ‘outro’. A estreiteza do pensamento em relação àquilo que é produzido e gerado pelo colonizado é visível não só nesse capítulo, mas em muitos outros. Logo no início, a personagem Queenie diz à professora e sua turma na escola que estivera na África, sem se dar

conta que a África era um país. Na verdade, nem mesmo a professora, que representa a disseminação do conhecimento, sabia que a África se tratava de um continente: “- Eu fui à África quando ela veio a Wembley”. Foi então que Early Bird me informou que a África era um país” (LEVY, 2008, p. 7).

Outro aspecto que demonstra a ignorância do inglês pode ser observado no momento em que a personagem Graham é introduzida na história. Graham representa uma paródia grotesca da ignorância britânica. O trabalho do rapaz se resume a fazer pouca coisa como, por exemplo, cuidar da comida dos porcos; como Queenie descreve, o rapaz não é rápido o suficiente:

Graham ajudava meu pai no barracão. Vigiava o fogo sob o painelão de comida para os porcos, levava os empadões de carne de porco para os fornos quando necessário, em suma, andava par lá e para cá fazendo o que meu pai pedia, só que não depressa o suficiente. Meu pai chamava Graham de Jim. No primeiro dia de Graham, ele disse seu nome a meu pai, que o olhou de cima para baixo e disse:

- Imagine se vou usar um nome chique assim... Vou chamar você de Jim. Consequentemente, algumas pessoas o chamavam de Jim e outras de Graham. Ele havia aprendido a responder aos dois. Mas a única ambição de Graham, até onde eu podia perceber, era passar a mão nos peitos de Emily (LEVY, 2008, p. 9).

O rapaz é visto como alguém estúpido e sua descrição corresponde a isso. Em várias passagens, as personagens fazem referência a ele como alguém realmente estúpido e ignorante. O pai de Queenie comenta que o rapaz era um “panaca bobalhão” (LEVY, 2008, p. 10) e em outro momento Queenie observa que o pai havia dado instruções ao rapaz, “instruções que precisou repetir duas vezes, para ter certeza de que seria compreendido” (LEVY, 2008, p. 11).

A invalidade da ideologia de supremacia branca é exposta quando Graham se encontra com o negro e o ridiculariza incentivando Queenie a beijá-lo. O africano não se irrita com o rapaz, que vira as costas e diz a Emily e Queenie que quer encontrar um banheiro. Ouvindo o que ele quer, o negro lhe indica onde encontrar um: “- Ali perto da árvore tem um toailete onde acho que o senhor vai encontrar o que precisa” (LEVY, 2008, p. 12).

Queenie narra que ele não encontrou o banheiro: “Mas Graham nunca achou o banheiro. Teve que fazer xixi atrás de uns latões enquanto eu e Emily ficávamos vigiando” (LEVY, 2008, p. 13). Tal ação parece ter uma explicação muito simples: por não encontrar o banheiro, o rapaz procura um lugar seguro para fazer suas necessidades fisiológicas.

Entretanto, se levarmos em conta que o branco sempre tenta se julgar superior nesse capítulo, indivíduo que possui um império em suas mãos, que controla o mundo, fica evidente que, na verdade, ele nada sabe sobre o mundo ao seu redor, pois sequer consegue encontrar o banheiro. Em outras palavras, se a exposição era o “Império em miniatura” (LEVY, 2008, p. 9) qual o papel do branco que necessita do negro para lhe dizer onde encontrar o banheiro, e mesmo assim não consegue achá-lo?

Nesse momento o binarismo branco-negro criado pelo branco para outremizar o negro se desfaz e o leitor pode observar que o negro possui identidade e inteligência tal qual o branco. Enfim, nota-se que o próprio discurso de superioridade utilizado pelo branco se desmorona diante de suas ações e das ações dos povos não-europeus descritos nesse capítulo. O binarismo branco-negro é facilmente desconstruído quando se dá conta de que as argumentações levantadas pelo colonizador para outremizar o povos não-europeus não têm um fundamento razoável e racional. A princípio, essa passagem se mostra como uma ode à supremacia branca; no entanto, em uma leitura mais comprometida com os sinais linguísticos deixados no texto vê-se que quer dizer exatamente o contrário.

Por outro lado, ela simboliza a formação de caráter racista dos britânicos. Queenie representa metonimicamente o modo como os brancos são ‘doutrinados’ a repelir o negro e tratá-lo ainda como na época da escravidão: como um ser inferior, aculturado e degenerado. Embora mais adiante Queenie tente colocar o negro no mesmo patamar que ela, fica evidente que sua formação racista não permite que ela fuja da ideologia de dominação e marginalização do negro. Em alguns momentos da trama, a britânica procura abrir certo espaço para o negro em sua vida, mas, imediatamente, outras ações praticadas por ela negam essa abertura.

#### *Queenie: adolescência e maturidade*

Apesar de Queenie representar toda a soberania dos britânicos no romance e Hortense representar a classe dos excluídos, a infância da britânica é muito menos privilegiada que a da jamaicana. Sendo de família humilde, Hortense sai da casa de sua mãe para ir morar junto com a família do pai, a qual possuía mais recursos e lhe deu educação apropriada. O foco maior da família de Hortense é a educação formal, ou seja, propiciar para que a jamaicana seja instruída adequadamente e, como consequência, seu futuro estaria garantido. Ao contrário disso, vinda de uma família com mais conforto financeiro, Queenie é afastada da

escola, aos catorze anos, para ajudar sua família de açougueiros. Enquanto Hortense passava sua adolescência a observar as galinhas no galinheiro, Queenie era obrigada por sua mãe a lavar todos os galinheiros da fazenda. Enquanto Hortense e seu primo Michael se divertiam com suas brincadeiras, Queenie tinha que ajudar sua mãe a fazer empadões de carne de porco para serem vendidos e, também, cuidar de seus irmãos menores. Entretanto, existem semelhanças entre as duas: no período escolar, ambas são as alunas encarregadas de fazer tarefas de comando sobre os outros alunos, ou seja, suas professoras lhe incumbiam de realizar pequenas ações que as faziam se destacar em relação aos colegas de sala de aula, porque tinham a confiança das professoras. A diferença nisso é que, apesar de se sentir mais importante que os outros alunos por desenvolver tais tarefas, a aprendizagem era a prioridade de Hortense; já Queenie perdia boa parte das aulas auxiliando a professora: “Algumas vezes eu passava a maior parte do dia nesses afazeres, e deixava de somar, de copiar do quadro-negro, perdia aulas de gramática, de ortografia, e perdia até as sessões de castigo” (LEVY, 2008, p. 238). O sentimento de superioridade em relação aos outros alunos também é perceptível em ambas. Hortense se esforça para pronunciar as palavras de forma correta e, dessa forma, se parecer mais com os britânicos, ato que lhe rendia elogios e certo grau de superioridade em relação aos colegas de classe. Queenie, por ser filha de açougueiros e, portanto, mais abastada, sente-se superior em relação aos colegas que são filhos de mineiros:

Desde o primeiro dia em que pisei na Escola de Ensino Fundamental Bolsbrook, eu soube que estava um nível acima dos filhos dos mineiros. Os filhos dos mineiros tinham os narizes sempre escorrendo, e a sujeira de seus rostos era tão entranhada que seria preciso deixá-los de molho dentro de um balde de um dia para o outro para removê-la (LEVY, 2008, p. 237).

Desde cedo, a garota britânica aprende a rebaixar ainda mais aqueles que estão em posição menos privilegiada na sociedade. Mesmo sabendo que as outras crianças sentiam fome e não tinham roupas para se agasalharem no inverno, Queenie não se deixa comover, e não divide seu lanche com eles, ou mesmo se penaliza com a situação deles: “Crianças magérrimas, sujas, com olhos fundos e a pele cinza como o céu de fevereiro, praticamente me implorando por alguma coisa pra comer. Minha vontade era enxotá-los dali, coisa que eu de vez em quando fazia” (LEVY, 2008, p. 241). Desde cedo, Queenie aprende a agir com ar de dominação em relação aos menos favorecidos, comportamento semelhante ao dos colonizadores que, ao conquistar territórios e torná-los suas colônias, passavam a desprestigiar a culturas dos povos conquistados e elevar o conceito da sua. Said (2007) argumenta que a



invenção do Oriente pelo Ocidente se dá através de oposições binárias, onde a Europa representaria tudo o que é familiar, enquanto que o oriente seria o estranho, esse binarismo se simplifica pelo uso dos pronomes ‘nós’ (Europa) e ‘eles’ (territórios colonizados). Sendo estabelecida essa distinção entre o mais poderoso e o inferior, torna-se fácil imputar os valores, costumes e leis àqueles que constituem a categoria dos ‘inferiores’. Por possuírem culturas divergentes daquela do colonizador, os povos conquistados eram subjugados e sua cultura rechaçada, avaliada como selvagem e vil. Loomba (2005, p. 91) aponta que “na realidade qualquer simples oposição binária entre ‘colonizadores’ e ‘colonizados’ ou entre as raças está enfraquecida pelo fato de que existem enormes diferenças culturais e raciais dentro de cada uma destas categorias, bem como nos cruzamentos entre elas” [In reality any simple binary opposition between ‘colonizers’ and ‘colonized’ or between races is undercut by the fact that there are enormous cultural and racial differences within each of these categories as well as cross-overs between them.]

Queenie não se sente bem morando com os pais na fazenda, pois teve que abdicar de seus estudos para ajudá-los em um trabalho que ela considerava insignificante. Assim, quando sua tia vem de Londres e resolve levá-la consigo para torná-la uma dama da alta sociedade londrina, ela se anima e passa a dedicar seus dias à construção de sua nova identidade. O que mais chama atenção é o fato de sua identidade estar sendo fabricada segundo os padrões para uma moça naquela época. Como em qualquer sociedade patriarcalista, sua tia tenta educá-la para que ela consiga encontrar um bom marido para casar, Queenie precisava mudar muitas coisas em sua personalidade. Lentamente, a jovem passa a incorporar novos comportamentos e atitudes convenientes a alguém que precisava ser aceita na alta sociedade e, conseqüentemente, encontrar um bom marido. Assim como o discurso colonial fabricava os sujeitos colonizados de modo a fazê-los se submeter à cultura do ‘Outro’ e, também, a seguir regras que não existiam em sua sociedade pré-colonial, o discurso da tia de Queenie veicula a ideologia de como se comportar adequadamente para ser um membro da alta sociedade, não se importando se Queenie julgava aquilo necessário ou correto. Análogo ao que aconteceu em muitas sociedades colonizadas, em nenhum momento a jovem é consultada acerca de sua opinião sobre o que está aprendendo; apenas recebe a explicação de que o que ela estava fazendo era necessário e benéfico.

Quando Queenie encontra um pretendente, um jovem que trabalhava em um escritório chamado Bernard Bligh, sua tia lhe garante que o rapaz seria um bom marido porque lia o

jornal *Times*, o que o tornava um cavalheiro. Queenie não se deixa apaixonar pelo rapaz; porém, quando sua tia morre, vítima de um infarto, e Queenie percebe que teria que se mudar para a fazenda de seus pais novamente, ela aceita prontamente o pedido de casamento de Bernard. O casamento dos dois se resumia a tolerar a presença um do outro. Não havia diálogo, principalmente por parte de Bernard, que não se esforçava para desenvolver uma relação de intimidade e dialógica entre os dois. Queenie percebia isso, porém, não tomava qualquer atitude para mudá-la. A união dos dois parece mais trazer frustração que felicidade a ambos.

### *Queenie e a Segunda Guerra Mundial*

Iniciada a guerra, Queenie, Bernard e Arthur passam boa parte de seus dias em um abrigo antibombas existente em sua casa. A situação se complica quando Queenie diz a Bernard que gostaria de acolher os desabrigados em sua casa, que tinha muito espaço. A reação do britânico é de total desinteresse pelas aflições dos mais pobres, já que não tinham o mesmo nível que ele. Com a recusa terminante do marido, Queenie resolve ser voluntária em um abrigo da cidade, para poder ajudar aqueles que necessitavam de cuidados, devido aos intensos bombardeios que destruíra suas casas. Aos poucos, as pessoas que perderam suas casas vão sendo abrigadas em imóveis desocupados. Muitas famílias, que moravam em bairros pobres da periferia de Londres vão para bairros mais nobres, até conseguirem ter sua residência de volta. A atitude da alta classe londrina é a de pavor, ao ver que seu bairro seria habitado por pessoas de outro nível social. A preocupação não é ajudar aqueles que necessitam, mas sim, mesmo estando em guerra, era manter as aparências e sustentar toda uma imagem que denotava a soberania dos mais ricos em relação aos desprivilegiados.

O vizinho de Queenie, o sr. Todd, comenta sobre a ‘invasão’ dos imigrantes vindos de outros países que haviam sido derrotados pelos alemães e dos refugiados das cidades inglesas bombardeadas: “- Será que todos os desabrigados do mundo vão acabar vindo parar aqui? – Indagou o sr. Todd – Ora, os poloneses já são tantos que seria possível começar seu país de novo. E agora esses *cockneys*. Vou lhe contar” (LEVY, 2008, p. 266). Já nesse ponto um quadro pode ser constatado: os britânicos não eram simpáticos aos imigrantes.

O marido de Queenie demonstra sua aversão pela pobreza e sujeira trazida pelos desabrigados: “- ‘Ah, vamos, Bernard. Você não tem compaixão?’ ‘- Eles são imundos, Queenie’ – sussurrou ele” (LEVY, 2008, p. 273).

Uma senhora que mora em um bairro de alta classe de Londres reclama da chegada em das famílias desabrigadas em seu bairro, porque o bairro em que ela morava era um lugar que não poderia abrigar pessoas que não pertenciam à mesma categoria social:

[...] Quero fazer uma reclamação. Não estou contente de ter essas pessoas morando aqui. Esta é uma rua de respeito. Aqui não é lugar para esse tipo de gente. Vou lhe dizer uma coisa, vai haver muita confusão se elas ficarem, porque não estou contente com isso, não estou nada contente (LEVY, 2008, p. 282).

Todas as demonstrações de repúdio aos seres inferiorizados e fragilizados por causa da guerra são reflexos da hierarquia institucionalizada por toda a Europa. O preconceito contra os imigrantes, ou mesmo os próprios britânicos que estavam migrando de seu bairro para outros, constitui uma antítese no cenário global da época. Um dos motivos de o Reino Unido ter declarado guerra contra a Alemanha era o preconceito contra os judeus, porém, a população, de um modo geral, parecia esquecer-se desse motivo. Grande parcela dos britânicos repudiava a atitude desumana da Alemanha, mas concomitantemente, repudiava parte de seu próprio povo por não estarem socialmente no mesmo patamar. A pergunta que Gilbert faz quando o sogro de Queenie morre devido a um conflito entre americanos e negros reflete a insensatez e futilidade do branco nesse momento: “Arthur Bligh havia se transformado em mais uma vítima de guerra – mas por favor, alguém me diga... que guerra? (LEVY, 2008, p. 191). O sujeito diaspórico, tendo sofrido com a exclusão nas esferas pública e privada de sua vida, tem uma visão mais abrangente da situação de racismo que impregnava a mente do europeu.

Quando o marido vai para a guerra, Queenie se vê sozinha para administrar a casa e cuidar do sogro que era doente. A falta de dinheiro e os problemas causados pela destruição da guerra iam tomando conta do bairro onde a britânica residia. Nesse tempo, já era muito comum encontrar soldados das colônias andando pela cidade. Ao ceder sua casa como abrigo a três soldados que estava ali de passagem, Queenie se depara com Michael Roberts, o primo de Hortense, que havia se alistado e estava lutando ao lado dos britânicos. As primeiras impressões de Queenie demonstram sua formação racista e sua antipatia pelo negro. A descrição física que a jovem faz do negro reforça a ideia errônea que o branco tinha do negro

desde o primeiro encontro com ele, mas, ao mesmo tempo, revela o encanto que ela teve ao se deparar com o rapaz. A partir do momento que ela o conhece, passa prestar mais atenção a sua própria aparência, tentando realçar sua beleza. Mesmo assim, o cuidado com sua aparência e o magnetismo que emanava quando os dois se encontravam não foram suficientes para Queenie deixar seu preconceito de lado. Queenie via Michael como um objeto, porém, um objeto que ela tinha curiosidade em explorar e conhecer melhor:

[...] Michael tinha a cor de uma castanha, não avermelhada recém-saída da casca, mas depois de ter passado algum tempo em seu bolso. Quando se inclinava para pegar uma carta, sua camisa se entreabiu, revelando aquela pele escura por todo seu peito. Será que daria para perceber que ele estava pelado quando se despia, ou será que parecia que ele estava todo vestido de couro?

[...]

Será que os seus cabelos tinham a textura de algo que se usa para arear panelas? Será que arranhariam a pele ou teriam o toque suave de um casaco de lã angorá?

[...]

O interior de sua boca era rosado como um aplicador de pó-de-arroz. Seus lábios eram roliços como linguças; seriam elásticos, como algo de borracha, ou será que ficariam macios ao serem beijados? (LEVY, 2008, p. 292-293).

Tratando-se de um indivíduo extremamente racista, o interesse de Queenie pelo jamaicano parece totalmente despropositado. Mas, ao pensar que o momento que a britânica enfrentava era de dificuldades, de incertezas futuras e, também, de insegurança e desapontamento em relação ao casamento, pode-se entender que a aceitação do negro em sua intimidade funciona como um escape, uma fuga da realidade, onde ela não era mais aquela mulher, mas uma outra, que não se prendia ao preconceito e aos ajustes sociais, alguém livre de sua própria personalidade:

Não era eu. A sra. Bligh sequer estava presente [...] A sra. Queenie Bligh jamais faria uma coisa dessas. Aquela outra, a sra. Bligh, geralmente ficava pensando no que preparar para o jantar durante as relações sexuais com o marido. Mas aquela mulher ali, não fosse o blecaute, teria sido capaz de acender Londres inteira (LEVY, 2008, p. 296).

O relacionamento entre ambos ocorre de forma muito natural e Queenie não acredita no modo como ela se comportara com Michael. A diferença entre seu marido e o jamaicano era enorme e ela, que se sentia entediada de ter relações sexuais com seu marido, descobre que Michael havia resgatado a mulher que existia nela. Porém, o relacionamento com o negro lhe trouxera uma gravidez indesejada, a qual Queenie procurou esconder até o último minuto,

pois ela sabia que, caso seus vizinhos descobrissem que ela estava grávida, sua vida estaria arruinada para sempre.

Durante a guerra e o período pós-guerra em que seu marido está desaparecido, Queenie enfrenta grandes dificuldades financeiras e, para poder sobreviver, resolve alugar alguns quartos de sua enorme mansão já muito avariada pelos ataques alemães. Mesmo finda a guerra, seu marido Bernard não retorna e, após dois anos de espera, a inglesa continua a alugar quartos para toda a espécie de pessoas que lhe possa pagar. Seus vizinhos não vêem aquilo com bons olhos, mas aceitam tal fato, pois sabem que Queenie depende daquele dinheiro para seu sustento. No entanto, sua aquiescência diante dessa atitude desaparece no momento em que ela decide aceitar negros como inquilinos em sua residência. Dividida entre as palavras de desprezo dos vizinhos referente aos negros e o bom comportamento desses mesmos negros, Queenie tenta balancear as relações até que o momento por qual o Reino Unido passa se acabe. A partir dessa polêmica que se cria em torno da não-aceitação dos negros na vizinhança, podemos inferir dois aspectos a respeito dos britânicos: o primeiro é sua ideologia de supremacia em relação ao resto do mundo, principalmente em relação aos países colonizados por eles e o segundo, diz respeito a sua ignorância e desinteresse pela cultura e costumes que não provinham de seu próprio país. A história identitária britânica pressupõe que a cultura do Reino Unido tenha sido homogênea até a imigração caribenha e dos países asiáticos logo após a Segunda Guerra Mundial. Até esse momento, a cultura seria, então, unificada, pura, sem a presença de quaisquer resquícios culturais oriundos de outras nações. A homogeneidade britânica tem sido questionada pelos escoceses, gauleses e irlandeses que vêem a supremacia identitária do Reino Unido como sendo um tanto quanto exagerada. Hall (2006) argumenta que isso se trata de um mito, o mito da cultura homogênea, criado para estabelecer uma distinção entre a metrópole e as colônias e que persistiu com a chegada dos imigrantes no país a partir do final da década de 1948. Os britânicos acusam que o multiculturalismo, hoje presente em sua cultura, se deve a imigração desenfreada vinda dos países colonizados por eles. De fato, logo após a Segunda Guerra mundial, caribenhos e indianos em sua maioria, embarcam para a ‘pátria-mãe’ a procura de uma vida melhor e mais oportunidades de emprego, mas isso não justifica a afirmação de que a cultura britânica se desestabilizou e se perverteu devido à presença dos imigrantes. Na verdade, a presença de outros povos no país só renovou e reestruturou os parâmetros culturais existentes.

É notório, nessa passagem do romance, que a ideologia britânica se mostra abalada devido à presença dos negros em sua sociedade. As relações sociais vão se modificando à medida que esses imigrantes começam a habitar os bairros tradicionalmente ‘brancos’ e a disputar as vagas de trabalho com os brancos. A reação dos britânicos a princípio é de horror e espanto que aos poucos cedem lugar ao escárnio e ao desprezo por aquele que é diferente: “Por causa dos dentes e dos óculos”. Segundo o Sr. Todd, meu vizinho de porta, era esse o motivo pelo qual tantas pessoas de cor estavam vindo para esse país (LEVY, 2004, p. 111).

Na verdade, o escárnio a respeito da aparência dos negros e sua falta de civilidade devem-se ao fato de que, de um momento para outro, era possível observar o aumento vertiginoso deles nas ruas e a realização de que a homogeneidade social britânica estava abalada. Santos (1996) comenta que esse período é caracterizado por um amplo desenvolvimento industrial e capitalista, bem como uma grande expansão do operariado no que diz respeito ao princípio da comunidade. Além disso,

O alargamento do sufrágio universal inscrito na lógica abstracta da sociedade civil e do cidadão formalmente livre e igual contribui para a rematerialização da comunidade através da emergência de práticas de classe e da tradução dessas políticas de classe (SANTOS, 1996, p. 76-77).

Embora a época denote um avanço nas esferas política e social, tais mudanças não se aplicam às políticas raciais. Na sociedade britânica retratada no romance, os negros sequer são considerados pessoas. O vizinho de Queenie teme por sua segurança e a contaminação de seu bairro pelas pessoas que ele considera selvagens:

[...] Negrinhos! Eu [Queenie] trouxera negrinhos para a casa ao lado da sua. Mas eu não era a única. Havia outros morando em volta da praça. Alguns outros um pouco mais acima na rua. Sua preocupação, dizia ele, era que transformassem a região numa selva (LEVY, 2004, p. 113).

O seu repúdio britânico não se destinava apenas aos negros, mas também aos imigrantes de outros países que, após a guerra, vieram instalar-se na Inglaterra. Mesmo tendo lutado contra o preconceito alemão, os britânicos nutriam o mesmo preconceito referentes aos imigrantes e judeus:

“Você precisa falar com ela Cyril”, ela deveria ter lhe dito antes de se lamuriar como aquela rua era respeitável antes de eles chegarem. Teriam pronunciado todas aquelas palavras – decente, adequado – polindo-as e fazendo-as brilhar, antes de culpar a Sra. Queenie Bligh por arruinar o país sozinha. Faziam a mesma coisa durante a guerra, embora nem mesmo eles pudessem me culpar por aquilo. Poloneses demais. Soterrados de tchecos. Tantos belgas que era impossível se mexer. E os judeus. Lamuriavam-se por

causa dos judeus mesmo depois de saber o que os pobres coitados haviam enfrentado. Tudo bem eles ficarem lá no país deles, raciocinava o Sr. Todd, mas não queria nenhum deles na nossa rua (LEVY, 2004, p. 112).

Sendo assim, todo interesse pela causa dos judeus e pelos desabrigados da guerra são solapados diante dessa atitude. Santos (1996) aborda, de certa forma, essa questão ao afirmar que, embora existam cada vez mais grupos sociais que lutam arduamente pela resolução de questões ecológicas, guerras nucleares, paz, diferença sexual e racial sua incapacidade de conseguir a resolução é ainda mais difícil. De acordo com ele, “é grande o nosso interesse na transformação, mas ao mesmo tempo, sentimos que temos muito a perder com ela” (SANTOS, 1996, p. 96). Ora, a ‘invasão’ caribenha e asiática afetava veementemente a hegemonia branca no Reino Unido. Apesar de o governo aceitar os imigrantes em seu país, eles “encontram condições de moradia precárias e empregos mal remunerados e não especializados nas cidades e regiões industriais” (HALL, 2006, p. 61).

Tal atitude pode ser comprovada quando Queenie comenta que Gilbert viera a sua casa pedir moradia, pois “ninguém mais queria hospedá-lo” (LEVY, 2004, p. 116) e quando seu vizinho o Sr. Todd lhe avisa que “esses negrinhos desvalorizam o bairro [...] O governo jamais deveria tê-los deixado entrar. Vai ser difícilimo nos livrarmos deles agora” (LEVY, 2004, p. 117). Reforça-se claramente a ideia de que os negros eram considerados quase que animais com os quais os ingleses eram obrigados a conviver daquele momento em diante. Daí a marginalização dos mesmos até os dias de hoje. A ideologia dominante inscrita nos consciente britânico designa o papel sempre inferior ao negro e o superior ao branco. De acordo com Weber, “as hierarquias estão ligadas ao processo de racionalização por que este procede pela diferenciação das funções e pela especialização das competências para as desempenhar” (apud SANTOS, 1996, p. 96). Desse modo, o britânico garante sua supremacia, através dos discursos de poder; porém, o medo de perder sua posição central no comando das ações é sentido por todos com a inserção do negro em sua sociedade.

O sentimento de estar perdendo seu espaço, antes cativo, é presente no âmbito social daquele momento quando o Sr. Todd conta a Queenie que sua irmã passara por uma situação bastante desagradável ao cruzar na calçada com duas negras. A britânica tivera que descer da calçada e caminhar pela rua para lhes dar passagem. Tal evento a deixa extremamente aborrecida, já que os negros eram tidos apenas como convidados naquele país e eram eles que deveriam descer da calçada quando algum inglês se aproximasse. Ao terminar o relato acerca

do incidente com sua irmã, o vizinho de Queenie complementa sua argumentação ironicamente dizendo que “as relações por aqui poderiam ser melhores se todos os nossos irmãos de cor entendessem como deveriam se comportar” (LEVY, 2004, p. 118). Queenie não se deixa abater ou se influenciar pelas palavras de ofensas pronunciadas por seus vizinhos assim como muitos outros que aceitam a presença do negro, seja pelo dinheiro trazido por eles ou pelo respeito que poucos britânicos nutriam pelo ‘outro’. Deve-se levar em consideração que, a inserção do imigrante na sociedade britânica foi um ato transruptivo para a população de um modo geral. Van Hear (1998) afirma que as sociedades não tinham escolha, senão aceitar as leis promulgadas pelo Estado que permitia a admissão de imigrantes de colônias e ex-colônias britânicas na metrópole. Todavia essa admissão não pressupunha uma inclusão social desses imigrantes por parte dos habitantes da metrópole.

As transformações na sociedade britânica refletem os momentos críticos pelos quais o país passava nos pós-guerra. A hegemonia do poder e a identidade imperial vão se desmoronando à medida que o governo passa a aceitar em seu país a entrada de imigrantes. Atualmente, argumenta Hall (2006), os imigrantes e seus descendentes constituem uma grande parte da população do Reino Unido.

#### *Queenie e sua relação com os negros*

A partir da chegada dos imigrantes caribenhos e asiáticos em 1948, a sociedade britânica passa por uma grande reviravolta. Muitos de seus pilares culturais, sociais e econômicos são modificados de forma lenta e gradual pela influencia das novas culturas. Tão logo o negro passa a fazer parte do cotidiano daquele país, sua cultura aflora refletida nos estilos musicais, no vestuário, na culinária e, até mesmo, na forma de agir. O preconceito racial, porém não deixa de existir e o indivíduo ‘diferente’, não-branco, ainda sofre com a discriminação do europeu. A Europa demora a perceber os sinais de modernização nas relações sociais. As personagens e as relações desenvolvidas entre elas nesse romance demonstram que eles ainda estavam longe de compreender tudo o que estava ocorrendo em toda a Europa e a velocidade com que as mudanças aconteceram. Porém, o romance nos mostra, também, que as transformações estão presentes na vida dos britânicos e eles deveriam abrir-se a elas para que pudessem encará-las e tirar a melhor vantagem. Até pouco tempo atrás a Jamaica era um país dependente do jugo colonial e sua identidade não era reconhecida como



sendo igual à britânica; hoje, a presença marcante dos imigrantes jamaicanos no Reino Unido demonstra que essa discriminação vem sendo, lentamente, suplantada.

A relação de Queenie e Gilbert é bem próxima da amizade. A britânica novamente se dispõe a aceitar o negro em sua casa após conhecer o jamaicano durante a guerra. O rapaz parece trazer luz à vida da jovem, que se sente isolada e sozinha por causa da guerra e todas as suas consequências. Durante o motim no cinema, Queenie exibe uma postura livre de preconceitos, ao defender a argumentação de Gilbert, em não aceitar o separatismo racial dentro de um ambiente público. A suposta amizade de ambos termina tragicamente com a morte de Arthur, seu sogro. Gilbert vai embora e Queenie resigna-se a cuidar de sua casa e esquecer-se do fato. Quando Gilbert volta pedindo que ela lhe alugasse um quarto, todas as memórias do passado retornam. Entretanto, Queenie passa a interpelar Gilbert mais como um simples serviçal de que um amigo. Ela o sobrecarrega com dezenas de trabalhos e responsabilidades. Percebe-se que a partir do momento em que ela o aceita como inquilino em sua casa, Gilbert passa a figurar como uma espécie de servo que estava ali para auxiliá-la nas tarefas mais desagradáveis. Queenie tenta demonstrar que não é racista, porém, sua atitude diante dos negros que moravam em sua casa demonstra o contrário:

[...] fiquei um pouco ressabiada quando alguns amigos de Gilbert, recém-desembarcados de um navio, vieram me implorar abrigo. *Não queria que minha casa fosse invadida*. Mas ele me garantiu que eram honestos. Winston era *bonzinho*, mas *aquele seu irmão...* Descia até meu apartamento com desculpas tão esfarrapadas que pareciam feitas de ar. *Bisbilhotava*. Ficava olhando para minhas pernas mesmo quando eu o olhava nos olhos. Animal, como Morris havia avisado. Eu disse a Gilbert que não gostava dele, e Gilbert lhe disse para ir embora. Ele foi embora como um cão que levou bronca, sem fazer alarde. Pelo menos acho que foi – ele e o irmão são tão parecidos (LEVY, 2008, p. 116, grifos meus).

Note-se que a descrição que Queenie faz dos negros revela uma ideologia de marginalização escondida. Em nenhum momento ela se dispõe a falar-lhes abertamente, mas em seu íntimo os critica por suas atitudes. O fato de aceitar os amigos de Gilbert em sua casa já a preocupa pelo fato de eles poderem ‘invadi-la’, como se eles fossem selvagens ou, ‘animais’, como ela afirma. Quando Hortense vai morar com Gilbert, Queenie a descreve como se estivesse a elogiando, porém, por trás de suas palavras, está o preconceito contra as mulheres negras: “Uma mulher. Não se vêem muitas mulheres *de cor*. Eu já vira algumas velhas, *com traseiros do tamanho de um ônibus*, mas nunca vira uma juvenzinha de cintura fina” (LEVY, 2008, p. 111). A expressão em destaque ‘de cor’ revela o modo como a mente

de Queenie estava imersa na ideologia de racismo europeu. Se ela não fosse realmente racista, como ela julgava ser até aquele momento, ela usaria a expressão ‘negra’, mas jamais ‘de cor’, por ser um termo depreciativo. A frase “com traseiros do tamanho de um ônibus” mostra como a britânica deprecia a compleição física das mulheres negras, além de subentender que, para elas, todas as negras eram iguais, ou seja, sem individualidade, as negras são generalizadas pela mulher branca. Isso denota, mais uma vez, que o branco aplica sempre o essencialismo ao tratar do negro. Para o branco, o negro sempre será visto de forma degradada e inferior. Entretanto, ao ver a jovem jamaicana, Queenie percebe que sua opinião generalizada acerca da aparência das mulheres era errônea. Bonnici (2005, p. 26) comenta que o essencialismo é o oposto da diferença, assim, “o sujeito é constituído por um sistema complexo de diferenças culturais, sociais, psíquicas e históricas”. Para que haja um reconhecimento dessas diferenças, faz-se necessário desconstruir a ideia de que os negros são inferiores apenas por sua cor:

A desconstrução, uma estratégia de subversão e transformação, é o antídoto contra o essencialismo, já que ela desarticula o binarismo conceitual sobre o qual se assenta o essencialismo. [...] A desconstrução pós-colonial solapa a própria base sobre a qual são construídas a identidade e a não-identidade (BONNICI, 2005, p. 26).

Nesse romance, as personagens brancas estão tão arraigadas ao essencialismo, que não conseguem perceber que seus julgamentos são totalmente inconvenientes e injustos.

Quando Queenie conhece Hortense, ela rapidamente se aproxima da jamaicana para conseguir atrair sua amizade. Hortense não se sente muito à vontade com a intromissão da britânica, e, por vezes, não fica evidente qual a real intenção de Queenie ao se aproximar da negra. Todavia, quando o leitor toma conhecimento de que a personagem britânica dá à luz um bebê híbrido, torna-se muito provável que Queenie tinha toda a situação já planejada em sua mente. Infere-se que Queenie se aproximou propositalmente de Hortense porque sabia que não poderia tomar conta de seu próprio bebê, pelo fato de ele ser híbrido; Hortense e Gilbert eram a solução para o ‘problema’ que ela mesma havia gerado. Nem mesmo a maternidade conseguiu dilacerar o racismo inscrito em seu interior.

### *Queenie e a exclusão de seu filho*

Após alguns dias do parto, quando Hortense e Gilbert resolvem ir embora, Queenie então resolve lhes mostrar o bebe recém nascido e o coloca nos braços de Hortense. Após

alguns momentos, ela pede que o casal leve o bebê com eles para que ele possa ter um futuro ao lado dos dois: “[...] Você e Gilbert querem levá-lo quando forem embora?” (LEVY, 2008, p. 510). Percebendo que o casal jamaicano não estava acreditando no que estavam ouvindo diante de si, teatralmente, Queenie se ajoelha e implora que ambos levem a criança. Seu marido, porém, a questiona sobre tal decisão e, demonstrado sua incapacidade de criar um filho negro, de aceitá-lo, Queenie pensa: “[...] Será que ele realmente não fazia ideia de por que nós, duas pessoas brancas, não podíamos criar um menino de cor? Perdi o fôlego. Não esperava aquilo, Bernard questionando o que era tão óbvio” (LEVY, 2008, p. 512). A exclusão racial é demonstrada de forma crua por Queenie, que não queria criar o filho negro em uma sociedade branca, pois ela mesma sabia que tipo de problemas ela e o bebê enfrentariam no futuro. Segundo Hall, “A maioria do povo britânico olhava esses ‘filhos do império’ como se não pudessem sequer imaginar de onde ‘eles’ vinham, por que ou que outra relação eles poderiam ter com a Grã-Bretanha (HALL, 2006, p. 61). Ignorando o fato de que os imigrantes faziam parte daquela sociedade, os britânicos se negam a reconhecer sua importância naquele âmbito.

Queenie não aceita a recusa do marido em dar o bebê para os dois jamaicanos, pois defende a ideia de que ela e Bernard não poderiam jamais conviver com uma criança negra em sua sociedade porque esta com certeza faria questionamentos que eles não poderiam responder e a sociedade iria excluí-los também. Queenie demonstra ser egoísta e orgulhosa pois não consegue refutar os valores racistas que permeiam sua mente. Nem mesmo o filho é capaz de mudar seu comportamento em relação ao negro. Isso fica óbvio quando ela comenta:

-Bernard, um dia, ele vai fazer alguma molecagem, e você vai olhar para ele e pensar “mas que pretinho safado”, porque vai estar com raiva. E ele vai ver isso nos seus olhos. Vai sentir raiva dele não só por causa disso. Mas porque os vizinhos nunca convidaram você para a casa deles. Porque ficam sussurrando coisas a seu respeito quando você passa. Porque nunca acharam que você é tão bom quanto eles. Porque pensam que você e a sua família são estranhos. E porque você tem um filho de cor (LEVY, 2008, p. 513).

Os jamaicanos diante de tal situação ficam estupefatos e não conseguem compreender até que ponto o racismo permeia o pensamento do europeu. O fato de a criança ser negra gera todo um mal estar que se espalha dentro da mente do colonizador e o impede de aceitar o seu próprio filho. Queenie jamais poderia aceitar a criança, pois sua mente racista a impedia de lutar por direitos iguais entre seu filho e sua sociedade, ou seja, o racismo era algo que ela não poderia ir contra.

- Isso iria matar você, Bernard – falei – Você pensou nisso tudo? Porque eu pensei. É só o que tenho feito, pensar nisso. E sabe de uma coisa? Eu não tenho coragem para tanto? Pensei que fosse ter. Deveria ter, mas não tenho forças. Não pra essa briga. Eu reconheço, não consigo enfrentar essa situação, e eu sou a mãezinha abençoada dele (LEVY, 2008, p. 513-514).

O rechaçamento da criança híbrida por sua própria mãe suscita várias reflexões acerca da presença negra no Reino Unido. Essa temática, que já parece ser um *leitmotiv* não só em *Small Island*, mas também em outros romances que abordam as questões geradas pelo colonialismo, desperta uma inquietação perante a situação de opressão vivida pelo negro desde sua imigração nos países colonialistas. Em *Fruit of the Lemon* (1999), de Andrea Levy, a personagem Faith é uma descendente de jamaicanos que, apesar de ter nascido no Reino Unido, sofre discriminação por ser negra. Em *Disgrace* (1999), de J. M. Coetzee, Lucy, uma mulher branca, é violentada por homens negros e engravida, mas decide aceitar a criança, vivendo em um ambiente negro. Também, no romance *Crossing the River* (1993) de Caryl Phillips, a personagem britânica Joyce engravida de um negro e tem uma criança híbrida chamada Greer. Joyce doa a criança a um orfanato, eximindo-se de enfrentar a sociedade que provalmente também a rechaçaria ao saber que ela havia gerado uma criança negra. Todos esses romances abordam de uma forma a dificuldade do branco em abdicar de sua ideologia e abrir espaço para a introdução do negro em seu âmbito.

Em *Small Island*, o bebê de Queenie é negro, mas nasceu no Reino Unido, portanto, é um cidadão daquele país. Sua situação é muito diferente da situação em que Hortense e Gilbert se encontram, pois a criança não é uma ‘forasteira’. Todavia, igualmente aos jamaicanos, ela é excluída, primeiramente de seu próprio lar e, mais tarde, possivelmente de seu próprio país. A criança perturba a hegemonia inscrita na ideologia dos britânicos, pois mostra a fraqueza deles. Queenie e Bernard representam a esfera microcós mica do romance: dois sujeitos racistas que não permitem que os negros ‘perturbem’ a ordem de suas vidas, não aceitando a criança negra. O Reino Unido representa o macrocosmo, pois, mesmo tendo filhos negros espalhados pelo mundo, não os aceita em seu seio. Queenie rejeita Michael, seu filho negro e, paralelamente, o Reino Unido rejeita Hortense e Gilbert, seus filhos negros.

Enquanto o branco usa uma espécie de máscara para incorporar seu *status* de ser superior, de indivíduo ideologicamente e hierarquicamente superior, ele esconde, na verdade, sua fraqueza como indivíduo humanista. O episódio termina mostrando justamente o binarismo criado pelo europeu para subjugar o negro e separá-lo do resto do mundo: “[...] eu só quero que ele esteja com pessoas que vão entender. Não estão vendo? *Pessoas iguais a ele*”

(LEVY, 2008, p. 514, grifos meus). Conclui-se que o fato de Queenie doar o bebê aos dois jamaicanos demonstra sua formação racista, onde o binarismo outro/Outro se propaga através de uma ideologia dominante que não aceita a diferença, ou seja, vê a diferença como algo maléfico que desmoraliza seus costumes e cultura. Bonnici (2009, p. 432) afirma que “a mobilidade das sociedades periféricas desafia a estabilidade e a fixidez da pureza racial (e, portanto, do racismo), que o Outro convenientemente inscreve como inerente e essencial à sua política de poder”. Portanto, aceitar a criança negra seria aceitar uma ameaça iminente.

O negro, ao contrário, mostra que sua mente é bastante diferente, pois através de um revide silencioso, deixa de lado o preconceito impingido pelo europeu e aceita ficar com o filho dele e criá-lo como se fosse seu, evidenciando assim a sua subjetividade. Essa aceitação da criança negra por parte dos jamaicanos revela que a criança só iria adquirir uma identidade ao lado deles, pois, apesar de ser britânico, seu destino seria sempre a exclusão. Novamente se discute a questão de lar, nesse âmbito. Qual o lar dessa criança? Mesmo sendo britânica, o Reino Unido seria o seu lar? Verifica-se que o romance não só preocupa-se com a questão do racismo, mas com as questões sobre a locação de lar que a diáspora propicia. Sobre isso, Bonnici (2009, p. 433-444) comenta que:

O lar é imaginado como um lugar mítico de desejo, o qual deve ser construído através da experiência, o que é característico da diáspora. Coneta-se, portanto, aos processos de inclusão e exclusão vividos pelo sujeito e ao sentido de pertença produzido em certas consequências. O lar é algo dinâmico e jamais um conceito essencialista fixo.

Apesar de os jamaicanos entenderem o Reino Unido como seu lar e o daquela criança, as circunstâncias vividas por eles até aquele momento denotavam que o sentimento de pertencimento não os alcançaria. Mesmo assim, os sujeitos diaspóricos não desistem de seu intuito: a inclusão social. Hortense, Gilbert e o bebê afastam-se de Queenie e Bernard em busca de aceitação em outro local. Em Finsbury Park, bairro onde Hortense e Gilbert vão morar, os imigrantes e a criança adotiva recomeçam suas vidas tentando integrar-se à sociedade, tornando-a seu lar definitivo através de uma negociação com o branco e seus preconceitos. Bonnici (2009, p. 435) afirma que:

No imaginário das pessoas diaspóricas esse lar multilocal é uma metonímia da atitude de assentamento na diáspora e uma tentativa incipiente de fixar-se ou criar raízes num país estranho. As restrições a quem é britânico, um construto fabricado pelos mesmos britânicos, são subvertidas pelas novas identidades formadas na metrópole. Na verdade, o complexo da diáspora

abre o debate sobre a condição de inclusão através da pluralidade de identidades.

Afinal, ao ter contato com a cultura do colonizador em seu país os sujeitos colonizados já sofrem uma transfiguração e, ao entrar em contato com a cultura do colonizador no país do colonizador, outros valores são agregados a sua identidade. O mesmo ocorre com o colonizador. Dessa forma, criam-se as identidades pluralísticas, capazes de subverter os conceitos e preconceitos estabelecidos. Essas identidades carregam o símbolo do hibridismo, do multiculturalismo, que são responsáveis pelo desenvolvimento da criatividade nas esferas públicas e privadas das sociedades.

### *Conclusões*

Queenie é a personagem que se autoproclama não-racista. Durante toda a trama, ela admite reconhecer o racismo em sua sociedade, mas que aquilo não se aplicava a ela. Entretanto, suas ações desconstroem facilmente essa afirmação. Pode-se listar em ordem cronológica sua aversão pelos menos favorecidos, incluindo os negros e imigrantes.

Primeiramente, quando ainda criança, Queenie outremiza um negro durante a exibição do império em 1924, comparando-o com um animal, sem ao menos procurar se interar de sua cultura e costumes.

Em segundo lugar, Queenie demonstra não sentir pena nenhuma das crianças mais pobres que ela, que mendigavam em sua porta, pedindo algo para comer, rindo, muitas vezes, de seus aspectos maltrapilhos e abatidos.

Em terceiro lugar, Queenie, já adulta, aceita se casar com Bernard apenas para não voltar a trabalhar na fazenda dos pais, cuidando de seus irmãos mais jovens e ajudando a mãe a fazer empadões, pois ela já estava habituada à vida na sociedade londrina e não queria se sujeitar novamente a tais afazeres.

Em quarto lugar, durante a guerra, Queenie tenta negar seu racismo voluntariando-se para ajudar os desabrigados; porém, tal ação é usada como válvula de escape para fugir do abrigo que seu marido havia construído para ela e o pai ficarem durante a guerra. Queenie sentia-se presa dentro do abrigo e, para amenizar o desespero, a agonia e a solidão que o lugar trazia, ela decide ajudar aqueles que estavam sofrendo mais que ela. Conclui-se que sua ação é mais intencionada a seu favor que a favor dos refugiados e desabrigados.

Em quinto lugar, tem-se o fato de Queenie aceitar negros e uma prostituta em sua casa

como inquilinos. Essa ação parece contradizer as anteriores, mas nota-se que Queenie precisava desesperadamente de dinheiro para sobreviver enquanto seu marido estava fora. O meio mais fácil de obtê-lo foi alugando quartos em sua casa, para pessoas que não eram aceitas naquela sociedade, mas que necessitavam de um lugar para morar com urgência e, conseqüentemente, pagariam o preço que fosse necessário. O aluguel que ela cobrava era extremamente caro. Os locatários tinham que trabalhar arduamente para conseguir pagá-lo. Se ela quisesse realmente ajudá-los, ficaria satisfeita em receber apenas o necessário para sua sobrevivência, mas não é isso o que ocorre.

Ainda sob esse prisma, pode-se concluir que Queenie é racista pela forma com que ela trata os inquilinos negros em sua casa. Como ela já conhecia Gilbert, ela o responsabilizava pelo comportamento de todos os outros negros que ali se encontravam. Era ele quem deveria alertá-los quanto ao barulho que faziam, quanto às luzes que deixavam acesas, etc., sem contar que, Queenie lhe atribuía diversas tarefas que deveriam ser realizadas por um zelador, e não por Gilbert. Por esse ângulo, vemos que a britânica trata os negros como inferiores, servos, mal-comportados, que necessitam de vigilância o tempo todo. Não é assim que uma pessoa não-racista se comportaria. Ao se deparar com Hortense, Queenie tenta conquistar sua amizade a qualquer custo, mas ao mesmo tempo, aborda a jamaicana como se ela fosse uma pessoa aculturada, que não sabia distinguir uma loja de tecidos de uma padaria. Além disso, Queenie tenta ‘ensiná-la’ a se comportar naquele país, insistindo em fazer com que Hortense aceitasse a outremização e desrespeito dos britânicos, ou mesmo, que a jamaicana se calasse diante das ofensas dirigidas a ela devido à sua cor negra. Uma verdadeira amiga não hierarquizaria a outra devido a fatores dérmicos.

Embora todos esses fatos demonstrem a identidade racista de Queenie, nenhum deles revela tão claramente esse caráter quanto o ato de rejeição do próprio filho. Durante a guerra, Queenie fica muito fragilizada, e Michael, o jamaicano que surge em seu caminho, parece ser uma espécie de fuga da realidade árdua por qual ela passava no momento. Essa fuga representa uma negação a sua personalidade racista, aos valores que ela havia incorporado durante toda sua vida. A consequência dessa fuga foi a gravidez inesperada, a qual Queenie resolve esconder de todos. Com o retorno do marido, ela decide doar a criança, pois sabe que nem ela, tão pouco o marido conseguiriam suplantar suas raízes racistas e criá-la como se fosse uma criança desejada por eles. Queenie se revela fraca, covarde e extremamente egoísta.

Ao recusar o próprio filho, por ele ser negro, Queenie não só se nega a aceitar o

diferente, mas demonstra o que o branco é capaz de fazer para não ter a presença do negro em sua vida. Essa negação do próprio filho é uma metonímia da relação que o Reino Unido tem com os ‘filhos do império’. O que o Reino Unido sempre pregou em suas colônias era o fato de que os nativos eram ‘filhos do império’, no intuito de obter sua confiança e os tornar dóceis, para que a conquista e a exploração do território fossem facilitadas. Entretanto, quando esses indivíduos procuram a ‘pátria-mãe’ em busca de moradia, emprego e reconhecimento, eles são duramente rechaçados e sumariamente excluídos.

Muitos desses indivíduos marginalizados já não são imigrantes, mas descendentes deles, nascidos no Reino Unido e, portanto, cidadãos daquele país, entretanto, a discriminação continua a assolá-los como se fossem alienígenas prontos a contaminar a sociedade com sua cultura descendente de outros países.

Andrea Levy mostra claramente esse paralelo entre a mãe branca Queenie, a qual rejeita o próprio filho e, a ‘pátria-mãe’, também supostamente branca e pura, a qual rejeita os filhos vindos de suas colônias (nesse caso, Gilbert e Hortense) e os descendentes deles. Queenie simboliza o microcosmo do romance, uma mãe que não aceita o filho por ser negro e, o Reino Unido simboliza o macrocosmo do romance, a ‘pátria-mãe’ que não aceita os seus filhos, mesmo sendo eles nascidos dela. Em ambos os casos, é nítida a fraqueza de caráter e a falta de receptividade àquilo que é estranho, diferente.

### **3.5 Identidade e racismo de Bernard**

Juntamente com Queenie, Bernard Bligh é outra personagem que simula a pureza da ‘raça’ branca e a superioridade da cultura ocidental. A personagem narra quinze capítulos do romance, sendo dez deles, sobre sua experiência na guerra e os outros, sobre os acontecimentos no ano de 1948, quando ele retorna para o seu lar. A história da vida de Bernard pode ser dividida em duas fases distintas: enquanto vive no Reino Unido e quando entra em contato com outras culturas, ao ser convocado à guerra. O britânico não se julga um indivíduo racista, porém, o desenvolvimento de seus atos durante a trama revela o oposto. Bernard é a personagem que mais se destaca na trama em se tratando de preconceito e racismo. Ele não consegue mascarar em momento algum seu repúdio à cultura do ‘outro’, aliás, o britânico sequer considera que os indivíduos não-europeus possuam qualquer tipo de cultura. Fanon (2008) lembra-nos que, “a civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial” (FANON, 2008, p. 88). Dessa forma,



vendo os outros povos como aculturados e selvagens, a pretensa superioridade do europeu aflora diante deles, entretanto, quando ele hierarquiza os povos que não pertencem a sua própria cultura, sua ignorância e falta de bom senso são expostos. Note-se que, o discurso de superioridade do europeu é ambivalente, porque, baseados apenas na cor dérmica, ele subestima outros povos, sem conhecê-los realmente. A construção da identidade racista de Bernard mostra essa ambivalência em seu discurso.

Dentro da ideologia de superioridade do branco e inferioridade dos povos não-brancos, Bernard se constitui uma espécie de ápice da não aceitação da subjetividade dos não-brancos. Enquanto Queenie tenta disfarçar sua aversão ao negro, aceitando-os, até certo ponto, em sua vida, Bernard não cogita a ideia de ter que conviver com eles. Como a maioria dos europeus, o britânico vê na sua cultura uma centralidade que pertence apenas a ela. Segundo Barbosa (2008, p. 47), “o eurocentrismo, deve ser entendido como uma forma de etnocentrismo singular, qualitativamente diferente de outras formas históricas. Isso porque ele é a expressão de uma dominação objetiva dos povos europeus ocidentais no mundo”

Percebe-se que Bernard cresceu tendo em vista os princípios da centralidade e hierarquia europeus e, por isso, a aceitação do ‘outro’ se torna impossível. Os relatos de sua vida são escassos e, de certa forma, a autora mostra, a partir de sua caracterização, que personagem é plana, sem grandes transformações durante a trama. A primeira característica notável em Bernard é o silêncio. A personagem é bastante introspectiva e prefere calar-se a dar sua opinião, reclamar ou impor sua vontade, aliás, sua vontade só é imposta quando ele se encontra com os negros que estão vivendo em sua casa como inquilinos.

#### *Bernard: infância e casamento*

Poucas informações a respeito da infância de Bernard são reveladas no romance. O que o leitor toma conhecimento vem de memórias que o britânico tem de sua juventude durante a guerra. Bernard nasceu e cresceu em Londres, na mesma casa onde seu pai, Arthur Bligh, nasceu e cresceu também. Nas férias ia com os pais para Dymchurch. Assim como ele, seu pai também serviu ao exército britânico, na Primeira Guerra Mundial e também trabalhava em um banco, o mesmo banco em que Bernard trabalhou durante toda a sua vida até seu alistamento na Segunda Guerra Mundial. Bernard relata que antes de o pai ir para a guerra, ele lhe ensinava a jogar críquete, brincava com ele e lhe comprava livros. Os livros

que Bernard recebia de presente de seu pai, ainda quando não podia ler, eram, no mínimo, intrigantes e, pelos títulos (*Sabre e Esporas*, *A escrava branca do sheik* e a revista *Anuário para meninos*) remetem a aventuras e também ao relacionamento entre membros de diferentes nações e culturas. O título *A escrava branca do sheik* denota a inserção do orientalismo na formação da identidade de Bernard, fato que mais adiante se tornará notório. A relação entre ele e o pai parece ser muito carinhosa e amigável. A partida do pai, com dezenove anos de idade, para lutar na guerra transformou a vida de Bernard. Sem a figura paterna em casa, foi sua mãe, Agnes Bligh, a responsável por cuidar de sua educação e sustento. Seu pai continuava mandando cartas a família dizendo que estava se divertindo na guerra, mas escondia que, na verdade, ele estava passando por situações muito difíceis. O reencontro de Bernard, já com oito anos, com o pai não era o esperado pelo menino. Após anos na guerra em situações nada agradáveis, Arthur Bligh retorna para casa com problemas psicológicos que o afetaram profundamente. A mãe de Bernard envelheceu consideravelmente durante a guerra e após o retorno do marido, seu desejo de ter mais filhos foi esquecido porque o marido não era mais o homem que ela conhecera antes da guerra.

Da mesma maneira que Queenie teve que alugar quartos de sua casa para sobreviver durante a ausência de seu marido, a mãe de Bernard o fez quando descobriu que ela teria que cuidar das coisas sozinha, sem a ajuda do marido. Bernard se acostuma com a visão da mãe sempre trabalhando e zelando pela ‘moral’: “Ela começou a alugar quartos na casa. Passava o tempo todo subindo e descendo escadas, cobrando aluguéis e vigiando a moral. Escutava à porta da sala de visitas para o caso de algum mau elemento entrar em sua casa” (LEVY, 2008, p. 396). Parece que a preocupação em relação à moralidade vitoriana era muito importante para os britânicos, verifica-se mais tarde que Queenie também zelava por esta virtude, assim como Bernard, o que não foi suficiente para que ambos cruzassem os limites do que eles consideravam moralmente correto. Queenie tem uma relação extraconjugal com outro homem e tem um filho, Bernard, que sempre criticava a atitude leviana sobre assuntos sexuais dos colegas soldados durante a guerra, acaba se relacionando com uma adolescente prostituta na Índia. A visão de moral para os britânicos e para os colonizadores em geral, varia de acordo com o local e com as circunstâncias, pelo que podemos observar. Inúmeros são os exemplos na literatura onde a figura do colonizador ignora a moral e os bons costumes quando está em terreno colonial, ou mesmo quando está em seu país e se vê em posição superior aos sujeitos colonizados. Mais uma vez, a atitude do colonizador abre uma brecha para a ambivalência,

quando ele prega algo e faz exatamente o contrário quando está longe de sua sociedade, em outro âmbito (HARDT; NEGRI, 2003).

Sendo educado por sua mãe, uma mulher muito ligada à preservação da moralidade, Bernard herda essa característica. Quando sua mãe morre aos quarenta e dois anos, vítima de câncer, Bernard se torna o único responsável por seu pai doente. Após alguns anos, Bernard encontra Queenie. Ao conhecê-lo, Queenie o descreve de forma grotesca, revelando o caráter tímido e insofista que ele desenvolvera ao longo dos anos:

- Como ele é? – Quis saber tia Dorothy,
- Alto, magro, não muito feio – falei (LEVY, 2008, p. 247).

Quando estava pagando por um bule de chá e duas fatias de bolo na Lyons, ele contou suas moedas, enfileirando-as sobre a mesa, depois tornou a contá-las na mão. Em seguida fez tudo de novo para garantir, enquanto a garçonete fica esperando, olhando para ele como se ele fosse retardado. Fez isso no cinema também, segurando a fila inteira enquanto vasculhava o bolso da calça, sacudindo-o para escutar e em seguida contando cada moedinha (LEVY, 2008, p. 250).

Quando Queenie percebe que Bernard não era o homem de seus sonhos, ela resolve findar o relacionamento com ele; entretanto, o rapaz mostra pela primeira vez, que possuía emoções:

Sua expressão passou de normal a intrigada, e então tornou-se subitamente magoada. Eu jamais havia pensado que Bernard pudesse ser acometido por emoções, mas ali estavam elas. Era inconfundível: lábios trêmulos, olhos marejados. Ele estava à beira das lágrimas. Era a coisa mais emocionante que já havia feito (LEVY, 2008, p. 252).

Após o casamento, o diálogo entre ambos não evolui e o relacionamento vai definhando. Bernard percebe o que está acontecendo, mas não se pronuncia a respeito do assunto. Quando Bernard se alista para combater na Segunda Guerra Mundial, parece que a vida que ambos dividem não mudaria. Todavia, mesmo não sabendo nada a respeito de seu futuro, a guerra transformaria suas vidas para sempre. Ao se despedir da esposa, ele percebe que ela não nutria o mesmo sentimento que ele nutria por ela, porém, nada comenta, preferindo guardar suas impressões para si.

*Bernard: Índia*

Ao desembarcar na Índia, Bernard já revela seu caráter racista em relação à população. Suas conclusões acerca do comportamento do povo indiano não levam em conta as condições sociais deles. O país, além de extremamente pobre, fora colonizado pelos britânicos que não demonstravam grande interesse em fazer algo para mudar tal fato, a não ser a imposição de uma cultura alienígena. Quando Bernard vê a população correndo em sua direção e pedindo dinheiro ou querendo vender-lhe algo ele a critica em sua mente. É visível sua aversão àquelas pobres pessoas: “Sem me importar em ofender alguém. Aquela gente fedida. O cheiro de seus corpos era mascarado por aromas doces, enjoativos, de especiarias” (LEVY, 2008, p. 335). Quando os nativos lhe ofereciam mercadorias para que ele as comprasse, Bernard só conseguia sentir nojo e aborrecimento: “Para mim, a maioria das coisas não passava de uma forma. Será que eu deveria comê-la, brincar com ela, ou esfregá-la na minha pele cheia de brotoejas por causa do calor?” (LEVY, 2008, p. 337). O escárnio é vigente ao tratar de todas as situações onde os soldados se vêem em contato direto com os costumes indianos. Um dos soldados comenta sobre o cheiro que eles sentiram ao desembarcar no país: “- Não teve um poeta que escreveu sobre o fascínio que a Índia exerce? Ao que um sotaque cockney respondeu: - Ele deveria ter escrito sobre o fedor da Índia, isso sim” (LEVY, 2008, p. 337). Ao mesmo tempo em que Bernard julga as atitudes dos indianos como não civilizadas, estúpidas ou mesmo aculturadas, ele revela sua total ignorância sobre a cultura já muito antiga da Índia:

Uma súbita lufada de fumaça cinzenta fez tudo o mais desaparecer. Quando se dissipou, através da névoa, uma vaca passou andando pela plataforma. Ninguém a espantou nem passou-lhe as rédeas. Um animal coberto de bicheiras, no qual se podiam contar as costelas. Ia caminhando dócil em meio à multidão, dispersando um grupo de mulheres que carregavam carvão em trouxas para o motor da locomotiva (LEVY, 2008, p. 226-337).

Observe-se que Bernard era um ‘convidado’ naquele país, assim como Queenie havia descrito a posição de Hortense no Reino Unido, entretanto, o comportamento de Bernard não é o mesmo que Hortense e Gilbert têm ao desembarcar na ‘pátria-mãe’. Os jamaicanos, talvez devido à educação britânica recebida em sua colônia e a todos os mitos sobre a metrópole, chegam ao país admirando a paisagem, enaltecendo sua grandeza e todos os aspectos que a compunha. Ambos estavam abertos ao mundo que os rodeavam, procurando sempre aprender mais sobre ele, questionando cada vez mais, para enriquecerem seu conhecimento. Bernard se comporta muito diferente. O britânico não consegue enxergar nada positivo e enaltecendor

sobre a Índia; Tudo ao seu redor lhe era degradante, nada para apreciar ou que valesse a pena ser admirado ou que despertasse sua curiosidade.

Quando Hortense e Gilbert desembarcam no porto londrino, seus olhos se voltam para o alto, para observar a onipotência, a grandeza daquele país, que era sempre idealizado por eles. Bernard age de forma oposta. Quando chega à Índia, a primeira coisa que ele observa é a degradação do lugar, a sujeira, a poeira no chão e a pobreza das pessoas. Ao chegar à sua base no Oriente, Bernard cai no chão e se suja de poeira. A passagem demonstra o que o britânico iria encontrar naquele novo país, que para ele, era o símbolo de tudo o que era inferior.

Embora na Índia Bernard não faça muitas amizades com os outros soldados, conhece outro soldado britânico chamado George Maximillian, o qual seria seu companheiro em algumas das aventuras que ele viveria como soldado. Em meio aos soldados, Bernard se sentia à vontade, por ser mais velho e, de certa forma, experiente. Porém, foi Maxi (apelido dado ao amigo) que lhe ensinou os macetes e informações sobre o campo de batalha. Apesar de se achar mais experiente, Bernard desconhecia o fato de que seus colegas riam dele pelas costas, por ele ser extremamente sério e taciturno, muito diferente dos outros soldados. Seu apelido era ‘Tio’, justamente por ser o soldado mais velho naquela base do Oriente.

Verifica-se que Bernard cultivava uma ideologia totalmente patriarcal, onde os mais velhos mereciam o respeito dos mais jovens, onde certas regras já instauradas na sociedade deveriam perdurar acima de qualquer outro pensamento. Mas, ele reconhecia para si mesmo que era um homem covarde, um homem despreparado para enfrentar problemas. Ao se ver sozinho na floresta com seu companheiro Maxi, com soldados japoneses à solta, Bernard revela seu medo:

Perguntei-me se eu estaria com tanta cara de medo quanto Maxi. Ele estava pálido como um cadáver. Senti a urina esquentando minha calça antes de ser absorvida pelo chão. Não pude evitar. Eu sabia que era um covarde, mas não queria morrer. Levou um tiro encolhido no chão, tremendo como uma menina. Será que Queenie conseguiria sentir orgulho disso? (LEVY, 2008, p. 355).

Contrastando-se com as características britânicas de ‘coragem’ e ‘disciplina’, apesar de reconhecer sua debilidade e medo, característica que denotam sua fragilidade e constatação de que ele era um homem comum como qualquer outro, não é dessa forma que Bernard se auto-representa para os nativos do oriente. Por ser britânico, Bernard faz questão de parecer imponente e deveras superior. Mesmo sendo um *erk* (soldado de segunda-classe) Bernard e

seus compatriotas faziam o possível para parecerem melhores que os soldados indianos, mesmo tendo estes, muitas vezes, patentes superiores à dos britânicos: “Algumas vezes, era difícil entender que estávamos lutando juntos numa guerra, lado a lado com aqueles sujeitos vestidos de cáqui” (LEVY, 2008, p. 347).

Quando os soldados receberam a notícia de que a Alemanha havia se entregado, sonhos de retornar ao país e à família invadiram o pensamento dos soldados, entretanto, muitos não puderam voltar para casa imediatamente devido a não rendição dos japoneses. Quando esses se renderam, todos escreveram cartas à família dizendo que logo retornariam para casa, porém, os soldados foram enviados a Calcutá. Na viagem à Calcutá, Bernard se depara com os soldados britânicos que haviam sido capturados e transformados em prisioneiros de guerra. Com sua libertação, eles foram os primeiros a voltar para suas casas. Vendo a aparência abatida e maltratada desses soldados, Bernard se vangloria de pertencer a uma civilização que não praticava tais atos de barbaridade:

Todos os homens se afastaram de bom grado para deixar passar aqueles ínfimos fiapos de ingleses a caminho de casa. Que raça de gente era capaz de ficar vendo a carne de um homem se desintegrar até ele não ser nada mais do que uma moldura? Aquilo me deu orgulho de pertencer a uma civilização em que até mesmo os mais exaltados se continham para não erguerem a mão sobre nossos prisioneiros japoneses (LEVY, 2008, p. 358).

Analisando essa passagem, infere-se que, Bernard parece se ‘esquecer’ da história de conquistas que seu país já vivenciou. De forma muito mais injusta que as circunstâncias de uma guerra, os britânicos se enveredaram em conquistas de territórios além-mar, utilizando-se de violência física, torturas e derramamento de sangue. Não bastassem as conquistas de povos já constituídos politicamente e socialmente, inclusive da Índia, local onde Bernard estava agora, os britânicos foram um dos povos que mais utilizaram o comércio de escravos, movimentando um mercado internacional. Nessa empreitada, tribos inteiras foram dizimadas, famílias foram separadas, crianças ficaram órfãs e mulheres foram abusadas sexualmente. Perguntamos então, qual é validade do questionamento e indignação de Bernard em relação aos soldados capturados? Acaso pode-se afirmar que tal indignação só se revela porque ela está diretamente ligada ao fato de esses soldados serem britânicos? Nitidamente percebe-se o que Said (2007) argumenta sobre a dicotomia ‘nós/eles’. Essa dicotomia delimita a diferença entre os atos dos britânicos, os quais asseguram que suas ações eram desenvolvidas a partir de causas justas e imprescindíveis e a ação dos povos colonizados pelos britânicos, os quais,

afirmam os britânicos, eram motivados por sua selvageria e aculturação. Se lançarmos um olhar mais atento à argumentação de Bernard, vemos que sua atitude só revela uma hipocrisia típica dos europeus. Bernard ignora o fato de os britânicos já terem realizado o mesmo tipo de ato em terras distantes, porque aquilo era algo distante, façanha realizada em terras longínquas, longe dos olhos da população comum. Entretanto, tais atrocidades foram retratadas na historiografia e em obras literárias; portanto, não se pode dizer que Bernard desconhecia tal fato, mas o relevava e fingia desconheçê-lo, porque lhe era pertinente naquele momento.

Sobre a questão da outremização dos povos orientais, Said (2007) propõe o termo ‘orientalismo’ para mostrar o modo como o Ocidente criou o Oriente de acordo com seus propósitos. De acordo com o teórico, o termo possui várias sentidos:

1) Sentido acadêmico: quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente é um orientalista e o que ele faz é Orientalismo, porém, o termo conota a idéia arrogante do colonialismo europeu;

2) Sentido geral: O Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção entre o Oriente e o Ocidente. Há uma aceitação por parte dos filósofos, poetas, políticos, economistas e romancistas da distinção entre Leste e Oeste como o ponto inicial para as teorias elaboradas, romances, descrições sociais e etc. a respeito do Oriente;

3) Sentido histórico e materialismo definido: O Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o, ou seja, o Orientalismo é visto como um estilo ocidental proposto a dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.

Said (2007) ainda comenta que o Oriente e o Ocidente foram criados pelo homem e que o Oriente surgiu a partir do pensamento ocidental e, portanto, ambas as entidades se sustentam e se refletem. A partir desse conceito, o autor propõe algumas observações. Segundo ele, seria errado concluir que o Oriente foi essencialmente uma ideia ou criação sem realidade correspondente. O Orientalismo não tem como tema principal uma correspondência entre ele mesmo e o Oriente, mas uma coerência interna dele e suas ideias sobre o Oriente apesar ou além de qualquer correspondência ou falta de correspondência com um Oriente ‘real’. Além disso, para se compreender ou estudar as idéias, as culturais e as histórias é necessário estudar também sua força e sua configuração. A relação entre Ocidente e o Oriente

é uma relação de poder, de dominação e de hegemonia. O Oriente foi submetido a ser transformado em oriental. O Orientalismo é mais valioso como um sinal do poder europeu sobre o oriente do que como um discurso verdadeiro sobre Oriente. O Orientalismo não é uma fantasia visionária europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que tem-se feito um considerável investimento material. Ele é criado como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma espécie de teia que filtra o Oriente no consciente do Ocidental.

Através desses conceitos e ideias, criou-se o binarismo eles/nós. Esse binarismo logo adquiriu o *status* de verdade absoluta. Bonnici (2005, p. 44) comenta que “o racismo integra o discurso para a afirmação da superioridade cultural do ocidente, o qual provoca o desejo do ocidente para conquistar e civilizar o Oriente”. Através da premissa de que o europeu possuía a cultura e o conhecimento, o colonizador sentiu a “‘responsabilidade moral’ de ocupar o Oriente para o bem geral da Europa, transmitindo a seus povos a civilização, especialmente o conceito da liberdade e da democracia” (BONNICI, 2005, p. 44). Entretanto, esqueciam-se de que muitas sociedades invadidas pela colonização já conheciam tais conceitos e os praticavam há muito tempo.

Bernard parece ser um desses representantes da colonização que desconhecem a riqueza cultural, política e religiosa que essas sociedades apresentavam antes da colonização. Em certo momento, a personagem afirma que todos os homens que haviam lutado na guerra “havia conquistado o direito de expressar sua opinião” (LEVY, 2008, p. 359), porém, quando Gilbert lembra o britânico de que ele também havia lutado na guerra, assim como Bernard e que ambos deveriam caminhar juntos, como dois iguais, o britânico replica: “- Desculpe... mas não consigo entender uma única palavra do que você está dizendo” (LEVY, 2008, p. 518). Concluímos que o discurso de Bernard é totalmente ambivalente e, por consequência, hipócrita, pois demonstra que aquilo que ele prega não é o mesmo que ele exerce.

Quando Bernard chega a Calcutá e se depara com a chacina ocorrida devido ao combate entre muçulmanos e hindus, seus pensamentos se voltam para o horror e selvageria daquele povo. Os corpos dos *coolies* (palavra extremamente ofensiva usada pelos britânicos para designar os trabalhadores desqualificados do Oriente, principalmente da Ásia) no chão são impossíveis de serem identificados. Para os soldados britânicos, esses homens eram vistos em bloco, como sendo todos iguais, sem identidade própria:



Como é que íamos saber a diferença? [muçulmanos ou hindus] Era um mistério para todos como aqueles *coolies* reconheciam um ao outro como inimigos. Depois de dois anos na Índia, eles ainda me pareciam todos iguais. Quero dizer, como exceção dos *sikhs*, por causa dos turbantes (LEVY, 2008, p. 365).

Diante da constatação de que o povo indiano era selvagem e aculturado, invisível aos olhos dos britânicos, Bernard vangloria a intervenção que o Reino Unido realizou no país e se pergunta o que seria da Índia, quando a independência política se tornasse real. Para ele, a influência britânica era totalmente benéfica e necessária naquele país, pois, sem ela, o povo não conseguiria se manter:

Estavam brigando para decidir quem ficaria com o poder quando a nova Índia independente chegasse. Pensar naquele bando de analfabetos maltrapilhos querendo administrar o próprio país me fazia rir. Tirar os britânicos da Índia? Só soldados britânicos eram capazes de manter aqueles *coolies* sob controle. Todos concordavam que esse trabalho já estava sendo feito (LEVY, 2008, p. 369).

Sua formação racista e totalmente eurocentrista não permitia que ele enxergasse que seu julgamento era errôneo e totalmente simplista. Em sua concepção, os indianos estariam totalmente desorientados sem a presença dos britânicos em seu país, sem se dar conta de que o que na realidade havia desestabilizado a sociedade indiana era a intervenção britânica por décadas em sua cultura, costumes e constituição política. Com o fim da guerra e o início da desocupação do exército britânico da Índia, as especulações sobre a descolonização do país começam a surgir. A descolonização é um processo complicado, que envolve vários fatores. Um desses fatores seria a violência. Fanon (2005), explica que esse processo é sempre violento. Segundo ele, “a descolonização é, simplesmente, a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens” (FANON, 2005, p. 51) A importância dessa ação é que ela demonstra a reivindicação mínima do colonizado.

De forma bastante simplista, o britânico postula a ideia de que eles representam a decência e o progresso, enquanto que as colônias eram o oposto disso: “- Eu, pessoalmente, sinto orgulho de fazer parte do Império Britânico. Orgulho de representar a decência” (LEVY, 2008, p. 373). Mas que decência era essa? Pode-se nomear a legitimação da usurpação de ‘decente’? Figueiredo (1998) argumenta que o colonizador é responsável pela usurpação de terras que pertenciam a outros povos através da força. Entretanto, como é o próprio colonizador que faz a história, ele falsifica textos e se empenha em legitimar sua ação desonesta. Portanto, o ato de devolver o poder aos indianos não é apenas hipócrita, mas

leviano, pois o britânico se esforça para mostrar que sua ação é generosa e benévola, mas na verdade, eles estavam simplesmente reparando sua ação hostil e desmedida realizada através da tomada dessas terras com o colonialismo.

Com o fim da guerra, os indianos começam a sair mais frequentemente às ruas, para pedir esmolas e tentar manter seu sustento. Bernard condena a ação, sem questionar o motivo que levava o povo faminto a ir às ruas e esmolar ou mesmo roubar:

O problema é que agora tudo precisava ser vigiado. Protegido das larápias mãozinhas pretas que nos cercavam por todos os lados.

[...]

E, por toda parte havia pessoas que seguiam os acampamentos. Não havia nada que aqueles indianozinhos escuros não fizessem em troca de seu precioso *baksheesh*. [...] E a toda nossa volta agitava-se uma carriola de intocáveis, felizes em limpar as latrinas com as mãos. Criaturas miseráveis. Até mesmo os outros indianos os odiavam. Vários companheiros tinham visto indianas esguicharem o próprio leite em troca de míseras rupias. Era de chocar até mesmo os mais mundanos (LEVY, 2008, p. 376-377).

Bernard julga todos eles como incultos e miseráveis, e se sente feliz por poder transmitir um pouco de seu conhecimento a eles, sem se importar em questionar sobre a cultura deles também. Bernard se satisfaz com a presença de um soldado indiano chamado Arun, o qual se mostra ávido por aprender mais sobre a cultura alheia, assimilando tudo aquilo que lhe é ensinado. Porém, ao conhecer Ashok, outro soldado indiano, que é instruído e, portanto, com maior poder de crítica e discernimento, Bernard se sente incomodado. Ashok faz muitas perguntas, provocando a suposta superioridade do britânico. O diálogo entre ambos se revela tenso e provocativo. À sua maneira, Ashok questiona a presença dos britânicos em seu país, deixando claro que os britânicos mais contribuíram para a degradação da cultura indiana do que para seu avanço.

- O que nós, pobres indianos, teríamos feito sem vocês, britânicos? Eu disse o seguinte para Arun. “Arun”, falei, “veja todas as coisas que os britânicos estão fazendo aqui na Índia”. “O Taj Mahal?”, perguntou ele – Sussurrou-me Ashok com seu hálito fétido de alho. – Arun é um homem simples. Não teve educação.

Então mais alto:

Tive de lhe dizer que o Taj Mahal foi construído antes da chegada dos britânicos. “Por quem?”, perguntou ele. “Pelos indianos”, falei. E ele fez cara de surpresa. “Não”, falei, “essa maravilha não é deles, mas vejamos... ah, sim, impostos e críquete...”

- E o *fair play* – acrescentou Arun, sorrindo como um débil mental.

- O *fair play*, sim senhor, vamos jogar com os brancos! – gritou Ashok. Que gente mais exaltada.  
Falem baixo – disse eu. (LEVY, 2008, p. 379).

Note-se o tom de ironia do indiano que demonstra conhecer a usurpação e a influência negativa dos britânicos na sociedade britânica. Bernard, muito sabiamente, tenta calá-lo, porque sabe, mesmo a contragosto, que o argumento do indiano tem fundamento. Não dando importância aos protestos de Bernard, o indiano continua sua crítica: “- Então, o que eu estava dizendo? Ah sim, Os britânicos. A obediência à lei... não podemos esquecer a obediência à lei. Olhe nós aqui: não estamos defendendo mercadorias britânicas de qualidade contra indianos ladrões? Sem a obediência à lei, o que seria de nós?” (LEVY, 2008, p. 380). O sarcasmo do indiano, que, com essas questões, nos faz pensar no papel do britânico naquele país. Afinal, os britânicos estavam ali para beneficiar os indianos ou apenas para se beneficiarem. A versão contada nas escolas indianas e nas palestras políticas dizia que o único intuito dos britânicos era ajudar o povo indiano, com sua superioridade política, social e cultural, mas sabemos que esse discurso mascarava o verdadeiro intuito do Império Britânico, ou seja, tirar proveito das riquezas que a Índia podia lhe garantir. Provocando Bernard ainda mais, Ashok acrescenta:

- Eu não sou um daqueles que quer os ingleses fora da Índia. Gosto de vocês. Vocês não passaram esse tempo todo nos protegendo dos imundos japoneses com seus olhos puxados? O seu buldogue inglês sabe que não há nada pior que estrangeiros invadindo a nossa terra. Veja como vocês britânicos lutaram contra os alemães. Nada de salsichão nem da língua dos boches para os ingleses. “Podem voltar”, disseram vocês. “Deixem-nos em paz ou nosso buldogue vai morder”. É uma coisa terrível, botas estrangeiras cheias de lama pisando no seu chão. O senhor não acha? (LEVY, 2008, p. 380).

As afirmações de Ashok a respeito da invasão de terras alheias revelam seu posicionamento sobre os ingleses estarem invadindo o território indiano. As palavras parecem inocentes, mas Ashok sabe aonde quer chegar. Suas questões afirmam o poder que a educação lhe deu. Ao aprender a língua do ‘Outro’, Ashok podia debater de igual para igual com Bernard. Percebe-se aqui, mais uma vez, o poder da linguagem e a ambivalência que ela pode provocar. Utilizando-se da educação recebida pelos próprios britânicos, Ashok era capaz de revertê-la e torná-la sua aliada na recusa da soberania do colonizador. Ashok provoca Bernard para discutir tais questões, mas Bernard não entra na discussão, como se tudo o que o indiano estivesse lhe falando fosse sem sentido. Mesmo assim, o indiano prossegue com seu questionamento:

O Senhor viu como nós indianos nos comportamos quando nos deixam sozinhos. Os hindus odeiam os muçulmanos, os muçulmanos odeiam os hindus. Passam o tempo todo brigando. O senhor esteve em Calcutá. Eu sei que esteve, sr. Bernard. Chocante, não foi? Precisamos aprender a viver em paz... Como vocês, britânicos, quando não estão em guerra contra os seus vizinhos (LEVY, 2008, p. 380).

Bernard juntamente com os soldados conterrâneos havia deplorado a ação dos muçulmanos e hindus por lutarem entre si, sem se dar conta que o Reino Unido era uma das nações que mais havia se envolvido em guerras e disputas por territórios. Ashok, muito oportunamente, o relembra disso. E é com uma ironia crescente que o indiano pergunta a Bernard se ele sabia o que os britânicos estavam fazendo na Índia. Muito sabiamente, Bernard desvia sua atenção do assunto e pede ao indiano que não o questione mais. Vemos que a hegemonia e superioridade de Bernard são solapadas pela agência do indiano, que não aceita os argumentos enganadores que os britânicos tentavam, a qualquer custo, fixar na mente dos indianos. Vê-se nitidamente que os britânicos, em geral, temem a ‘rebeldia’ dos povos colonizados e, dessa forma, fogem do confronto direto com aqueles indivíduos que arguem contra sua autoridade. Ashok percebe que há uma idealização do Reino Unido, seja por parte dos próprios britânicos, seja pela maioria dos indianos, todavia, ele consegue enxergar além dessa idealização e percebe que essa atitude de soberania era uma máscara, que escondia o que de fato o Reino Unido queria dos indianos. Satírico, o indiano se vira para seu compatriota e pergunta: “- Então esse é o homem que você diz que é seu amigo?” (LEVY, 2008, p. 381). Ashok se refere ao fato de o britânico não querer discutir questões sérias a respeito da posição dele e dos indianos naquele âmbito. Ora, Bernard era um visitante naquele país, ele era o imigrante, por isso, devido ao respeito e a consideração pelo outro, ele deveria estar aberto à cultura e aos questionamentos que lhe fizessem. Porém, não é assim que ele se comporta, devido a sua soberba, herdada da sociedade em que crescera. A fraqueza do poderio britânico e suas convicções de que são hierarquicamente mais civilizados e mais evoluídos são inteligentemente desconstruídas por um simples indiano. Ashok é o símbolo da resistência em meio a tantos britânicos em seu país. Percebe-se que seu diálogo extremamente provocativo desestabiliza a segurança do outro, que, debilmente, se acovarda diante das palavras verdadeiras que ouve. Os binarismos civilizado/selvagem, colonizador/colonizado, branco/não-branco impostos pelo poder colonizador são solapados pela agência do indiano. O discurso de Ashok demonstra que ele percebe o maniqueísmo existente no contexto colonial,

mas o refuta, pois compreende que está sendo ludibriado pelas palavras do colonizador. De acordo com Fanon (2005, p. 58-59),

O mundo colonial é um mundo maniqueísta [...] A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta o colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, nunca habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética.

[...]

O colonizado sabe de tudo isso e dá uma risada a cada vez que ele se descobre como animal nas palavras do outro. Pois ele não é um animal. E, precisamente, ao mesmo tempo que descobre a sua humanidade, ele começa a afiar suas armas para fazê-la triunfar.

Ashcroft (2001, p. 19) observa que a oposição ao poder colonial é necessária, mas, ainda mais importante que isso, “a apropriação das formas de representação, e a entrada forçosa nas cadeias discursivas da dominação cultural sempre foram características cruciais dos movimentos de resistência que alcançaram sucesso político” [The appropriation of forms of representation, and forcing entry into the discursive networks of cultural dominance, have always been crucial feature os resistance movements which have gained political success]. Utilizando-se de todo o aparato disponibilizado para o colonizado, tais como, educação, acesso à cultura do colonizador, seus costumes, convívio com o colonizador diário, entre outros, Ashok foi capaz de se posicionar contrariamente ao colonizador, sem entrar em conflito violento, apenas discursivo, expondo sua opinião a respeito do papel do britânico em seu território. Na mesma noite em que Bernard trabalha com Ashok, um incêndio destrói um dos dormitórios dos soldados britânicos, causando a morte de oito deles, entre os quais Maxi. Bernard é inquirido por seu superior, sobre a suposta reunião que estava acontecendo dentro do dormitório e, também, acerca das circunstâncias que o levaram a abandonar seu posto de trabalho e sua arma, que acaba desaparecendo. A primeira atitude de Bernard é culpar os indianos, que, segundo ele, haviam colocado fogo na cabana propositadamente. Porém, seu superior descarta sua acusação e o pressiona para delatar seus companheiros. Recusando-se a assumir tal atitude, Bernard é condenado à prisão por duas semanas. Na prisão, Bernard se ressentido por ter que dividir a mesma cela com outros indianos. Para ele, a cela era agradável para os indianos, mas para um inglês, era deplorável. É curioso observar que, mesmo estando na mesma situação que os indianos se encontravam, Bernard conseguia criar pretextos para se sentir superior a eles: dividir a mesma cela fétida, o mesmo prato, a mesma colher e caneca, utilizar o mesmo tipo de colchão era algo normal para um indiano; “eles estavam

acostumados. Mas para um inglês...” (LEVY, 2008, p. 394).

Ao sair, Bernard vai a um prostíbulo e tem relações sexuais com uma adolescente. Bernard demora a perceber que ele havia justamente cometido os mesmos atos que ele abominava como sendo imorais. Há uma inversão de valores por parte dele, que sempre julgava os outros soldados por fazerem exatamente o que ele havia feito. Por ser britânico, ele se julgava incapaz de cometer tais atrocidades, mas a atitude acaba revelando seu caráter hipócrita e demagógico. O episódio faz com que Bernard sinta ainda mais repulsa pelos nativos. De alguma forma, ele tenta culpar a garota pelo que havia acontecido. Sua consciência aponta o contrário, mas ele descarta a possibilidade de ele ter culpa pelo que houve. Durante sua viagem de volta para o Reino Unido, Bernard sente mais o peso de sua culpa devido à uma infecção em seu órgão genital. O primeiro pensamento que o assoma é que a adolescente lhe teria transmitido sífilis. Sem ter coragem de enfrentar as consequências de seus atos ao contar a verdade para Queenie, Bernard não retorna diretamente para sua casa, e passa dois anos em Brighton, cidade onde Maxi vivera com sua família antes da guerra. É bastante conveniente notarmos a atitude covarde e impensada que Bernard tem diante do ocorrido. Em momento nenhum ele decide consultar um médico para checar sua saúde. Em outras palavras, o homem que se intitulava superior, civilizado e culto diante dos nativos indianos, era o mesmo homem que não tinha coragem suficiente para arcar com suas atitudes, comentar seu deslize com um médico e enfrentar uma possível discussão com sua própria esposa acerca de sua falha. Seu retorno para casa apenas se concretiza quando ele descobre que jamais tivera sífilis.

A suposta subjetividade de Bernard, sua tentativa de parecer altivo e mais forte que os nativos da Índia dissimulam seu real caráter. Assim como as professoras de Hortense fabricavam sua postura diante dos alunos, para por em prática sua dominação e autoridade, Bernard também o faz diante dos indivíduos que ele julga serem inferiores. Todavia, essa altivez esconde sua verdadeira identidade: a identidade covarde e hipócrita de um homem que se utiliza de preceitos racistas para delimitar a diferença entre ele e os ‘outros’. Bernard é uma caricatura do colonizador, o qual se utiliza de um discurso, de uma posição dentro da sociedade para explorar, subjugar e outremizar outros indivíduos, mas, intimamente, é covarde, fraco e hipócrita.

*Bernard: retorno ao Reino Unido e encontro com imigrantes negros*

Após dois anos fugindo da realidade, Bernard volta para casa. A primeira coisa com que ele se depara é a visão de Hortense ao lado de Queenie. Pasmado com o que seus olhos enxergavam, Bernard passa a imaginar o que estaria acontecendo: “Quem vi primeiro foi a negrinha. Que visão! Na nossa rua. Nunca tinha visto aquilo antes. O que estava acontecendo?” (LEVY, 2008, p. 420). Mais tarde, Bernard encontraria Gilbert e se espantaria ainda mais. Os adjetivos e substantivos utilizados por Bernard para designar os jamaicanos eram sempre degradantes e ofensivos: negrinhos, patife atrevido, de cor, criaturas voláteis, dissimulados, maldita gente de cor, maldito insolente, sujeitinho preto, escória mal agradecida, selvagem, débil mental, malditos esquentados, vadios de cor, abusados, macacos, imbecil, covarde escuro. Em nenhum momento, Bernard é capaz de tratar bem os negros que andavam livremente nas ruas de Londres. O britânico os enxerga como uma espécie de estorvo, os quais dificultavam a vivência dos brancos naquele país. Diferentemente de Queenie, que tenta dissimular seu racismo, Bernard outremiza os negros abertamente, revelando que sua formação identitária o impedia de enxergar os imigrantes como seres iguais.

A primeira coisa que chama a atenção de Bernard sobre os negros é sua aparência diferenciada e seu modo de se vestir. Ele não consegue compreender que os imigrantes possuíam uma cultura diferenciada da dele e, dessa forma, seus costumes, vestimentas e gestos espelhavam sua cultura. Bernard só consegue pensar que aquilo tudo era inferior, despropositados:

Vira-os sair pela manhã. Vestidas com elegância. Mal tinham noção de como sua aparência era despropositada. Teria sido difícil, eu sei, mas eles sequer tentavam se misturar. O terno dele era elegante, mas largo como o de um mendigo. A roupa dela estava completamente exagerada, luvas brancas em dia de semana (LEVY, 2008, p. 459).

Bernard fala sobre o fato de os negros não se importarem em se misturar com as outras pessoas, mas que tentativa ele fazia para dar abertura a eles? Antes mesmo de conhecê-los mais intimamente, Bernard os havia rechaçado e os tratado com ironia e hostilidade. De que forma poderiam eles se misturar aos brancos? Bernard se utiliza de conceitos essencialistas para designar os imigrantes. Para ele, todos eram iguais:

Eram criaturas voláteis. Não havia por que deixá-las mais agitadas do que o necessário (LEVY, 2008, p. 458).

Aquela gente de cor não tinha os mesmos padrões. Eu vira isso no Oriente. Não estavam acostumados ao nosso modo de vida. Quando em Roma... Aqueles imigrantes não entendiam isso. Não sabiam se comportar, eram como crianças, segundo o sr. Todd. Mas eu não engolia essa. Ele nunca estivera no Oriente. Nunca vira como aqueles tipos das colônias podiam ser dissimulados. Crianças? Que tolice (LEVY, 2008, p.460).

Mas eu já havia aprendido uma boa lição daquela gente, ministrada pelo seu desbocado amigo do andar de baixo: não havia como conversar racionalmente com eles (LEVY, 2008, p. 462).

Malditos esquentados, esses imigrantes negros. Uma vez atiçados, é difícil tornar a acalmá-los (LEVY, 2008, p. 464).

Bernard resume a diferença entre o branco e os negros imigrantes através de padrões, como se os imigrantes não conseguissem se assemelhar ao branco exclusivamente por sua cor dérmica. Dessa forma, o imigrante, representado pelos sujeitos colonizados da Jamaica é percebido como um ser primitivo. Ashcroft et. al (1998, p. 169) afirmam que:

O sujeito colonizado é caracterizado como ‘outro’ através de discursos de primitivismo e canibalismo, como forma de estabelecer a separação binária entre o colonizado e o colonizador e definindo a naturalidade e primazia da cultura e da visão de mundo da colonização.

[The colonized subject is characterized as ‘other’ through discourses such as primitivism and cannibalism, as a means of establishing the binary separation of the colonizer and colonized and asserting the naturalness and primacy of the colonizing culture and world view]

O que Bernard parece se esquecer é que ele não dava chances para que os imigrantes revelassem sua identidade e a riqueza de sua cultura para ele. O britânico não procura ouvi-los e compreender o motivo de eles estarem em seu país. Nesse ponto, a sua voz funciona como a voz dos colonizadores que silenciavam os sujeitos colonizados, pois, em seu íntimo, sabiam que se o colonizado tivesse a chance de se pronunciar, ele poderia desestabilizar a hegemonia instaurada nas colônias. Além disso, Bernard também finge esquecer que ele esteve em território alheio como um imigrante também, que os britânicos também invadiram território alheio e, ao invés de se comportarem de forma respeitosa em relação à cultura do povo que habitava esses territórios, eles procuraram dizimá-la através de estereótipos de inferioridade. Que direitos tinha Bernard de reclamar da presença dos negros ali em seu país se seu próprio povo havia ‘invadido’ o país desses mesmos negros? Porque eles podiam realizar tal ato e os negros não? Bernard foge das perguntas que o indiano lhe dirige acerca do objetivo dos britânicos na Índia, mas faz o mesmo tipo de questionamento em relação aos negros ali na Inglaterra, exigindo respostas. Porque ele as exigia se, anteriormente, ele havia se recusado a



respondê-las? Os argumentos de Bernard contra a presença dos imigrantes em seu país parecem se desconstruir através de suas próprias ações.

Com sua atitude racista Bernard demonstra que não consegue conviver com pessoas provenientes de outras culturas, porém, ele mesmo apregoa que são os negros que não conseguem fazer isso:

A receita para uma vida tranquila é cada um cuidar do seu. A guerra foi travada para que as pessoas pudessem viver entre os seus semelhantes. Muito simples. Cada um tinha o seu lugar. A Inglaterra para os ingleses, e as Índias Ocidentais para aquela gente de cor. Vejam a Índia. Os Britânicos sabiam ser justos. Deixar a Índia para os indianos. Foi isso que fizemos. (pouco importa a confusão em que vão transformá-la). Depois da guerra, todos estavam tentando voltar para casa para estar com seus semelhantes. Menos aquela maldita gente de cor das colônias. Não tenho nada contra eles quando estão no seu devido lugar. Mas o seu lugar não é aqui (LEVY, 2008, p. 460-461)

O que ele merecia era ser jogado no meio da rua. Ele e todo o resto daquela escória mal-agra-decida. Ele então veio pra cima de mim. Com os olhos esbugalhados como os de um selvagem (LEVY, 2008, p. 462)

- Essas pessoas têm que sair. Não vou tolerar macacos na minha casa (LEVY, 2008, p. 465).

Que direitos tinha Bernard de exigir que os imigrantes saíssem de seu país sendo que seu povo havia invadido o país deles sem se importar com que eles achavam disto? Bernard alega que eles estavam devolvendo a Índia aos indianos, mas depois de quanto tempo? Quais as consequências da colonização naquele país? Pode-se afirmar que a influência britânica foi benéfica para um povo que já possuía identidade cultural secular? Não seria mais interessante afirmar que a influência britânica foi responsável por criar desordem, guerras civis e preconceitos na sociedade indiana? Os britânicos alegam que sua sociedade era pura antes da chegada dos imigrantes negros, porém tal afirmação é desestabilizada por eventos históricos resultantes de invasões de outros povos, batalhas e o próprio colonialismo.

Brah (2002) comenta que as operações de poder exercidas pelos países que recebem os imigrantes constituem modos de *racialização diferencial*, onde o fator dérmico é a chave para a exclusão e a marginalização. Bernard parece enxergar apenas a cor negra dos imigrantes que ali estavam. Tal característica é suficiente para rechaçar qualquer outra que possa existir no 'outro'. Os encontros entre Bernard e os jamaicanos Gilbert e Hortense são impregnados de tensão e ódio, principalmente da parte de Bernard, que não faz nenhum movimento positivo em direção a eles. Gilbert tenta mudar a opinião pré-formada que o britânico tem dele e de

Hortense, mas Bernard não vê sentido em suas palavras.

Quando Queenie dá à luz o bebê híbrido, o primeiro pensamento que surge na mente de Bernard é que Gilbert era o pai. Retomando estereótipos sobre a precocidade sexual dos negros, Bernard vê Gilbert como um depravado sexual. E não apenas Gilbert, mas todos os imigrantes negros: “Mal conseguia disfarçar a luxúria em seus olhos. Com dedos espalmados, pôs as duas mãos nela [Queenie]. – Tire as suas mãos imundas da minha mulher – gritei” (LEVY, 2008, p. 466). Claramente, percebe-se que Bernard aplica as mesmas características a todos os negros, como se fossem todos iguais, ou seja, depravados sexualmente, sem caráter e capazes de qualquer ação para tirar vantagens sobre o homem branco. O bebê de Queenie desestabiliza a segurança que Bernard tinha em si de sua superioridade, porém, o britânico não encontra palavras para questionar a mulher sobre o ocorrido:

Ficou sentado na minha frente do outro lado da mesa, fumando um cigarro, batendo a cinza delicadamente. Mas seus olhos nunca se ergueram para fitar os meus, nem sequer de relance. Quando terminei, quando não havia mais nada que valesse a pena dizer, ele arrastou a cadeira para trás pelo chão linóleo, levantou-se e saiu do aposento. E, pela primeira vez, fiquei agradecida pelo fato de se poder ter certeza de que Bernard Bligh nunca tinha absolutamente nada a dizer (LEVY, 2008, p. 490).

Temendo encontrar-se com Queenie e ter um confronto direto com ela, Bernard passa a se esconder dentro de sua própria casa. Bernard enxerga a realidade que se abre em sua frente, mas não consegue processá-la a ponto de tomar alguma atitude. O fato de Queenie tê-lo traído com outro homem, um homem negro, o humilhava. Reconhecer que sua mulher, em circunstâncias especiais (guerra) havia se entregado a um negro o fazia sentir-se vazio, derrotado:

É uma bobagem, eu sei, mas eu sentia inveja de papai. O choque simplesmente o submergira. Deixara-o mudo e inútil. Eu ansiava por acordar um dia incapaz de prosseguir, sem outra escolha que não me render. Ficar sentado numa cadeira, babando, enquanto Queenie me dá de comer e limpa a sujeira. Infelizmente, porém, aquele trauma – o meu trauma – estava se revelando bastante suportável.

Eu só andava pela casa quando achava que ela estivesse descansando. Um animal noturno, quase. Sei que é uma bobagem, mas temia um encontro casual. Cruzar com ela na cozinha, ou passar por ela na sala de visitas. Não era a consternação de vê-la alimentando uma criança impostora. Nem pelo medo de que a raiva fosse me dominar. Nem de que a pena de mim mesmo me fizesse chorar na hora errada. Era por causa da expectativa dela. Vislumbrada num olhar curioso, numa espiadela para trás. Ela queria que eu substituísse o silêncio por palavras. Mas a verdade é que eu estava

anestesiado. Ansiava por alguma coisa que viesse novamente me fazer ter alguma opinião. Raiva, mágoa, censura. Era lamentável. Eu estava vazio como uma folha de papel branco. Não fazia ideia do que sentir (LEVY, 2008, p. 499-500).

Embora Bernard represente a superioridade branca, o conhecimento e a cultura, ele, ao mesmo tempo, representa a covardia, a fraqueza e a incapacidade do branco ao se deparar com uma situação crítica. Bernard perde a noção do que deveria fazer, porque o bebê híbrido ameaça sua segurança, sua hierarquia. Ashcroft et al., (1998) comentam que nas colônias, os colonizadores sempre temeram o produto da união de brancos e negros principalmente nos locais onde existia a hierarquização entre brancos e escravos. Por causa da união entre eles, a pigmentação da pele foi se transformando aos poucos, dando lugar a uma gama variada de cores. “Os colonizadores franceses, por exemplo, desenvolveram nada menos do que 128 diferentes graus de pigmentação para a distinção entre as crianças frutos de relações multirraciais. [...] A miscigenação gerou o constante espectro da desestabilização do poder imperial” [French colonizer, for example, developed no fewer than 128 differing degrees of pigmentation to distinguish between the children of mixed race relations. [...] Miscigenation raised the constant spectre of ideological destabilization of imperial Power (ASHCROFT et al., 1998, p. 142). Em outras palavras, o europeu mantinha um medo constante do negro, de sua força e de tudo o que poderia gerar de sua união com o branco. Esse medo de ser ‘infectado’ pelo ‘outro’ demonstra que o branco sabe que o negro é forte, que possui valores e identidade.

No Reino Unido, com a chegada dos primeiros imigrantes civis vindos das colônias, esse medo tomou conta da população de um modo geral, devido ao mito que os colonizadores criaram acerca da selvageria dos nativos das colônias. Bernard faz parte dessa grande parcela da população que se encontra em meio às mudanças que os imigrantes causaram na vida dos europeus. Entretanto, devido à sua formação racista e hierarquizante, Bernard não consegue dar abertura para que o negro interaja com ele, ou seja, o negro não pode mostrar seus valores porque o branco se fecha para ele. Muito diferente disso, os nativos das colônias estavam sempre abertos à influência que o branco poderia exercer em suas vidas, transformando, muitas vezes, essa influência em força criativa em sua cultura. Cohen (1998) nos lembra de que a diáspora judaica foi positiva, de certa maneira, pois foi responsável pela mistura dos povos, o que gerou o crescimento das culturas envolvidas.

Em face ao futuro que Bernard vislumbra para si, ele passa a perceber que era

realmente um fraco e que ele jamais fora um bom marido para a esposa, por ser covarde e inerte. Não querendo perder a esposa, que ele julgava amar, ele se dispõe a aceitar o bebê híbrido, mas é Queenie que o desaconselha a aceitá-lo. Se Queenie, que cresceu tentando negar sua formação racista, não consegue aceitar o próprio filho, Bernard, com sua aversão declarada aos negros, jamais conseguiria aceitar o filho de outro homem, o filho de um homem negro. Bernard tenta provar a Queenie que ele aceitaria a criança, mas suas ações dizem exatamente o contrário, quando ele objetifica os imigrantes que estão morando em sua casa.

O confronto com Gilbert ilustra o quanto os britânicos estavam despreparados para as mudanças que estão se consumando em sua sociedade. Gilbert lhes propõe uma trégua, uma espécie de negociação entre ambos, para que o convívio entre imigrantes e hospedeiros seja pacífico: “Sabe qual é o seu problema, cara? – A sua pele branca [...] Nós podemos trabalhar juntos sr. Bligh. Não está vendo? Nós devemos fazer isso. Ou será que vai lutar comigo até o fim?”(LEVY, 2008, p. 518).

Metonimicamente, Gilbert representa o esforço que os imigrantes fizeram e ainda fazem para serem aceitos, para que sua permanência nas sociedades que os recebem seja pacífica. O desejo do jamaicano é poder fazer parte daquela sociedade majoritária, contribuindo com aquilo que ele pudesse oferecer. A voz de Gilbert mostra a consciência que o imigrante tem da situação de racismo e opressão, mas também, é a voz que denuncia esse mesmo racismo, questionando as razões que levam o homem branco a se achar superior somente por sua cor. O questionamento que o jamaicano direciona ao britânico simboliza a voz do oprimido se revelando e impondo sua identidade diaspórica. Ao propor que ambos se unam, Gilbert reconhece que as pessoas são iguais, embora tendo peles diferentes. Ao contrário, Bernard é a metonímia do sujeito fixo, o qual se apóia em sua ideologia de dominação e de racismo procurando subterfúgios para inflingir a marginalização aos imigrantes: “Desculpe... mas eu simplesmente não consigo entender uma única palavra do que você está dizendo” (LEVY, 2008, p. 518).

Observa-se que nem Queenie, muito menos Bernard, estão preparados para o futuro que se aproxima de seu país. As mudanças na ordem social são visíveis com a introdução dos povos da colônia em seu meio. Bernard e Queenie simbolizam o medo que o branco tem do que o negro é capaz de fazer para conquistar seu espaço na sociedade. Ambos percebem que Hortense e Gilbert eram mais fortes do que imaginaram. Gilbert enfrenta a objetificação que

lhe é imposta por Bernard, deixando-o atônito e enfurecido. Com isso, sua ideologia hierarquizante é ameaçada abertamente e ele se acovarda, temendo o que uma criança híbrida poderia desencadear em seu mundo hermeticamente fechado e ‘perfeito’. O temor de ver sua ‘raça’ sendo miscigenada e tomada pelo nativo faz com que Bernard ataque os imigrantes agressivamente, pois a agressividade, a violência, é algo inerente ao branco, ao colonizador. Utilizando-se da violência, o branco se defende da ameaça representada pela abertura que o negro tem para o novo mundo, quando este se instala no território que antes era apenas dominado pela soberania branca.

Concluimos que sua rejeição à criança híbrida denota sua fixidez em relação ao monolitismo criado pelos europeus para designarem os sujeitos não-europeus e não a suposta grandeza que o branco insiste em proclamar. Apesar de ser bastante claro para os brancos que os sujeitos diaspóricos vindos das colônias haviam chegado para ficar e conquistar seu espaço na ‘pátria mãe’, eles tentam refutar essa ideia, preferindo permanecer em seu mundo racista e sem perspectivas de interstício para o diferente. Nesse ponto, os negros se encontram muito mais à frente que os brancos. Já acostumados à presença comum do branco em sua sociedade, o negro tem maior facilidade para acolher o branco, para se influir em sua sociedade e tirar proveito disso. No fim do romance, temos a impressão clara de que as personagens jamaicanas cresceram muito mais culturalmente e socialmente do que as personagens britânicas. Os episódios que acontecem advindos de seus encontros são vistos como algo capaz de engrandecer sua ideologia e seu conhecimento acerca das relações pessoais, sociais e culturais. Entretanto, para o branco, esses encontros não lhe acrescentam nada. O branco não consegue alargar sua visão em relação ao negro. O branco sequer se interessa em saber o que o negro pode lhe oferecer, em termos culturais. Aliás, para o branco, o negro é desprovido de cultura e civilidade e, assim sendo, não há nada para se aproveitar dessa relação.

A superioridade branca é sobrepujada pela abertura que os indivíduos híbridos (Hortense e Gilbert) demonstram ter. Bernard e Queenie não encontram forças para aceitar a presença de uma criança negra em sua vida e a rechaçam. Lembremos que a criança é uma consequência do ato dos dois, de Queenie, por ter se envolvido com outro homem sendo uma mulher casada, mas também de Bernard, que sempre foi um marido ausente e mudo. Mesmo assim, nenhum dos dois se habilita a mudar o curso de suas vidas aceitando o bebê, pois ele sempre lhes faria lembrar que ambos haviam cometido erros, erros que lhes causariam transtornos no futuro. Sendo assim, ousamos perguntar: quem é realmente superior nessa

concepção? Seriam Bernard e Queenie, que não tem coragem de encarar o peso de seus atos? Ou seriam Gilbert e Hortense, que mesmo não tendo nenhuma relação com o bebê híbrido, o aceitam e o levam consigo para tentar mudar a sua história de vida? Ao saírem da casa dos dois britânicos, Gilbert e Hortense dialogam sobre o que deveriam fazer em relação ao bebê híbrido:

- Você quer que levemos o menino, Gilbert? – Perguntei.

Não foi a hesitação que o fez marcar uma pausa, foi o ar que tornava a encher novamente os seus pulmões.

- Ah, Hortense, talvez você tenha razão... eu sou um bobo. E quer saber por quê? Vamos, eu acho que não há mais nada que nós possamos fazer (LEVY, 2008, p. 520).

O desafio era enorme: cuidar de uma criança que nem mesmo tinha o mesmo sangue que eles, uma criança, filha de uma britânica, de uma mulher que rechaçava seu filho devido à sua cor. Mas ambos sabiam o que estavam fazendo, ambos sabiam que a tarefa não seria fácil, mas que chances a criança teria se permanecesse ao lado dos pais que não o amavam, por ser negro?

Tentando não parecer uma mãe tão dura como de fato Queenie era, ela coloca junto ao bebê uma alta quantia em dinheiro, como forma de eximir sua covardia, mas nada é capaz de isentar sua fraqueza e racismo. Gilbert e Hortense aceitam a criança sem esperar nada em troca, sem pedir ajuda financeira, apoio ou qualquer tipo de solidariedade. Eles a aceitam porque, como qualquer outro indivíduo, independente da raça, da cor ou etnia, eles possuem identidade subjetiva, e sabem passar por cima das eventuais dificuldades que os assolam.

O que o futuro lhes reserva não é pré-definido no romance, mas podemos inferir que, devido à sua coragem e subjetividade declaradas, ambos sentiriam de forma muito mais amena as mudanças que iriam surgir no Reino Unido a partir daquele momento. Os imigrantes negros iriam sofrer muito, conforme os próprios relatos da história do país, porém, eles também seriam responsáveis pela grande transformação cultural que tomou conta do país a partir da década de 1970, principalmente. Seus descendentes ainda sofreriam com o racismo velado, muitas vezes, declarado, mas também reconheceriam que o crescimento do país se deveu a sua ação, seja no âmbito trabalhista, social, político ou cultural. Aliás, juntamente com outros imigrantes de ex-colônias britânicas, eles reconfiguraram a identidade britânica, refutando sua ideologia de ‘raça pura’ e imutável, transformando a sociedade outrora ‘culturalmente pura’ em uma sociedade multicultural.

### *Conclusões*

Bernard é a personagem que se revela avesso às transformações que estão acontecendo à sua volta e abertamente racista.

Quando sua mãe morre e ele fica responsável pelo pai, Bernard continua mantendo tudo do jeito como sempre fora, sem mudar os móveis de lugar na casa, fazendo tudo exatamente igual ao modo como sua mãe o fazia. Quando se casa, Queenie tenta alterar as coisas, mas Bernard insiste em conservar a casa da mesma maneira. Quando retorna da guerra, ele percebe que há mudanças na casa e começa a desfazer todas. Essas pequenas ações, que por vezes passam despercebidas ao leitor, denotam suas reservas em relação às transformações.

Ainda sobre isso, durante a guerra, muitos refugiados se instalam em sua vizinhança e seu pensamento é de que todos deveriam permanecer longe, pois tais indivíduos não tinham o mesmo nível que ele e seus vizinhos tinham. Ele não parece se importar com a condição daquelas pessoas, ignorando o efeito que a guerra tinha exercido em suas vidas. Sua única preocupação é manter as coisas do jeito que sempre foram, sem modificações.

Diante da chegada dos imigrantes negros em seu país, Bernard revela-se contra a mistura de 'raças' e o contato com a cultura dos indivíduos diaspóricos. Nesse ponto, ele se revela não só avesso às transformações como também extremamente racista. Entretanto, Bernard não consegue explicar o porquê de sua antipatia pelo negro. Não há uma tentativa de explicação plausível, apenas argumentos sobre o fato de os imigrantes serem inferiores por causa de sua cor negra.

Note-se que, mesmo fora de seu país, Bernard se comporta da mesma forma. O britânico se nega a aceitar o fato de que uma pessoa não-branca possui cultura e conhecimento. Conhecimento, por vezes, superior ao das pessoas brancas. Quando ele é questionado pelo soldado indiano sobre o motivo de os britânicos ocuparem a Índia, bem como sobre o fato de os britânicos se orgulharem por terem realizado feitos de extrema grandeza no país, sem o terem na realidade, ele simplesmente não responde, fingindo não estar entendendo o que estava acontecendo. Gilbert também o questiona a respeito de seu ódio pelos negros, os quais haviam lutado na mesma guerra lado a lado; entretanto, Bernard igualmente finge não saber do que o jamaicano falava. Concluímos que Bernard se mantém às margens da realidade, ou seja, ele ignora os fatos que destoam de sua ideologia racista, preferindo manter-se firme, defendendo algo que estava, rapidamente, cedendo lugar às novas

perspectivas.

Além do racismo e da fidelidade às tradições e costumes, Bernard se mostra um indivíduo extremamente covarde. Por um lado, o britânico tenta mostrar sua imponência, sua superioridade britânica, entretanto, várias de suas ações denotam o contrário. Talvez a passagem mais marcante seja aquela onde Bernard sai com uma prostituta, mesmo sendo contra tal atitude e, ao retornar para casa, pensa ter adquirido sífilis através desse relacionamento. É significativo lembrar que Bernard achava inconcebível a atitude dos seus colegas soldados, de saírem com prostitutas indianas enquanto suas esposas ficaram esperando por eles em casa, ou mesmo as brincadeiras que eles faziam acerca das posições sexuais que lhes causavam maior prazer. Mas é exatamente isso o que ele faz, sai com uma prostituta e pratica sexo com ela em posições pouco convencionais para sua concepção. Seu suposto moralismo se volta contra si mesmo e entendemos que sua ideologia consistia na mais simples demagogia. Bernard era apenas um demagogo, que se fazia passar por um homem forte e íntegro, mas que, na verdade, escondia segredos espantosos.

Após o encontro com a prostituta, Bernard não volta para casa, apavorado com a ideia de ter que revelar para Queenie tudo o que fez. Além disso, por muitas vezes, Bernard esconde-se atrás do seu silêncio, temeroso de dizer algo que pudesse despertar a ira de sua esposa contra si. Sua covardia é tão perene que, diante dos eventos sobre a traição e gravidez de Queenie, Bernard deseja estar doente como o pai, para não ter que encarar os fatos de frente. Bernard não só é covarde como fraco, pois não é capaz de tomar decisões que poderiam mudar seu relacionamento com a esposa e com os imigrantes. No mais, Bernard é avesso a diálogos, racista e fechado ao 'outro', ignorando o fato de que esse 'outro' havia chegado para ficar e reconfigurar o Reino Unido, de um jeito jamais concebido anteriormente.

Portando-se como um indivíduo superior, hierarquicamente mais forte em face aos sujeitos colonizados na Índia e os imigrantes em seu país, Bernard entra em contradição ao agir covardemente em diversas passagens de sua vida. Com isso notamos que ele é um indivíduo hipócrita, que condena veementemente algumas ações, mas que, longe dos olhos das outras pessoas, ele age da mesma maneira. Isso não é atitude louvável em um indivíduo que se julga melhor que todos os outros.

Fato que seja mais pertinente sobre o personagem Bernard é a maneira como é construído. Sua aparência e atitudes demonstram poder, sabedoria, mas na realidade, seus próprios colegas soldados riem dele pelas costas. Bernard é um bufão, uma caricatura da



soberania do colonizador britânico, que se apresenta como imponente, poderoso, mas que em verdade, tem uma ideologia frágil, desmedida e, até mesmo, ridícula para muitos, de causar risos de tão patética que é. Através de sua tessitura arguta, Levy consegue levar ao leitor tudo isso, despertando o senso crítico acerca da hierarquia britânica e suas falhas e hipocrisias.

## CAPÍTULO IV

### RESULTADOS E CONCLUSÃO

#### 4.1 Perspectivas históricas e conceituais

Nesse trabalho, o romance *Small Island* foi analisado sob a perspectiva da teoria pós-colonial, tendo sido enfatizada a teoria da diáspora. A obra permite uma análise sob este prisma, pois aborda temas referentes aos problemas enfrentados pelos primeiros imigrantes vindos de colônias britânicas que se aventuraram em uma viagem para a metrópole em busca de melhores condições de vida. As consequências do encontro desses imigrantes com a sociedade britânica mostram-se uma fonte opulenta de temas, os quais podem ser abordados e debatidos pela teoria pós-colonial.

Primeiramente, realizamos um levantamento de dados sobre a literatura negra britânica, fato que nos revelou que, cada vez mais, esse tipo de literatura, originada de sujeitos colonizados e, principalmente, de seus descendentes, vem ganhando espaço não só no cenário cultural e literário do Reino Unido, mas também, no cenário ocidental. Essa ascensão da cultura híbrida só vem reafirmar a criatividade gerada pela mistura de etnias e culturas, o que chamamos de multiculturalismo.

Vimos que a inserção da escrita negra no âmbito literário foi um dos marcos para o início dos questionamentos acerca da validade do cânone literário mundial, até porque muitas das obras que enfocam o colonialismo e suas consequências são aquelas que mais ganham destaques na mídia e, também, são aquelas que vêm recebendo inúmeros prêmios literários conceituados, como o *Orange Prize*, o *Whitbread Novel Award* e o Prêmio Nobel de Literatura. Seria um equívoco não considerarmos tais conquistas ao enfocarmos a teoria pós-colonial em nosso trabalho.

O Reino Unido se destacou como o cenário que engloba muitos dos vencedores desses prêmios, até porque o país foi, paradoxalmente, uma das maiores fontes de disseminação do colonialismo. Com a quantidade de colônias pertencentes ao Reino Unido é natural que

muitos escritores negros britânicos recebam a maioria desses prêmios, entretanto, o que vale ressaltar nesse fato, é que esses escritores disseminam em seus livros as consequências do colonialismo não só no país de seus antepassados, mas no país colonizador.

Após esboçarmos um panorama da literatura negra britânica, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a autora Andrea Levy e sua fortuna internacional e no Brasil. Andrea Levy tem se destacado no cenário literário mundial desde a década de 1990, quando escreveu seu primeiro romance. Sua consagração se deu com o recebimento de vários prêmios pela obra *Small Island*. A temática de suas obras abre espaço para o questionamento das várias implicações advindas da colonização, da migração e aceitação do sujeito colonizado nas sociedades colonizadoras. No Brasil, a crítica sobre a autora é pouco expressiva, porém, o valor de seus temas não pode ser contestado. O que talvez dificulte a crítica no país seja o fato de apenas um livro da autora ser traduzido em língua portuguesa.

Realizada a crítica acerca da autora, passamos para a abordagem da teoria que apontaria a obra literária. A teoria da diáspora fundamenta nosso trabalho. Tendo como parâmetro as discussões sobre a diáspora desenvolvidas por Cohen (1998), Van Hear (1998), Brah (2002) e Hall (2006), entre outros, observamos que a diáspora tem uma longa história, datada do século 8 a C. A partir desse marco, as diásporas foram se transformando de acordo com os acontecimentos históricos, ou mesmo as consequências advindas de eventos históricos, como: a expansão comercial, derivada das descobertas marítimas e a expansão europeia através do colonialismo. Também, o tráfico de escravos impulsionado pela necessidade de se obter mão de obra barata nas colônias e nas metrópoles e as contratações de *indentured workers* para desempenhar funções subalternas e quase escravas nas colônias foram responsáveis pela criação de novas diásporas, assim como as guerras e batalhas ocorridas ao redor do mundo, propiciando a diáspora de milhares de refugiados. Outro fator que levou ao espalhamento de pessoas refere-se às perspectivas de melhores condições de vida em outros países, principalmente, da população do hemisfério sul para o norte, além do avanço da globalização e, por último, a descolonização.

Em cada um desses processos, a diáspora teve características peculiares. Em alguns momentos, a migração se deu espontaneamente, embora traumática, mas na maioria dos casos, outros motivos foram responsáveis pela transposição de barreiras internacionais por milhares de pessoas. No caso dos escravos, por exemplo, não há agência na diáspora por parte deles, ou seja, a diáspora dos escravos realizou-se através da força e não da escolha dos

indivíduos envolvidos. No caso dos trabalhadores contratuais (*indentured workers*), a força física não foi imposta, mas, devido às dificuldades encontradas por eles em seus países (falta de emprego, fome, violência, doenças) muitos deles se viram forçados a abandonar seu país contra a própria vontade. Em geral, esses motivos são os mais frequentes entre os membros diaspóricos.

Outro aspecto importante em nossa apreciação crítica da teoria é o fato de que os processos diaspóricos não só afetam a população diaspórica em si, mas a sociedade que a recebe. Em muitos casos, a imigração é vista como algo extremamente negativo para a nação hospedeira, mas por outro lado, estudos revelam que vários fatores da comunidade são transformados criativamente com a inserção dos imigrantes em seu seio. As identidades, antes consideradas puras, passam por um processo de hibridismo gerado pela zona de contato que esse encontro entre sujeitos de territórios diferentes provoca.

A questão identitária é fundamental em nossa pesquisa já que reflete a problematização da diáspora. Através da diáspora, os indivíduos estão expostos às mudanças advindas do contato com outras culturas. Conseqüentemente, não só as identidades ganharão uma nova configuração, mas a própria cultura gerada pelos indivíduos envolvidos pelo processo migratório. A apreciação da teoria da diáspora se finda com a observação do surgimento da política do multiculturalismo na década de 1970 e, mais especificamente, o caso caribenho. O multiculturalismo pressupõe a junção de culturas diferentes, dando origem a uma cultura híbrida, extremamente rica. A cultura influencia as pessoas de várias formas, sendo assim, a aceitação da diferença é fundamental para o crescimento intelectual e cultural da sociedade, assim como para a formação identitária de cada indivíduo que compõe essa mesma sociedade.

## **4.2 Resultados**

Realizada a análise de *Small Island* sob a ótica da teoria pós-colonial, mais especificamente, da teoria da diáspora, chegamos a algumas conclusões. As quatro personagens principais que compõem a trama do romance revelam dois lados do processo migratório: Hortense e Gilbert representam os sujeitos diaspóricos colonizados, pois nasceram na Jamaica, país colonizado pelo Reino Unido. Queenie e Bernard representam a sociedade ‘hospedeira’, aquela que recebe os imigrantes, seja de forma pacífica ou a contragosto. Característica relevante sobre Queenie e Bernard é o fato de ambos terem uma formação

racista e, por isso, encontram dificuldades em aceitar o sujeito diaspórico negro. O encontro entre os dois casais gera uma série de embates movidos pelo racismo e pelo desejo de fazer daquela sociedade um lar.

De um lado há o casal jamaicano, representantes da diáspora caribenha em meados do século vinte. Hortense Joseph, uma professora híbrida com a pele cor de mel, recebe educação formal, a qual é, em parte, a responsável por tornar a jovem obsessiva pelos valores transmitidos pela cultura do colonizador. Apesar da educação formal que a torna professora, ela não desenvolve um senso crítico em relação à influência que o colonizador exerceu em sua sociedade. As metrópoles procuravam estabelecer uma espécie de controle dos indivíduos colonizados através da educação, a chamada ‘missão civilizadora’. Mais tarde, já no Reino Unido, a educação que Hortense julgava ser apropriada é rechaçada, com a desculpa de que a educação nas colônias era deficitária; entretanto, o motivo real é o racismo contra os negros proveniente das colônias e ex-colônias. Conclui-se que o imigrante está destinado à invisibilidade, trabalhando em posições que dificultem o britânico de percebê-lo em seu meio. Brah (2002) comenta que muitos indivíduos diaspóricos estão relegados à invisibilidade, como uma espécie de sombra no país que adentram, por serem indesejados.

Diferentemente de Hortense, Gilbert, que também é híbrido, não recebeu uma educação tão avançada quanto à da jamaicana, mas apresenta uma percepção muito clara da influência exercida pelo poder colonial. Tal percepção o leva, como a muitos outros imigrantes, a procurar um equilíbrio entre seus preceitos e os preceitos da sociedade que o recebe. A tentativa de um acordo com os membros da sociedade hospedeira indica o caminho a ser seguido no futuro. Apura-se a que a negociação é algo inerente ao imigrante. Devido a dificuldade que encontram ao adentrarem um novo país, os imigrantes tornam-se capazes de compreender que as relações entre eles e o povo que os recebem devem ser ponderadas, negociadas até que um acordo se estabeleça.

Infere-se que a decisão dos jamaicanos de partir da casa de Queenie e Bernard para ir morar em um lugar diferente e tentar recomeçar suas vidas marca o início da identidade cultural caribenha no Reino Unido através de um senso de ‘*community building*’, que permeia muitos dos pensamentos dos imigrantes que partem para um país desconhecido. Não é apenas o sonho de ser aceito, mas o sonho de integrar a sociedade e construir uma vida que interaja com a vida dos membros das sociedades que os recebem. Gilroy (2001) afirma que integrar uma sociedade apenas antes habitada pelo branco requer que o negro se esforce duplamente,

pois, nesse âmbito, ele deve ser ao mesmo tempo negro e europeu. Situação nada fácil, quando existe o racismo apenas esperando o momento certo para ser empregado.

Ademais, verifica-se que a identidade cultural dos jamaicanos se forma no momento em que seus interesses se chocam com a cultura do colonizador e ele revida as humilhações que se instituem contra ele. Os episódios do romance que mostram o racismo vividamente são responsáveis por acender o senso de identidade e pertencimento nos sujeitos diaspóricos. Embora reconhecendo que seu país de origem era pequeno demais para eles, a ‘pátria-mãe’ também não se revela o lar que eles procuravam encontrar. Mas, apesar da decepção, os imigrantes demonstram determinação em transformar o ambiente hostil e avesso aos negros em seu verdadeiro lar. A luta das personagens desse romance para serem aceitas a despeito de sua cor e origem parece denotar que os sujeitos diaspóricos estão fadados a ser sempre um povo despatriado, sem lar, como os judeus, quando foram expulsos de suas terras e tiveram que vagar o mundo à procura de um lugar que os acolhesse. A diáspora evoca problemas referentes às questões de lar, de pertencimento, inclusão e exclusão. No Reino Unido, esses problemas ainda são visíveis, principalmente quando os imigrantes têm origens negras ou asiáticas.

Constata-se que somente com a imposição de sua identidade, através de mecanismos de resistência e revide, o imigrante consegue subverter a marginalização e enfraquecer a hegemonia monolitista e racista que se abate sobre os sujeitos diaspóricos. A resistência das personagens no romance se propaga de várias maneiras: violentamente, através da apropriação da cultura do Outro, através da cortesia dissimulada, e, principalmente, através do questionamento sobre a validade da ideologia do branco. Essas estratégias são amplamente usadas pelos imigrantes que desejam fazer parte da sociedade majoritária, sem, no entanto, distanciar-se totalmente de suas origens e costumes.

Verifica-se que ao aceitar a criança híbrida, os jamaicanos abraçam a causa do excluídos, dos marginalizados naquele país. Os jamaicanos demonstram sua subjetividade e coragem ao enfrentar as dificuldades sem titubear, propondo-se a vencer os desafios, mesmo que isso envolva adotar o filho de uma britânica. O posicionamento dos jamaicanos em relação à criança híbrida reforça a ideia de aceitação do diferente. Ambos sabem que além de ser rechaçada pela própria família, aquela criança também seria excluída de seu próprio país. Essa atitude revela o quão abertos estavam para as diferenças presentes naquela sociedade. E isso parece ser a chave para que o país que os ‘acolheu’ acabe se tornando seu lar, não apenas

no sentido físico, mas sim, seu lugar de pertencimento. Ademais, essa aceitação das diferenças entre imigrante e hospedeiro denota que o caráter do imigrante rejeita a ideologia assimilacionista e binária que o branco transmite em seu cotidiano. Sob essa ótica, concluímos que o imigrante apresenta maior facilidade em transpor os impedimentos que surgem em seu caminho. Abdala Jr (2004, p. 16) argumenta que “os laços comunitários, como se vê, abrem fronteiras de cooperação em múltiplos níveis”.

Os jamaicanos Gilbert e Hortense são uma metonímia dos primeiros imigrantes colonizados que se aventuraram a mudar-se para a metrópole em busca da realização de um sonho. Nessa busca, eles representam aqueles indivíduos que não se perderam na multidão, sendo assimilados ou excluídos pela cultura do colonizador, sujeitos que respeitam a alteridade e rebatem a outremização. Sua agência prejudica a continuação da hegemonia europeia assim como seus desígnios ideológicos fundamentados em estereótipos hierarquizantes de ‘raça’ e ‘soberania’. O casal evidencia que o papel desenvolvido pelos imigrantes na construção atual da identidade multicultural que hoje perdura em toda a Europa foi fundamental. Hall (2006), afirma que o multiculturalismo abre espaço para certos assuntos considerados fechados e imutáveis e, conseqüentemente, “aponta em direção à redefinição do que significa ser britânico, onde o impensável pode acontecer – por ser possível ser negro e britânico, asiático e britânico” (HALL, 2006, p. 90).

O casal Bernard e Queenie representa a hegemonia branca, os quais recebem os sujeitos diaspóricos. Mesmo simbolizando a ‘britanicidade’, suas características divergem em alguns aspectos. Queenie é uma mulher que se diz aberta aos negros e contra o racismo, fazendo o possível para dissimular sua identidade racista. Todavia, seus esforços não são suficientes para lhe negar tal característica. Paradoxalmente, as atitudes de Bernard vão de encontro com a ideologia racista que permeia sua sociedade. O britânico não faz esforço algum para disfarçar sua aversão aos imigrantes e não-britânicos.

Conclui-se que as implicações dos atos do casal desdobram as questões de exclusão e inclusão provocadas pela diáspora. Ambos personificam a fixidez do branco, que não se permite aceitar o fato de que sua sociedade não é, ou jamais foi de fato, pura. Infere-se que, em se tratando das esferas sociais e humanitárias, o branco está em ampla desvantagem em relação aos sujeitos diaspóricos tal a fixidez de sua ideologia. O britânico sofre do “analfabetismo da imaginação” (HARRIS, 1989, apud SOUZA, 1997, p. 76), pois cria uma espécie de redoma em volta de si e se fecha para a alteridade dos sujeitos diaspóricos.

Verifica-se também que o casal britânico não quer enfrentar a realidade nova do Reino Unido. Bernard teme a mudança que os negros possam trazer para seu país, como se o contato com eles pudesse diminuir o valor de sua cultura. Constata-se que Bernard e Queenie simbolizam o temor de todos os britânicos no que tange à inserção do imigrante em sua sociedade. Mesmo não sabendo certamente que consequências poderiam resultar desse encontro com os indivíduos diaspóricos, os britânicos negam quaisquer possibilidades positivas. Disso deriva as dificuldades que os imigrantes negros e asiáticos, principalmente, tiveram em se integrar no Reino Unido. Discriminação racial, falta de empregos, moradia escassa e precária, educação problemática e muitos outros fatores negativos fizeram parte do dia-a-dia desses imigrantes nos primeiros anos de sua chegada ao país.

Conclui-se que a recusa à criança híbrida prova o os britânicos não estavam preparados e nem dispostos a aceitar o negro em sua sociedade. Ao negar o filho, Queenie nega o diferente. Essa ação representa uma metonímia da relação que a Grã-Bretanha tem com os imigrantes e povos colonizados. Os colonizadores procuravam pregar em suas colônias a superioridade da metrópole, criando um encanto nos colonizados, um desejo de pertencer àquele mundo imaginado. Entretanto, quando esses indivíduos procuram a ‘pátria-mãe’, são rigorosamente rechaçados e marginalizados por não pertencerem às mesmas esferas culturais. Abdala Jr. (2004, p. 19) argumenta que ao invés de eliminar as diferenças que causam tensão em seu meio, é preciso “cooptar e incorporar de forma produtiva essas tensões”.

Ademais, verifica-se que o racismo é algo inerente ao europeu, fator que o faz rechaçar também os descendentes dos imigrantes que nasceram nas metrópoles e, portanto, cidadãos daquele país. Pode-se traçar um paralelo entre Queenie e o Reino Unido. Queenie representa o microcosmo do romance: a mãe branca que não aceita o filho por ser negro e o Reino Unido simboliza o macrocosmo do romance: a ‘pátria-mãe’ que não aceita os seus filhos, mesmo sendo legítimos.

Nota-se que um paralelo pode ser delineado entre os dois casais da trama. Hortense e Gilbert, o casal jamaicano, representam a classe marginalizada pelo casal britânico, Queenie e Bernard. De um lado estão os jamaicanos, que se mostram dispostos a ter contato com a cultura e costumes dos britânicos, procurando sempre melhorar seu conhecimento e, com isso, crescerem intelectualmente. Isso tudo corrobora com sua vivência social e a interseção em um mundo alienígena. Importa frisar que essa busca por conhecimento e aceitação não pressupõe



uma assimilação completa, mas sim uma integração na sociedade do colonizador. Tal fato remete-se a tentativa dos sujeitos diaspóricos em encontrarem seu 'lar' em um local regido por uma ideologia segregacionista, onde seus valores culturais se chocariam diretamente com os do colonizador. Do outro lado há os britânicos, os quais não se mostram interessados realmente em manter uma ligação com a cultura do colonizado. O britânico articula que o contato com o imigrante só pode macular a cultura supostamente pura de seu país.

Sob esta ótica, concluímos que desse encontro entre as quatro personagens, são os imigrantes negros que mais tiram vantagem, pois estão dispostos a compartilhar conhecimentos e construir uma relação sólida de respeito e reciprocidade com o branco. Essa predisposição a aceitar as diferenças como sendo positivas e constitutivas da formação do indivíduo faz com que os imigrantes estejam um passo a frente dos sujeitos que os recebem em sua sociedade. Dessa maneira, as dificuldades são suplantadas com maior facilidade, mesmo mediante o preconceito e a exclusão. Em contrapartida, o branco, representado pelos britânicos, já não reflete essa predisposição ao diferente e, fecha-se em seu mundo, desconhecendo, ou mesmo, perdendo a chance de conhecer uma nova ótica cultural e social. Constata-se que essa ideologia de superioridade e hierarquia são as responsáveis em parte pela inferioridade do branco no que diz respeito às relações sociais e humanitárias.

### **4.3 Perspectivas**

Dada a abrangência da teoria pós-colonial no âmbito literário, muito pode ainda ser observado no romance *Small Island*. A obra enfoca conflitos do início da imigração caribenha no Reino Unido, e, por isso, abarca uma série de temas que podem ser amplamente discutidos.

Nosso foco principal foi a diáspora inclusive as consequências dela decorrentes, como a questão do racismo, da outremização, revide, hibridismo e multiculturalismo. Entretanto, concentramos nosso trabalho no hibridismo, com fator profundamente criativo na formação de sociedades onde imigrantes e hospedeiros vivem.

Consideramos que, dada as perspectivas que a obra enseja, outros estudos podem ser realizados sobre outros aspectos que a compõem, que não foram amplamente discutidos em nosso trabalho. O poder do discurso e da educação colonial são temas que merecem destaque, tendo em vista que a personagem Hortense foi educada em uma colônia britânica sob o prisma da ideologia eurocentrista.

Outro tema que pode ser discorrido em futuras análises diz respeito ao

aprofundamento do multiculturalismo, que teve suas raízes no encontro de imigrantes de colônias e ex-colônias com o colonizador. O multiculturalismo é vastamente discutido atualmente no âmbito cultural e proporciona um melhor entendimento das relações culturais, sociais, políticas e econômicas decorridas do hibridismo.

Estudos mais profundos sobre as estratégias de outremização e revide podem ser desenvolvidos também. A chegada do imigrante colonizado na metrópole provocou inúmeras mudanças na vida dos colonizadores. Devido ao seu espírito conquistador e sua postura hierarquizante, o colonizador empregou várias táticas de outremização para excluir o imigrante de seu convívio. Por outro lado, o imigrante utilizou-se de estratégias de resistência e revide para subverter a marginalização.

Ademais, muito pode ser analisado sobre a teoria da diáspora em outros romances que permitem uma leitura pós-colonial, principalmente obras de ficção originadas de países que passaram pelo processo de colonização e que ainda hoje apresentam sinais remanescentes dela. *Small Island* abre perspectivas para vários outros trabalhos que poderão contribuir largamente para a elucidação e crítica do processo colonial e suas consequências.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JR., B. *Imagens da Cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Bomtempo, 2004.
- AHMED, F. 'Small Island': *Postcolonials*. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2005/04/03/books/review/03AHMEDL.html?\\_r=1&scp=4&sq=Fatema%20ahmed&st=cse](http://www.nytimes.com/2005/04/03/books/review/03AHMEDL.html?_r=1&scp=4&sq=Fatema%20ahmed&st=cse)>. Acesso em: 11 fev. 2009.
- ASHCROFT, B. et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.
- ASHCROFT, B. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001, p. 18 – 44.
- ASHCROFT B. et al. *The Post colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995.
- BARBOSA, M. S. *Eurocentrismo, História e História da África*. Disponível em: <<http://revistasankofa.googlepages.com/Eurocentrismo.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2009.
- BHABHA, H. K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BHABHA, H. K. A Questão do 'Outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 177-203.
- BONNICI, T. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. *Acta Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, v.28 n. 1, p.13-21, 2006.
- BONNICI, T.; MOLINARI, S.C.M.; SOUZA, M. A. S. *O outro diaspórico em dois episódios de Small Island (2004), de Andrea Levy*. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 7 13, p. 163-178, 2º sem. 2006.
- BONNICI, T. *Conceitos-Chave da Teoria Pós-Colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, T. *Teoria e Crítica Literária Feministas: Conceitos e Tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, T. (org) *Resistência e intervenção nas Literaturas Pós-Coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BRAH, A. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.
- CHARIANDY, D. Postcolonial Diasporas. *Postcolonial Text*. v.2, n.1, 2006, p. 40-53.
- COHEN, R. *Global Diasporas: An Introduction*. Washington: UCL Press, 1998.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Trad. de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FANON, F. *Pele negra, mascaras brancas*. Trad. De Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, E. *Construção de Identidades Pós-Coloniais na Literatura Antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.

FINANCIAL TIMES. *Reviews*. Disponível em: <<http://www.andrealevy.co.uk/eca3.html>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

FULLER, D; PROCTER J. Reading as ‘social glue’? Book Groups, Multiculture, and the *Small Island* Read 2007. *Moving Worlds*, v.9, n. 2, 2009, p. 26-40.

GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed 34, 2001.

GREER, B. *Empire's child*. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2004/jan/31/fiction.race>> acesso em 11 fev. 2009.

HALL, S. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HALL, S. Cultural Identity and Diaspora. In: BRAZIEL, J. E; MANNUR, A. (org). *Theorizing Diaspora: a reader*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-246.

HARDT, M. NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HICKMAN, C. *Andrea Levy: Under the skin of history*. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/features/andrea-levy-under-the-skin-of-history-568942.html>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

IOM, *Global Estimates and Trends*. Disponível em: <<http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/facts-and-figures/global-estimates-and-trends>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.

JAMES, C. “You’ll Soon Get Used to Our Language” *Language, Parody and West Indian Identity in Andrea Levy’s Small Island*. Disponível em: <[http://anthurium.miami.edu/volume\\_5/issue\\_1/james-language.html](http://anthurium.miami.edu/volume_5/issue_1/james-language.html)>. Acesso em: 15 nov. 2008.

JOHNSON, L K. *Reviews*. Disponível em: <<http://www.andrealevy.co.uk/eca3.html>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

LEVY, A. *A pequena ilha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEVY, A. *Small Island*. New York: Picador, 2004.

LEVY, A. *Biography*. Disponível em: <<http://www.andrealevy.co.uk/eca1.html>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

LOOMBA, A. *Colonialism/Postcolonialism: The New Critical Idiom*. London: Routledge, 2005.

McLEOD, J. *Postcolonial London*. London: Routledge, 2004.

PHILLIPS, M. *Reviews: Small Island*. Disponível em: <<http://books.guardian.co.uk/review/story/0,12084,1146440,00.html>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

PRATT, M. L. *Os olhos do Império*. Bauru: USC, 1999.

PROCTER, J. *Critical Perspective*. Disponível em: <<http://www.contemporarywriters.com/authors/?p=auth149>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

REIS, M. *Theorizing Diaspora: Perspectives on "Classical" and "Contemporary" Diaspora*. *International Migration*, Oxford, V, 42, n.2, p. 41-54, 2004.

STEIN, M. *Black British Literature: Novels of Transformation*. Ohio: Ohio State University Press, 2004.

SAID, E. W. *Orientalismo O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

SOUZA, L.M.T.M. O fragmento quântico: identidade e alteridade no sujeito pós-colonial. In: *Letras: Alteridade e heterogeneidade*. Santa Maria: UFSM. Jan/Jun, 1997, p. 65-81.

SPIVAK, G. C. *Diasporas Old and New: Women in the Transnational World*. In: *Textual Practice*, v.10, n. 2, 1996, p. 245-269.

SPIVAK, G. C. *Subaltern Studies: Deconstructing Historiography*. In: *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, p. 215-219.

SPIVAK, G. C. *Can the Subaltern Speak?* In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. *The Post colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, p. 24-28.

THE TIMES. *Reviews*. Disponível em: <<http://www.andrealevy.co.uk/eca3.html>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

TIMES LITERARY SUPPLEMENT (TLS). *Reviews*. Disponível em: <<http://www.andrealevy.co.uk/eca3.html>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

TORRES, B. *Filha de imigrantes transforma preconceito em livro e vence o Orange Prize*. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/extra/2008/12/23/e231215838.html>>. Acesso em: 1 mar. 2009.

VAN HEAR, N. *New Diasporas: The Mass exodus, dispersal and regrouping of migrant communities*. London: UCL Press, 1998.

WAMBU, O. *Black British Literature since Windrush*. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/literature\\_print.html](http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/literature_print.html)>. Acesso em: 10 dez. 2008.